

Duarte Manuel Roque de Freitas

**Memorial de um complexo arquitectónico
enquanto espaço museológico:
Museu Machado de Castro
(1911-1965)**

Vol. II – Anexos

Tese de doutoramento em Letras, área de História, na especialidade de Museologia e Património Cultural, sob a orientação da Professora Doutora Irene Vaquinhas e co-orientação da Professora Doutora Regina Anacleto, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



**FLUC
2014**

Documentos Escritos

Nota: Apresentaremos as transcrições dos documentos escritos por ordem cronológica.

DOCUMENTO 1

1882, Maio, 10 – *Hino da Escola Livre das Artes do Desenho (letra de Adelino Veiga).*

CANTO

Surge a aurora nos plainos do ceu,
Sus, é dia, irmãos!... trabalhar!...
Deus por dote o trabalho nos deu,
Como deu tempestade ao mar!...

Se o suor nossos rostos orvalha,
Se de callos se cobrem as mãos,
Deus bem diz todo aquelle que trabalha,
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!...

CÔRO

Trabalhar, que é mais nobre cruzada,
Do artista o trabalho fiel;
Vale mais do que o sceptro e a espada,
O escopro, o buril, o pincel!...

CANTO

Nossos paes, nossas fontes de vida,
Hoje velhos, seu esteio seguro,
Somo nós, os athletas da lida,
Nós os filhos febris do futuro.

Ao cahir com vigor na bigorna,
Forme um hymno possante esse malho,
Que a ventura nos peitos entorna,
O lidar, o labor, o trabalho.

CÔRO

Trabalhar que é mais nobre cruzada, etc.

CANTO

O que valem, que são potentados
Que as mãos cobrem de luvas tão brancas,
Ante nós que, co'os rostos tismados,
Mãos mostrâmos calosas e francas?!...

Elles são symb'lo de tédio e preguiça,
Nós, trabalho, coragem, valor!...
Elles, os fracos que cahem na liça,
Nós, heroes a quem sobra o vigor!...

CÔRO

Trabalhar, que é mais nobre cruzada, etc.

CANTO

Trabalhar, que é p'ras mães o alento,
Trabalhar que é p'ra os filhos o pão!..
P'ra o artista que busca sustento,
Deus envia um olhar de perdão!..

Este fumo da forja que se ergue,
Condensando-se, ás nuvens dos ceus,
É o incenso que vôa do albergue,
O trabalho que sobe até Deus!...

CÔRO

Trabalhar, que é mais nobre cruzada,
Do artista o trabalho fiel;
Valem mais do que o sceptro e a espada,
O escopro, o buril, o pincel!

Adelino Veiga
Coimbra, 10 de Maio de 1882

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-5.

DOCUMENTO 2

1895, Setembro, 1 – *Considerações de António Augusto Gonçalves sobre as teorias de restauro architectónico do francês Viollet-le-Duc e a sua consequente aplicação no país, em especial na igreja de Santa Cruz de Coimbra.*

[p. 1] Bagatellas

Ha actualmente duas correntes de opinião sobre o criterio estheticos que deve presidir á restauração dos monumentos architectonicos.

Uma, preconizada por Viollet-Le-Duc e perfilhada por grande numero de artistas francezes, considera a restauração como uma integração aparente e completa dos estragos do edificio, preenchendo todas as lacunas e reconstituindo-o inteiramente, na mais sagaz ilusão imitativa.

A outra, sustentada por criticos alemães, quer ver na restauração, não um embuste astucioso de mocidade simulada, mas somente a elucidação complementar e sugestiva para a compreensão satisfatoria e clara da grandeza, do character e efeito geral da obra.

Não ha pretensões de mystificação; pelo contrario, distingue-se o que é primitivo e authenticos, do que é postico e moderno.

A primeira é a contrafacção pittoresca, o simulacro mentiroso d'uma realidade que não existe; a mistura de labores novos e velhos, de cousas legitimas e outras que fingem ser o que não são.

Uma falsificação e uma burla aos incautos!...

Nesta, como em todas as questões, cujos dados podem ser infinitamente complicados e variaveis na maioria dos casos, é preciso evitar os extremos.

Ainda assim, é a segunda norma de critica que vae ganhando terreno; e é evidentemente a única honesta, sensata e possível, na generalidade dos casos. Porquê?

Porque uma restauração, qualquer que seja a autoridade individual ou collectiva da intelligencia a que obedeça, é sempre uma conjectura e um alvitre; e uma solução boa hoje póde deixar de o ser amanhã. As excepções, em these, serão raras.

Neste paiz principalmente, onde os diplomas de aptidão e capacidade ou não existem, ou se acham no maior descredito, onde todos se julgam idoneos para tudo, com o atrevimento que só póde dar a inconsciência ou a desmoralização, as restaurações deveriam ser prudentemente contidas nos mais strictos limites.

No monumento de Nossa Senhora da Victoria, na Batalha, ou na igreja do mosteiro de Alcobaça, d'aqui a alguns anos, todas as questões, que dependam da analyse directa do aparelho e da decoração do monumento, serão insolueis, porque ninguem poderá saber se alguma cousa resta intacta da construção primitiva.

A caprichosa extravagancia de repor a igreja de Santa Cruz de Coimbra no seu aspecto de 1520 não se sabe bem como brotou! As dotações fixas de duração ilimitada têm d'estes inconvenientes.

Boa ou má a architectura, pouco ou muito desfigurada pelos frades, o que de pretendeu foi talhar obra para 600\$000 réis annuaes, pelo menos!

Era de prever dificuldades futuras, porque se sabia que a partir do século XVII o templo soffrera grandes transformações.

As decorações renascença dos arcos das capellas, que ultimamente appareceram mutiladas, não constituíram novidade para ninguem.

Em todas as descripções se encontram as referencias, a começar pelo prior de S. Vicente:

“Todas estas capellas têm seus arcos de pedra branca mui bem lavrados ao romano.”

[p. 2] Etc., etc....

Não se pensou na serie interminavel de embaraços insuperaveis que necessariamente deviam surgir na sequencia da obra. Arrostando-se com tudo, por temeridade em por bambúrrio de olhos fechados, sem preparação, sem plano nem auctoridade!

Contavam com as paredes de cilharia; e ninguém se lembrou de fazer sondagens para a plena averiguação das conjecturas!

Demoliram as ornamentações que o mau gosto dos conegos alli tinha accumulado, mas que, emfim, representavam uma epocha; e agora ahi têm a extensão enorme das paredes lisas, d’uma uniformidade imbecil e encommoda. E nem depois de pautadas ficam menos monótonas e inertes!

De tudo que está feito, de tanto dinheiro dispendido, áparte a reformação dos telhados, uma unica cousa foi acertada e sensatamente conduzida: a restauração das abobadas. O resto, não foi só um desperdício, o que num paiz rico pouco importa, foi uma catástrofe e um vexame!...

É preciso que se saiba, que não intento irrogar censuras individuaes ao sr. A, ou ao sr. B, pela simples rasão de que em tudo isto ha uma única entidade culpada d’esta ordem de delictos, por toda a parte perpetrados, – são os governos. E em especial o ministério de obras publicas.

A nenhum funcionario é lícito exigir serviços que, pela sua índole e complexidade intrínseca, estão colocados fora da esfera das suas aptidões e competência.

As jactanciosas vaidades e auctoritarias filaucias não podem suprir defficiencias...

E todavia não ha esperança de conter demasias á obcecação neste paraíso invejavel da irresponsabilidade!

A.

DOCUMENTO 3

1910, Dezembro, 30 – *Carta aberta ao governo da I República sobre os museus de Coimbra, assinada por membros do Instituto de Coimbra, da Escola Livre das Artes do Desenho e da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.*

[fl. 1] Ao Governo da Republica

Ex.º Sr.

Na tarefa immensa da reorganização da Sociedade portuguesa, que o Governo da Republica se impõe, figura a restauração da arte, que na civilização actual, na evolução mental e na vida economica dos povos cultos desempenha uma funcção preponderante.

Em Portugal o abandono d'este complexo e difficil problema, sempre descurado e incompreendido, produziu as nefastas consequencias que, sob multiformes aspectos, tem causado e agravado a nossa depressão e a nossa ruina.

Isto é um logar comum, repedido milhares de vezes, mas que, nem assim, conseguiu impressionar as capacidades dirigentes do velho regimen d'uma maneira efficaz.

O esforço governativo para a educação do criterio publico em materia de arte foi de facto nullo, porque até o pouco que apparece nos programmas officiais das escolas, é simples e anodyna mystificação.

A verdade é que falta tudo. E faltam principalmente escolas bem organizadas, museus e incentivos á estimacção dos monumentos de arte, onde todas as classes sociaes encontrem, desde a idade infantil, noções intuitivas, que a licção das bellas cousas desperta, para a purificação do sentimento e elementos e suggestões uteis para a vitalidade da produção manufactora.

A criação, pois, de museus regionais ou provinciaes não póde deixar de ter cabimento, como um dos mais instantes e fecundos factores de progresso e aperfeiçoamento moral, no plano da educação geral e da regeneração e valorização do trabalho da vida portuguesa.

Em Coimbra existe, desde muitos annos, *O Museu de antiguidades do Instituto*, que – não obstante parecer ignorado – é um nucleo importante para futuros desenvolvimentos; é um testemunho energico e eloquente de quanto póde a tenacidade desinteressada e a convicção d'uma bôa obra, embora desajudada dos favores officiaes, talvez mesmo muitas vezes hostilizada pelos despeitos da burocracia formalista.

Seria uma injustiça, e um erro, que o Governo da Republica engeitasse esse fructo do trabalho e dedicacção de alguns poucos adeptos, que pacientemente e sem alardes, desde longe accumularam esse modesto peculio de cousas valiosas e instructivas.

O que é preciso, porem é que esses museus a crear sejam instalados em alojamentos apropriados e condignos.

Ora esta difficuldade, em Coimbra, afigura-se que poderá ser satisfactoriamente resolvida pelo aproveitamento de algum estabelecimento que porventura o Governo tenha em mente supprimir, ou pela modificacção judiciousa do projecto de algum edificio em construcção.

N'esta ordem de ideias, seja-nos licito formular o nosso pedido, cujo alcance submetemos á illustrada ponderação de V. Ex.^a, e que decerto não poderá deixar de merecer rapido deferimento, como decisão de interesse social e de melhoramento inadiavel para a cidade de Coimbra.

Nas casas occupadas pelas associações religiosas ultimamente expulsas, ha objectos d'arte, que aqui devem permanecer e que seria uma defraudação e uma iniquidade, offensiva dos direitos e brios da cidade, se fossem augmentar as collecções d'outras localidades.

[fl. 1 v.] Pedimos, portanto que já, a título de deposito provisorio, sob as vistas e amparo do governo, sejam confiados á guarda e vigilância da *Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra*, a cuja provada solicitude está entregue o seu *Museu de Antiguidades*, – todos os artefactos reputados dignos de serem oferecidos á contemplação e ao estudo do publico, como depoimentos das phases historicas da nossa arte nacional.

E justificamos a urgencia d'esta deliberação, sendo certo que taes, como se acham esses objectos, mal guardados, sem fiscalização permanente, e em pessimas condições de conservação; sujeitos a infinitas e inevitaveis contingencias e desastres, facilmente serão deteriorados nas condições de accumulção e desamparo em que se encontram.

Tal é, Sr. Ministro, rapidamente exposto, o pedido, que em nome e no interesse de Coimbra, confiadamente dirigimos a V. Ex.^a, e que, estamos certos, será acolhido com complacencia benevolente pelo Governo da República,

Porque confiamos na justiça que os assiste e na Sympatia que esta cidade, cheia de commovidas recordações, naturalmente desperta na alma saudosa de todos aquelles que por aqui passaram nos mais ditosos anos e alegres dias da sua mocidade.

Coimbra, 30 de Dezembro de 1910

Alberto de Vasconcellos – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Albino Caetano da Silva – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Antonio Augusto Gonçalves – pela Secção Arch. do Instituto e pela Escola L. das Artes do Desenho.

Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos – pela Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra.

Augusto de Carvalho da Silva Pinto – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Dr. Carlos da Silva Oliveira – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Dr. Francisco José Fernandes Costa – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

João Machado – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Joaquim Fernandes dos Santos – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Dr. Joaquim Mendes dos Remedios – pela Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra.

João Gaspar Marques Neves – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

José Antonio dos Santos – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Dr. José Antonio de Sousa Nazareth – pela Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra.

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

José Pereira Dias – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Manoel Augusto da Silva – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Manoel Martins Ribeiro – pela Escola Livre das Artes do Desenho.

Pedro Bandeira – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

Dr. Rodrigo da Silva Araujo – pela Sociedade de Defeza e Propaganda de Coimbra.

DOCUMENTO 4

1913, Maio, 20 – *Ofício do engenheiro Paulo Barros, Director das Obras Públicas de Coimbra, dirigido ao director das Obras Públicas e Minas, requerendo uma dotação suplementar para fazer face aos custos de adaptação do paço episcopal de Coimbra a espaço museológico.*

[p. 1] Ex.^{mo} Sr. Director Geral das Obras Publicas e Minas

Tenho a honra de chamar hoje a atenção de V. Ex.^a sobre um assunto que, neste momento, sobreleva aos demais de que me ocupo, não só pelo culto devido à arte antiga, na sua imortal beleza, que merece a veneração de todos os que se interessam por tantas e valiosas reliquias que o passado nos legou, mas ainda pelo prestígio das actuais Instituições, que tão disveladamente as tem protegido de uma ruína a que vinham sendo condenadas já desde muitos anos.

Resumidamente, como o caso requer, justificarei o significado destas duas proposições, que muito a propósito veem, neste momento, exigindo uma especial atenção e uma imediata urgência, que a minha situação oficial não pôde negar, nem desconhecer sob pena de menos respeito por esses restos de beleza antiga, que aliás venéreo, e menos homenagem pelo actual regimen, que saúdo, como espirito moderno que sou.

Quero referir-me á difícil, trabalhosa e dispendiosa adaptação da velha moradia senhorial que um bispo faustoso, no seculo XVI, levantou para residencia dos seus sucessores, ao chamado *Museu Machado de Castro*, que na hora presente se está transformando, como por encanto, em um venerando e eloquente monumento de tanta riqueza dispersa, que o correr dos séculos foi trazendo até nós, onde, mesmo nas suas mutilações, cicatrizes que o tempo foi ali gravando aos embates de mil convulsões, se desenha a verdadeira escritura, cheia de heroismos, do povo português, nas diferentes evoluções por que foi passando, como as recordações imorreóiras da sua origem, dos seus costumes e do seu progresso.

É justo, sim, que eu comemore, desde já e neste lugar, por entre o brilho inspirador desta transformação e com uma infinita satisfação minha, homenagem ao muito que vale o genial engenho do sr. António Augusto Gonçalves, tantas vezes afirmado em celebrados certames de arte, onde as suas superiores aptidões artísticas se veem difundido com aquéla delicadeza, com aquéla intelegencia e com aquele superior critério, que tanto tem aureolado o seu nome, e que pairam, como um espirito luminoso por cima daqueles velhos capitéis, que na sua mudês secular, hirta e fria, parecem agradecer ao Mestre aquele rejuvenescimento arrancado ao silencio tumular de tantas noites escuras, que os séculos cobriram.

Para esta profunda reconstituição e adaptação ao *Museu Machado de Castro*, do velho paço episcopal, em ruína, e ainda ontem iminente, principalmente do lado septentrional, tem-se cuidado com o mais decidido esforço e inteligente trabalho, juntos a uma rigorosa economia, que extranhos louvam pelo muito que se tem feito. E assim é, por que se vê.

Derruir aquelas paredes avelhantadas, que ao mais leve abalo se desmoronam, parecendo pastas de barro ali pregadas, que um paradoxo de equilibrio tem mantido com o pavor de quem as contempla; substituir aqueles velhos e carcomidos vigamentos, que se dobram ao pêso dos anos, como querendo deitar-se por lhes faltar a precisa resistencia no aprumo e nas formas do seu destino; pavimentar aqueles

extensos salões, agora apodrecidos, onde ha séculos, em um requinte de aprimorado gosto artistico, se ostentavam o fausto e a apumada compostura dos príncipes da igreja conimbricense, naquela grandeza e magnificência [p. 2] que D. Afonso de Castélo Branco, o seu fundador soube engrandecer, albergando até, por entre a opulencia do trato e a fidalguia do acolhimento, a irmã de Pedro II, que da Inglaterra vinha carpindo com a alma entoldada de dôr, a sua viuvez pela morte de Carlos II; reparar, emfim, por completo, em todos os seus pormenores, em todas as suas variadas dependencias e atributos, aquela austéra moradia sacerdotal, que a cruel inclemencia do tempo e o desleixo criminoso dos homens souberam, sem protesto, transformar em um vasto casarão, que compugne observar, inóspito e abandonado pelo seu desconforto e ameaça permanente da sua ruína, é, certamente, empresa de tamanho vulto e de tão dispendiosa traça a considerar na sua adaptação a um Monumento de Arte, e de tão ponderosa responsabilidade na sua vasta contextura, que largo dispêndio se impõe no feliz alcance de tão proficua conquista.

E esta conquista é, certamente, uma das mais brilhantes da moderna civilização, que são aquélas que se não retingem com o sangue dos seus proprios filhos, antes ela se vislumbra por entre os seus ideais de progresso e de trabalho, na mais larga difusão da instrução, que é a posse da verdadeira conquista da consciencia nacional, que os estrangeiros aplaudirão ámanhã ao contemplá-la, como um passo adiante na mais bela das reabilitações sociais.

E é, por isso, no enlace feliz destas virtudes, que dignifica, os povos que com elas se engrinaldam, que estas conquistas se não alcança, de graça, antes custam muitos esforços, demandam muitos sacrificios e exigem muitas dedicações que com mais fé se rebustecem na alma dos povos.

É sempre um padrão de gloria que se levanta na incarnação mais pura do progresso moderno.

Mas se para a transformação do velho e grandioso albergue episcopal, que se vem fabricando, sem deslustrar a sua velha feição característica, no respeito, por este testemunho do século XVI, como a tradição que o decorrer dos tempos ali foi insculpindo em cada pedra, que revive e fala, ainda hoje por todos aqueles recantos, se tem, é verdade trabalhado com desusado esforço empregando os mais arduos sacrificios, dedicado a melhor inteligencia e dirigido a mais escrupulosa economia que de dia a dia se vem afirmando em tantas obras executadas, que surgem daquelas quasi ruínas, é certo, todavia – havendo ainda muito trabalho a concertar, muito plano a adaptar ao seu destino, extensos chão terrenos a pavimentar, grossas acumulações de terras a desavolumar e outras tantas exigências de reparações urgentes a acudir, – que modesta dotação concedida por portaria de 21 de Dezembro do ano findo, não cobre, não protege e não ampara toda esta complexidade de serviços, que completam a sua adaptação a tão auspiciosos templo de arte antiga.

É, não ha duvida, insufficiente de mais essa dotação, para se conseguir tão belo empreendimento e levar a cabo empresa de tanto vulto e de tamanha responsabilidade, que é um gesto patriótico, que todos devemos aplaudir com estremado carinho e viva abnegação.

E essa dotação de 2 700\$000 réis, que o culto da Arte e a alta compreensão do seu alcance actuaram no lúcido espírito do senhor Ministro, que a concedeu, vai dispendida em uma larga e feliz aplicação, como que atestando o superior criterio do seu destino eficaz e economico, mas sem, infelizmente, tenha podido acudir à imediata execução de outras obras da mais imperiosa necessidade que, pela sua urgencia se impõem no momento actual.

Neste momento, sim, ao tratar-se, dentro em breve, da inauguração do já celebre Museu, que milhares de visitantes admirarão por entre as aclamações do mais quente entusiasmo ao descerramento da estátua do famoso e querido liberal Joaquim António Aguiar e por entre o esperado deslumbramento das festas da cidade, que se realisam nos princípios do proximo mês de Julho, que tão jubilosamente marcarão em todo o tempo uma data imorredoura, como a comemoração patriotica e civica de dois assinalados acontecimentos: o culto prestado á Arte na sua sublime e beleza e uma saudação cheia de amor e aquecida de gratidão ao eminente estadista, personificação estremecida da Liberdade.

E como o coroamento brilhante desta memorável festa civilisadora, tão propria destes tempos, ela vai engrinaldar-se com a levantada honra da presença do venerando Chefe da Republica Portuguesa, incarnando, assim, a identificação das Instituições no alcance de tão grandiosa manifestação.

É a glorificação da Arte e da Liberdade. Ambas imortais, porque imortal é a idealização do Belo e eterna, como a natureza, é a suprema aspiração do pensamento livre.

E assim, por entre o luzimento desta conjugada apoteóse que raramente se regista com tanto brilho na historia de um povo e se enlaça na sua existencia social com tanto amôr, como deificando as duas mais geniais fórmas do progresso humano, encontra-se, desde logo, ao transpor o velho pórtico daquele solar meio realengo, na dissonancia e negação de tanta riqueza que lá por dentro se ostenta, velharias de uma grandiosa fase de beleza artistica, montões dispersos de terras, que urge arrancar, chãos terrenos, poirentos e movediços, que se impõe pavimentar, e que ali estão empanando e maculando o brilho daquela característica exposição romanica, que no elegante aprumo das suas colunas, no rendilhado historiado dos seus capitéis e na harmonia encantadora da sua arcaria, falam da sua origem e estrutura, colhidas nas passadas civilizações nos monumentos da Siria e da opulencia celebrada de Bisancio e de Roma.

Para se proceder quanto antes a esta imediata urgência de obras pelas razões expostas, enquanto orçamento mais detalhado senão organizar para a completa e perfeita adaptação do velho edificio sacerdotal, se originou a nota estimativa que hoje tenho a honra de enviar a V. Ex.^a na certeza que, pelo senhor Ministro e por V. Ex.^a será acarinhada como merece e com aquele nobre acolhimento que se afirma em espiritos cultos e levantados, que honram a alta missão de que estão investidos, na glorificação da Pátria e das Instituições.

E ao rubricar esta minha modesta apelação, que brotou sincera da reverência que présto á Arte, não deixarei de bem acentuar neste momento, que abençoados serão todos os benefícios, todas as dedicações, todo o amor que venham em seu auxilio, que é propaganda da melhor e da mais proveitosa educação civica que possa infiltrar-se na alma popular.

É que o espirito e o pensamento humanos das eras mais longiquas, nessa transformação por que vão passando atravez dos tempos, fases indeléveis do progresso e da evolução, incarnam-se ali, no labor genial daquelas pedras, que se levantam eloquentes, como o sôno de muitos seculos, que revivem por cima das gerações que passam.

Não são pedras brutas e inanimadas que civilizações extintas ali tombaram, onde a ruina dos tempos foi mutilando aos recrontos [*sic*] de tantas revoluções, mas sim representam, no pitoresco mesmo de algumas das suas formas geniais, a síntese mais completa de um pensamento levantado, nascido de um grande trabalho, e de um decidido esforço humano, na conquista gigante de um ideal.

E assim é a Arte.

Saude e Fraternidade.

Coimbra, em 20 de Maio de 1913

Engenheiro Director

Paulo de Barros

Fonte: “Um documento do mais alto valor”, *A Provincia*, n.º 131, 22 de Julho de 1913, p. 1 e 2.

DOCUMENTO 5

1913, Outubro, 14 – *Joaquim Martins Teixeira de Carvalho enaltece a abertura do Museu Machado de Castro através de um artigo publicado no jornal “A Provincia”.*

[p. 1] Museu Machado de Castro

A abertura deste museu constitue na vida de Coimbra um facto capital que *A Provincia* regista como uma iniciativa de largas e pouco compreendidas vistas.

Conservando a antiga residencia dos magnificos bispos D. Jorge de Almeida e D. Afonso de Castelo Branco, o sr. Antonio Augusto Gonçalves prestou um verdadeiro serviço; porque são raros no país os exemplares de habitações do século XVI, que o mesmo será dizer da habitação portuguesa; porque raro é o exemplar de habitação portuguesa medieval.

A galaria ou *logia* que fecha o pátio mostra como um detalhe artistico da maxima simplicidade basta para transformar e dar encanto á construção de linhas mais comuns.

Juntando no paço tudo o que o sr. Antonio Augusto Gonçalves pôde encontrar para acrescentar aos objectos que formavam a colecção conhecida pelo nome de *Museu de Antiguidades do Instituto*, o ilustre professor organisou um nucleo de educação artistica raro e que não deve passar despercebido aos artistas de Coimbra que nele terão com a melhor fonte de lição historica, a melhor fonte de inspiração. Tudo o que ali se admira é nacional ou nacionalisado.

Desde D. João I que a força de nacionalização é tão grande que se mostra na influencia sobre a obra dos maiores artistas, dando assim origem aos erros de critica historicos, bem explicaveis por cada um encontrar o espirito da sua raça na obra que admira em documentação suficiente sobre as suas origens. Na arte francêsa do renascimento, é flagrante o facto, e a influencia do meio português sobre artistas estrangeiros deu origem a mais monumental obra desse periodo glorioso, a capéla do Sacramento da Igreja da Sé Velha.

É nos exemplos da arte nacional, na sua admiração sincera, ingenua e sem vaidades que cada um deve procurar a inspiração, o desenvolvimento natural do espírito da sua raça.

O espirito novo das obras de fancaria, que por aí aparecem infelizmente, a preço barato por serem de extracção difficil, toda a literatura espanhola para canteiros e carpinteiros com pruridos de inovação, e de fácil originalidade é bem inferior ao mais pequeno daqueles objetos que o sr. Antonio Augusto Gonçalves colecionou com um espírito critico superior, e como um grande mestre e um grande educador que é, conhecendo bem o seu país, o seu passado historico, e as necessidades da hora presente. O museu Machado de Castro não déve ser uma coisa morta, apesar de ser toda a morte a origem da vida, deve interessar como tudo o que nos fâla á nossa alma da alma e da sentimentalidade dos que fizeram a patria portuguesa e nela descobriram a fonte misteriosa da arte.

É olhando com admiração aquelas pedras mutiladas que se aprende como o extase perante a natureza que fez das plantas simples da horta de cada escultôr a decoração admirada das grandes catedraes, se continuou durante o renascimento, palavra que soa falso como todos os termos convencionais de classificação.

Quem estudar a decoração de uma pilastra de João de Ruão verá que todos os motivos são tirados da admiração dos objectos mais vulgares: os prégos duma porta, as ervilhas, os frutos, a arca da ferramenta.

Porque não amar o que vemos perto, as plantas da nossa terra, e procurar na combinação de linhas de outra raça o que não pode falar ao nosso sentimento?

O Museu Machado de Castro não é uma curiosidade da cidade, é mais alguma coisa: é a fonte esquecida donde póde vir o nosso rejuvenescimento artistico.

Os artistas de Coimbra fizeram da admiração das obras do Renascimento a origem dum movimento artistico que depressa desapareceu deante doutras preocupações.

Era um movimento natural e por isso fortificador.

Os artistas parece tê-lo esquecido. É na admiração da arte, que espontaneamente brotou do seu sólo, que os artistas de hoje podem encontrar a fonte de uma arte nova.

Tudo viu superiormente o sr. Antonio Augusto Gonçalves, a alma do ressurgimento artistico de Coimbra que naquele museu se revêla no mnimo objecto.

O museu é o acto culminante da sua obra de reformador.

E ficaria bem, na arcaria inferior da galaria do paço episcopal, sobre o fundo da paisagem em que se recortam os velhos monumentos que ele tanto ama, o busto de Antonio Augusto Gonçalves que soube dar á vida artística da velha Coimbra uma carateristica que não tinha e que a tem feito tão admirada.

T. C.

DOCUMENTO 6

1914, Março, 14 – *Os estudantes católicos convocam a população católica da cidade de Coimbra para uma manifestação de protesto nos espaços da Sé Nova, a realizar no dia seguinte, contra a desafecção ao culto da igreja de São João de Almedina e a consequente transformação em espaço museológico.*

[p. 1] Aos católicos de Coimbra

Está mais uma vez em jogo a liberdade das nossas crenças e a propriedade dos nossos Templos.

A Igreja de S. João de Almedina, onde tanta vez temos dirigido a Deus nossas orações, está ameaçada de morte para satisfação de doentias vaidades artísticas com que se acobertam inconfessáveis sectarismos.

Católicos de Coimbra!

É tempo de bradarmos áqueles que julgam poder conduzir-nos como um rebanho anónimo de inconscientes:

Basta de expoliações!

Lançaê fóra a máscara com que encobris o vosso ódio a Deus e á Igreja!

Não é para instalar um museu que pretendem o nosso Templo! Esse museu é o Tesouro da nossa Sé, e está instalado desde a sua fundação, há cerca de 30 anos, em casa própria que não lhes custou 5 réis!

Querem tirar-nos a Igreja de S. João de Almedina porque nela temos realizado solenidades religiosas, cujos esplendor lhes faz cerrar os olhos!

Querem tirar-nos a Igreja de S. João de Almedina porque o seu plano odioso, forjado nas trevas, é reduzir-nos a uma só igreja na parte alta da cidade, e para o conseguir já nos fecharam ali nada menos de seis templos!

Querem tirar-nos a Igreja de S. João de Almedina porque querem mostrar assim, que, apesar de sermos a maioria da população da cidade, eles podem calcar os pés os nossos direitos, rasgar impunemente contra nós, toda a noção de Justiça, insultar as nossas consciências!

Pois bem! Católicos de Coimbra!

A esses nossos inimigos que não teem a coragem de trazer para a luz do dia o seu ódio contra nós, e trabalham na sombra, minando como toupeiras.

A esses nossos inimigos que não têm a hombridade de confessar o seu sectarismo, e afivelam ao rosto a máscara de interesse pela arte.

A esses nossos inimigos que não duvidam sacrificar os interesses do Tesouro público para satisfação de ódios baixos e de vaidades mesquinhas.

A todos esses, mostremos nós praticamente que não estamos dispostos a deixar-nos esbulhar dos nossos direitos.

Proclamemos bem alto a inviolabilidade das nossas crenças dos nossos altares!

Que interesse pela arte é esse que determina os peores atentados contra a arte, como temos visto em Coimbra?!

Que interesse pela arte é esse, que pretende inutilizar um templo transformando-o em armazem ou casa-forte, quando nos países cultos, como a França, é em nome da arte que se está reclamando a conservação das mais humildes capelinhas com o seu culto próprio?!

Não é o amor da arte que tal determina.

É o odio a Deus, é o odio á Egreja, é o odio a todos nós, os católicos!

Venha, porém, esse odio, mas venha sem mascara, porque já o conhecemos, e ha-de achar-nos em o nosso posto!

No proximo domingo, pela uma hora da tarde, reunamo-nos todos publicamente na Sé Nova, e ali, com todo o desassombro que nos dá a santidade da nossa causa, façamos saber que julgam poder tripudiar sobre as nossas consciências:

que queremos os nossos templos para neles continuarmos a praticar a nossa fé;

que não consentiremos em mais expoliações, embora para isso usem de violencias;

que a construção de museus e de quaisquer edificios publicos não pode ser feita só à custa dos católicos;

finalmente, que somos portugueses, e não queremos recordar-nos com vergonha que só por esse titulo, que tanto nos honra, é que os nossos [p. 2] templos parece só estarem seguros nesta nossa Patria, quando cobertos com a bandeira duma nação estrangeira!

Católicos de Coimbra!

Que ninguem, de qualquer idade, de qualquer estado ou condição, deixe de comparecer no proximo domingo, á uma da tarde na Sé Nova!

Trata-se de defender publicamente a nossa fé contra ultrages e vexames que nos atingem a todos!

Fugir neste momento é um crime, porque é traír a Deus.

Curvar-nos perante a afronta é uma covardia impropria de homens livres!

De pé, portanto, e de cara erguida brademos bem alto:

Basta de expoliações! Os templos são para os católicos!

Os Estudantes de Catolicos de Coimbra

DOCUMENTO 7

1914, Março, 14 – *Panfleto anónimo, que circulou pela cidade, incitando o “povo liberal” a marcar presença na acção de protesto convocada pelos estudantes católicos, com o objectivo explícito de a boicotar.*

[p. 1] POVO LIBERAL

ALERTA!

O Sr. Antonio Augusto Gonçalves, apoiado por todos os bons conimbricenses, tanto artistas como liberaes, pediu e obteve que lhe fosse concedida a igreja de S. João d’Almedina para expansão do Museu Machado de Castro, museu que é um dos motivos d’orgulho desta cidade, expansão indispensavel para lá se instalar o museu de arte religiosa mal acondicionado nas dependencias da Sé.

Os monarquicos impenitentes, rotulados de catolicos, representaram, apoz a cedencia, para que fosse revogada tal decisão.

Porque aquele templo faça falta á sua lidima religiosidade?

Não.

Não foi a religiosidade que os levou a esse acto, mas antes o entusiasmo em que andam empenhados de buscar motivos para perturbação.

As beatas, os conspiradôres contra o livre exame e contra a patria, os snobs e as histericas, como lhes falta Santa Thereza e Ursulinas para as exhibições ao divino e para os namoros galantes, haviam, ha certo tempo, tornado a egreja de S. João o teatro dos seus snobismos monarquico-jesuiticos: não querem, agora, largar a prêza, e pretendem procurar motivos de perturbação.

Unâmo-nos e á reacção será demonstrado que em Coimbra, embora isso lhes pese, não é possível o seu intento.

Pretendem fazer um comício, amanhã, domingo ás 13 horas no Atrio da Sé Nova; pois bem: vamos nós lá, vamos ao seu comicio.

Liberaes! Alerta!

A reacção que até aqui mal tem soltado vagos vagidos, está presumindo ter o terreno conquistado e lança já os bracinhos de fóra. Cortemos-lhe os braços.

Ao Comicio dos Jesuitas, Conimbricenses! Cortemos-lhes as unhas bem rentes, de modo que nem os dedos fiquem. Avante!

VIVA A REPUBLICA!

VIVA O LIVRE PENSAMENTO!

VIVA COIMBRA EMANCIPADA!

Um Grupo de Liberais

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta C-2.

DOCUMENTO 8

1914, Março, 15 – *Offício do director do Museu Machado de Castro, enviado ao ministro da Instrução Pública, justificando a necessidade de transferir o Tesouro da Sé para a igreja de São João de Almedina.*

[fl. 22] Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Ministro da Instrução Pública

Tenho a honra de invocar a illustrada attenção de V. Ex.^{cia} para um assumpto que vou a expôr, que é da mais clamorosa gravidade e está reclamando providencias inadiaveis.

O Museu de Arte Sacra, estabelecido nas dependencias da Sé de Coimbra, acha-se por lei anexado ao Museu Machado de Castro, pelo falecimento do Bispo Conde D. Manuel de Bastos Pina, a cuja solicitude activa e perseverante se deve a criação d'este admiravel tesouro, que reúne os mais belos e preciosos exemplares de ourivesaria que a nação possui.

Em outros tempos as suas condições de segurança eram principalmente garantidas pela moradia no edificio de serviaes da Sé, que eram outras tantas sentinellas permanentes, interessados na sua guarda.

Actualmente, porem, desabitadas as casas superiores, o Museu acha-se exulado [*sic*] e por diversos meios acessivel à ingressão de malfeitores arrojados.

Em todo o mundo é conhecida a sumptuosa collecção, que escriptores apontam como das mais notaveis, pela sua abundancia e raridade dos documentos que encerram, a partir do seculo XII, em serie ininterrupta, até fins do seculo XVIII.

Os artefactos de metaes preciosos alfaias de uso lithurgico e profano, imagens e joias de mais fino lavor, brocados, bordados e tecidos de todos os generos, representam uma magnificante accumulção de valores cujo preço não tem limites.

Bastará referir, como insidente que um mo[fl. 22 v.]biliário[,] um pequeno grupo de algumas cadeiras almofadadas de tapeçaria Bauvais, foi ha pouco avaliado por competencia de primeira autoridade (em Bertaux) em 300 mil francos...

E se é possivel computar analogias de cotação, a estimativa dos objectos que ali se encontram afoitamente se pôde asseverar que representa milhares de contos esse esplendido deposito de artisticas e historicas reliquias.

E, não obstante, é doloroso reconhecer que toda esta extraordinaria opulencia não está guardada em condições de efficaz segurança, que a protejam contra a eventualidade duma ardilosa e audaz investida pilhagem!

Alarma o espirito só a pensar na possibilidade de tal desastre; e este perigo será para todos aquelles, a quem se acha confiada a vigilancia d'esses valores, n'um motivo constante de sobressalto e angustia.

Urge portanto, em nome de todas as considerações da administração publica e do decoro nacional, remediar de prompto esta situação temerosa.

E o unico remedio consiste no aproveitamento da egreja de S. João de Almedina, contigua paredes meias, ao paço episcopal, onde se acha instalado o Museu Machado de Castro, e que verdadeiramente lhe pertence, onde será fácil com moderada despesa dar-lhe apropriação completa, para

receber toda essa preciosíssima herança do nosso glorioso passado, livre de todas as ameaças de roubo e incendio, como se fosse um cofre forte, à prova de todas as contingencias, que tantas vezes tem afrontado muse[fl. 23]us bem policiados.

Eis em poucas palavras exposto à ponderação esclarecida de V. Ex.^{cia} na mais justa reclamação a que um Ministro possa ligar honrosamente a sua iniciativa e o seu nome.

O assunto é d'uma tão singular e imperiosamente importancia, que não poderá sofrer delongas.

E, desde este momento, as responsabilidades de alguma irreparavel catástrofe são demasiadamente onerosas, para não acordarem as providencias, que inludivelmente se impõem como exigencia imperiosa dos mais altos e sagrados interesses nacionais.

Saude e Fraternidade

Coimbra, 15 de Março de 1914

O Director do Museu

a) *A. A. Gonçalves*

Fonte: AMNMC, Copiador I, ofício s/n.º, dirigido ao ministro da Instrução Pública, 15 de Março de 1914.

DOCUMENTO 9

1914, Março, 22 – *Reacção de Manuel Gonçalves Cerejeira aos acontecimentos ocorridos no claustro da Sé Nova do dia 15 de Março de 1914.*

[p. 1] Para traz, selvagens!

Não é odio que inspira este artigo. É nojo. Nojo imenso, nojo repulsante, nojo com nauseas – por quem de nós difere pela alma e pela pele.

Ha entre nós e êles incompatibilidade fisica, incompatibilidade de contacto, incompatibilidade de especie! É-nos lícito apertar a mão de todo o homem de bem de qualquer partido ou credo, de qualquer fé ou patria – mas só a mão do homem de bem! A nossa mão ficaria conspurcada se se abandonasse indifferente e complacente a mão que maneja a navalha! Mão, não; pata!

Entre nós e êles a differença que ha entre pessoas que teem da dignidade uma noção estruturalmente diferente. Colegas?! Não basta trazer aos hombros uma capa academica: não ha solidariedade com criminosos! Não ha solidariedade com o que constitue a vergonha duma classe! Com os precitos de toda a ordem! Com condenados de toda a honra! Vista libré ou cubra capa de estudante! Ataque a murro ou a *tiro se fôr preciso*! Fira á dentada ou á navalha!

Ha entre nós e êles a distancia que vai dos homens de bem aos judas de todos os tempos! Almas de Neros, para longe! Longe de nós! quixotestos Tinville! Para traz! Para traz!

Foi no domingo passado. Oferecemos-lhes discussão leal, aberta a todos, a todos – até a êles!

Mas fugiram vergonhosamente a ela! Cobardemente! Vilmente! Discutir, eles! Ah! que não discute senão quem pensa! Não discute senão quem é capaz de pensar! A tiro é que alguns deles queriam que se discutisse! A tiro se fôr preciso! Queria que se discutisse um professor do Liceu! Que nojo! Que nojo medonho!

Á força, levantam homens honrados fardos na alfandega! Pela força discutem os selvagens! Nem esses!

Os homens não se medem pela força como os animais de tiro! O homem civilizado afirma-se pelo pensamento.

Lutarmos com eles! Nós?! Ah! que era descer demais! Não é nesse campo que nós pomos o nosso orgulho e que vos queremos dar batalha! Guardem pimponices de Hercules para exhibições de feira. Costumam pagar-se bem, aí!

Aceitai a discussão connosco, se podeis! Se podeis, cobardes! Cobardes que fugis ás pugnas elevadas do *pensamento*! Cobardes que apelais para o *tiro se fôr preciso*, para reprimir uma ideia! O tiro é argumento de bandidos!

Havia senhoras, lá, no comício?

Em toda a parte do mundo civilizado se tem por elas a consideração que merece a sua graça e o respeito que inspiram as suas virtudes. Até o proverbio persa diz que não se atire ás mulheres nem com flores. Elas eram, lá, a nota graciosa e delicada, o perfume e a graça. Eram a fraquesa, também! Mas vós

fostes fortes insultando-as! Muito fortes! Como homem que bate num morto! Como homem que bate num velho!

Há alguém que faz o que vós fizestes, porque são o que vós sois: barbaros!

Sim, as senhoras incomodam-vos. ... É assim mesmo que devia ser! Vós sois doutra espécie! Entre nós e vós ha incompatibilidade de alma e de pele!

Que nojo! Que asco! Que nausea! Estamos vingados, sendo perturbados por vós! Estamos todos no nosso respectivo logar. Vós estáveis onde deveis estar! E a nossa vingança e o nosso orgulho é que tivésseis sido vós, os nossos adversários!

Assim definiram-se os campos.

Os estudantes catolicos mantem com toda a Academia, sem distinção de crença religiosa ou politica, a mais estreitas, afável e cordial solidariedade.

Mas ha relações pessoais ou colectivas que êles não podem manter – *aquelas que não podem manter-se sem o sacrificio da moral.*

Êles não podem mantê-las mais comvosco! por incompatibilidade física e moral!

G. C.

DOCUMENTO 10

1914, Março, 29 – *O estudante católico António de Oliveira Salazar, sob pseudónimo de Alves da Silva, dirige-se ao ministro da Justiça esgrimindo argumentos jurídicos contra a desamortização da igreja de São João de Almedina.*

[p. 1] S. João de Almedina.

Ao sr. Ministro da Justiça.

Como português e como católico, estudando Direito nesta velha Universidade de Coimbra, eu lamento profundamente, sr. Ministro, o seu discurso de sexta-feira da passada semana.

Membro dum estado civilizado, tinha a convicção – erronea, afinal – de que os altos dirigentes dos negocios do meu país tinham por dever ser menos desprimorosos, e ter mais perfeito conhecimento dos assuntos da sua pasta.

E no entanto, sr. Ministro, eu estou hoje disposto a passar em silencio aquela frase tão elegante e tão bela no seio da Representação nacional, definido a igreja de S. João de Almedina... um *pardieiro*.

Uma igreja onde se reza e se vive uma vida intensa do espirito, não é um *pardieiro*, senhor; é uma mansão de paz, de repouso, de enlevamento de alma, acima das paixões mesquinhas, dos interesses rasteiros. A capelita branca que corôa os montes ou se agacha no viridente vale, não tem só o valor de poetisar a paisagem, de quebrar a monotonia da côr, de representar um ninho de pombas pacificas na aridez hostile da terra. Onde quer que haja uma figura palida do Cristo, ou uma devota imagem da Virgem; onde quer que uma lampada arda pela saude dos nossos doentes, ou uma prece se murmure sentida pela alma de nossos pais; onde uma melodia se entoe, uma multidão se apinhe, pedindo a paz, o perdão, o amor, para o seu coração atribulado; esse logar não é um *pardieiro*, sr. Ministro; é um logar bemdito entre todos os logares: vivemos aí toda uma vida de affectos, a vida da nossa alma!

Foi em nome, em defesa desta vida intensa, vida espiritual das igrejas, que há pouco apareceu esse livro de belesa tamanha – *La grande pitié des églises de France* – livro de ouro de Maurice Barrès. É no fundo a eterna verdade daquela expressão profunda – *non in solo pane vivit homo* – que eu citaria a V. Ex.^a, se não temesse irritar os nervos dum ministro da Republica com uma frase de Jesus.

Não falarei também na questão do Museu, porque não quero atentar demoradamente nesta paixão serodia pela arte em tantos que nunca em sua vida sonharam que tão amantes haviam de ser de objectos artisticos.

E entretanto, pacificamente, devotamente, um Bispo guardava preciosidades que da Igreja eram, pela fé que as inspirou e creou, pela dedicação que em seu seio as colocara para o exercicio do divino culto.

Quando no Parlamento se diz que os frades nada fizeram de bom, que a Igreja nenhuns serviços tem prestado, a gente fica a pensar se um artista recolhido em seu silencio, e profundo pensar, e meticuloso labor, faria um calix d'ouro, quintessencia de belêsa e arte, para nele ser consagrado o sangue de Jesus, se para em ceia lauta saciar a sede um senador da Republica Portuguêsa.

Um museu! Ah! mas todos nós estimamos os museus, onde se guardam e salvam para o futuro as preciosidades que o passado nos legou.

Mas eu não sei se V. ex.^a reparou já: um museu é uma coisa morta; lembra uma casa mortuária.

Está ali sepultado o tempo, e só por intenso esforço do nosso espirito, conseguimos sentir que, por sobre a necropole da arte, paira a alma sublime do artista. Ha muita gente que fala em museus, e berra, e gesticula, e entusiasma-se, e ficaria bem surpresa, se lhe perguntássemos que beneficio ao seu espirito adveio da contemplação das coisas d'arte, que não teem alma ali, onde as puzeram.

Pois bem, sr. Ministro; isto quer dizer que para um museu basta que vá aquilo que já não pode viver. Mais do que isso, é desprezar a vida para cair em adoração perante a algidez da morte...

Mas coloquem-se, em dias de festa, os sacrarios no trono da igreja, e a cruz erguida no topo, e os santos em seus nichos, e os calices em seus altares, e os tapetes em seus degraus, e os candelabros em seus logares, e vistam-se com os ricos paramentos os ministros do Senhor, e toque-se o órgão profundo, e entoe-se a melodia divina, e murmure-se uma oração singela. Tudo se ilumina, se anima, tudo se vive na espiritualidade purissima, que é a expressão superior no nosso viver. Foi aquilo o que o artista sonhou; foi aquilo o que o artista viu em seus desanimos, e entusiasmos, o que lhe ergueu a alma regiões que não são deste mundo, o que creou a verdadeira arte! Eia a vida profunda das igrejas...

Ah! perdão, sr. Ministro! Eu esqueci-me de que estava falando com V. Ex.^a. Um ministro da joven [sic] Republica Portuguêsa, atrazada um seculo nas ideias e muitos seculos nas leis e nos actos, não compreende com certeza isto. Do governo mandaram perguntar, ha tempos, se o culto na *Sé Velha* poderia continuar sem prejuizo para a arte. Gente que adora as mumias... Pouco longe da civilização egipcia!...

Hoje o que me preocupa, sr. Ministro, é apenas uma parte do seu discurso, aquela em que V. Ex.^a, não atendendo à interrupções do deputado Jacinto Nunes, fala da igreja de S. João de Almedina tão desprendidamente, que até parece falar de coisa sua.

Os católicos de Coimbra protestam, e protestam pelo que é seu; os católicos de Coimbra protestam, porque autoridades sem autoridade mandam entregar, sem mais ceremonias nem formalidades, o que lhes não pertence.

A igreja é do Estado e, como tal, foi arrolada, disse V. Ex.^a; *a igreja não é do Estado e como tal, não foi arrolada*, dizemos nós. E, porque um Ministro da Republica Portuguêsa não terá tempo de provar as suas afirmações, quando elas são contra os católicos, fora do direito comum, estes provarão as suas, ainda que seja contra um Ministro que finge desconhecer os principios mais elementares do direito, e as disposições mais claras das leis.

Mais uma vez, pois, sr. Ministro, nós repetimos que a igreja de S. João de Almedina *foi construida* por o Bispo de Coimbra, D. João de Melo, que dela doou uma parte importante, por escritura de 1695, à *Irmandade dos Clerigos pobres*. Esta irmandade, até então erecta na *Sé Velha*, foi instalar-se, em virtude daquela doação, na igreja de S. João de Almedina, onde se tem conservado sempre, não obstante a opinião em contrario das respeitaveis autoridades civis.

Extinta a respectiva freguesia em 1854, a Irmandade ficou em posse de toda a igreja, – posse continua, publica, pacífica, durante sessenta anos.

Em 20 de Abril de 1911 apareceu, sr. Ministro, o celeberrimo Decreto de Separação do Estado das Igrejas. E esse decreto bem mais irritante e injusto que a lei francçesa, apelidada por Gustavo Le Bon, cem vezes na mesma obra, de *confiscação infame*, define nos seus artigos 62.º e 39.º a situação da igreja de S. João de Almedina e da *Irmandade dos Clerigos pobres*.

«Todas as... igrejas... são declaradas, salvo o caso de propriedade bem determinada de uma pessoa particular ou de uma *corporação com individualidade juridica*, pertença e propriedade do Estado..., e devem ser, como tais, arroladas e inventariadas...» (Art. 62.º).

A igreja de que tratamos, pois, por ser propriedade bem determinada de uma *corporação com individualidade juridica*, não devia de ser arrolada nem inventariada. O Estado respeitava os direitos do verdadeiro proprietario, e até hoje respeitou. A igreja de S. João de Almedina, que não passou para propriedade do Estado, *não foi arrolada nem inventariada. Não tinha que sê-lo!*

Por outro lado a *Irmandade dos Clerigos pobres* é realmente uma corporação com individualidade juridica. Fosse qual fosse o seu character á data da publicação do decreto, fosse embora uma corporação exclusivamente destinada ao culto ou somente de piedade, ela tinha um meio de não perder a sua individualidade juridica, perda com que a ameaçava o art.º 169.º do Dec.: era reformar os estatutos até 31 de Dezembro de 1911. E a Irmandade reformou-os; e a Autoridade civil aprovou os novos estatutos.

A *Irmandade dos clerigos pobres* está assim ao abrigo do art.º 39.º do Dec.: não infringiu as leis gerais, harmonizou com a citada lei os seus estatutos, reformulando-os não pode ser declarada extincta. E, se o fosse, sr. ministro, nem assim os bens affectos ao culto seriam incorporados na fazenda nacional. O art.º 39.º do Dec. de 20 de abril não manda aplicar àqueles o art. 36.º do Codigo civil; manda que a junta de paróquia superintenda nesses bens «até que exista entidade que legalmente possa utiliza-los e administra-los.».

Repito, sr. Ministro: é profundamente lamentável que um ministro da Justiça em Portugal não manifeste mais respeito, já não digo pela propriedade dos individuos, sagrada nos países civilizados, mas pela lei que, sendo má, respeitou aquilo que v. ex.ª pretendia semcerimoniosamente tirar.

Pelo art.º 90.º do Dec., o Estado reserva-se o direito de aplicar a qualquer fim de interesse social os edifícios destinados ao culto publico, *que para ele não forem necessarios*. Mas se Coimbra frequenta tanto S. João de Almedina, que alguém se sentiu incomodado por as suas festas imponentes e as suas reuniões elegantes, é esta certamente a melhor prova de que a igreja não é necessária ao culto...

Quando o Estado concede gratuitamente as igrejas que declarou *propriedade sua*, entende que elas não são necessarias ao culto, quando este se deixa de realizar ahí pelo espaço dum ano (art.º 93.º n.º 3). Com este elemento importante de interpretação, eu creio que v. ex.ª terá uma certa dificuldade em demonstrar que a igreja *pertence à Irmandade dos clerigos pobres*, não é necessária ao culto, celebrando-se ahí este ininterruptamente.

Estava para dizer ainda a v. ex.ª que está ao abrigo do edital do Ministério da Justiça, de 6 de Fevereiro de 1912, em que se diz que o Estado *não fechará* as igrejas onde estejam, *por direito ou uso antigo*, erectas Irmandades ou Confrarias.

V. ex.ª poderia dizer-me que não é com editais que se fazem leis; assim como eu poderia responder que não é com telegramas da Comissão central de execução da Lei de separação que se manda

a uma irmandade entregar, embora para um museu de arte, a igreja *que lhe pertence e tão necessaria é ao culto.*

E depois desta exposição, sr. Ministro, se v. ex.^a quiser, pode continuar dizendo no parlamento que a igreja é do Estado e por isso foi arrolada. Nós porém, com maior respeito pela verdade e mesmo por um sentimento de justiça para com o sr. dr. Afonso Costa, repetiremos que *a igreja não é do estado e por isso não foi arrolada.*

... E passe v. ex.^a muito bem.

Alves da Silva

Fonte: Alves da Silva, “S. João de Almedina. Ao sr. Ministro da Justiça”, *Imparcial*, n.º 102, 29 de Março de 1914, p. 1.

DOCUMENTO 11

1914, Maio, 17 – *O estudante católico António de Oliveira Salazar, sob pseudónimo de Alves da Silva, responde às críticas proferidas por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, no âmbito do polémico processo de desamortização da igreja de São João de Almedina.*

[p. 1] A igreja de S. João de Almedina

Esta questão da anexação da igreja de S. João de Almedina ao Museu Machado de Castro, está sendo uma ridícula escaramuça a coberto de frases feitas.

Os catolicos, ou antes, se V. Ex.^{as} preferem, os catoliqueiros...

É assim que começa um longo artigo publicado em *A Provincia*, de 8 do corrente, escrito pelo sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

Quando uma causa começa a ser defendida com grosseria, tem já esgotados todos os argumentos que vale e pesam na consciencia das pessoas de bem, e fia então de repulsa anojada o que não pode obter do combate lealmente travado. A questão de S. João de Almedina é para eles uma questão perdida. Eis porque nós não descemos, nós os *catoliqueiros*, a chamar a s. ex.^a, em ves de livre pensador, um *livre-pensadeiro*. E seriamos porventura mais justos, ao definir assim o espirito dum homem que tem um curso superior e dizem que escreve bem, do que o articulista ao pretender insultar – e tão ordinariamente! – os académicos e as senhoras e Coimbra, que se teem encontrado na defesa acerrima da igreja, onde, à sombra das leis deste país, lhes apraz fazer as suas queridas devoções.

Os academicos são, pois *catoliqueiros*... E são *catoliqueiros*, e não catolicos, certamente porque não pensam, não sentem o seu catolicismo.

Somos senhores de todas as escolas. Frequentamos o liceu, as escolas normais e industriais, a Universidade em todas as suas faculdades. Somos assim iniciados em todos os problemas do saber, nos varios ramos de diversissimas sciencias, e se mais não aprendemos nem sabemos, é porque os professores, não tendo podido assimilar as peregrinas teorias que não germinaram no cerebro dos sabios, para serem lustre e gloria dos dirigentes da sociedade portuguesa, mais não entendem nem ensinam.

Não damos a nossa adesão ao catolicismo, por uma sentimentalidade doentia, de romanticos, parados, contemplando em extase uma bela instituição cuja origem recua pela noite estrelada dos seculos, buscando sensações exquisitas na penumbra delicada dos templos. Certamente que o catolicismo é uma necessidade do nosso coração, da nossa alma; é no seio dêle que descançam satisfeitas as mais altas aspirações do nosso ser, e se desedenta esta ancia do imortal e do infinito, que em nós palpita. Mas nunca esquecemos o *rationabile obsequium* do Apostolo. O catolicismo é para nós uma verdade historica, uma verdade filosofica que vinte seculos de genios estudam e defendem; e, para aqueles a quem Deus não concedeu a suprema graça da fé, é ainda condição de ordem, base de organização duradoira nas sociedades politicas, salvaguarda da civilização que êle fez, e sem êle, não poderá manter-se.

Não *pensamos* o nosso catolicismo... Mas estudamos *tudo* o que *êles* estudam – o Direito, a Matematica, a Filosofia, a Historia, as Sciencias físicas – e estudamos ainda um pouco mais do que eles estudam.

Temo-los desafiado nas revistas, a que discutam as nossas ideias; temo-los chamado para comícios, e não é pela primeira vez que nos respondem, como nos claustros da Sé: “nós não queremos falar, o que não queremos é que falem”; temo-los desafiado nos jornais, e nos jornais *êles* não teem respondido com argumentos que denunciem inteligencia ou estudo, mas com insultos e baixas infamias; porque, em suma, um raciocinio justo lhes é tão inacessivel como a boa educação.

Nós não *sentimos* o nosso catolicismo. Logo somos hipócritas.

Fingir de catolico é realmente nos tempos que vão correndo de grandes vantagens praticas. Assinar uma representação sobre assuntos religiosos, atraindo a si as atenções, os desdens, as criticas, os ataques, a perseguição feroz daqueles que em Portugal se encarregam de acabar com o catolicismo em duas gerações; ir a um comicio onde se defende um direito, correndo o perigo de lhe partirem as costelas ou atravessarem a cabeça com democrática bala; pertencer a uma associação que funciona legalmente, e é sem cessar ameaçada de apedrejamentos e assaltos; falar em sessões publicas aonde carbonarios provocadores chamam os seus colegas, ditos defensores do regimen, para insultarem a todos; acompanhar a qualquer parte a mãe, as irmãs, as filhas – senhoras respeitaveis, purissimas donzelas – ouvindo pelas ruas chamar-lhes nomes feios e ofenderem-lhes os ouvidos castos [de] obscenidades de alcouce; ah! tudo isto: o sacrificio do nosso tempo, da nossa paz, do nosso socego, da nossa vida, de tudo o que nos é mais caro, vê-se claramente que é por hipocrisia.

Não! nós *sentimos* o nosso catolicismo, não estamos compenetrados da verdade da nossa causa!

Não! Nós o que temos é vontade de morrer, dando pasto aos lobos e carne fresca ás panteras.

Somos, pois, os *catoliqueiros*...

E as senhoras de Coimbra, que teem defendido com tanta firmesa uma causa justa, são as *catoliqueiras*...

Desculpai-me, senhoras minhas que eu tenha tambem escrito o nome feito.

Também vós não sois catolicas; sois *catoliqueiras*... Porque eles não podiam perdoar-vos, senhoras, a vossa graça, a vossa finura, o vosso coração; nem a firmesa com que defendeis a vossa crença; nem o heroismo com que afrontais os perigos, nem a virtude do vosso viver, nem o brilho do nosso espirito, nem a doçura do vosso olhar, nem a gentileza do vosso porte nem a elegancia do vosso vestir!

Eles teem da democracia e da républica uma noção que exclue a limpeza, a elegancia, a educação... Faz-lhes mal a seda, o vestido bem talhado, o chapéu bem guarnecido. Chamam-lhes “dandysmo católico”. Tão bonitas, em tardes de sol ardente, as capas dos toureiros, e os touros... etc.

Deixa-lo! Afinal são *catoliqueiras* as irmãs deles, as noivas deles, as mães deles, que tanto teem sofrido e rezado, e ainda hoje choram, porque eles não sejam *catoliqueiros* tambem.

Irritou estes senhores que a *reacção catoliqueira*, em vespéras de ficar sem a igreja de São João de Almedina, gritasse contra o roubo e a expoliação. Falam agora em expropriação por utilidade publica, e argumentam, como se a questão assim se collocasse desde o principio.

O officio que foi dirigido à *Irmandade dos Clerigos Pobres*, ordenava-lhe que entregasse a igreja em praso curto e se instalasse na Sé Velha ou Nova, à sua escolha. Esta ordem que desconhecia os

direitos da Irmandade, não foi cumprida, porque uma Comissão, indo a Lisboa, obteve do Presidente de Ministros a sua suspensão, até que o assunto fosse convenientemente estudado. Dias depois, falava na Camara o deputado João Menezes, cuja ignorancia da questão apenas poude ser excedida pela do Ministro da Justiça, que lhe respondeu.

Contra a afirmação do Ministro – que a igreja era do Estado e, como tal, fora arrolada – aqui se demonstrou que a igreja não é do Estado, não fora arrolada e não tinha que sê-lo.

E quando a propriedade privada da igreja lhes surgiu assim nitida, insofismavel, indestrutivel, em face da Lei da separação, estabeleceu-se o panico nas fileiras e a retirada efectuou-se. Não responderam; não tinham que responder.

Falaram vagamente em troca de igrejas e agora na expropriação por utilidade publica. Está deslocada a questão, bem sabemos. Mas, seguindo-os ainda mesmo nesse campo, nós poderíamos demonstrar-lhes que a igreja de S. João de Almedina não pode ser expropriada por utilidade publica – porque a não ha –, embora possa vir a ser pela utilidade privada... de calar um miminho ridiculo e impedir que faça beicinho um senhor director de museus.

Alves da Silva

Fonte: Alves da Silva, “A igreja de S. João de Almedina”, *O Imparcial*, n.º 109, 17 de Maio de 1914, p.

1.

DOCUMENTO 12

1914, Dezembro, 12 – *Auto da entrega da igreja de São João de Almedina ao Museu Machado de Castro.*

[fl. 1] Auto da entrega da Igreja de São João d’Almedina da Cidade de Coimbra, ao director do Museu Machado de Castro”

Ano de mil novecentos e catorze, aos dez dias de Dezembro, pelas onze horas, na Igreja de São João d’Almedina, freguesia da Sé Nova da cidade de Coimbra, compareceu o administrador d’este concelho Bacharel Humberto Fernandes Costa de Carvalho, comigo Francisco da Fonseca secretario de seu cargo, sendo tambem presentes o conego José dos Santos Mauricio, juis da Irmandade dos Clerigos Pobres d’esta cidade e o cidadão Antonio Augusto Gonçalves, director do Museu Machado de Castro, d’esta cidade, para o efeito de, a este ultimo, se fazer a entrega legal d’esta igreja. E logo êle administrador fes entrega ao cidadão Antonio Augusto Gonçalves, como director do Museu Machado de Castro de Coimbra, da Igreja de São João d’Almedina d’esta cidade, e bem assim dos objectos seguintes: O retábulo da capela-mór, tres altares lateraes, e as imagens de São Thomé, Sagrada Família, Senhora da Piedade, São João, Nossa Se[fl. 1 v.]nhora e um Christo (trez figuras do Calvario), os quaes objectos e igreja, ficam desde já sendo pertenças do referido Museu Machado de Castro. E igualmente foram entregues ao mesmo Director dois castiçaes, dos que fariam parte da banqueta da Capela mór d’esta igreja, que de comum acordo, ficam depositados no dito muzeu, mas sendo propriedade da mencionada irmandade dos Clerigos Pobres. Feita a entrega de tudo, incluindo as respectivas chaves, mandou ele administrador lavrar o presente auto que vae ser devidamente assinado, depois de lido na presença dos já mencionados cidadãos e das testemunhas que assistiram ao acto Antonio Rodrigues casado, sapateiro e Heitor Augusto Ribeiro Coelho, solteiro, maior, empregado publico, residentes n’esta cidade. Eu Francisco da Fonseca, secretário referido, o escrevi e assino. a) Humberto Fernandes Costa de Carvalho, José dos Santos Maurício, A. Augusto Gonçalves, Antonio Rodrigues, Heitor Augusto Ribeiro Coelho, Francisco da Fonseca.

Está [fl. 2] conforme. Administração do Concelho de Coimbra, 12 de Dezembro de 1914.

O Secretário,
Francisco da Fonseca

Fonte: AMNMC, Correspondência Recebida, cópia do “Auto da entrega da Igreja de São João d’Almedina da Cidade de Coimbra, ao director do Museu Machado de Castro”, 12 de Dezembro de 1914.

DOCUMENTO 13

1915, Maio, 7 - *Parecer do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas sobre o plano de obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra.*

[fl. 1] Exmo. Snr.

Sob a data de 30 de Março ultimo, e com officio n.º 34 da competente Direcção de Obras Publicas e Minas, são presentes, hoje, ao Conselho Superior de Obras Publicas e Minas, os succintos projectos e orçamento de varias obras de adaptação da Igreja de S. João de Almedina, em Coimbra, a Museu de Arte sacra; obras que se resumirão:

- a) ao alteamento e disconveniente estreitamento de algumas das antigas janellas principaes e na abertura tanto de varias outras de igual feição e, como aquellas, destinadas a alumiar e arejar bem o proposto Museu, como a de algumas pequenas portas de serviço interno;
- b) na superflua e onerosa substituição do actual portico da entrada principal do Templo pela do extinto convento de Sant'Anna, e na inutil redução da respectiva escada de acesso:
- c) na inserção de novos e mal definidos lanços de escadas de cantaria no grosso das velhas paredes lateraes da igreja, para serventias de um proposto andar superior;
- d) na modificação e ampliação da actual sacristia oriental, com mais um pavimento nivelado com o velho côro;
- e) no estabelecimento (a esse nivel e sobre columnas) de duas galerias longitudinais de cimento armado anexas a esse côro e constituindo (com ele e com os dois pizos de predicta sacristia) um aditamento de 324 metros quadrados aos antigos 223 metros quadrados do corpo do templo, e elevando, assim, a 567 metros quadrados o total da área utilizavel do futuro Museu.

Pelo exame atento d'este pouco explicito projecto e em vista dos esclarecimentos coligidos, no local, pelo relactor d'este [fl. 1 v.] processo n.º 33 184, reconheceram-se:

- 1.º A patente vantagem de limitar ao alteamento do respectivo vão a modificação prevista para as actuaes grades janelas lateraes do Templo, mantendo-lhes as primitivas feição, largura de vivo e altura de peitoris, e modelando por elas, em aspecto, disposição e dimensões, as demais janelas a ampliar, ou construir representadas, a carmim, nos desenhos juntos;
- 2.º A formal inutilidade das custozas e arriscadas substituições, tanto da antiga escada de serviço do pulpito e do côro existente no massiço da parede oriental do mesmo Templo pelo novo trecho de escada dubiamente esboçado, a carmim, no desenho competente, como da respectiva e primitiva porta d'entrada principal a sua escada de acesso;
- 3.º A manifesta conveniencia de todas essas alterações nas obras projectadas e da consequente dedução do seu computo, na importancia redonda de 1:084\$00 escudos, e de que deve provir a

muito apreciável redução dos 8:590\$00 escudos do total orçamento do projecto em questão à cifra de 7:506\$00 escudos.

Salvo, pois outra resolução superior, este Conselho Superior de Obras Publicas e Minas julga no caso de poderem obter aprovação legal depois de modificadas, detalhadas e limitados pela Direcção das Obras Publicas dos districto de Coimbra, nos precisos termos precedentemente expressos, tanto o presente projecto de adaptação da Igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra, como o seu orçamento na importancia de 7:506\$00 escudos.

Sala das Sessões do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas em 7 de Maio de 1915

José Joaquim de Paiva Cabral Couceiro

[anotação manuscrita no fl. 1]

Apagar os reparos do Conselho Superior d'Obras Publicas e Minas. O projecto foi organizado pela Direcção das Obras Públicas de Coimbra com as indicações do respectivo Conselho d' Arte e Arqueologia, com as quais me conformo, aprovando-o como se acha elaborado.

11-VI-1915

Manuel Monteiro

Fonte: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0335, parecer do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas sobre o plano de obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra, 7 de Maio de 1915.

DOCUMENTO 14

1915, Junho, 20 – *António Augusto Gonçalves enaltece o papel do ministro Manuel Monteiro no âmbito da desamortização da igreja de São João de Almedina e na conseqüente adaptação a Museu de Arte Sacra.*

[p. 1] Banalidades

Em outros tempos as garantias de segurança do riquíssimo depósito chamado Tesouro da Sé eram principalmente asseguradas pela moradia no edificio dos serviçais do Cabido, como sentinelas permanentes e interessadas na sua guarda.

Pela lei da Separação, desabitadas as casas superiores, que foram cedidas á Faculdade de Sciencias, esse admiravel espolio, era de prever, ficava exposto aos ataques audaciosos de salteadores profissionais, contra os quais só um meio de defesa existe – a tiro!

A Universidade exigia a entrega das salas; e era forçoso remover de pronto essa abundante acumulação de alfaias preciosas, cruzes, custodias, calices, imagens, relicarios brocados, bordados etc. Em presença do mandado de despejo, um unico recurso se inculcava e impunha como solução, exclusiva e cabal: – a secularização da Capela de Almedina para ser convertida em Museu de Arte Sacra. Não havia evasivas possíveis! Começara, então as reclamações, relatorios, instancias de toda a ordem, aos poderes publicos; mas toas as lamurias e solicitações, todas as formulas de captação, pelas vias officiais e influencias particulares, não conseguiam perfurar a indiferença governativa.

Os reverendos clerigos inflamados, as madamas assanhadas, de sombrinhas em riste, e a esperançosa mocidade catolica, coberta de feitiços e escapularios, de choldra com velhas rapôsas monarquicas, pescando nas aguas turvas, aparelhavam-se para a resistencia.

Houve protestos, intrigas e um comicio ao divino nos claustros da Sé. O coração caricioso de ministros amaveis femieiros [*sic*] oscilava diante das comissões galantes e suplicas do belo sexo. As peripecias ocorridas davam uma revista burlesca. Mas é certo que a cedencia da egreja ia sendo protraída, até que apparecesse um homem de lucidez, de cultura artistica e energia, que comprehendesse tratar-se dum assunto do mais relevante interesse para a Arte e para a educação publica.

Se estes catolicos fossem verdadeiros e sinceros, teriam igrejas de sobra em Coimbra. Durante seculos a fé cristã foi exaltada em catacumbas sombrias...

Esse homem finalmente apareceu! O ministro do Fomento, dr. Manuel Monteiro, que já tinha ordenado a entrega da igreja, acaba de autorizar a execução das obras indispensaveis, e, não obstante a hostilização contumaz dos inimigos do regimen e a insensibilidade de alguns estadistas, o Museu de Arte Sacra terá dentro em pouco a instalação condigna das maravilhas que encerra!

Que esta cidade, onde a ingratidão medra, não esqueça este beneficio dum ministro benemerito que tem pela Arte o culto extremoso afervorado pelo estudo e pelo saber manifestado em trabalhos literários de critica e historia de alto valor.

Z.

Fonte: Z., “Banalidades”, *O Debate*, n.º 133, 20 de Junho de 1915, p. 1.

DOCUMENTO 15

1916, Fevereiro, 20 – António Augusto Gonçalves fala sobre a visível decadência da Escola Livre das Artes do Desenho.

[p. 1] Banalidades

A criação da Escola Livre das Artes do Desenho não foi uma obra pessoal, que possa atribuir-se ao sucesso dum individuo; = foi o produto espontaneo do meio, num dado momento de oportunidade social. Nasceu dum conjuncto de circunstancias convergentes e excepcionais, que coincidiram, num ambiente favoravel e numa adequada temperatura moral, como diria Taine.

As pretenções que, segundo me dizem, uns pobres de espirito por ai agitam, para a fundação duma nova Escola livre, só provam inconsciencia e a ignorancia do valor inteligente e intrinseco dos elementos, de que esta agremiação dispunha, para a difusão e aproveitamento da sua acção educativa util. A função estimulante, que exerceu na orientação mental da oficina conimbricense, sacudindo e despertando germens de aptidão artística entorpecidos, não póde repetir-se pelos mesmos processos, ou pelo capricho e vontade seja de quem fôr. Pelo exemplo, ela conquistou adesões e o assentimento geral, que a organização official da Escola Brotero, que devia assentar neste terreno generosamente preparado, não pode, ou não soube aproveitar eficazmente.

Esses novos emprezarios de escolas livres podem associar-se e, com quatro bicos de gaz, imitar a actividade e o ardor desse grupo glorioso de intrepidos artistas, numa sessão ordinaria de trabalhos de outros tempos, na velha torre de Almedina; mas essa parodia não passará dum artificio ilusorio, que falsamente viverá quatro mezes, na existencia efemera de todos os arremedos e mentiras. Instituições desta natureza são como plantas melindrosas, que só podem florescer em propicias e precisas condições de meio, quando os que lhe são devotados e fieis são dominados pela fé viva de verdadeiros crentes, até ao fanatismo e ao sacrificio. Hoje os tempos mudaram...

E tanto assim é, que a Escola Livre, passado o longo período em que a sua acção irradiante era necessaria e fecunda, começou a declinar; e todos os esforços, modernamente suscitados, para lhe insuflar vida e animação, são inteiramente estereis, e só servem á cabal demonstração de que está preenchida a pagina brilhante, que lhe compete no livro magnifico da historia da arte em Coimbra. Extinguiu-se o fogo sagrado. E não é com foguetes de lagrimas que podem ser supridas as linguas de fogo do Pentecostes.

A gente nova de hoje parece ter nascido desdenhosa e scetica, incapaz de nobres aspirações e delicadas predileções de espirito.

É ver como os abundantes recursos publicos e gratuitos, de instrução popular, que e Coimbra existem, são escassamente aproveitados, = para que a ignorancia medre e o atrevimento triunfe.

Zebedeu

Fonte: Zebedeu, “Banalidades”, *O Debate*, 20 de Fevereiro de 1916, p. 1.

DOCUMENTO 16

1916, Maio, 14 – *Antônio Augusto Gonçalves reporta-se à exposição de trabalhos artísticos dos alunos da Escola Livre das Artes do Desenho, salientando igualmente a decadência progressiva da própria instituição.*

[p. 1] Banalidades

Na exposição da Escola Livre, que hoje é encerrada, ressaltam em pintura, onde a paisagem predomina, algumas notas vibrantes, que, na sua relatividade, modesta, seria manifesta má vontade, ou salienta pedante não reconhecer e confessar. Por entre ingenuidades e equívocos, ha traços de aptidão excepcional, toques ridentes de intuição, e por isso mesmo valiosos.

E nas outras especies identico juizo se pode formular, em resumo. Na modelação e escultura, por entre dificuldades insuperadas, abundam factos de elogioso otimismo a registrar, sem favor.

Nos diversos generos do desenho plastico, desde a iluminura à caricatura fantasiosa, assim como na arte aplicada – serralharia, marcenaria, etc., - ha motivos para deleite e perene satisfação dos apreciadores sensiveis e devotados.

Eu sinto não poder passar em revista, de leve e de corrida que fosse, os trabalhos mais notaveis e citar alguns dignos de menção e incitamento. Não falaria dos que vêm de longe com atestados de bom serviço no bunal e a certidão de idade marcada pelas cans, porque a esses só compete a função de animar e impelir, pelo exemplo de abnegação e da perseverança, a vontade inverta dos novos. Mas não posso alongar esta semsaborias que escrevinho. Porque, laconico e breve, é possivel encontre quatro leitores incultos; receio, porem, que, ultrapassados estes limites, fique reduzido a dois: eu e o tipografo amigo, por dever de officio.

Alguns juizos severos, iluminados pelos deslumbramentos olimpico do Salon, vibraram o raio da condenação sobre esta exhibição minuscula e simpatica. Ora estes criticos fazem lembrar aquelle brasileiro de Paranhos, que nunca ouvia gabar architecturas e edificios, sem exclamar sobranceiro: Oh! mas o que é isso, em comparação da torres dos Clerigos!?...

Porque, em sua opinião, o Porto possuia o mais imponente e belo monumento do universo. E o certo é que brasileiros de Paranhos não sam aves raras!...

Enfim...

E, não obstante este alento de vida e aparente florescencia, a Escola Livre é como vinha queimada pelo filoxera. E já agora não vale a pena dispensar esforços sulfurosos na extinção do parasita. Os velhos estão tropegos, frios, – castrados; e os novos, em geral, assoprados pelo elogio facil e inconsistente, sentem-se felizes na vacuidade illusoria dos meritos e das ambições.

Todas as energias se gastam com o uso; e a decadencia segue de perto as culminancias da maior grandesa. É a lei natural, causa de todas as vicissitudes e derrocadas da historia!

Zebedeu

Fonte: Zebedeu, “Banalidades”, *O Debate*, 14 de Maio de 1916, p. 1.

DOCUMENTO 17

1916, Outubro, 21 – *António Augusto Gonçalves crítica as opções tomadas pela repartição de Obras Públicas de Coimbra, no âmbito da adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra, comparando-as às campanhas de restauro dos monumentos conimbricenses dos finais da centúria de Oitocentos, lideradas pelo engenheiro Franco Frazão.*

[p. 1] Banalidades

Naquele tempo a repartição de obras publicas não tinha mãos a medir: - obras no Museu, no Liceu, na Sé Velha, no Paço do Bispo, em Santa Cruz, etc.; além de estradas e engôdos eleitorais, por toda a parte. Orçamentos prodigos, dinheiro em bardo, amigos e apaniguados satisfeitos! Um perene jubileu!

O engenheiro director, montado num cavalo branco, chouteava por essas ruas, envaidecido dos favores do acaso, cortejado pelo servilismo dos infimos, irascível no apoio do primo omnipotente que o alcançara aos fastígios do arbítrio.

Em volta, fazendo côro, como os cherubins nas apoteoses de algodão em rama, os subalternos, oscilando turíbulos, sabiam hipnotisar o patrono benefico e propicio, de graças, lisonjeando-o nos fumos da adulação rasteira.

E este homem nefasto, que diziam fraco de entendimento e endurecido de espirito, sem preparação educativa, incapaz de uma vibração de arte, era o arbitro de restaurações artisticas e de architecturas de grande estilo, com que o estado dotava a cidade! Nunca se viu aberração mais lastimosa! A incapacidade acumulando por toda a parte erros e asneiras, na incompreensão absoluta do mal que fazia!

Ele é o responsavel, alem de outras, por essa ignominia que envergonha Coimbra: – o acrescentamento do Paço Episcopal, a que a insignificancia dos estetas da obra publica chamada manoelino! E seria edificante saber-se – quantas dezenas de contos foram lançadas naquela monstruosa voragem!!...

Vozes justiceiras ergueram-se na imprensa em veementes protestos, contra os desatinos da inepecia á solta.

Mas o grande Frazão, ironico e chibante, fazia gala de afrontar a reprovação geral, forte no incondicional apoio do primo ministro!

E foi proclamada a República e os haveres deste costumaz tiranête, não foram confiscados para reparação legítima dos danos e abusos que praticou com escandalo publico, contra a moral e a arte!...

Ora a impunidade sempre foi incitamento à reincidencia de maleficios.

Eu não sei se neste regímen será possivel a reedição de identicas perrices e desvarios em prejuízo da nação.

Todavia os senhores vão ver as colunas de cimento armado, que suportam as galerias em construção na Igreja de S. João de Almedina e digam se aquela torpeza de capiteis não parece gizada sob os amplífcios [sic] malévolos do nepote franquista de outros tempos!...

Um despropósito, que ficará, como uma obscenidade, a achincalhar um museu de arte, sem apelação e sem remédio!... Afóra o mais que há-de ver-se!...

Zebedeu

Fonte: Zebedeu, “Banalidades”, *Resistencia*, n.º 66, 21 de Outubro de 1916, p. 1.

DOCUMENTO 18

1917, Julho, 28 – António Augusto Gonçalves critica o rumo das obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra.

[p. 1] Banalidades

Hoje, se conseguir que meia duzia de leitores, de imparcialidade e inteireza moral, me dispensem dois minutos de atenção, ficarei satisfeito. Porque amanhã, quando aparecer uma reclamação ruidosa, que não deixará de ser um libelo panfletario, com ressonancia no Terreiro do Paço, chamando á razão extraviados e encobridores, a sucia dos famulos interessados ha de grasnar contra a irreverencia justiceira, que não respeita falsos idolos.

Toda Coimbra está presencendo a incuria desleixada, com que os trabalhos publicos são protraídos. E toda a cidade consura em comentarios severos esta negligencia convertida em sistema, que prejudica a economia do estado e ofende a moralidade do regimen.

Isto diz-se e clama-se por toda a parte. Apontam-se factos e anedoctas; mas tudo continua sem remedio e sem um protesto energico e unanime da imprensa, que tem por dever zelar os interesses e a honra da cidade!

As obras na igreja de S. João d'Almedina, para alojamento do museu d'arte sacra, são o mais flagrante escandalo que possa dar a medida da anarquia e arbitrio dos serviços publicos, neste momento de dissolução e cumplicidade moral, que irrita e ofende os velhos crentes de boa-fé.

Trez meses bastariam á conclusão desses trabalhos; e contudo vinte e um mezes têm sido consumidos em delongas e desperdicios revoltantes!

E, porque me permiti um dia, neste lugar, fazer um moderado reparo á negligencia e destemperos desta malfadada empresa, a Obra publica, acintosamente persiste na mesma attitude malevola de quem se vinga e nada teme!...

Porventura pode tolerar-se tal abuso e perversidade, em materia de administração publica? Perto de nove contos, mais o indispensável appendice suplementar: cerca de onze contos ali dispendidos!!...

Porventura pode tolerar-se que, em missão official, o capricho dum funcionario de categoria superior faça do seu cargo trincheira de vinditas pessoas, hostilizando uma instituição absolutamente fecunda e necessaria á educação do trabalho e aperfeiçoamento social, agravando o descredito dos serviços da Obra publica, que exigem uma radical demolição?!...

A versatilidade de S. Ex.^a não lhe deixa ver o perigo? Será chamado á realidade, quando eu entenda lavrar o meu depoimento raso, acerca das peripecias dessas funambulescas architecturas, que ostenta, para chancela de competência técnica, – 40,50 metros quadrados de cimento armado, assente sobre soalho e vigamento do côro!!! Quando eu entenda denunciar os motivos pelos quais se azedaram as boas graças de S. Ex.^a que não encontrou nos meus escrupulos acquiescencias faceis ao seu bric-à-brac!

Afóra o muito mais que implacavelmente se dirá!...

Zebedeu

Fonte: Zebedeu, “Banalidades”, *Resistencia*, n.º 139, 28 de Julho de 1917, p. 1.

DOCUMENTO 19

1920, Abril, 30 – *Carta de Afonso Lopes Vieira ao director do “Diário de Notícias” Augusto de Castro, pedindo publicidade sobre a paragem das obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra.*

[p. 1] Meu caro Augusto de Castro

Numa recente visita a Coimbra verifiquei alguma coisa que me parece excelente incluir no capítulo em que o seu interessantíssimo jornal tem tratado dos monumentos de Arte portuguesa.

Sabe V. [ex.^a] muito bem que o grande professor Antonio Augusto Gonçalves organizou naquela cidade o Museu Machado de Castro, e que este é uma maravilha. Como complemento indispensavel, o sr. professor Gonçalves projectou ha anos estabelecer na igreja, para esse fim adaptadas, de S. João de Almedina, ligada ao Museu Coimbrão, a exposição dos objectos de Arte religiosa que por iniciativa do benemerito Bispo-Conde falecido se organizara em dependencias da Sé Nova, e aos quais se juntam muitos outros posteriormente adquiridos. Somente, e prestes a chegar o seu termo, a obra parou, porque ha anos que o sr. professor Gonçalves pede ao Estado a quantia de três contos de reis sem que a verba me seja concedida. Ouça v. o proprio mestre que me disse ha tempos em carta particular: – “Os mais ricos brocados e paramentos da mais cara magnificencia estão armazenados em monte, porque a chuva penetra na sala por todos os lados! E a segurança é tal, que exige um guarda permanente, de dia e de noite, para evitar algum atestado. Ora isso não pode continuar. Esta pendencia de 3 mil escudos que ha anos, é o facto mais ignominioso que possa rebaixar a mentalidade duma administração e dum país...”.

Agradeço a publicidade destas linhas em que me abstenho de por comentarios, e peço-lhe me creia sempre seu grato camarada e admirador.

Lisboa, 25-4-920
Affonso Lopes Vieira

Fonte: “Património Nacional ao desbarato. Coimbra-a-morta do Mondego e da Saudade”, *Diário de Notícias*, n.º 19 545, 30 de Abril de 1920, p. 1.

DOCUMENTO 20

1924, Janeiro, 5 – António Augusto Gonçalves critica o comportamento da imprensa conimbricense durante o longo processo de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra.

[p. 1] Museu de Ourivesaria

No Dia 6, – como em todos os primeiros domingos de cada mês –, está patente ao publico o *Museu de Ourivesaria*, fundado pelo falecido Bispo-Conde, e pela Republica reorganizado e anexado ao Museu Machado de Castro.

Ali se admira a acumulação de alfaias liturgicas, de diversas épocas, as mais sumptuosas; brocados e bordados preciosos, documentos valiosos e raros, dos mais brilhantes periodos da nossa grandesa historica. Colecção maravilhosa, que constitue o mais ilustre titulo de gloria para a cidade de Coimbra! ...

Alguns exemplares devem ser mencionados entre os congeneres, de mais alto apreço e fama conhecidos em museus estrangeiros.

Esta opulência é o assombro dos forasteiros! E contudo, – é forçoso que se diga: – ha infimos conimbricenses, que fazem gala de indiferentes perante a admiração geral!

Este facto só poderá ser comprehensivel para todos os que conhecem a psicologia esverdeada do indigena.

Nesta atmosfera, viciada de pequenos odios e despeitos, até os mais inteligentes se endurecem na acidês da animosidade e da intrigalha!

E, tempos, que não vão longe, a Propaganda acintosamente fingia ignorar a existência do Museu Machado de Castro! ...

Durante a diuturna luta, que se protraiu por alguns anos, para obter as condições e recursos da nova instalação, a imprensa local, com a persistencia da perversidade patologica, não poupava remoques atrevidos e insulsos, dirigidos a uma entidade vaga, que não nomeavam. Segundo a imprensa, era sobre esse incognito scelerado, que deviam recair as incriminações e a condenação dos patriotas!

Uma folha saúu-se com esta: – Consta-nos que já foram autorizadas as despesas. – Agora sempre queremos ver, que desculpas se apresentam!

Era o merecido premio a um homem que, ha 12 anos, ali trabalhava devotadamente – de graça!...

Efectuada a laboriosa mudança e aumentado o mobiliario, foram ampliadas as colecções, em disposição didactica: a mais comodada á comparação e estudo das transformações evolutivas da arte.

Pois, desde que foi inaugurado, a imprensa de Coimbra, tão impaciente e espevitada, remeteu-se ao silencio! E nem uma palavra de encarecimento, a recomendar à atenção e ao culto do publico este manancial admiravel de educação e de cultura!...

Este traço burlesco serve para dar idea da vacuidade moral e critica, com que tantas vezes são tratados os assuntos que mais interessam á civilização nacional ...

G.

Fonte: G., “Museu de Ourivesaria”, *O Despertar*, n.º 696, 5 de Janeiro de 1924, p. 1.

DOCUMENTO 21

1924, Dezembro, 26 – António Augusto Gonçalves discorre sobre a visível degradação da capela do tesoureiro, incluída na antiga igreja de São Domingos.

[p. 1] A Capela do Tesoureiro

Tem-se dito e repetido que Coimbra seria hoje, como se diz em linguagem de turismo, uma – cidade de arte –, se a ignorância inconsistente e audaz a não tivesse desfigurado, destruindo monumentos velhos e emporcalhando-a com monumentos novos.

Debalde se tem reclamado. Os governos, o parlamento, a opinião são surdos e coniventes nestes atentados, ofensivos da civilização e da dignidade nacional.

Os ingénuos acreditavam que a Lei dos serviços de arte, decretada pelo govêrno provisório, que criou os Conselhos de arte e arqueologia, continha os germens de reformas ulteriores e necessárias, a reprimir de vez roubos e devastações.

Nada disso! Os conselhos de arte, na província, são conventículos, cuja missão consiste em escrever ofícios e representações em prosa tersa; – em derramar copioso pranto sôbre as ruínas dos monumentos, que forem desabando, e registar os roubos ocorrentes. Um entretenimento honesto de bisca familiar, sem consequências de maior!...

E eis que, nesta sonolência, novo desastre se depara.

Uma das mais admiráveis obras, que a Renascença de Coimbra produziu, foi essa magnificante – Capela do Tesoureiro, na absyde da igreja de S. Domingos. Modêlo de sobriedade, de ponderação e de estilo, tem merecido apreciações de entusiasmo de historiôgrafos estrangeiros. A abóbada, reproduzida em livros pela gravura, é apontada como especimen puro do género francês do século XVI.

A architectura e a estatuaria equivalem-se.

O retábulo, duma serenidade clássica, era ornamentada [*sic*] com seis estátuas, além do quadro central – a Assunção da Virgem, por entre coros angélicos.

Foi o remate da vida do mestre prodigioso.

Ultimamente o edifício foi adquirido por uma empresa industrial. O Conselho de Arte tentou reaver para a cidade esse monumento, que faz parte da sua herança histórica. A Lisboa burocrática, como sempre, agachou-se, a coçar a pelintrice da miséria pública!...

Então apelou para a generosidade da empresa proprietária. E a aquiescência ao pedido foi desinteressada e honrosa.

Dificuldades supervenientes tem demorado a solução definitiva. Sempre a penúria ignóbil!...

Ora é nesta conjuntura que um facto inesperado surge: das duas estátuas do retábulo, que restava, desapareceu uma!

Este inexplicável desprendimento dum compromisso, firmado na seriedade pessoal dos doadores é deplorável!

Os comerciantes de velharias revolvem o país e vencem todas as resistências por processos absurdos. Dentro em pouco Coimbra acabará de ser despojada da estatuaria medieval e da renascença,

que deviam ser a títulos sagrados da sua nobreza histórica e da sua glória. Na fachada de Santa Cruz falta, dez estátuas! Muitas outas seguiram o mesmo destino!...

Providências!?... Os ministros não sabem o que sejam, nem para que sirvam figuras de Pedra!

A. Gonçalves

Fonte: A. Gonçalves, “A Capela do Tesoureiro”, *A Defesa*, n.º 34, 26 de Dezembro de 1924, p. 1.

DOCUMENTO 22

1925, Janeiro, 2 – *António Augusto Gonçalves enaltece a doação, à cidade de Coimbra, da capela do tesoureiro por parte da empresa Minerva, Limitada, proprietária da antiga igreja de São Domingos.*

[p. 1] A Capela do Tesoureiro

No propósito, que me impuz, de que êstes artigelhos não excedam a extensão de quatro tiras, acontece algumas vezes sacrificar a clareza do pensamento à brevidade da expressão.

No número anterior, sob êste mesmo título, fiz referência a um facto excepcional por forma tão escassa e lacónica que roça pela ingratidão e exige reparação de justiça.

A igreja de S. Domingos foi projectada em exageros de grandeza, fora dos decadentes recursos duma época em que ao rei piedoso eram protestadas letras na praça de Antuerpia. O templo ficou inabacado; mas, assim mesmo foi sagrado e entregue ao exercício do culto.

O tesoureiro da Sé, Francisco Martins instituiu capela na abside do evangelho. E encarregou de execução dessa grande obra decorativa – João de Ruão, o estatuário e architecto insigne, chefe principal da escola de Coimbra, que gerou artistas admiráveis.

E nesta capela, tão poderosamente concebida, se reconhece a rigorosa fecundidade e maleáveis aptidões do mestre normando. Porque o artista fantasioso, que executa a capela de S. Pedro e Porta especiosa da Sé Velha, acumulando labores e minúcias de preciosismo, é o mesmo que, decorridos 30 ou 40 anos, aceita os princípios da reacção clássica e produz o retábulo da Assunção em S. Domingos, com a ponderada sobriedade dum sectário ardente e convicto!

Sabe-se como em 34, na precipitação alucinada da aventureira expulsão dos frades, o estado se empenhou em alienar os bens das congregações, como quem alija um fardo pesado e perigoso. E a igreja dos Pregadores seguiu a sorte geral. A capela famosa, depois de vicissitudes bárbaras, sofreu estragos, mutilações e o desaparecimento de algumas estátuas do retábulo.

Ultimamente todo o edifício foi adquirido pela – Empresa Minerva, Limitada.

O Conselho de arte e arqueologia teve a ingenuidade de pretender interessar o estado na reivindicação da capela, mediante indemnização condigna.

Mal sucedido e desenganado, restava-lhe apelar abertamente para a generosidade da Empresa proprietária. Assim fez. E desde logo, nobremente, com abnegação superior a todo o elogio, a solicitação encontrou acolhimento tão brioso e fácil, que lhe dá a significação duma espontânea oferta.

A doação da Capela foi feita à cidade de Coimbra, ampla e liberalmente, sem restrições mesquinhas de hesitações condicionais!

Dádivas desta ordem são frequentemente registadas em revistas estrangeiras. Mas em Portugal pela nossa educação egoísta e avara, sem aspirações de interesse colectivo, sem crenças e sem ideais, estes casos são de tal raridade, que apenas um único me ocorre, que lhe sirva de confronto.

Esta cedência é, pois, um facto de singular magnanimidade, de civismo e de preito à arte. E há de ser comemorado, não para as ingratidões do presente, mas para os louvores do futuro!

Todavia, um pequeno óbice se levanta a enterrar o aproveitamento imediato desta acção bizarra. A entrada é um problema a resolver, ao qual pode ser dada solução provisória fácil. Assim a Câmara queira cooperar e pôr o remate nesta obra honrosíssima!

A. *Gonçalves*

Fonte: A. Gonçalves, “A Capela do Tesoureiro”, *A Defesa*, n.º 35, 2 de Janeiro de 1925, p. 1.

DOCUMENTO 23

1926, Abril, 16 – António Augusto Gonçalves relata as vicissitudes da salvaguarda dos portais do convento de Santa Ana.

[p. 1] Escombros!

O bispo D. Afonso de Castelo Branco foi talvez o mais faustoso dos prelados que têm cingido o [sic] mitra conimbricense.

Ainda há pouco existiam algumas das muitas e grandes obras com que beneficiou a cidade, afirmando a magnificência do seu zêlo e piedade.

Entre outras, é de salientar a edificação do mosteiro de Sant'Ana, com extensos dormitórios, claustro amplo e a vasta igreja, etc.

Era uma fábrica traçada no estilo ponderado e sóbrio da Restauração clássica, mas concebida com ânimo de generosa jactância.

A singular disposição da fachada principal não deu margem à ostentação de aventureiras invenções de arquitectura. Dois pórticos a toda a altura se erguiam e nêles se concentrava todo o aspecto decorativo.

Algumas largas janelas iluminavam o interior da igreja.

A composição dessas portas majestosas constituia uma das mais formosas afirmações da persistência, com que a sensibilidade e o engenho dos mestres ornamentistas das oficinas de Coimbra dessa época (1570-1620) conciliavam as novas ideias de depuração com os excessos decorativos das escolas anteriores.

Não é no sentido depreciativo que se chama de *decadência* a este período, de feição menos convencional, mas de bem mais austera e inteligente pureza.

Esses famosos pórticos estavam classificados como monumentos nacionais.

Apeados para a edificação do quartel do 23, foram caridosamente recolhidos em terreno próximo.

A reclamações baldadas sucederam contingências destruidoras, que atingiram algumas pedras. E obrigaram a nova remoção extra-oficial.

Era urgente salvá-los. Um foi aplicado em S. João d'Almedina – Museu de Ourivesaria. E o outro encontra-se amontoado como entulho, em qualquer saguão, sem esperanças de melhor futuro.

Ali ficará, repudiado e esquecido, até que um providencial avenél o estilhace e utilize na construção de um muro! E assim será apagada esta vergonhosa e burlesca fraude do carimbo do Estado sôbre velhos edifícios!

Resta agora perguntar: – Para que diabo servirá esta mentirosa chacela de protecção administrativa?

A facilidade com que tudo se reforma no *Diário do Govêrno* transferiu de novo a superintendência dos monumentos de arte, da tutoria exclusiva da engenharia, para o ministério da Instrução.

Apesar disso, Coimbra, que tem merecido a aversão dos satrapas, pouco lucrará!

Porque, neste país de grandes homens e capacidades notáveis, o acôrdo é impossível! A concordância das opiniões é sempre repelida como vexame de subalternidade!...

Há scépticos em arte, como em todas as crenças. E o scepticismo na arte é uma força bruta negativa, tão resistente como assoladora.

Sempre assim foi!

E neste sonambulismo de equívocos e de trapaças continuaremos vivendo!...

A. Gonçalves

DOCUMENTO 24

1933, Setembro, 5 – *Carta de Vergílio Correia ao “Diário de Coimbra” onde reafirma a competência e eficácia da Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte.*

[p. 1] Sr. Director – Em vista do bom acolhimento dispensado no seu jornal à minha carta do dia 3, e em consequência de certas apreciações do distinto comentário que lhe foi feito, ousou renovar estas notas, que definem a minha posição no caso da criação da Direcção do Monumentos do Centro.

Crê o comentarista da minha carta na eficiência das Direcções e na virtude das organizações para a melhor defesa dos monumentos. É uma crença que os factos desmentem, em Portugal, a cada passo; e é com todo um saber de experiências feito, resultante de um quarto de século de vida activa em contacto com monumentos, que me permite discordar. A menor ou maior extensão de um organismo, a própria competência de quem o dirige, são elementos importantes na defesa do património monumental do país, mas não são tudo. A mais eficaz protecção desse património reside na cultura geral, na difusão do sentimento da importância histórica e artística dos monumentos. É isso que os defende, evita o seu desaparecimento e as mutilações.

Com organização monárquica, republicana e ditatorial foi e tem sido possível deitar abaixo monumento nacionais, e outros que embora não estivessem classificados como tais, representavam dignamente ciclos históricos remotos.

Apontei dois casos recentes de Coimbra. E outro atentado está em projecto: a destruição da parte inferior da Torre de Menagem dionisiana da cidadela coimbrã, cuja identificação me pertence.

No caso da igreja de S. Bento só uma pessoa protestou publicamente: Viana de Lemos; na da muralha do Castelo falei eu; da Torre de Menagem intervieram já, o que escreve e Rocha Madail. Onde estavam os que agora patrocinam a criação de uma Direcção dos Monumentos do Centro?

Onde estavam os técnicos? Esses faziam o que lhes mandavam e encomendavam, e encolhiam os ombros.

Ora não acreditando, de um modo geral, na eficiência de organizações mais ou menos flamantes, tenho seguido com simpatia cada vez mais viva o sistema que o actual Director Geral dos Monumentos introduziu e pôs em marcha, o que julgo o mais simples, o mais económico e o mais eficiente: o da colaboração com os entendidos, os amadores competentes, os investigadores das terras onde há monumentos a restaurar.

Para cada monumento importante criam-se comissões de 2 ou 3 membros, um dos quais é o arquitecto director das obras. A cargo dos vogais não técnicos fica a vigilância do andamento dos trabalhos, que são dados por tarefa a encarregados livres.

O arquitecto traça e decide o que deve ser derrubado, levantado ou reconstituído, e vai à obra com maior ou menor frequência, segundo ela o exige, abandonando ao bom senso do tarefeiro e dos vogais eruditos a verificação do que se vão passando e a selecção do que vai aparecendo.

Deixam-se intactos os elementos estruturais, e os soltos, incorporados nos muros, são apartados cuidadosamente. Sobre essas relíquias procede o arquitecto à reconstituição.

Como é possível elaborar planos prévios, em empresas desta ordem, em que a própria sequencia dos trabalhos proporciona os materiais a utilizar?

O sistema tem dado resultados magníficos porque mantém as obras sob vigilante interesse de um devoto e porque aos orçamentos a despesa com um architecto, um condutor ou encarregado privativo, que teriam de permanecer no local (se fossem assíduos e se se importassem com o serviço...). Com esta organização pôde a Direcção Geral encarregar-se de restaurações de grande envergadura como as de Alcobaça, Leça do Bailio, Sé do Porto, Santa Clara a Velha, etc., e de grandes e pequenas reparações em dezenas de outros monumento, tudo com um pessoal e verbas moderadas. Esta é a parte maravilhosa do caso: com pouca gente e pouco dinheiro, a Direcção conseguiu realizar uma obra grandiosa, desmarcada no nosso meio, que se está manifestando em todas as províncias e que dá ao público a sensação absolutamente justificada de que nunca, como agora, se tratou com tanto carinho e largueza dos edificios históricos e artísticos.

A sêde de perfeição que inflama os defensores da Direcção do Centro é justificada, como são justificados todos os queixumes contra as imperfeições terrenas, abstractas e concretas. Mas é necessário neste caso, ter em consideração as possibilidades do país, até na questão das competências restauradoras, que se improvisam. António Couto, o restaurador do Sul, trabalhou vinte anos na Sé de Lisboa; Baltasar de Castro foi nomeado para os serviços do Norte, há quinze anos.

Pode, é certo, admitir-se que um architecto serve para tudo; obra nova e obra velha, pois todos vimos o sr. Adães Bermudes, como director dos Monumentos, e antes estivera à frente desse serviço o sr. Abecassis. Por isso mesmo os resultados foram aqueles a que assistimos durante tanto tempo.

Já disse que não tinha de atacar nem defender a projectada Direcção dos Monumentos do Centro. Nunca pensára nesta criação, Mas há muito entendia que a Direcção Geral devia possuir delegados regionais diplomados (até um em cada distrito se necessário fosse), à semelhança do que sucede em Espanha, onde há architectos provinciais dos monumentos. No momento presente, porém, como o serviço tal qual se encontra organizado tem dado – nunca é demais repeti-lo, – os melhores resultados, contento-me com o que está, prescindindo de aventurezas inovações.

E eis tudo, pela minha parte. Se a Direcção fôr creada, daqui a dois ou três anos se verá quem tinha razão, se eu, se os que patrocinavam a ideia. Oxalá sejam eles, para bem dos monumentos.

Agradecendo a publicação, subscrevo-me como admirador grato.

Vergilio Correia

Fonte: “Direcção dos Monumentos do Centro de Portugal”, *Diário de Coimbra*, n.º 1122, 5 de Setembro de 1933, p. 1.

DOCUMENTO 25

1933, Setembro, 9 – *Representação entregue ao Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar pedindo a criação, em Coimbra, de uma Direcção dos Monumentos Nacionais do Centro.*

[p. 1] Ex.^{mo} sr. Presidente do Conselho – Excelência: Está o território continental português dividido, para vários efeitos, em três zonas – do Sul, do Centro e do Norte, infelizmente, porém, para os serviços e cuidados de guarda, defesa, conservação, reparação e restauração dos monumentos nacionais, acha-se dividido apenas em duas – do Sul e do Norte.

E é certo que a região central é aquela que mais monumentos de extrema importância possui, espelhados pelas províncias das Beiras e parte setentrional da Extremadura. Existem aqui muitos monumentos nacionais, mais ou menos importantes, mas de todos de notável interesse; alguns são de tão assinalado valor, que qualquer deles bastaria para encher de justo orgulho o nosso brio patriótico.

A actual direcção dos Monumentos do Norte estende a sua actividade por tão dilatado território, e abrange sob a sua alçada tão grande numero de monumentos, que é absolutamente impossível, não cabe nas forças de um só homem, por mais excepcionais que sejam, exercer, com consciência e eficácia, a sua atenção vigilância, direcção, sobre todos eles.

Ha tempos a esta parte, o governo tem anualmente destinado verbas avultadas para a restauração de monumentos, e dessas verbas, uma porção tem vindo para os do Norte, isto é, para os que se encontram nas províncias de Trás-os-Montes, Entre-o-Douro e Minho-Beiras, e parte do norte da Extremadura.

É já grande o numero de monumentos felizmente restaurados em todo o Portugal.

Nos ultimos anos tem vindo verbas importantes para o distrito de Coimbra, e algumas obras vão prosseguindo nos seus monumentos, ao que não andamos acostumados.

Mas, ex.^{mo} senhor, para a aplicação conscienciosa, económica, racional dessas verbas, para a fiscalização regular dessas obras, falta, um elemento indispensável, insubstituível: um director que aqui resida, que veja com assiduidade, que dirija de perto, que providencie em tempo oportuno.

Não queremos, nem de leve, pôr em duvida a competência e zelo do actual director dos Monumentos Nacionais do Norte. A sua actividade é muito grande, a sua bondade incontestável; mas não pode fazer milagres, não tem o dom da ubiquidade: reside no Porto, e dali ha-de vigiar, ha-de superintender nas obras, que andam a correr simultaneamente em mais de 100 edifícios, espalhados por metade de Portugal desde Bragança até Alcobaca.

Não pode ser: não é razoável exigir-se dele o impossível.

Se aqui tivesse a sua séde, uma Direcção dos Monumentos do Centro, o director, vendo todos os dias os edifícios, cuja conservação lhe competia, exercia sobre eles real, assidua vigilancia, não consentiria que certos monumentos fossem conspurcados com obras particulares inconvenientissimas, que tem infelizmente sucedido a alguns.

Esta necessaria vigilancia é atribuição exclusiva das Direcções dos Monumentos Nacionais, para cuja eficácia a lei lhes faculta os meios e poderes precisos; mas estando longe o Director, os abusos

cometem-se e permanecem, com grave prejuizo dos monumentos, e descredito do país, nos olhos dos que nos visitam.

Além disso, nesta cidade, e seu distrito (não falando nos outros distritos da região do centro do país) ha verdadeiros monumentos, que por vários títulos deveriam, ha muito figurar no Catálogo dos Monumentos Nacionais, entretanto não figuram; deviam obter a protecção do Estado, não obstante conservarem-se abandonados, esquecidos, sujeitos a desaparecerem hoje ou amanhã.

Tudo isto resulta de não haver aqui, nesta cidade muito ilustre, sita no Centro de Portugal, rica de Monumentos notabilissimos, uma Direcção dos Monumentos do Centro, que assiduamente cuide de tão importante assunto.

Cidade repleta de arte e Beleza, estação essencialmente turística, visitada diariamente por grande número de hospedes estrangeiros, Coimbra bem merece esse beneficio, de que está carecendo urgentemente.

Devemos por fim considerar que esta cidade privilegiada abriga no seu seio alguns artistas, arqueologos e criticos de arte, com quem muito naturalmente o Director trocaria impressões organizando com eles uma espécie de Conselho, com vantagem para os serviços.

Existe tambem aqui um notavel núcleo de artifices, especialmente em trabalho de ferro, de cantaria ornamental, de entalhadura e de pintura como não se encontra em nenhuma outra terra. Estão eles atravessando uma crise horrível de trabalho, e revoltam-se muito naturalmente na sua consciencia.

Não sucederia isto, se aqui residisse o Director, que os conhecesse, devidamente apreciasse, e razoavelmente os preferisse na execução das obras.

Por todas estas razões, os abaixo assinados, por si e pelas representações que ostentam, veem muito respeitosa e perante V. Ex.^a representar e pedir que seja criada uma Direcção dos Monumentos Nacionais do Centro do País, com séde nesta cidade.

Sob o ponto de vista economico, esta criação, longe de importar aumento de despeza, daria lugar a importantes economias, na administração das obras na região.

Eis, senhor Presidente, o que os signatários desejam e pedem ao Governo da Republica, convencidos de que o fazem com inteira justiça.

O Presidente da Junta Geral, (a) *Bissaia Barreto*; pela Camara Municipal, (a) *João de Moura Marques*; o Presidente da Associação Comercial e Industrial, (a) *Francisco Vilaça da Fonseca*; pela Comissão de Turismo, (a) *Manuel Braga*; pela Sociedade de Defeza e Propaganda, (a) *António de Morais*; pela Escola Livre das Artes e Desenhos, (a) *Costa Rodrigues*.

Fonte: “Monumentos Nacionais. Pedindo uma Direcção no centro, com séde em Coimbra”, *Gazeta de Coimbra*, n.º 3 085, 9 de Setembro de 1933, p. 1.

DOCUMENTO 26

1934, Abril, 14 – Carta aberta de Rasteiro Fontes, dirigida a Vergílio Correia, solicitando a não colocação do pórtico de São Tomás na rua de São Salvador.

[p. 1] Carta aberta ao ex.^{mo} sr. dr. Vergílio Correia

Ex.^{mo} Senhor:

Permita-me v. ex.^a que um dos mais obscuros filhos desta terra, mas em cujo peito se alberga um coração tão genuinamente conimbricense, como bairrista, tome a respeitosa liberdade de lhe pedir que o majestoso portal de S. Tomaz, essa jóia renascentista que o saudoso artista dr. Quim Martins (Teixeira de Carvalho) cantou na mais brilhante e rendilhada prosa, não seja exposto, como vejo que está resolvido, na acanhada e pouco concorrida rua de S. Salvador!

V. ex.^a, que é um espirito verdadeiramente ilustrado, que tem em Coimbra um lugar de merecido realce pelo seu muito saber e ainda pelo devoto amôr que consagra ao nosso patrimonio artistico, predicados que a minha quasi apagada inteligencia tantas vezes tem posto em merecido destaque, ha de certamente ouvir a voz deste seu admirador, deste humilde amigo da sua terra para que tão preciosa joia architectonica, uma das mais curiosas composições da renascença que conheço em Coimbra, não seja exposta naquela obscura betesga do Bairro Alto e para ali fique escondida como objecto inutil e sem valor!

Eu sei, sr. dr. Vergilio Correia, que pelo facto de uma perola ser lançada ao lamaçal duma sargeta essa perola não perde o seu brilho nem tão pouco o seu valor!

Mas, no caso presente, há que ter em conta que o portal de S. Tomaz é exposto, precisamente, para ser visto e admirado por todos aqueles que se interessam pelas reliquias do nosso passado, pelas belezas da arte e ainda pelas produções daqueles celebres imaginarios que tanto enriqueceram Coimbra com as manifestações do seu privilegiado talento!

Não queira, por isso, sr. dr. Vergilio Correia, que esse lindo portal, cujos motivos decorativos são inspirados nas gloriosas conquistas que tanto enobreceram os nossos antepassados, fique arrumado como coisa inutil numa ruela sem movimento, quasi escondida aos olhos daqueles que nos visitam e que a Coimbra veem atraídos pela fama dos seus monumentos e das pedras sagradas pela arte que revelam!

Eu sei que a V. ex.^a – e só a v. ex.^a – se deve o interesse que vão merecendo da parte das autoridades competentes a defesa e restauração dos nossos principais monumentos.

Igualmente não desconheço que é a v. ex.^a que se deve a cedência da verba necessaria para se arrancarem do olvido a que estão votados os magnificos portais de Santâna e de S. Tomaz e cuja exposição foi agora anunciada pelo *Despertar*.

Mais uma razão para v. ex.^a deferir o pedido deste humilde e obscuro filho de Coimbra, cuja devoção pelas suas preciosidades artisticas tantas vezes tem manifestado – sem brilho nem competencia, é certo, mas com a sinceridade que lhe dão o seu provado bairrismo e o seu legitimo orgulho de conimbricense!

Locais para uma condigna exposição desse portal não faltam nesta terra de tão gloriosas tradições, tão enriquecida de edificios e monumentos do radiante periodo do renascimento.

V. ex.^a pela sua alta competencia, tem a maior facilidade na escolha dum desses locais, aproveitando aquele que lhe pareça mais conveniente para a sua melhor colocação.

Mas, por amor a Coimbra, por respeito ás suas nobres tradições de cidade artística e monumental, não queira v. ex.^a que o portal de S. Tomaz fique exposto numa das mais escuras ruelas do Bairro Alto, em local pouco ou nada acessivel a quem nos visita.

É isto o que pede a v. ex.^a um dos seus admiradores e um dos mais obscuros filhos de Coimbra.

Coimbra, 13-IV-934.

R. Fontes

Fonte: R. Fontes, “Carta aberta ao ex.^{mo} sr. dr. Vergilio Correia”, *O Despertar*, n.º 1741, 14 de Abril de 1934, p. 1.

DOCUMENTO 27

1934, Abril, 28 – Resposta de Vergílio Correia à carta aberta de Rasteiro Fontes, onde justifica a opção pelo adossamento do portal de São Tomás à fachada Norte do Museu Machado de Castro, voltada para a rua de São Salvador.

[p. 1] O portal de S. Tomaz.

Em resposta à carta aberta do ex.^{mo} sr. R. Fontes

Não poderia deixar sem resposta a carta que me dirigiu o sr. Rasteiro Fontes, distinto colaborador de *O Despertar*, jornal onde tão vigorosa e persistentemente se defendem os monumentos de Coimbra.

Devia responder, tanto para agradecer as referencias elogiosas á minha acção, como para opôr, ás reservas apresentadas á colocação do portal do antigo Colégio de S. Tomaz, no largo do Salvador – reservas ditas pelo desejo de uma valorização maior desse notavel trecho monumental –, uma justificação que creio satisfará.

Quanto ás primeiras direi que o que tenho feito pelo Museu não merece encómios. Cumpro o dever de Director, procurando engrandecer a instituição que me foi entregue, quer melhorando as instalações, quer fazendo aumentar as colecções. Num e noutro intento tenho sido ajudado pelos ministerios da Instrução e das Obras Publicas, por intermedio das Direcções Gerais de Belas Artes e dos Monumentos, e ainda do Conselho Superior de Belas Artes. Sem auxilio dessas entidades, de que serviriam os meus bons desejos? Vão os louvores para quem primeiro devem ir. Se, fora do Museu, alguma coisa tenho tentado realizar em beneficio dos monumentos citadinos, deve atribuir-se essa actividade a pura devoção ou mero interesse cultural, o que tambem não merece louvor por ser do meu agrado e representar um prolongamento logico das funções que exerço.

Quanto ao portal de S. Tomaz cumpre-me informar, antes de mais, que ele foi cedido pela Comissão de Obras do Palacio de Justiça ao Museu. Pertence ao Museu, desde 1930, essa joia de renascença regional.

Onde poderia coloca-lo?

O problema foi encarado sob todos os seus aspectos durante os três anos em que se esperou dotação para a obra. A entrada do antigo Paço do Bispo tem portada propria. No patio exterior não deveria levanta-lo, para evitar a acumulação de elementos congeneres. No patio nobre era impossível adaptá-lo em qualquer das alas, por causa da sua espessura e altura.

Existia ainda no Museu um outro patio interior reformado em estilo neo-manuelino nos começos do seculo e que em parte é utilizado para resguardo dos antigos côches.

Como esse pátio deve ser transformado em salões, depois de coberto, não servia tambem para o que se pretendia. Ficavam-me livres apenas para a applicação do portal as fachadas de norte, nascente e sul do edificio.

Do lado sul corre a íngreme rua das Covas, cuja parede não consente a adaptação. De resto entendo que essa fachada deve guardar o aspecto compacto de base de fortaleza que apresenta certamente desde a época... dos romanos.

Do lado de nascente nem o topo do anexo do Museu de Ourivesaria nem a acanhada frontaria da casa onde está instalado o “Instituto”, se prestavam á incorporação do monumento.

Que me restava, portanto? O lado de norte, o pequeno largo do Salvador, do qual o edificio do Museu está isolado por um alto muro e um agressivo pavilhão que foi cocheira dos Bispos. Foi aí que resolvi colocar o portal, estabelecendo com ele uma nova entrada do Museu para o quarto patio monumental que este ficará possuindo após as obras que se estão realizando.

A cocheira desaparecerá, permitindo o exame do segundo portal de Santâna, que está sendo encristado no topo da capela-mór da igreja de Almedina; e no muro de resguardo, desmonotonizado [*sic*] pela abertura de quatro janelas da Renascença, o portal erguer-se-á com a frente voltada para a igreja do Salvador.

Restaurada essa igreja, como o projecta a Direcção dos Monumento, o portal de S. Tomaz não será uma joia perdida num bêco sujo, mas precioso elemento de valorização monumental de mais um recanto coimbrão.

Havia uma outra solução, eu sei. Era levantar a aparatosa entrada nesse mesmo patio, mas com a frente voltada para o interior. Nessas condições, porém, a obra tão conhecida e apreciada dos conimbricenses perderia em categoria e utilidade, aparecendo encostada a uma parede, relegada a simples curiosidade de Museu...

E eis tudo.

O sr. Rasteiro Fontes, é, dentro da Imprensa de Coimbra, que tão devotados defensores do patrimonio artistico citadino conta, um dos mais ardorosos, aprecio o esforço benemerito que representa a sua colaboração voluntaria, mantida anos seguidos num ou mais periodicos, na defesa das velharias locais. Por isso muito gostosamente lhe vim trazer as razões que me levaram a proceder como procedi no caso da colocação do portal de S. Tomaz.

Vergilio Correia

Fonte: Vergílio Correia, “O portal de S. Tomaz. Em resposta à carta aberta do ex.^{mo} sr. R. Fontes”, *O Despertar*, n.º 1745, 28 de Abril de 1934, p. 1.

DOCUMENTO 28

1935, Maio, 7 – *Vergílio Correia disserta sobre as directrizes museológicas implementadas e a implementar no Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Arte e arqueologia.

Como se faz um Museu.

Pelo prof. dr. *Vergílio Correia*

A formação de um Museu provincial não obedece a regras fixas, a canones imutáveis, visto que a sua existência e progressos dependem das condições de vida preteritas e presentes, da região onde for creado.

Os três Museus do Estado, de que a Beira se orgulha, não se parecem. As cidades de Coimbra, Aveiro e Viseu, diferentes no passado historico-artístico, diversas no territorio que encabeçam, separadas nos factores idiossincráticos, revelam nos Museus que possuem a sua vida distinta, mesmo desprovidos como se encontram ainda de secções etnográficas, aquelas onde a fisionomia regional mais se acentua.

Ao organizar o Museu de Coimbra, – colocado sob o patronato nominal do grande escultor Machado de Castro, apenas ligado a esta cidade pela circunstância de ter nascido cá – António Augusto Gonçalves, como mestre de artistas que foi toda a vida, pensou em tornar a instituição um elemento util aos que vivem pela arte, dispondo as colecções em séries subordinadas a um critério de ensino industrial.

Serviram de nucleo ao Museu as colecções do Instituto, e pela incorporação de numerosas peças provenientes de capelas desafectas e de conventos extintos, Mestre Gonçalves, concentrou no edificio do antigo Paço Episcopal, que trabalhosamente adaptou, uma massa imponente de documentos, procurando expor tudo, em detrimento mesmo da ordenação e da cronologia. Mercê das suas extraordinárias faculdades artísticas, com materiais baratos, – pedra, cal e tintas de água, – o velho director (passava dos 60 anos quando tomou conta do cargo), compôs no andar terreo do palácio dos bispos essas admiráveis galerias medieval e do Renascimento, celebres tanto pela importância das peças como pela graciosidade da disposição com que soube valorizá-las. No andar alto, porém, constituído por uma correnteza de arruinadas salas, sem condições museográficas, nas quais os materiais baratos não tinham cabimento, não foi possível repetir o milagre, e aí o mobiliário, as pinturas, as louças e os metais, acumulados como em arrecadação, apareciam perante o público com o aspecto irregular de uma exposição provisória. Para a apresentação conveniente de tudo quanto possuía, o espaço não chegava.

Pela adaptação da Igreja de S. João de Almedina, a colecção das Pratas do Bispo Conde Bastos Pina, passou para junto do Machado de Castro, com instalação mais apropriada posto que não seja ainda a que deveria possuir. Encerrada na arca de grossas paredes que é o antigo edificio religioso, essa colecção a qual Mestre Gonçalves acrescentou valiosas peças, está, pela segurança própria, isolamento e sistema de visitas, como que depositada numa casa forte. A verdade, porém é que nesta parte do Museu, como na outra, o director teve de lutar com a falta de espaço. Convenientemente dispostas, as peças de ourivesaria, preenchiam, elas só, o corpo do templo e os que são ocupados pelos tecidos.

Nestas condições, encontrei o Museu quando tomei posse do cargo de Director em fins de 1929. Após cuidadoso estudo que fizera de 1901 a 1909, das minhas qualidades e capacidade, o Mestre, obrigado pela idade a reformar-se, indicara o meu nome para a Direcção.

Eu não era um adventício da carreira. Por concurso de provas públicas alcançara em 1912 e 1916, respectivamente, os lugares de conservador dos Museus Etnológico e de Arte Antiga, os melhores museus de antiguidades e de arte do país, onde servira com Leite de Vasconcelos, grande arqueólogo, e com José de Figueiredo, eminente historiador e crítico de arte. Escolhido para professor de História da Arte pela Faculdade de Letras de Coimbra, em 1921, abandonara então o serviço dos Museus, para consagrar todo o tempo à erudição artística. Retomava, pois, pela forma das circunstâncias, a antiga carreira.

Vira trabalhar os meus antigos directores: sabia como eles faziam os seus museus. Conhecia bastantes museus estrangeiros, compreendia, por consequência das deficiências dos portugueses, e o que era necessário realizar para colocar as nossas colecções de arte e arqueologia em situação de maior rendimento cultural. Tracei, portanto, o meu plano de aproveitamento do solar, das espécies e dos materiais que a cidade e a região poderiam proporcionar para o enriquecimento da instituição que me era entregue.

Antes de deixar a direcção, Mestre Gonçalves elaborara um inventário geral das peças do Museu. O decreto de 20 985 de Março de 1932 tornou depois obrigatória a existência dos inventários, dos quais é enviado um duplicado à Direcção Geral das Belas Artes. Foi mais um bom serviço, realizado já com sacrifício de saúde, que o velho director prestou às colecções que organizara.

No lustro que vai decorrido da minha gerência foi-me possível, em relação ao edifício, reconhecer-lhe a topografia antiga e valorizá-la.

Explorando as subestruturas, verifiquei que o Paço dos bispos assentava sobre um formidável sôco de construções romanas, onde existem extensas galerias e cárceres comunicantes, cuja desobstrução total porá a descoberto o mais vasto documento de arquitectura civil latina existente em Portugal.

As sondagens ministraram peças romanas e medievais, indicadoras de riqueza de espólio que poderá, um dia, recolher-se. Como acontece em Cluny, o museu ficará instalado sobre outro museu.

Nova surpresa, não menos sensacional, que o edifício proporcionou, foi o de guardar parte da antiga igreja de S. João de Almedina e do seu claustro. Devido às obras que a Direcção Geral dos Monumentos, sob a minha solicitação, mandou executar, para alargamento da sala das antiguidades romanas, foi não só identificado o local do templo, mas também postos a descoberto os seus elementos fundamentais, podendo admirar-se já no próprio local da crasta antiga, a galeria restituída de um dos lanços. Para essa banda ficará a secção românica quando as obras chegarem a termo.

Sondado também o interior da notável porta dupla de arcos ultrapassados moçárabe, que se encontra na parede sul do edifício, descobriu-se-lhe o rústico pavimento da entrada, não permitindo o alto nível da galeria do Renascimento que prosseguisse a exploração.

Enriquecendo monumentalmente o Museu, foram erguidos, mercê do auxílio da Direcção dos Monumentos, e engastadas respectivamente na cabeceira de São João de Almedina e no muro da cerca do lado do Salvador, os ostentosos portais que foram do Convento de Santana e do Colégio de S. Tomaz,

tendo-se demolido, para que eles pudessem ser colocados em condições apresentáveis, o inestético e inútil palheiro da cocheira do palácio, que atravancava o local.

Quanto ao conteúdo do Museu procurei ordená-lo por séries cronológicas. Desse intento resultou a transformação, verificada durante o ano findo, mas salas do andar superior.

Reservados os dois vestíbulos, de nascente e poente, um para os tapetes persas, outro para os de Arroios, estabeleci em sequência lógica as salas de escultura de madeira medieval, dos séculos XVI e XVII, do século XVIII, e os Cristos. Seguem-se as do mobiliário do século XVIII, que terminam no pitoresco adjunto de cofres, arcas e bandejas, apartadas por Mestre Gonçalves na trasteria conventual. Autorizada que seja, pelo sr. Ministro das Obras Públicas, a limpeza dos velhos tectos trabalhados, a renovação dos soalhos e a pintura dos muros, o material exposto ganhará pelo enobrecimento do ambiente.

Assim mesmo, já estamos longe do armazém de bric-a-brac que se referiu Raul Brandão.

A seguir ao vestíbulo de nascente existia a Sala da Curiosidade, actualmente em obras e consideravelmente alargada pela sua integração no piso intermédio de um pavilhão novo construído sobre a face norte do edifício. No piso superior ficará provavelmente instalada a colecção doada por Camilo Pessanha, aproveitando-se nas paredes para exposição das pinturas que dela fazem parte, e que hoje, por falta de superfícies lisas, se conservação guardadas. Essa colecção foi [p. 4] recebida no Museu em duas partes, enviada uma do Museu de Arte Antiga, outra da Exposição de Sevilha. Pessimamente instalada agora numa galeria neo-manuelina do paço, que Mestre Gonçalves entaipou para o efeito, esta secção exótica, que nada tem que vêr com a massa das espécies que constituem o Museu de Coimbra, ficará, no andar referido, convenientemente isolada.

Entramos depois na secção de pintura. Aí entendi dever apartar a arte moderna da antiga. Em salas que foram pertença do extinto Conselho de Arte e Arqueologia instalei a pintura portuguesa dos séculos XIX e XX, reservando a maior dessas salas para quadros referentes a Coimbra, e a ultima da série, em homenagem ao antecessor, para receptáculo das amostras do talento polimórfico de Mestre Gonçalves: óleos, desenhos, perspectivas, cenários, estatuária, coroplastia, azulejo e vitral.

A pintura antiga distribuía por 3 salões: taboas dos séculos XVI e XVII; pintura gótica estrangeira; primitivos portugueses.

Junto fica a primeira secção que criei no Museu, a de Coimbra Antiga, na qual ordenadamente estão dispostas as pinturas, plantas, desenhos e fotografias que memoram a topografia desfigurada, e os monumentos desaparecidos da cidade.

No andar térreo, aproveitando o extremo da galeria do Renascimento, organizei com elementos existentes no Museu, e outros novos, uma Sala Manuelina, em cuja constituição foram utilizados os conhecimentos museográficos bebidos na viagem que fiz a França no ano findo.

Na ala norte do pateo estão planeadas e até em começo de execução, as salas de escultura de pedra dos séculos XVII e XVIII.

À escultura se concede, como resulta do exposto, a maior importância.

Por ela, de facto, o Museu se superiorisa, com as suas admiráveis séries que vão da época romana ao século XVIII. Conto mesmo que um dia – talvez não muito distante, - o Museu de Coimbra seja considerado oficialmente, o Museu Nacional de Escultura, tal como o de Valladolid, em Espanha.

Apesar do que tudo concorre para que o Museu de Machado de Castro seja principalmente um museu de escultura, deve-se particular cuidado por tratar-se de um Museu regional, as suas secções de mobiliário, cerâmica, pintura, ourivesaria. Em não podem dispensar-se nêles as secções de pré-história, arqueologia e etnografia.

As espécies pré-históricas que vieram do Instituto, enviou-as Mestre Gonçalves para o Museu de Antropologia. Tenho procurado, com elementos locais e outros que trouxe do sul, estabelecer a secção de Pré-História. A criação da secção etnográfica, essa depende exclusivamente de dotação mais larga, pois a que tenho, deve ser empregada somente nas aquisições de peças de arte antiga e moderna.

A dotação para compras – três mil escudos, no ano findo aumentada para cinco mil –, tenho-a gasto em comprar uma vintena de imagens góticas, das quais nove adquiridas em antiquários de Lisboa, e em satisfazer com maior ou menor atrazo os quadros de artistas contemporâneos que figuram na sala de Coimbra.

Apesar disso, o número de espécies que tem dado entrada no Museu é considerável, quasi todas vindas sem encargos para a instituição. O Museu não tem tido a auxilia-lo, materialmente – dantes como agora –, corporações que noutras cidades da província contribuem quantiosamente [*sic*] para o engrandecimento dos museus locais. Mas tem recebido, da parte das entidades oficiais, toda a assistência. Relembro, com particular simpatia, os esforços do sr. dr. Moura Relvas para a aquisição da colecção Gonçalves; o gesto gentil do dr. Aníbal Cabral cedendo as campas brasonadas de S. Bento; a acção admirável da Comissão de Obras do Palácio da Justiça, entregando generosamente o portal de S. Tomás.

Quanto não deve também o Museu Machado de Castro aos Monumentos Nacionais: – pedras lavradas de Santa Cruz, da Sé Velha, do Arnado, de Santa Clara, espólio arqueológico de Conímbriga! O remanescente das restaurações, o que surge nas pesquisas, não sai de Coimbra; entra tudo no seu Museu. Como poderemos agradecer, quanto não seja a própria cedência, o interesse pelo enriquecimento da instituição?

Como se faz um Museu?

Pois como se vê: estabelecendo um plano e executando-o, criando as secções indispensáveis, não deixando perder elementos, vigiando os desaterros e as reconstruções, de modo a recolher tudo quanto é antigo, tudo quanto vai levar às colecções, o claro-escuro das cousas que morreram... e que perduram.

Fonte: Vergílio Correia, “Arte e arqueologia. Como se faz um Museu”, *Diário de Coimbra*, n.º 1689, 7 de Maio de 1935, p. 1 e 4.

DOCUMENTO 29

1935, Maio, 27 – *Vergílio Correia descreve o processo de desmontagem do portal do colégio São Tomás e o adossamento do mesmo na fachada Norte do Museu Machado de Castro.*

[p. 337] O portal do colégio de S. Tomás

Na manhã do passado dia 18, abatida às primeiras horas de trabalho a forte vedação que substituíra, para efeitos de resguardo do edifício do Museu de Machado de Castro, do lado a igreja do Salvador, muro da cerca – desmantelado por motivos das obras que no edifício se estão realizando desde 1933 –, apareceu ante os olhares curiosos dos muitos conimbricenses que para aquelas bandas transitam, tapando a brecha e enobrecendo o Largo, o portal magnífico que até 1930 permaneceu engastado no paredrão soturno da fachada do Colégio dominicano de S. Tomás, no extremo esquerdo da Sofia.

A velha portada chegara ao último abandono, prejudicada pelo alteamento geral da rua, que a deixara enterrada quase um metro, enegrecida das poeiras, salitrada, com as colunas a desfazerem-se. Só a parte alta se mantinha íntegra. Consequências do material empregado, a pedra alva de Ançã, que se a todas sobreleva pela beleza e plasticidade, a todas ganha também na friabilidade.

Que o digam a fachada de Santa Cruz, o arco triunfal da Especiosa, a entrada do antigo Paço Episcopal, e a Porta Férrea! Trezentos anos bastam em Coimbra, para arruinar uma obra- prima.

A necessidade de levantar a fachada do Palácio da Justiça obrigou a suprimir o que restava do Colégio, [p. 338] para o lado da Sofia. E resolvido, pela Comissão das Obras, oferecer o portal ao Museu, procedeu-se ao apeamento, sob a direcção do engenheiro Castelo Branco, autor do projecto da nova frontaria, e sob a vigilância do mesmo escultor João Machado, filho do grande mestre do mesmo nome, sendo a pedraria transportada para o edifício do antigo Paço episcopal em camionetes da Câmara, amavelmente cedidas para o efeito, mediando [*sic*] parecer favorável do encarregado do Pelouro das Obras, sr. João de Moura Marques.

Concedida, em 1933, pelo Ministério das Obras Públicas, uma verba para beneficiação e levantamento do portal – que desde o século findo está incluído na lista de Monumentos Nacionais –, tomou-o à sua conta o ilustre Director dos Monumentos do Norte, architecto Baltasar de Castro, que o fez erguer com felicidade e equilíbrio, na única parte do Museu onde ele poderia ser adaptado, com proveito para o estabelecimento e para a cidade. E é justo que destaque, nesta lista já longa de colaboradores na obra de ressurreição do monumento, os nomes do mestre Manuel Cardoso, encarregado da obra, que a acompanhou com esclarecida dedicação, e do canteiro Pereira, que nela lavrou de princípio a fim, com o maior interesse e vontade de acertar.

O portal está, reconstituído, glorioso da sua sobrevivência. Quando nos muros laterais forem colocadas as janelas quinhentistas que por minha conta fui trazendo da demolição, valorizar-se-á ainda mais. E depois de restaurada a igreja de São Salvador e alargada a rua que lhe dá acesso, pela supressão da casa do sacristão que se encosta à Capela dos Sás, – que ela própria poderá ser mudada para o lado do

Norte, como se praticou com uma capela gótica florida de S. Tiago – a Alta contará um rincão monumental incomparável, encantado e evocador.

[p. 339] Todos os monumentos têm a sua história. O que acontece frequentemente é que essa história não é conhecida, porque desapareceu, ou jaz ignorada, a documentação que lhe diz respeito.

Felizmente o portal de São Tomás foi bafejado pela sorte no que se refere a testemunhos de identificação, estando impressa há mais de 30 anos e publicada no livro *Artistas de Coimbra* do cónego Prudêncio Garcia, que prefaciei em 1923, a sua certidão de idade.

Abandonado em 1540, o mosteiro fundado no século XIII na Figueira Velha, ao fundo da actual Rua Direita, e escolhido o assento para a casa sobre a nova artéria de Santa Sofia, Frei Martinho de Ledesma quisera também possuir um instituto escolar separado, colocado sob a invocação do grande Doutor. Enquanto o mosteiro primitivo desaparecia, – Inácio de Moraes, no *Elogio de Coimbra*, editado em 1554, e graciosamente posto em linguagem em 1935 pelo professor Rocha Brito, o atesta nas palavras: «Repara, era aqui que se admirava o edificio de São Domingos, mesmo à Beira do Rio» –, levantavam-se as fábricas de proporções grandiosas do Convento novo e do Colégio dos Pregadores. Longo tempo haviam de durar as obras, das quais algumas nunca chegariam a termo. Mas o Reitor espanhol não antevia então dificuldades.

Em 27 de Abril de 1547 concerta-se Frei Martim com os oficiais de pedraria, Pedro Luís, António Fernandes e João Luís, moradores em Coimbra, para estes lhe lavrarem [p. 340] um portal, pela ordenança de um debuxo que para isso fizeram.

O portal teria de vão nove palmos e de altura dezasseis, e o mais que parecesse necessário. A obra seria de pedra de Ançã, branca, e as colunas de pedra azul.

Quanto à decoração, a «corpada dos rótulos que vai sobre a volta», seria de serafins, compassados e pouco afastados uns dos outros. No meio do friso fariam um escudo com as armas reais, e nas cantoneiras ou escações, «onde estão as medalhas», colocariam dois espelhos rasgados, para dar claridade por dentro deles, ficando à face os dois corpos indicados no debuxo.

Com respeito à estatuária, a imagem de S. Tomás, de seis palmos de alto, representá-lo-ia sentado, com um livro e uma pena na mão, como quem escreve; e as outras duas imagens mediriam cinco palmos e estariam de pé, com suas divisas, da maneira que o padre Reitor dissesse. A obra devia estar pronta e assente em Agosto do mesmo ano; dentro de quatro meses, portanto.

Os lavrantes dela foram os pedreiros João e Pedro Luís, e o seu estatuário, António Fernandes, que nos meados do século de quinhentos alcançou notoriedade em Coimbra, e a quem vários documentos designam por imaginário. Em 1554 foi, como vedor, avaliar o retábulo de Pedrógão, que João de Ruão executara. Pero Luís aforara, em 1538, um chão para casas, na Sofia. Do irmão João Luís sabe-se que tomou conta da empresa do claustro de S. Tomás, em 1549.

Não entra mestre estrangeiro na traça ou execução da obra, e isso é de capital importância, porque permite aquilatar dos progressos realizados pelos portugueses na senda renascentista.

O portal é de magnífica composição, perfeito no lançamento, e na distribuição dos elementos decorativos. [p. 341] A tríplice edícula do remate é um achado felicíssimo. A harmonia do conjunto compensa das deficiências que podem notar-se na lavoura, menos delicada que a dos mestres franceses.

Sinal de lusismo estreme, encontramos-lo na escolha das figuras. Ao lado de S. Tomás, – que cobre a cabeça com uma autêntica borla doutoral das usadas em quinhentos, incomparavelmente mais interessantes que as actuais –, vemos S. Gonçalo de Amarante, com os pés junto à ponte, e o S. Paio, que fez o milagre de avolumar com uma abada de terra tirada da sua sepultura a massa da fundição de um sino. Nos medalhões estão o S. Tiago dos romeiros e o S. Bartolomeu dos endemoninhados, santos familiares aos portugueses de então.

Pelo que é e pelo que representa, o portal de S. Tomás merece admiração e respeito. Não faço, portanto mais que o meu dever, testemunhando ao terminar sincera gratidão à Comissão das Obras do Palácio da Justiça, e aos Srs. Ministro das Obras Públicas e Director Geral dos Monumentos, pelo serviço que prestaram à cidade e ao seu Museu.

Fonte: Vergílio Correia, “O portal do colégio de São Tomás”, *Obras*, vol. I, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1946, p. 337 a 341 [publicado originalmente no *Diário de Coimbra*, n.º 1708, 27 de Maio de 1935, p. 1 e 4].

DOCUMENTO 30

1937, Maio, 3 – Vergílio Correia relata a transferência do Instituto de Coimbra da casa anexa ao Museu Machado de Castro para as instalações do colégio de São Bento.

[p. 1] A mudança de sede de O Instituto

Vai a Universidade celebrar solenemente, no próximo mês, a passagem do quarto centenário da sua transferência definitiva para Coimbra, dando aos actos comemorativos, como é natural, larga parte à publicação de documentos referentes à vida e história do glorioso centro escolar.

Ela, por si, pouco mais poderia fazer do que isso.

Colaboro voluntariamente na contribuição literária, *O Instituto*, a velha sociedade literária, científica e artística conimbricense, que não tardará muitos anos em alcançar o século de existência.

Com um pouco de boa vontade *O Instituto* poderia, de facto, celebrar também em 1937 o seu primeiro centenário pois deriva, essencialmente, daquela *Academia Dramática* que alguns estudantes constituíram no Colégio das Artes, e cujos estatutos foram impressos em 1837.

Conta o nosso venerando Simões de Castro, no *Guia Histórico do Viajante em Coimbra*, que «havendo a direcção dessa sociedade consentido que uma companhia espanhola desse espectáculo no seu teatro, muitos sócios que o consideravam privativo dos estudantes, desgostosos com esta espécie de profanação passaram, no ano seguinte, a organizar outra sociedade dramática e a fundar um teatro de maiores proporções, criando a *Nova Academia Dramática* que estabeleceu arraiais no grande pátio do Colégio de S. Paulo, que lhe foi concedido pela carta de lei de 15 de Setembro de 1841, que deu aplicação a vários edifícios que haviam pertencido às corporações religiosas extintas em 1834».

«Reformados, acrescenta por sua vez Borges de Figueiredo, na *Coimbra Antiga e Moderna*, em 1849 os estatutos da Sociedade, foi creado um *Instituto* que tinha a cargo trabalhos literários e artísticos, a qual se separou da Nova Academia Dramática em 1852...[»].

Nesse ano, a 3 de Janeiro se constituiu definitivamente *O Instituto* para cultura exclusiva das ciências, belas letras e belas artes, realizando esses fins culturais por meio de sala de leitura e biblioteca privativas, de reuniões periódicas de discussão e divulgação, e da publicação de uma revista, cujo primeiro número apareceu em Abril de 1852.

Vêm de longe, como se vê, as relações da Academia com *O instituto*. Juntos no antigo Colégio de S. Paulo, primitivamente juntos depois, no Colégio dos Eremitas da Serra de Ossa...Devido talvez à origem comum e à comunidade de alojamento e que a familiaridade permitiu que, na manhã de 25 de Novembro de um ano que ainda não se perde na noite dos tempos, foi tomada pelos académicos *O Instituto*, a Bastilha... da Rua Larga.

No transe desagradável por que passava, valeu à Sociedade a boa amizade e condescendência de Mestre António Augusto Gonçalves, que ofereceu para sua instalação a casa desabitada, encravada no edifício do antigo Paço Episcopal, que faz esquina para as ruas do Salvador e Arco do Bispo. Como porém o vasto átrio dessa casa, em que muitos anos residiu o ilustre poeta Dr. Eugénio de Castro, estivesse ocupado por dois coches que haviam sido do serviço dos bispos-condes, o presidente de *O*

Instituto, o sábio e abnegado amigo Dr. Costa Lobo deu a Mestre Gonçalves trezentos escudos, para que o Director do Museu Machado de Castro construísse num dos pátios interiores um telheiro destinado a resguardar os veículos.

Tudo se passou amigavelmente, sem que o proprietário do imóvel, o Ministério da Justiça, interviesse na instalação. *O Instituto* teve sempre carácter semi-oficial académico e universitário, e nenhum mal adveio da concessão graciosa da Sociedade.

Surge, com o corrente decénio, o período de renovação e restauração monumental, recebendo todos os Museus do país atenção carinhosa quanto a conteúdo e continente. O Museu Machado de Castro ampliou-se pelo aproveitamento de todo o espaço perdido das antigas instalações episcopais e engrandece-se com a acessão de numerosas espécies artísticas, e arqueológicas.

Que fazer? Os olhos voltaram-se naturalmente para o ângulo do Arco do Bispo e da Rua do Salvador, para o edifício ocupado pelas salas e depósitos da revista de *O Instituto*, complemento da ilha isolada entre via, que foi, desde data remota, o Paço.

O ilustre Ministro da Instrução e o Director Geral de Ensino Superior e das Belas Artes conheciam bem a topografia da zona da alta onde se encontra o Museu, conheciam bem as necessidades de ampliação das colecções ali recolhidas, e quasi sem solicitação, a solução do caso apareceu, facilitada pela fundação de um novo e grandioso edifício liceal. O hóspede do antigo paço mudou-se para uma parte do Liceo do Colégio de S. Bento, onde iria ocupar as magníficas salas do primeiro andar, nas quais a biblioteca da sociedade pela primeira vez se valorizaria na medida do seu merecimento.

O Instituto perdia a sua terceira sede, mas lucraria sob todos os pontos de vista com a que lhe destinaram e de que já tomou posse oficial. A instalação do Paço era, com efeito, acanhada e deficiente, apesar de alguns trabalhos de beneficiação.

É claro que, para o Museu, também não serve como está. Mas proporciona aquilo de que a instituição agora mais precisa: espaço.

Desaparecidas as divisões internas, rasgados os muros como as circunstâncias o exigem, poderá facilmente aumentar-se com duas galerias, baixa e alta, a capacidade da secção de Ourivesaria, Tecidos e Tapeçaria.

Todos lucrarão com isso.

Começando por tratar da colaboração de *O Instituto* nas comemorações do centenário deixei arrastar a pela para um trecho da própria história de *O Instituto*. Mas, não pode constituir assunto próprio da celebração do centenário, a história da benemérita academia cultural conimbricense, tão intimamente ligada à Universidade, desde a sua fundação?

Vergílio Correia

Fonte: Vergílio Correia, “A mudança de sede de O Instituto”, *Diário de Coimbra*, n.º 2 232, 3 de Maio de 1937, p. 1.

DOCUMENTO 31

1938, Março, 14 – *Vergílio Correia descreve as obras em curso no pátio exterior de acesso ao Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Arte e arqueologia

Obras na frontaria do antigo paço dos bispos

Há dias, passando no “eléctrico” em frente do Museu Machado de Castro ouvi esta conversa entre dois passageiros, sentados num dos bancos de traz:

– Está-se transformando a fachada do Museu, observou um.

– Bem vejo. Regularizaram as janelas e fazem desaparecer o torreãozinho do ângulo, acrescentou o outro.

– Custa ver desaparecer uma coisa que sempre se conheceu, voltou o primeiro...

Saltei em terra no alto da Rua de S. João e resolvi explicar, na primeira segunda-feira, que obra se estava fazendo na frontaria do antigo Paço dos Bispos, desde 1911 Museu Regional de Coimbra.

Palácio imponente pelas dimensões e pela altura, dos lados do sul, poente e norte, o Paço oferece, de nascente, uma modesta fachada de dois andares, flanqueada da direita pela massa poderosa e patinada do frontispício da igreja de S. João de Almedina, e da esquerda pelo torreão avançado, coberto de um terracinho, semelhante a uma miniatura de cubelo de fortaleza.

Sem majestade, essa fachada poderia contudo ser graciosa e típica. O seu aproveitamento para cartaz do Museu, prejudicou todavia gravemente, quer pela inserção de elementos estranhos, quer pela aplicação de painéis de azulejo, o carácter da construção, cuja monumentalidade se diluía; acrescentando o estado ruinoso do portal, o amesquinamento do conjunto.

Resolveu, portanto, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos, do Ministério das Obras Públicas, procurar remédio para esse estado de coisas, determinando pela Direcção dos Monumentos um trabalho de unificação estilística da frontaria do Museu, que acompanharia a obra de beneficiação interna a que ali se está procedendo.

O que de antigo e artístico estava patente nessa frontaria era somente o portal quinhentista, situado sob uma série de janelas de aros singelos, seiscentistas. Mestre Gonçalves colocara na parede que forma a continuação da frente de S. João de Almedina, uma lindíssima janela manuelina que, essa, enriquecera e embelezara o recanto. Era lógico portanto que se uniformizasse, em manuelino, a parte alta da fachada. Providencialmente a transformação do edifício da sede do C.A.D.C. deixara livres as cantarias de várias aberturas, que a Direcção dessa associação educativa generosamente oferecera ao Museu. O seu aproveitamento dispensaria o transporte de outras cantarias lavradas de fora de Coimbra, e a aplicação das janelas do C.A.D.C. nos vãos das aberturas seiscentistas do andar superior completaria harmoniosamente a frontaria manuelina que se idealizára.

Assim se pensou e assim se fêz. As janelas manuelinas lá estão, com as mesmas varandas de ferro que desde o século XVII resguardam as aberturas, igualadas no aspecto com as janelas da sacada do primeiro andar de um palácio manuelino da rua das Fangas.

E surge o que não se esperava. Durante a obra o rebôco descascado permite, – pelo aparelho dos muros, pelas pedras de um arco de esquinas chanfradas, pelo empilhamento de um cunhal, e até pela linha do beiral antigo –, reconhecer que sob a actual fachada, sob parte dela, se encontrava a fachada do Paço manuelino, e que, portanto, procurando atribuir um facies manuelino à frontaria de nascente não se praticava mais que uma restituição!

Tudo ficou documentado por medidas e por fotografias, tiradas antes e depois da obra, como prudentemente soe [*sic*] fazer a Direcção dos Monumentos nos trabalhos que executa.

No alçado manuelino, o torreãozinho do ângulo destoava. Era necessário desfazer-lhe o peitoril, para que a linha das janelas pudesse ser admirada lateralmente. Ficaria o torreão como contraforte apenas do cunhal.

Nova surpresa proporcionaram, porém, a demolição do peitoril e o levantamento das lages do terraço. O cubelo era ôco, e dentro reconhecia-se a existência de ameias, cujos espaços divisórios haviam sido entaipados.

Em vez de um cubelo tínhamos pois um corpo ameado, e esse corpo era, nem mais nem menos, que a caixa do portal de duas entradas, de arcos ultrapassados, que interna e exteriormente se descobrira engastado nas subestruturas dessa parte do edifício.

Admirável. E tanto mais digno de admiração é o achado, se se considerar: primeiro a raridade dos arcos ultrapassados de tradição moçárabe; segundo que da verificação da existência do corpo da porta dupla se deduz a realidade de uma cerca forte independente do Paço, o que, de resto, a distância a que fica o cunhal do palácio manuelino confirma.

Na passada sexta-feira o architecto Baltasar de Castro, Director dos Monumentos, deu instruções para que fosse, picados os indutos ou revestimentos do cubelo, para que se definissem exteriormente as ameias como as havíamos distinguido no interior. O resultado da raspagem foi aparecerem já algumas, por maravilha, trespassadas de finas seteiras cruciformes.

O interesse do descobrimento justificará, porventura, um recuo de alguns metros na parte da fachada que vai da esquina de nordeste do edifício, ao cunhal manuelino incorporado na face nascente. Está em estudo a solução do problema que visa isolar o corpo fortificado da notabilíssima porta medieval.

Entretanto, como a parede do ângulo se encontra, segundo a terminologia de alvanéu, podre, vai ser apeada já nesta semana.

E aqui fica, como esclarecimento para os dialogantes de há dias, e juntamente para todos os curiosos cidadãos, a explicação do que se fez, e o projecto do que se tenciona fazer.

Vergilio Correia

Fonte: Vergilio Correia, “Arte e arqueologia. Obras na frontaria do antigo paço dos bispos”, *Diário de Coimbra*, n.º 2540, 14 de Março de 1938, p. 1.

DOCUMENTO 32

1938, Agosto, 29 – *Vergílio Correia defende a supressão do arco do bispo que liga o antigo paço episcopal aos espaços anexos à Sé Nova de Coimbra.*

[p. 1] Arte e arqueologia

Supressão do Arco do Bispo

Terminou no Arco do Bispo a obra de beneficiação e embelezamento exterior do imponente edifício do Museu das Ciências Naturais, iniciada há dois anos, e que compreendeu o arranjo total dos telhados, a limpeza das fachadas e guarnições das aberturas e, por fim, o revestimento com cantaria, dos socos da face poente e de parte da face norte da construção.

Bem merecia o magnífico cubo que representa, remoçado, o velho Colégio da Companhia, esses cuidados de resguardo e aformoseamento a que a Direcção dos Edifícios do Centro procedeu com meticulosidade e superior orientação técnica e estética, sendo de justiça pôr em destaque a propósito dessa obra, os nomes dos ilustres engenheiros Carlos Pereira da Cruz e Mota Coelho, antigo e actual Director dos Edifícios, o do distintíssimo engenheiro Costa Alemão, a quem coube a parte mais difícil dos trabalhos, e o do consagrado arquitecto Luís Benavente, que desenhou alguns elementos indispensáveis à caracterização estilística do edifício.

Com a colocação de um rodapé de placas calcárias na parede nascente do arco do Bispo, completou-se o perfeitíssimo lajeamento vertical, que torneando da Rua do Cirurgião Ignácio, veio, ao longo da fachada oeste do Museu, harmonizando e regularizando os muros, alcançar as pilastras do passadiço lançado entre os Anexos da Sé Catedral – herdeira da parte do Colégio das Onze Mil Virgens –, e o palácio episcopal.

E foi êsse trabalho utilitário que me proporcionou o ensejo de escrever este artigo, cuja “doutrina” está formada há anos no meu espírito, e cuja súmula se limita a uma afirmativa: é necessário suprimir o Arco do Bispo.

Mas suprimir o Arco, porquê e para quê?

Porque não é necessário e para que a fachada oeste do Museu de Ciências Naturais ganhe toda a magestade que o arco lhe cerceia. Isto em resposta rápida, de parada. Mas há outros motivos que justificam a ablação.

Quando há poucos anos se fez passar a linha dos eléctricos sob o Arco foi necessário rebaixar a rua e logo se reconheceu o estorvo que representava para a circulação tal arcada.

Quando o Paço episcopal era residência dos prelados conimbricenses ainda se compreendia a existência da passagem alta e coberta entre os dois blocos de construções. Agora nenhum proveito tem essa passagem quer para o Museu Machado de Castro, proprietário do anexo onde está instalado o *Instituto*, quer para o Cabido.

Mas suprimir um arco numa cidade onde já tão poucos perduram, não será uma falta arqueológica?

Nisto de arqueologia, tudo é relativo. Há velho, que deve conservar-se, e velho que pode desaparecer sem que sofram a poesia, a estética ou a vestustez do ambiente.

Ora não me consta que o arco do Bispo fosse lugar atreito a serenatas; sob o ponto de vista artístico a construção é deslavadamente setecentista e quer a frontaria rejuvenescida do Museu e quer a modesta fachada do palácio acostado à Igreja de Almedina, não exigem cuidados de manutenção e inalterabilidade.

Não se cometerá portanto nenhum atentado, não se praticará nenhum acto daqueles que costumam chamar-se irreparáveis. E ganharão todos.

Lucrará o Museu Machado de Castro, que ficará isolado, como convém, na sua “ilha” entre ruas; lucrará a fachada do oeste do Museu de Ciências Naturais que se verá livres da excrescência que o ferropia [sic], lucrarão em última análise os munícipes e os forasteiros.

Olhando do alto da Rua Larga é que, melhor do que de qualquer ponto, se compreende a inutilidade do Arco e quanto a sua manutenção prejudica a visão nesse lado dos Museus.

Menos um arco, então?

Menos um arco. Mas parece-me que os únicos que poderão queixar-se da supressão serão os herdeiros do general Martins de Carvalho, que escreveu um livro acerca das *Portas e Arcos de Coimbra* – livro que apesar de impresso há anos nunca foi posto à venda –, porque esses terão de acrescentar na obra em folha solta, se um dia a lançarem no mercado, a informação de que o Arco do Bispo foi demolido...

Vergílio Correia

Fonte: Vergílio Correia, “Arte e arqueologia. Supressão do Arco do Bispo”, *Diário de Coimbra*, n.º 2686, 29 de Agosto de 1938, p. 1.

DOCUMENTO 33

1939, Maio, 22 – *Vergílio Correia descreve sumariamente as obras realizadas no Museu Machado de Castro entre 1933 e 1938, lançando ainda as previsões para os anos seguintes.*

[p. 1] Temas de Arte e de arqueologia
Obras no Museu Machado de Castro

Pede-me um amigo que lhe diga sucintamente as obras a que se tem procedido no Museu Machado de Castro, e pergunta-me o que se tenciona ainda fazer ali, para engrandecimento e embelezamento do edificio.

A resposta aí vai, tal como a elaborei para servir de base a uma informação oficial.

Não foram ainda concedidas dotações para obras nos Museus. Mas estamos certos, dado o carinho com que o Governo, por intermédio dos seus ministérios das Obras Publicas e da Educação Nacional, tem olhado para estes estabelecimentos de cultura geral e especializada, que todas as previsões serão não só realizadas, mas até excedidas durante o ciclo das brilhantes comemorações centenárias.

Segue a informação.

As obras do Museu Machado de Castro foram iniciadas em 1933 pelo desatêrro de parte das «galerias romanas» das subestruturas do edificio e de duas lojas térreas que serviam para arrecadação de materiais. Durante êsses desatêrros descobriram-se os restos da igreja românica de S. João de Almedina.

No decurso dos anos de 1935 e 1936 reconstituiu-se o que era possivel da igreja velha e do anexo claustro, cujo angulo de noroeste se encontra intacto. Levantou-se a arcada da nave sul dêsse claustro e lageou-se toda a área antiga descoberta, aproveitada para instalação da secção românica do Museu.

Em 1934 e 1935 foram ainda incorporados no edificio dois monumentos nacionais de Coimbra: os portais majestosos de Santo Agostinho, do antigo convento de Santana, erguido nas traseiras da capela-mór da igreja de Almedina, e de São Tomaz, colocado do lado do largo do Salvador.

Durante no ano de 1936, transformou-se tambem o andar inferior da ala norte do pátio central, distribuindo-se por quatro salas, todas ladeadas de cantaria amarela no seguimento do claustro de S. João de Almedina, a Secção Romana que foi inaugurada em 9 de Junho pelo então ministro das Obras Publicas, o sr. major Joaquim Abranches.

Em 1937, foi construido, sôbre o claustro velho de Almedina, um pavilhão de dois andares ocupado logo pela Sala de Curiosidades e Sala de Camilo Pessanha.

Em 1938, modificaram-se o pátio do Museu pela obturação de aberturas e transformação de outras, transformando-se tambem a fachada nascente do edificio, reconduzida à primitiva simplicidade manuelina. Desobstruiu-se e isolou-se a porta antiga de arcos ultrapassados que flanqueia a ala sul do edificio; e desaterrou-se totalmente um tramo longo das galerias romanas.

Alem destas obras, outras de grande vulto começaram a executar-se; a construção de um pavilhão contiguo ao portal de São Tomás com ligação para o corpo neo-manuelino do paço e para a casa

anexa onde estava instalado o Instituto, casa que pertence ao museu. Esse pavilhão destina-se no andar inferior a abrigar os Côches episcopais e no superior, a arrecadações de espécies do Museu.

Para o ano corrente prevê-se a conclusão desse pavilhão. Terminado este e colocado nele o material existente nas antigas arrecadações que ocupam o andar inferior, do lado poente, da parte do Paço renovada em fins do século XIX serão abertas na área dessas antigas arrecadações duas galerias paralelas destinadas à escultura dos séculos XVII e XVIII cujas espécies se encontram amontoadas, com prejuízo do Museu.

Paralelas a essas galerias ficará uma terceira destinada a completar o enquadramento do pátio de arcadas, interior, que data da reforma do século XIX.

Três das galerias claustrais desse pátio são necessárias para a instalação das colecções de espécies mobiliárias, pré-históricas e romanas.

Prevê-se ainda a ampliação da sala manuelina, que ocupa o ângulo do sudeste do edifício pelo aproveitamento de uma loja soto-posta à zona onde funciona a secretaria.

Prevê-se, também, a transformação do jardim do pátio principal do museu e o complemento das obras iniciadas no pátio exterior, largamente beneficiado em 1938.

Prevêem-se finalmente outros trabalhos de menor urgência, mas absolutamente necessários, tais como reforma geral dos telhados, e a dos tectos antigos e soalhos das alas do nascente e do sul do pátio nobre do edifício, e ainda o aproveitamento museológico da casa onde esteve instalado o Instituto de que o Museu já tem em posse legal mercê da esclarecida decisão do ilustre ministro da Educação Nacional, sr. Doutor Carneiro Pacheco.

Vergílio Correia

Fonte: Vergílio Correia, “Temas de arte e arqueologia. Obras no Museu Machado de Castro”, *Diário de Coimbra*, n.º 2 943, 22 de Maio de 1939, p. 1.

DOCUMENTO 34

1941, Novembro, 29 – *Abel Urbano, antigo membro do Conselho de Arte e de Arqueologia, solicita ao director do Museu Machado de Castro a retirada da estátua alusiva à ourivesaria, colocada no nicho do pórtico de Santa Ana (adossado à igreja de São João de Almedina), defendendo a substituição pela escultura das santas mães do século XVI.*

[p. 1] Arte e arqueologia

Estatueta pagã no lugar duma santa

O formoso pórtico apôsto no portal da antiga igreja de S. João de Almedina, profanada e convertida em Museu de antigas alfaias, paramentos e outros objectos artísticos do culto religioso, pertencia à igreja do mosteiro de Sant'Ana, fundado, nos primeiros anos do século XVII, por o bispo D. Afonso de Castelo Branco para as freiras Eremitas de Santo Agostinho.

Quando se julgou necessária, para a transformação radical do velho mosteiro em quartel do regimento de Infantaria 23, a demolição do corpo do enorme edifício do lado Norte, o qual compreendia o Côro, a Igreja e a Portaria, foram cedidos por o Ministério da Guerra os pórticos destas duas últimas dependências do mosteiro ao Instituto de Coimbra, As pedras dos pórticos, apeadas cuidadosamente quando se fez a demolição da Igreja e da portaria, passaram da posse do Instituto para a do Museu Machado de Castro.

Na ocasião do assentamento do pórtico da demolida igreja de Sant'Ana, no antigo portal de S. João de Almedina, ainda não se aplacara inteiramente a fúria iconoclasta que b̃arbaramente mutilou, destruiu e retirou dos altares imagens dos Santos, nos primeiros tempos da República. Foi, talvez, em virtude desta corrente anti-religiosa que em o nicho do pórtico, onde estivera a imagem de Sant'Ana, se colocou uma estatueta a representar a Ourivesaria, logo por baixo da Cruz que encima o mesmo pórtico!!

Esta moderna enxertia pagã numa antiga obra de arte cristã, é lamentavelmente grotesca, mas explicável no tempo de desordem mental, provocada por a política facciosa, mesmo em espíritos cultos e elevados. Na época presente, na qual tantos jacobinos façanhudos e ateus intolerantes torceram errado caminho para seguir a nova estrada de Damasco, da sua convenção a ideias conservadoras, é intolerável um atentado de lesa-arte provocado por o facciosismo político.

São inadmissíveis, sob qualquer pretexto ou finalidade, as alterações e os acrescentamentos de uma antiga obra de arte a propósito da sua restauração. O que se fez no pórtico da antiga igreja de S. João de Almedina atinge os limites do dislate ridículo por se praticar na entrada de um Museu de arte sacra.

Se as ideias que presidiram ao atentado, cuja crítica fazemos desapassionadamente, fossem aceites por o actual Director do Museu Machado de Castro, as imagens de Santos do pórtico do antigo mosteiro de S. Tomás, apôsto recentemente no portal do Museu, no Largo de São Salvador, deveriam ser substituídas por as estatuetas da Estatuária, da Pintura e da Cerâmica, ou dos deuses tutelares das obras de arte guardadas no Museu Machado de Castro.

Ao insigne arqueólogo e ilustre crítico de Arte que removeu do adro daquele Museu a estátua de Camões náufrago, por ela não satisfazer aos cânones da Estatuária, ousamos solicitar o apeamento da

estatueta da Ourivesaria do nicho do pórtico e a sua substituição por a imagem da Santa que ali esteve colocada primitivamente, se fôr conhecido o seu paradeiro.

Abel Urbano

Fonte: Abel Urbano, “Arte e arqueologia. Estatueta pagã no lugar duma santa”, *Gazeta de Coimbra*, n.º 4 327, 29 de Novembro de 1941, p. 1.

DOCUMENTO 35

1941, Dezembro – *O conservador-ajudante António Nogueira Gonçalves defende a manutenção da escultura da ourivesaria, disposta no nicho do portal de Santa Ana, que se encontra adossado à fachada principal da igreja de São João de Almedina.*

[p. 4] Passemos às impertinências do sr. engenheiro. Impertinência bem notável foi esta de vir levantar agora a questão da escultorinha, agora que não tem actualidade alguma.

O portal, com ficou dito num artigo meu, é agora uma volumosa espécie de museu para estudo e nada mais. Como qualquer outra espécie integrada no Museu ocupa o lugar que o director, atendendo à sua categoria artística, à existência já de outras obras relacionadas com ela, à necessidade de a acomodar aos espaços disponíveis, lhe entendeu dar. O seu fim, ali, é o de documentar [p. 5] a evolução das formas e das técnicas e de ser amostra dum dos diversos estádios da cultura do passado.

O portal foi aproveitado na melhor forma possível; continha uma outra espécie que lhe não pertencia e que tomou o lugar que, nas colecções expostas, convinha que se lhe desse.

Entendeu-se, e bem, que era necessário preencher o nicho, que destoava ficando sem nada.

Não podia voltar para lá a antiga escultura e recorreu-se ao processo mais sensato e mais equilibrado.

Em lugar de se escolher uma obra da mesma época aproximada do portal, que não fizesse falta nas colecções, mas que, não tendo sido estudada em função das formas do portal, chocaria com elas, modelar-se-ia e esculpir-se-ia uma outra que, pelos seus volumes, a substituísse no mesmo equilíbrio de formas.

Estava a escultura antiga sentada, sentada se modelou a nova, e, pelos atributos que se lhe colocaram nas mãos, equilibraram-se os volumes que, na outra, eram obtidos pela Virgem sentada no seu colo e pelo Menino.

Modelou-a o Mestre Gonçalves, transportou-a para pedra o ilustre escultor João Machado, pai.

Tanto era o entusiasmo de mestre Gonçalves que ia todos os dias ao atelier do escultor ver o andamento que levava.

Fizeram-na num agradável estilo renascentista. Acomodada ao lugar pelas formas e pelos volumes, aí se comemora dois grandes artistas de Coimbra e, como seu monumento e para honra dos artistas [p. 6] conimbricenses (sempre desprezados e frequentemente caluniados) ela aí está e estará. Pelo menos enquanto eu tiver alguma ingerência no Museu.

Não foi deslocada a antiga escultura por sectarismo algum. No portal, que era o da portaria do mesmo convento de Santa Ana e que está levantado noutra local do Museu, o análogo, pontifica, em nicho análogo a imagem de Santo Agostinho, imagem que é da mesma obra e, porque é da mesma obra, lá se encontra.

Nesta questão que o sr. eng. Abel Urbano levantou, dando-lhe por principal fundamento a reparação de uma obra sectária, espanta só uma coisa – é que o sr. Engenheiro esperasse tanto, tanto para exigir uma reparação e não reclamasse logo com insistência assim que o portal foi reerguido.

Os tempos eram outros e nessa época era perigoso para o pão familiar fazer-se tal reclamação com o tom e dando-lhe os motivos do artigo do sr. Engenheiro Abel Urbano.

Porque o não fez e não o fez com teimosia se dentro de si sentia as razões que agora o levaram a falar, sr. Engenheiro Abel Urbano?

Deixe-se V. Ex.^a de questões inúteis e procure que se façam reparações aos desatinos antigos, reparações que ainda estão na ordem do dia.

Foram declaradas extintas as ordens religiosas em 1834 (num tempo em que o sr. Engenheiro não vê «desordem mental provocada por política facciosa») e os conventos femininos foram acabando no abandono, na miséria e em meios de angústias cruciantes de pobres senhoras que para lá tinham entrado confiadas no valor do direito natural, na [p. 7] permanência das vontades dos fundadores e dotadores, no direito que cada um tem de dispor livremente de si.

Foram morrendo tão lentamente essas senhoras que, quando veio 1910, ainda havia restos a povoar conventos, e ainda hoje, sr. Engenheiro, ainda hoje há senhoras acabrunhadas de velhice, de miséria e de mágoas que lá viveram, que lá professaram ou que lá praticaram a regra como noviças que não chegaram a emitir votos ou como auxiliares.

Reclame para elas e para as respectivas ordens que representam os velhos e inquebráveis direitos que legítimamente são seus, os edifícios ocupados pela soldadesca que, na opinião do sr. engenheiro para aí não entrou por «motivo de desordem mental provocada por a política facciosa».

É êsse um motivo nobre de combate e, pelas razões mesmas com que o sr. engenheiro se lançou a uma pequena, quieta e inofensiva escultura, tome posse dêle e defenda-o.

Fonte: GONÇALVES, António Nogueira, *O portal da demolida igreja do mosteiro de Santa Ana*, Coimbra, Edição do autor, oficinas da Coimbra Editora, limitada, 1941 [excerto].

DOCUMENTO 36

1943, Agosto, 2 – *Vergílio Correia invoca a complexidade na aplicação de procedimentos de salvaguarda à capela do tesoureiro, uma vez que o referido monumento nacional se encontra na posse de privados.*

[p. 1] Capela do Tesoureiro

O problema da Capela do Tesoureiro, elemento que faz parte da cabeceira da antiga Igreja conventual do Dominicanos de Coimbra, é por demais complexo para que dum jacto seja resolvido. É que a solução é difícil demonstrar e a própria [...] ¹ das providências conducentes ao encerramento de um processo que se arrasta há dezenas de anos.

A meu ver a maior dificuldade com que têm deparado os historiadores, os críticos e as próprias organizações defensoras dos Monumentos, pela parte dos Ministérios das Obras Públicas e da Educação Nacional (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Junta Nacional de Educação, Academia Nacional de Belas Artes, etc.) é o facto de ser a igreja propriedade particular. Quer dizer que, Monumento Nacional, a Capela do Tesoureiro está adstrita a leis, regulamentos e disposições de protecção estadual, como se de facto pertencesse ao Estado. Por tais disposições o Estado pode e deve mandar fazer as obras de conservação e restauração que quizer nesse monumento nacional particular; mas evidentemente à custa do proprietário, visto que nenhuma obrigação tem de beneficiar o que não lhe pertence.

Que acontece ou pode acontecer? Os proprietários de imóveis como o Convento de S. Marcos ou a Capela do Tesoureiro não podem empreender trabalhos de magnitude que a própria importância dos monumentos exigiria. E nada fazem. Se o Estado os executasse equivaleria tal empresa a uma apropriação pura e simples dos imóveis, e uma expropriação paga em géneros, dado o custo elevado dos trabalhos.

Consta-nos que está em estudo uma disposição legal para resolver dentro da legislação de protecção dos Monumentos os casos análogos a este.

Por agora, tudo quanto se praticasse na Capela do Tesoureiro seria feito a título gracioso.

E em alguma cousa a Direcção dos Monumentos avaliou já a conservação do edifício. Quando há poucos anos se verificou que a abóbada do santuário ameaçava ruir, a Direcção mandou levantar uma poderosa armação de traves no valor de milhares de escudos, que lá se conserva e que impede o desabamento.

Em editorial a *Gazeta de Coimbra* acaba de solicitar medidas de protecção para a Capela, atendendo principalmente ao facto novo do aproveitamento dos gazogéneos nas camionetas de que a antiga igreja de S. Domingos, edifício particular, repetimos, é garagem.

¹ Rasurado.

Nenhuma dúvida temos em juntar a esse pedido também o nosso pedido. Mas sabemos bem que, enquanto o caso da propriedade não estiver resolvido será difícil fazer qualquer coisa a favor do monumento.

Vergílio Correia

Fonte: Vergílio Correia, “Capela do Tesoureiro”, *Diário de Coimbra*, n.º 4 416, 2 de Agosto de 1943, p.

1.

DOCUMENTO 37

1947, Novembro, 22 – *João Jardim de Vilhena questiona a ausência de um director no Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Há por aí alguém que sirva para Director do Museu Machado de Castro?

Pelo Dr. *João Jardim de Vilhena*

Possuidor de uma magnífica colecção de gravuras religiosas, às quais o povo chama *registos* e desejando que ela se não desprezasse por minha morte, visto que a reunira com cuidado, paciência e despesa, a ponto de poder ombrear com as duas únicas que nesse tempo existiam, – procurei o director do Museu Machado de Castro, António Augusto Gonçalves e fiz-lhe ciente da vontade de oferecer aquela colecção ao Museu.

O meu oferecimento foi aceite optimamente. Gonçalves mandou colocar as gravuras, com métodos, em folhas de papel pardo e metidas dentro de uma caixa de madeira, em cujo tampo, um dístico revela o nome do doador, elas estão expostas à admiração e curiosidade do público em uma das salas do Museu Machado de Castro.

Quem se der ao trabalho de examinar detidamente a colecção, verá a fantasia religiosa dos gravadores portugueses dos séculos 18 e 19, saídos das escolas de Joaquim Carneiro da Silva e de Francisco Bartolozzi e que são além destes, Domingos José da Silva, Francisco Tomaz de Almeida, Gregório, Francisco de Queiroz, Teodoro António de Lima e outros que não tiveram escola e que produziram ao sabor da sua habilidade e fantasia, como João Silvério Carpinetti, António José Quinto e muitos mais.

Na colecção há verdadeiras obras primas de gravura e elas foram apreciadas por António Augusto Gonçalves que desde esse momento foi para mim de uma grande amabilidade que me penhorou e até à sua morte, nós mantivemos as maiores relações de cordialidade.

De uma viagem que eu fiz ao norte de Itália, de visita ao meu amigo, hoje falecido, dr. Aquiles Bertavelli, autor de muitos livros sobre *ex libris*, colecionador desta espécie e possuidor de uma rica livraria sobre história que ele legou à Biblioteca de Brera (Milão), eu trouxe, por oferta dele, uma boa coleção de gravuras sobre madeira, também de assuntos religiosos, reproduções de velhos in-folios e essa colecção está hoje no Museu Machado Castro, em caixilhos parietais para comodidade do público curioso e erudito.

Tive sempre por António Augusto Gonçalves a maior admiração. A sua ciência arqueológica e a habilidade com que ele conseguiu dotar a cidade de Coimbra com um museu das mais preciosas joias artísticas que estavam espalhadas por conventos, igrejas palácios e outros depósitos e que se perderiam, se não fosse o cuidado, a boa vontade e o afã com que ele as adquiriu, - tornaram-no um director de Museu tão precioso que toda a gente dizia que dificilmente seria substituível, se algum dia, ele, por doença ou por morte deixasse de exercer o cargo da direcção de que se acha investido.

Sempre se julgou que ele era insubstituível; felizmente que o Museu não esteve sem director por muito tempo, porque se descobriu um homem, – o dr. Virgílio Correia – que o podia substituir com honra e glória para a cidade de Coimbra.

Durante todo o seu directorio manteve também com ele as melhores relações de cordialidade. Ele aceitou ofertas que eu fiz ao Museu, de variadas coisas raras e preciosas que constituíram depois uma parte dos atractivos de uma sala a que chamou das *Curiosidades*.

Ele aumentou consideravelmente a importância artística do Museu conceituado pelos portugueses e estrangeiros, como o melhor e o mais rico, depois dos de Lisboa e Porto.

E perante tanta dedicação e cuidados, desenvolvidos por ele, toda a gente dizia que ele era insubstituível. Não haveria outro que lhe pudesse seguir as pisadas e que continuasse a sua obra.

Efectivamente, o dr. Virgílio Correia era insubstituível, porque até hoje e já lá vão 3 anos desde a sua morte, ainda não se encontrou homem que o substituísse e que continue com ciência e dedicação a obra de António Augusto Gonçalves e de Virgílio Correia.

Os tempos vão passando. E parecem apostados em se deixar ao abandono a direcção de um estabelecimento que precisa, mais que qualquer outro, de um práctico, de um sábio, entendido em todas as secções de arte.

É admirável que o pessoal que toma conta do Museu lhe tenha muita dedicação e vele pela sua conservação, mas um director é um Rei e contrariando a frase de Camões, *faz forte a fraca gente* e sob a sua voz de comando ordena, dispõe, marca a posição de cada um e provê para que nada falte e cada vez mais se enriqueça, o que neste caso é, o Museu Machado de Castro.

Alguém me disse haver sido escolhido o novo director, mas que outrem se opusera por qualquer motivo. Mas se ele é assim e não há outro sem defeitos porque não se nomeia alguém da cidade de Coimbra, lente, estudante, padre, militar ou funcionário público, que interinamente exerça tal lugar, até nascer o menino prodígio, até aparecer o eleito dos Deuses, até que se possa dizer com os olhos em alvo, *Ecce Homo*.

E daqui até lá, quem quiser saber alguma coisa do Museu, independente da informação do guia que nos acompanhar na visita fica em branco, porque há três anos, o Museu Machado de Castro, da 3.^a cidade de Portugal, não tem quem o dirija, pois não há ninguém competente para assumir o cargo da sua responsabilidade, isto num país em que toda a gente é julgada competente e na verdade não se escolhem as pessoas para os lugares, mas os lugares para as pessoas e quando nós cremos que não há substituto, aparece sempre um que dá conta de si... e do resto.

O que causa maior espanto, é que as influências políticas constituídas da cidade, as pessoas de bom gosto artístico que devem desejar que uma das maravilhas de Coimbra tenha à sua frente pessoa entendida que o engrandeça cada vez mais, - não se dêem ao cuidado de remediar este mal e deixem ao abandono como coisa sem importância, o provimento de um tal lugar.

Eu, natural de Coimbra, e muito dedicado e extremoso à minha terra natal, peza-me que isto suceda e com toda a força da minha palavra não descansarei, enquanto não for dado provimento ao lugar de director do Museu Machado de Castro.

Fonte: João Jardim de Vilhena, “Há por aí alguém que sirva para Director do Museu Machado de Castro?”, *Gazeta de Coimbra*, n.º 5 199, 22 de Novembro de 1947, p. 1.

DOCUMENTO 38

1947, Dezembro, 22 – *António Nogueira Gonçalves anuncia a publicação do volume dedicado à cidade de Coimbra do “Inventário Artístico de Portugal”.*

[p. 1] Motivos de arte e arqueologia

O inventário artístico da cidade de Coimbra

Acabo de receber o primeiro exemplar do Inventário!

Entre as poucas alegrias completas que me têm sido dado registar na vida, esta é uma delas. Digo-o com franqueza por ter a certeza que o volume tem algum mérito.

Escrevi-o por encargo da Academia Nacional de Belas Artes e julgo que não desmereci da confiança que ela depositou em mim, que o meu nome não parece mal posto ali a par, como se encontra no rosto do volume, com o daquele que foi o do grande sábio, nome que perdura e que mais se avivará com o tempo, o do saudoso professor Dr Vergílio Correia.

No telegrama que acabo de enviar ao distintíssimo professor, ao sábio presidente da mesma Academia, Senhor Doutor Reinaldo dos Santos, exprimo esse mesmo contentamento e o agradecimento por me ter proporcionado realizar esta obra.

Saibam quantos...

O inventário do distrito devia ficar num só volume, conforme o que se tinha resolvido inicialmente para a publicação dos trabalhos de inventariação: tantos volumes quantos distritos.

Cedo porém o malogrado prof. Dr. Virgílio Correia verificou que o distrito de Coimbra se não poderia enquadrar em tais limites, mesmo que fosse resumida ao estritamente essencial a matéria das fichas, e vendo ainda mais que a cidade, propriamente dita, tratada mesmo desse modo, dava larga matéria de impressão. Por isso mesmo foi fazendo o inventário dos concelhos, deixando para último a cidade.

Assente finalmente publicarem-se dois volumes, combinou comigo dividir-se a cidade, ficando ao encargo de cada um certa parte. Infelizmente sobreveio o seu prematuro falecimento. Fui eu que realizei o inventário da cidade integralmente. Deixou ele escrita a maior parte da introdução que o distinto presidente da Academia completou, pela forma brilhante que é peculiar aos seus escritos.

A matéria do outro volume, o dos concelhos, deixou-a pronta: está-se neste momento a tratar de a acomodar a volume e dentro de meses aparecerá, para utilidade dos verdadeiros estudiosos, para honra da Academia, para glorificação do seu nome.

Deu-me o volume de Coimbra tantos trabalhos, proporcionou-me ao mesmo tempo tantas pequenas alegrias íntimas por descobrir e verificar coisas de história de Arte, que é com vivo prazer que o folheio agora.

Organizam-se os outros por concelhos e freguesias e dentro deste quadro se descrevem as espécies várias que são assunto deles: havia porém nesta cidade um agrupamento que tudo convencia a ter em conta, que essa divisão paroquial ia fragmentar, que era o dia da Universidade e dos seus vinte e dois colégios; resolveu-se fazer a distribuição das matérias por forma diversa, por categorias, o que produziu:

fortificações, sés, igrejas-colegiadas, mosteiros e conventos, universidades, colégios universitários, inquisição, hospitais, casas e quintas, ruas, arcos, aqueduto e fontes, capelas, cruzeiros, registos, povoações.

Antecedem cada pequena monografia de inventário, umas breves notas históricas do edifício, só com aqueles elementos [p. 8] que esclareçam a época, fases de construção e seu conteúdo. Sendo o fim da obra o de inventário, o descritivo do edifício foi feito em sua função e não de monografia geral. Termina cada uma destas resenhas por uma nota bibliográfica, mas na qual só se mencionam aquelas obras que tenham interesse para o fim em vista; história do edifício, bibliografia do edifício são coisas diferentes de história e de bibliografia das vidas que passaram por ele, das agitações intelectuais, económicas, etc. dos que dentro dos seus muros viveram.

A parte fotográfica é muito extensa e só por si representa um magnífico álbum e propaganda da primeira ordem da cidade, que a recebe inteiramente de graça. Para os próprios naturais dela e para os que nela já residam há longo tempo vem trazer revelações de motivos artísticos que nem suspeitavam que existissem.

A maior parte das fotografias foram executadas, de encomenda da Academia, pelo falecido e distinto fotógrafo que foi o falecido Manuel Abreu, acabando esse conjunto documentário o sr. Alberto Hipólito. Fotografias especiais são do grande fotógrafo lisbonense Mário Novais, que veio expressamente fazê-las. Há ainda outras, em resumido número, de Marques Abreu, Beleza, Portugal, etc.

Divide-se a parte do álbum em duas partes, uma de introdução, ilustrando o capítulo, *A Arte na cidade de Coimbra*, outra distribuída de modo a acompanhar o texto e, por isso mesmo, formando cadernos intercalados entre as folhas do mesmo texto.

Há um nome que desejo salientar, o do funcionário superior da mesma Academia, o sr. Eduardo Faria, a quem se deve a hábil e elegante paginação das estampas e que prestou em Lisboa uma cuidadosa assistência gráfica durante a impressão do volume. Testemunhar-lhe publicamente os meus agradecimentos é um acto de justiça.

Novamente digo: revejo-me no livro!

Nesta época de festas e presentes delas, não é ele um de pequeno valor que se faz à cidade.

E para que conste...

A. Nogueira Gonçalves

Fonte: A. Nogueira Gonçalves, “Motivos de arte e de arqueologia. O inventário artístico da cidade de Coimbra”, *Diário de Coimbra*, n.º 5 628, 22 de Dezembro de 1947, p. 1 e 8.

DOCUMENTO 39

1951, Junho, 19 – *Discurso da tomada de posse de Luís Reis Santos como director do Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Excelentíssimo Senhor Doutor João d'Almeida, digníssimo Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.

As palavras de V. Ex.^a sensibilizaram-me profundamente.

Depois de vinte e tantos anos de trabalho, quase, exclusivamente dedicados ao estudo e à valorização do património artístico nacional, este acto de posse constitue, para mim, plena compensação moral de incalculáveis sacrifícios, canseiras e desilusões.

Não sou político.

Sou apenas o técnico modesto que, embora tarde, alcança uma situação oficial, sem mais títulos ou recomendações que não sejam ou do persistente esforço, desinteressadamente consagrado ao estudo e ao trabalho da sua especialidade.

É-me, por isso extremamente grato afirmar, neste momento e publicamente, o grande prazer que tenho em pôr os meus limites dos préstimos ao serviço do Estado, e, ao mesmo tempo, em manifestar a minha gratidão a Sua [p. 5] Excelência o Presidente do Conselho, Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar, bem como a minha convicta admiração pela sua lucida inteligência e pelo seu espírito de justiça, verdadeiramente superiores.

Não quero deixar passar esta oportunidade sem afirmar o meu indelével reconhecimento aos Ministros da Educação Nacional, Senhores: Professor Doutor Cordeiro Ramos, a quem devo a equiparação a conservador estagiário do Museu Nacional de Arte Antiga; Professor Doutor Carneiro Pacheco, que me deu acesso ao quadro de conservadores tirocinantes; Professor Doutor Mário de Figueiredo e Professor Doutor Caeiro da Mata, que me ofereceram a possibilidade de concorrer a este lugar; e, finalmente, Sua Excelência o actual Ministro, Professor Doutor Pires de Lima, que homologou a minha nomeação e a quem apresento veementes protestos de elevado apreço e de agradecimento imperecível.

Não posso esquecer também quanto devo a V. Ex.^a, Senhor Doutor João d'Almeida, da minha mais alta consideração, que em 1944 assinou a minha nomeação de conservador-adjunto; e ao Professor Doutor Pereira Dias que era Director Geral do Ensino Superior das Belas Artes quando fiz o meu primeiro requerimento para ingressar na carreira dos Museus.

Medindo as minhas futuras responsabilidades, é com muitas e sérias apreensões que tomo conta da direcção do Museu Machado de Castro.

Conheço bem a complexidade e a extensão dos problemas inerentes ao desempenho deste espinhoso cargo; calculo as dificuldades e os obstáculos que vão surgir; sei avaliar as duras provas a que terei de submeter-me; e, se não receio o esforço e a fadiga, se conto com a energia e a resistência necessárias á realização de um plano vasto de actividades várias e constantes, temo tudo o que se não pode prever e que a vontade, por mais firme que seja, não consegue dominar.

Tenho, todavia, confiança no futuro, porque não conheço outra prática na vida, compensadora de mágoas e apreensões, que não seja a do trabalho estimulado por um ideal e realizado, sistemática, disciplinada, construtiva e apaixonadamente.

Desde os problemas relativos ao estado em que se encontra o edifício do Museu Machado de Castro, problemas de conservação, melhoramento e segurança; de pessoal; de adaptação a necessidades e a exigências artísticas, científicas e práticas; aos dos inventários, da exposição e da arrecadação das suas grandes e valiosas colecções; tudo terá de ser organizado segundo as regras da museologia com as boas normas aconselháveis em cada caso especial.

Organismo de cultura artística, funcionando no grande centro espiritual e universitário do País, este museu tem, a meu ver, um papel importantíssimo a desempenhar que, sob certos aspectos, ultrapassa a esfera de acção dos estabelecimentos idênticos do Estado.

Por um lado, complemento da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e, por outro, prolongamento do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, que devemos considerar, no ponto de vista museológico, o nosso estabelecimento central, a missão do Museu Machado de Castro, como centro de estudos de Arqueologia e História de Arte, afigura-se-me primordial.

Por isso, tanto a biblioteca, o arquivo e os laboratórios, como as reuniões do pessoal técnico, as exposições temporárias e regulares, fixas e circulantes, as conferências, lições e visitas explicadas, as monografias e publicações periódicas, os guias e catálogos, etc., deverão ser organizados com a finalidade não só de facultar aos visitantes noções e comoções estéticas, mas também de valorizar e documentar o património artístico da Beira, e oferecer aos arqueólogos e historiadores de Arte elementos de trabalho, procurando ir ao encontro dos investigadores, facilitando o estudo, desenvolvendo, no publico, a consciência do Passado, a noção do valor de obra de arte e o culto da Beleza; elevando, enfim, o nível da sensibilidade e da cultura artística dos estudantes e trabalhadores portugueses.

Ao delinear, sumariamente, os objectivos que pretendo atingir, e o futuro do estabelecimento cuja direcção tenho a honra de receber de V. Ex.^a, é meu dever prestar homenagem de respeito e admiração a três homens cuja memória ficará para sempre ligada à história do Museu Machado de Castro: patriotas credores da gratidão, não só de todos os beirões mas de todos os portugueses: o Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina, prestigioso e benemérito fundador do antigo Museu de Arte Sacra de Coimbra; o professor António Augusto Gonçalves, dedicado organizador e primeiro director do Museu Machado de Castro, mestre de espírito esclarecido e delicada sensibilidade; e o Dr. Vergílio Correia, último director do Museu, arqueólogo eminente, autor da obra extensa que é um autêntico padrão da cultura histórica do nosso tempo.

Embora exceda, neste momento, a minha competência, seja-me lícito louvar, como defensor do património artístico da Nação, que me prezo de ter sido sempre, a actividade admirável dos que trabalharam, nos últimos sete anos, no Museu Machado de Castro e, em especial, dos Senhores: Padre Nogueira Gonçalves, erudito ilustre que se impoz á consideração de todos; Eugénio de Brito da Veiga e Tito da Silva Lizardo, funcionários que prestaram ao Museu, com seus méritos e zelo, serviços de valor inestimável.

Contando com o valioso auxílio de tais colaboradores, é com satisfação e com orgulho que ocupo este lugar.

Sennhor Doutor João d'Almeida, meu excelentíssimo Director:

Sei que tenho algumas qualidades, principalmente de aplicação e persistência, para desempenhar tão difícil cargo; mas, francamente, ignoro se possuir todos os predicados necessários, e se poderei dispor dos meios indispensáveis.

Esforçar-me-ei, todavia, por utilizar o melhor possível o magnifico instrumento de trabalho e de cultura que é posto á minha disposição, a fim de levar a efeito uma obra dignificante e bem servir a Nação.

Seja como for, com o que V. Ex.^a pode contar desde já, e a cêrca disto não deve ter a mínima duvida, é com a minha lealdade e a minha dedicação.

Tenho dito.

Fonte: “O discurso do novo director do Museu Machado de Castro na altura da sua posse”, *Diário de Coimbra*, n.º 6 877, 19 de Junho de 1951, p. 1 e 5.

DOCUMENTO 40

1952, Outubro, 11 – *Memória descritiva do “Programa gráfico de remodelação” do Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Memória descritiva

Os desenhos a que se refere esta memória, traduzem esquematicamente e em linhas gerais, o programa de remodelação do “Museu Machado de Castro” – Coimbra, segundo o plano do seu actual Director, Senhor Luís Reis Santos.

Como obras principais e de maior vulto, destacamos neste plano-programa, a construção do anexo junto à capela-mór da Igreja de Almedina, a adaptação da Igreja a sala de conferência e ainda a construção de escadaria interior.

Quanto às duas primeiras obras – construção do anexo e adaptação da Igreja – estavam já incluídas em planos anteriormente elaborados, embora na parte referente à igreja, dentro de outro programa o qual integrava esta perfeitamente no plano de circulação do Museu, sem interferências de trânsito.

Na parte que se refere à grande escadaria, devemos esclarecer que o pátio por ela ocupado, embora não tenha interesse de maior, tanto no que se refere a valor artístico como arqueológico, tem no entanto a sua função de ventilação e iluminação das dependências envolventes e muito especialmente das denominadas galerias romanas.

[p. 2] Fixado pois o programa nestas linhas gerais, e após a sua revisão, rectificação e aprovação, os estudos em pormenor poderiam desenvolver-se, dando forma e expressão ao que consta do programa cujo gráfico-base prevê a distribuição dos serviços da seguinte maneira.

Rez-do-Chão

Secção de:

Visigótico e moçárabe

Românico

Gótico

Estatuária de: Renascimento e séculos XVII e XVIII

Azulejos

Coches

Sala de conferência (na antiga Igreja de Almedina)

Serviços administrativos (no anexo s/ a R. Arco do Bispo)

Secretaria

Gabinete Secretário

Arquivo

Gabinete Director

3 Gabinetes para conservadores

2 Salas de reunião.

De acordo com as disponibilidades de espaço convinha prever durante o desenvolvimento dos trabalhos a instalação dos seguintes serviços: [p. 3]

Casa forte (possivelmente nas galerias romanas)

3 Laboratórios (física, química e fotografia)

2 Oficinas (restauro, reparação e moldagem)

Depósito

Sala de pessoal menor com cozinha e sanitários

Posto da G.N.R. e Bombeiros.

Nos terrenos e prédios anexos ao edifício do lado Poente, que se previam já expropriar, seria construída a residência para o Director.

1.º andar

Conjunto dos séculos XIV, XV e transição

História de Coimbra e do Museu

Século XVI

Ourivesaria

Cerâmica

Tecidos

Barros e vidros

Conjunto dos séculos XVII e XVIII

Biblioteca (na antiga Igreja de Almedina)

Exposições temporárias (nos anexos a reconstruir sobre a Rua do Arco do Bispo).

[4] Arrecadação

Arte Moderna

Exposição de espécies variadas.

No esquema referente ao 2.ª pavimento destacam-se algumas dependências com a letra A, presentemente em obras segundo o plano previsto para o corrente ano e que como se verifica, se integram completamente no esquema elaborado pelo Directo do Museu, cujas directrizes foram fixadas anteriormente à elaboração do processo do concurso.

Coimbra, 11 de Outubro de 1952

O Architecto de 2.ª classe

Luís Amoroso Lopes

Fonte: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0379, caderno “Programa gráfico de remodelação”, assinado: o architecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 11 de Outubro de 1952.

DOCUMENTO 41

1954, Novembro, 19 – *Memória descritiva do estudo das circulações do Museu Machado de Castro.*

[p. 1] Memória descritiva

Ao pensar-se definitivamente no plano geral de circulação, base fundamental de qualquer estudo em pormenor que posteriormente se realize, e considerando-se que o mesmo se terá de desenvolver dentro das características actuais do edifício e seus anexos, havia naturalmente que fixar como ponto de partida e do maior interesse, a condução dos visitantes às secções das espécies mais recuadas fazendo-o percorrer seguida e cronologicamente as de épocas posteriores.

Deste modo, parece-me que a recepção do visitante se deverá localizar na ala norte onde se encontra exposta no seu próprio lugar a “Galeria Românica de S. João de Almedina”.

O visitante atravessará o amplo pátio central, a que serve de fundo a formosa Logia do final do século XVI, e entrará no “Átrio-recepção” através do portal de S. Tomas que se fará deslocar da Rua de S. Salvador.

A galeria de S. João de Almedina é antecedida das Secções Visigótica e Árabe, comunicando através da galeria do segundo pátio ainda com a secção românica seguindo-se a gótica, última do rés-do-chão desse corpo do Museu.

Circulando pela Logia renascentista, entra-se na ala sul reservada a conjuntos, Renascimento, Séculos XVII e XVIII, com destaque especial para as obras de Machado de Castro, artista coimbrão do século XVIII, a quem o Museu ficou devendo o seu nome.

[p. 2] Uma escada que se localiza ao fundo destas secções conduz ao primeiro andar em cujo pavimento se distribuem as seguintes colecções: Conjuntos, Cerâmica e Ourivesaria em toda a ala Sul; Tecidos, Vidros e Barros na ala nascente, reservando-se para o corpo Norte a Secção de Pintura, História de Coimbra, etc.. Esta é na realidade a localização que se nos afigura melhor para a exposição dessas colecções, porquanto é a única que nos permite iluminação superior sem prejuízo de quaisquer tectos de valor artístico, como os existentes na ala nascente.

Acontece ainda que, tornando-se necessário proceder à reconstrução as suas coberturas, pode-se desde já proceder à construção dos respectivos “lanternins velum” sem demolições de obras recentes ou em bom estado de conservação.

Julgo ainda ser de considerar a elevação do pavimento do 1.º andar dessa ala, nivelando-o com os restantes, do que resultaria maior comunidade para a circulação, beneficiando ainda todo o rés-do-chão, dessa ala, bastante acanhado, e sem prejuízo de qualquer espécie quanto ao aspecto exterior das suas fachadas. Acrescente-se que, sendo do maior interesse encarar a reconstrução dos pavimentos em betão armado, a exemplo do que já se realizou nas alas sul e nascente, a oportunidade parece-me na realidade digna de ser aproveitada.

[p. 3] Uma escada que se localiza junto à secção de “História de Coimbra”, comunica com o Átrio-Recepção, onde o visitante é reconduzido após circulação do Museu.

Como secções complementares, localizam-se os Coches no rés-do-chão da ala nascente e a Arte Sacra e Paramentos na Igreja de Almedina, que se prevê restaurar segundo as suas características iniciais.

As dependências da direcção, com todos os seus serviços inerentes, situam-se no anexo à Igreja de Almedina e com acesso pela Rua do Arco do Bispo, eliminando-se para o efeito um pequeno pátio, sem qualquer interesse artístico.

Prevê-se ainda a instalação dos serviços sanitários para os visitantes, no rés-do-chão e 1.º andar e junto ao 2.º páteo, em local acessível, mas fora das circulações gerais.

As galerias romanas que constituem a sub-estrutura de todo o edifício e se revestem de um interesse extraordinário não só para a cidade como para o próprio País, por constituírem o maior conjunto nesse género existente na Península, serão [p. 4] aproveitadas, depois, de devidamente desentulhadas e ventiladas, para exposição de Arte Românica, Arrecadações, Casa Forte, etc.

Os inconvenientes resultantes da insuficiência de luz natural será facilmente eliminado pela aplicação criteriosa de um sistema de luz artificial.

O acesso que terá de ser cuidadosamente estudado em pormenor, prevê-se em princípio pela escada projectada no Átrio de Recepção.

O acesso dos visitantes será assim feito com grande comodidade e absolutamente integrado na circulação geral.

ARRANJOS EXTERIORES

Prevê-se o estudo a que se refere esta memória o arranjo dos arruamentos circundantes e como de maior interesse a valorização do motivo árabe que se adossa à fachada principal. Este será defendido do exterior por gradeamento de ferro constituído somente por prumos.

A valorizá-lo projecta-se um pequeno páteo onde se expõem quaisquer elementos da mesma época.

Esse páteo será limitado por taludes de verdura fazendo concordância com os desníveis existentes.

[p. 5] Junto às dependências da Direcção indica-se no estudo uma sugestão para a concordância das ruas de S. Salvador e o Arco do Bispo, na qual se prevê libertar a Igreja Românica de S. Salvador das construções que ela se adossam com manifesto prejuízo do bellissimo Monumento que essa Igreja constituirá depois de restaurada.

Os acessos da rua do Arco do Bispo ao Largo da Sé Nova, cujo desnível bastante acentuado parece indicar como solução de concordância, um largo relvado em talude, poderiam fazer-se por rampa junto à Sé Nova e no eixo da Rua Borges Carneiro por escadaria ampla acompanhado o desenvolvimento do talude.

Esta é como esquema e nas suas linhas gerais, a solução que se apresenta e que poderá servir, no caso de merecer aprovação superior, base para o desenvolvimento dos estudos complementares.

Coimbra, 19 de Novembro de 1954.

O Architecto de 2.^a classe

Luís Amoroso Lopes

Fonte: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0375/01, caderno “Estudo das Circulações. Plano Geral”, assinado: o architecto de 2.^a classe Luís Amoroso Lopes, 19 de Novembro de 1954.

DOCUMENTO 42

1960, Janeiro, 15 – *Memória descritiva do “Esquema geral de circulação” a implementar no Museu Machado de Castro.*

[p. 1] O presente esquema geral de circulação do Museu Machado de Castro, em Coimbra, anula o que anteriormente se tinha fixado e constituía base aos trabalhos ultimamente aí realizados, os quais no entanto se mantêm oficialmente integrados neste novo Plano.

A alteração é imposta, essencialmente, pelos trabalhos realizados nas galerias Romanas, que constituem o embasamento do próprio edifício, e durante os quais se encontraram as escadas, ligando os dois pisos das galerias. A fim de se integrarem essas escadas, como convém, nas circulações gerais do Museu, impôs-se uma revisão ao estudo anteriormente elaborado, do que resulta o presente plano director.

Aproveitou-se o ensejo para rever determinados pormenores, tendo-se alterado o sentido das visitas, criando um amplo átrio para os visitantes, com venda de bilhetes postais, etc., dependências que o edifício presentemente não possui e onde podem figurar algumas peças de maior beleza e volume do Museu.

Uma das paredes de topo desse átrio é amplamente rasgada, de forma a mostrar, no seu conjunto, o precioso claustro de S. João de [p. 2] Almedina, primeira peça que se oferecerá à contemplação dos visitantes, como o conjunto de arte cristã mais antiga do Museu.

A visita é seguidamente conduzida através de várias salas, onde se mantêm uma regular cronologia artística, até ao final do século XV.

Numa destas salas, contíguas ao 2.º pátio, projecta-se uma escada de acesso às galerias romanas, onde se prevê a montagem das peças romanas, num ambiente que nos afigura dum interesse extraordinário, e onde a existência de escadas primitivas permite uma circulação fácil, passando-se desse modo à ala Sul do edifício, a cujo nível do rés-do-chão dá acesso uma outra escada, cujo arranque é também da época das próprias Galerias.

Desse modo percorrem-se as Secções dos Século XVI/XVII e XVIII até um amplo átrio onde se projecta a principal circulação vertical.

No 1.º andar mantém, sensivelmente, o que consta no anterior plano de circulação, rectificando-se alguns pormenores. Verifica-se todavia que a êste pavimento apenas uma escada dará acesso, em vez de duas, como consta do estudo anteriormente elaborado, do que resultam largas vantagens sobretudo de vigilância.

A circulação na galeria superior reserva-se para a parte final da visita, oferecendo-se então aos visitantes a belíssima [p. 3] panorâmica que daí se desfruta.

Anexa ao edifício do Museu e comunicando directamente com o átrio de recepção, situa-se a Igreja de São João de Almedina cujo restauro se conduz de forma a apresentar-se um conjunto religioso do século XVIII, devidamente engalanado com o aproveitamento do belíssimo recheio de que dispõe o Museu.

As restantes dependências, anexas ao Museu, mantêm a utilidade funcional para que foram recentemente adaptadas, ou sejam: Serviços Administrativos, Arrecadação, laboratório, etc...

A estimativa global, indica-nos o custo provável de 1 470 000\$00, do qual se excluem os trabalhos de arqueologia a enfrentar nas Galerias Romanas e no embasamento exterior de parte do edifício, assim como as expropriações a realizar e cujo interesse cada vez mais se acentua.

É evidente a possibilidade de enfrentar esta realização em fases consecutivas, mas que se aconselham com continuidade regular, já que o volume da obra impõe forçosamente um período mínimo de 2 anos para realização integral do Plano.

Anexo figura em esquema o escalonamento dos trabalhos.

Coimbra, 15 de Janeiro de 1960

O Arquitecto de 2.ª classe

Luís Amoroso Lopes

Fonte: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0347, caderno “Esquema geral de circulação”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 15 de Janeiro de 1960.

DOCUMENTO 43

1966, Outubro, 20 – *Entrevista do “Diário de Coimbra” ao director Luís Reis Santos, onde são revelados os pormenores da passagem da capela do tesoureiro para o segundo pátio do Museu Nacional de Machado de Castro.*

[p. 1] Ficaré no Museu Nacional de Machado de Castro a «Capela do Tesoureiro» – revelou-nos o sr. Prof. Reis Santos

Da Rua da Sofia – outrora a mais nobre artéria da cidade, cujo nome (sophia – saber, ciência) lhe viria de ali terem construído em grande número as escolas e colégios conventuais criados após a fixação definitiva da Universidade (1537) – desaparecera, já há tempos a Capela do Tesoureiro, assim denominada por ter sido mandada construir pelo tesoureiro da Sé, Francisco Martins.

Interessava saber qual o destino dado a esse valioso espécime da primeira Renascença coimbrã, ao lado esquerdo do templo inacabado do convento de S. Domingos (cf. Fr. Luís de Sousa, «História de S. Domingos»), até há meses transformado em garagem de camionagem.

Procurámos o sr. Professor Luís Reis Santos da Faculdade de Leras e director do Museu Nacional de Machado de Castro, também membro da Comissão Cultural da Câmara Municipal que quando pertenceu à Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, tanto se empenhou em [p. 5] fazer respeitar a arquitectura da rua da Sofia, anterior ao século XVIII.

Regressado há dias apenas de uma viagem à Bélgica, à Itália e à França, a fim de participar em congressos e proceder a estudos em Museus e Arquivos, amavelmente nos recebeu e esclareceu.

O sr. Prof. Reis Santos habilitou-nos a poder revelar qual o destino dado à Capela do Tesoureiro.

Cabe-nos, porém, antes de mais recordar, ter o sr. Prof. Reis Santos, em 1953, no Congresso de História da Arte, então realizado em Paris, perante conclusões que obteve através de cuidadas investigações e do estudo do estilo de Jacques Loquin, atribuído, com incontroverso fundamento, a esse escultor a autoria do púlpito de Santa Cruz, dos baixos-relevos do claustro desse antigo mosteiro, dos pequenos altares do Jardim da Manga e da Capela do Tesoureiro.

Foi em presença das continuadas referências à Capela do Tesoureiro que o sr. Prof. Reis Santos veio esclarecer o assunto, com autoridade e de sorte a merecer do presidente do aludido Congresso, Mr. Pradel, conservador da Secção de Escultura do Museu de Louvre, este comentário elogioso: – «Finalmente estamos aliviados quanto à identificação do autor do púlpito de Santa Cruz!».

E é o sr. Prof. Reis Santos quem, ao recordarmos-lhe agora esse facto, nos faz ver pormenores do estilo de Jacques Loquin – artista de trabalho «mui miúdo» como refere o cronista de Santa Cruz, que soube fazer da Capela do Tesoureiro um repositório de vasta e raríssima documentação sobre a actividade em Portugal dos escultores franceses do século XVI.

O sr. Prof. Reis Santos acentuou:

– Quer pela história da capela e quer pelo valor artístico da obra, sou de opinião que a capela nunca devia sair do seu lugar. Aliás como sabe, a Capela do Tesoureiro está classificada como

monumento nacional e, quanto a mim, o Estado devia tê-la restaurado no local para onde foi executada. Razões que não me compete apreciar, levaram, porém, o Estado a autorizar que ela fosse desmontada,

– Mas não fora destinada a uma igreja?

– Parece ter havido combinação para que fosse integrada numa igreja a construir pela diocese em Coimbra, mas não foi realizado esse projecto, procuraram dar-lhe outro destino.

– Pode dizer-nos qual foi?

– Em dada altura, recebi um ofício a consultar-me sobre a hipótese da capela ser integrada no Museu Nacional de Machado de Castro, uma vez que era retirada do seu local. Recebi a sugestão com entusiasmo. E certo é que, graças aos estudos conscienciosos do arquitecto Amoroso Lopes, cuja competência técnica e carinho desvanecedor nunca me cansarei de enaltecer, foi alterado o plano inicial do Museu; e no terceiro pátio, por trás do anexo, está neste momento a começar a reconstrução da capela do Tesoureiro. Vai ficar com a entrada para o segundo pátio, que será arrelvado e ficará possivelmente com um espelho de água ao centro.

– Será mais um atractivo do nosso Museu...

– Se por um lado ocupa o espaço que tinha outro destino – e um dos grandes problemas do Museu é o da falta de espaço – por outro permitirá expor, adornando os seus nichos, esculturas da mesma época, o que valorizará consideravelmente o conjunto que, como todos sabem, é no seu género, o mais rico do País.

– Na opinião do sr. Professor o arranjo é feliz?

– De facto a reconstrução da capela não podia ser confiada a pessoa mais competente e zelosa do que é o arquitecto Amoroso Lopes. Foi felicíssimo no arranjo que concebeu e delineou.

– Em breve poderemos admirar a capela do Tesoureiro no nosso museu, não é verdade?...

– Sim, espero que ela esteja reconstruída no próximo ano, bem como concluídas, também, as salas que o Museu vai abrir com núcleos muito valiosos que até hoje não foi possível apresentar condignamente.

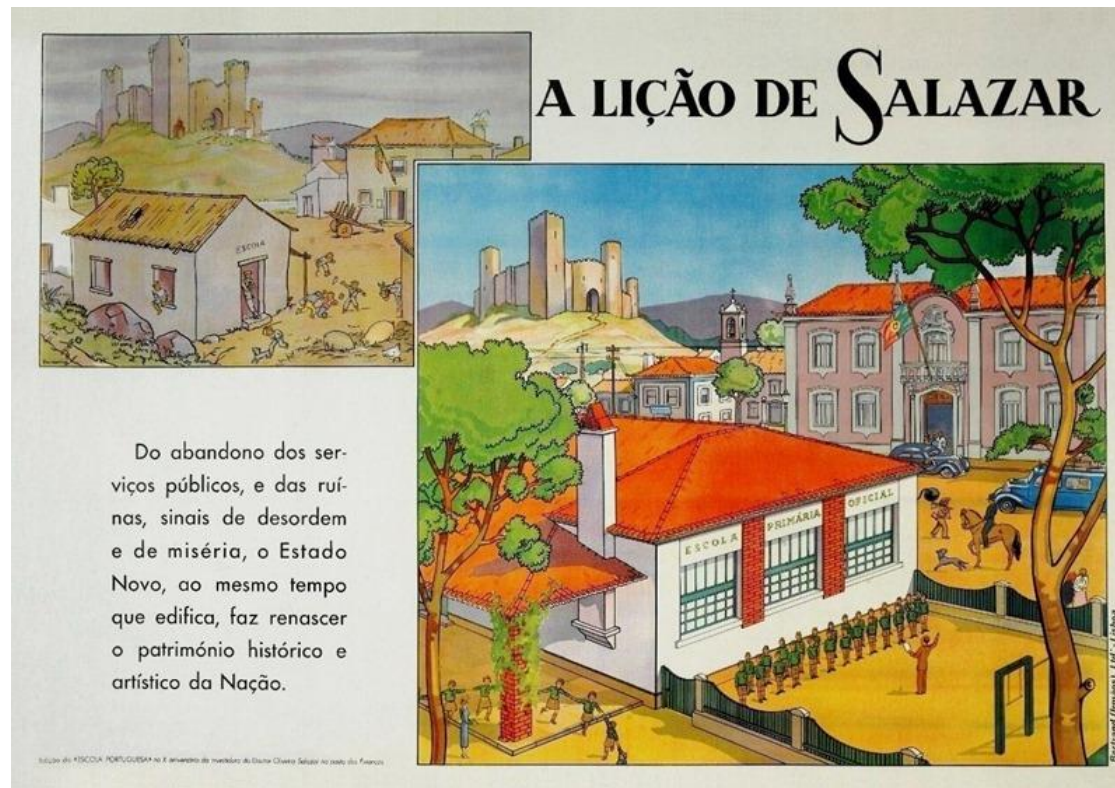
Resta-nos apenas agradecer estes preciosos esclarecimentos ao sr. Prof. Luís Reis Santos e agora congratular-nos por poder anunciar aos nossos leitores que dentro em breve, no Museu Nacional de Machado de Castro já se admirará a capela do Tesoureiro cuja abóbada Lucien Magne qualificou como “uma das formas mais originais de abóbada em nervuras entrecruzadas, limitando em painéis os ornatos interiores”.

Fonte: “Ficará no Museu Nacional de Machado de Castro a «Capela do Tesoureiro» – revelou-nos o sr. Prof. Reis Santos”, *Diário de Coimbra*, n.º 12 375, 20 de Outubro de 1966, p. 1 e 5.

Fontes Icononímicas

IMAGEM 1

A Lição de Salazar (cartaz)



1 – *A lição de Salazar*, Lisboa, SPN, Edição “A Escola Portuguesa”, montagem de Martins Barata, 1938.

Fonte: “Visualizing Portugal: The New State (1933-1974)” (<https://visualizingportugal.squarespace.com>, consultado no dia 2014/05/29).

IMAGEM 2

Comemorações centenárias de 1940 na imprensa conimbricense

Gazeta de Coimbra

Redacção e Administração: Largo da Inquisição, 6-1. — Telefone 351
Administrador — Augusto Ribeiro Arrobas

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
João Ribeiro Arrobas

Officinas de composição e Impressão: Largo da Inquisição, 26 e 27
Editor — Diamantino Ribeiro Arrobas

Avulso \$40. O jornal mais antigo de Coimbra. — Publica-se às terças, quintas e sábados. Avançado

1140 PORTUGAL! 1940

Portugal comemora hoje 8 séculos de existência, que constituem as páginas mais fulgurantes da História dos Povos da Europa, sublime epopeia de glórias e virtudes que ressurgem neste momento com o esplendor e o brilho das suas épocas áureas. Coimbra, onde repousam na vetusta das pedras lavradas da maravilhosa igreja de Santa Cruz, os restos do fundador da Nacionalidade, ligada aos factos mais notáveis e retumbantes da História-Pátria por indelévels laços que lhe deram lugar de inconfundível relêvo, associa-se calorosa e jubilosamente às comemorações que na hora presente galvanizaram a Nação, afirmando assim mais uma vez o seu acendrado patriotismo.

EM COIMBRA

As comemorações de hoje

A's 9 horas, no templo de Santa Cruz, o sr. Bispo Conde celebrou missa, a convite da Associação Escolar do Liceu Nacional D. João III, em acção de graças pelas Glórias de Portugal.

Durante aquele acto, fez ouvir o Orfeão do Liceu, regido pelo professor, sr. Ilídio Cutilo, sendo benzida a bandeira daquela Associação.

A's 11 horas, será hasteada a bandeira da Fundação na muralha do antigo Castelo (Largo do Castelo), e desceramento de uma inscrição aberta num dos silhares da muralha e discurso do comandante do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2, sr. coronel Gaudencio Trindade, sobre a história do Castelo de Coimbra e o seu papel na consolidação da independência.

A's 15 e meia horas, conferencia no ginásio do Liceu D. João III, pelo sr. dr. Damilão Peres, a qual versará sobre «A Fundação de Portugal».

A sessão solene na Universidade

A' sessão solene que no próximo dia 8 se realiza na Universidade e na qual discursarão os srs. drs. Manuel Lopes de Almeida e Damilão Peres, professores da Faculdade de Letras, presidirá o sr. ministro da Educação Nacional, que representará o sr. Presidente da República, assistido também os srs. ministro das Obras Publicas e Comunicações e Sub-Secretário de Estado das Finanças.



2 – Gazeta de Coimbra, 1.ª página.

Fonte: Gazeta de Coimbra, n.º 4 099, 4 de Junho de 1940, p. 1.

IMAGENS 3 a 6

Exposição Histórica do Mundo Português (1940)



3 – Entrada principal da Exposição do Mundo Português.



4 – Pavilhão da Vida Popular.



5 – Pavilhão da Fundação de Portugal.

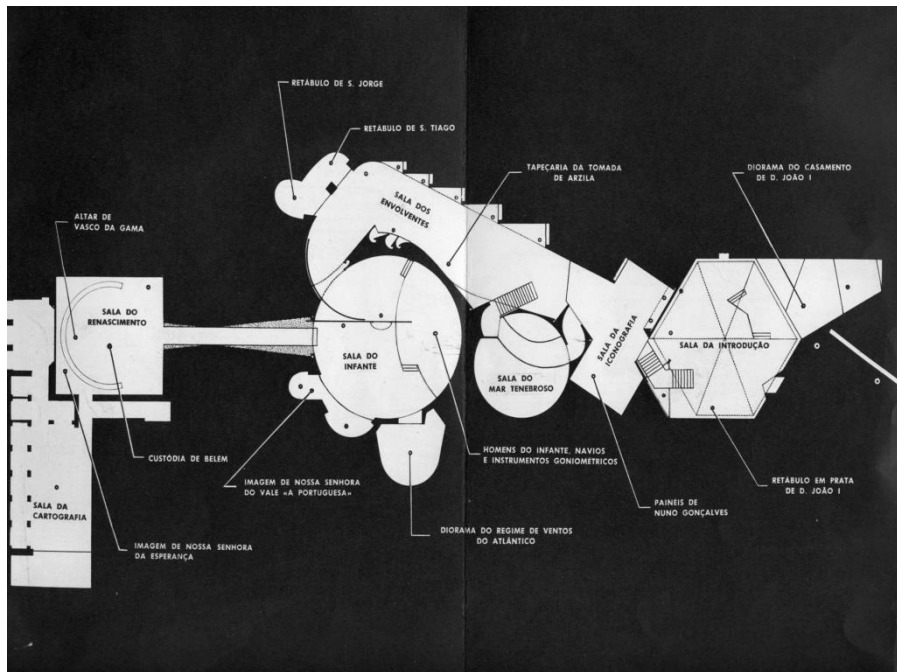


6 – Reconstituição de uma aldeia portuguesa.

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, álbum da Exposição do Mundo Português, fotografias do estúdio Horácio Novais.

IMAGENS 7 a 10

Exposição Henriquina (1960)



7 – Planta da Exposição Henriquina.



8 – Aspecto geral da “Sala de Introdução”.



9 – Representação pictórica da tomada de Ceuta (obra de Júlio Resende) e escultura alusiva ao episódio histórico em que D. João I arma os seus filhos cavaleiros no Norte de África (obra de Lagoa Henriques).



10 – “Sala dos Envolventes”. Reproduções de iluminuras e da escultura do cavaleiro medieval (n.º inv. MNMC 704).

Fonte: *Exposição Henriquina*, Lisboa, Comissão executiva das comemorações do V centenário da morte do infante D. Henrique, 1960.

IMAGENS 11 a 16

António Augusto Gonçalves



11 – António Augusto Gonçalves (finais do século XIX).

Fonte: *O Despertar*, n.º 1 807, 14 de Dezembro de 1934, p. 1.



12 – António Augusto Gonçalves em 1896 (foto J. Sartoris).

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-1.



13 – António Augusto Gonçalves no seu ateliê na Rua dos Coutinhos (1928).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



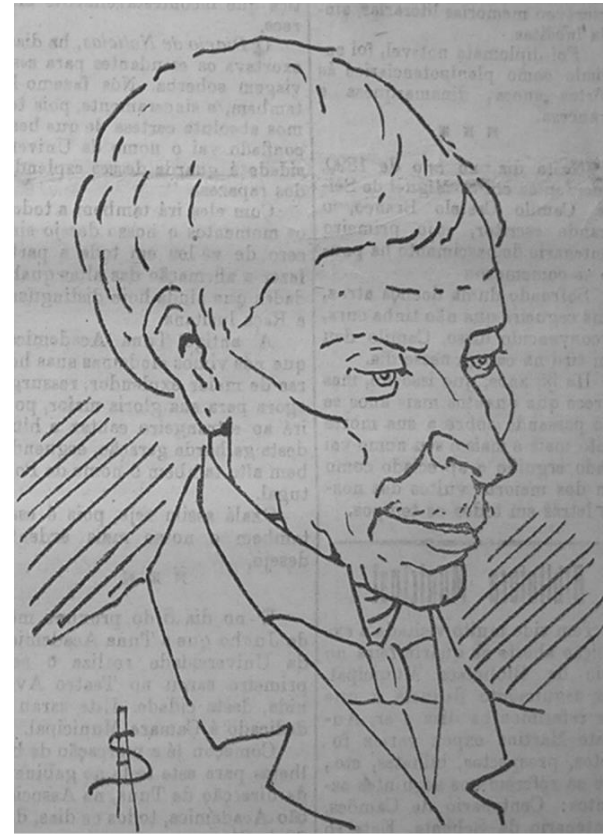
14 – António Augusto Gonçalves, nos últimos anos da sua vida (foto Rasteiro).

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-1.



15 – Autor: Serra.

Fonte: *Gazeta de Coimbra*, n.º 318, 4 de Novembro de 1933, p. 6.



16 – Autor: S A [Saul de Almeida].

Fonte: *Gazeta de Coimbra*, n.º 37, 5 de Novembro de 1911, p. 1.

IMAGENS 17 e 18

Escola Livre das Artes do Desenho



17 e 18 – Visitas de estudo da Escola Livre das Artes do Desenho a Montemor-o-Velho e ao mosteiro da Batalha

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



IMAGENS 19 e 20

António Augusto Gonçalves, o professor



19 – Grupo de Professores da Universidade de Coimbra. Da esquerda para a direita - António Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcelos, Eugénio da Costa e Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



20 – Corpo docente da Escola Industrial Brotero.

IMAGENS 21 e 22

Restauro da Sé Velha



21 e 22 – Desenhos dos capiteis das naves laterais da Sé Velha
(autor: António Augusto Gonçalves).



Fonte: MNMC, D73 e D75.

IMAGENS 23 e 24

Restauro da igreja de São Tiago



23 e 24 – António Augusto Gonçalves e o arquitecto Baltasar de Castro durante o restauro da igreja de S. Tiago (1930).



Fonte: Fotografias de Marques Abreu (publicadas na *Ilustração Moderna*, Vol. III, 1931-1932, p. 71 e 72). Exemplares do AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 25 a 30

Museu de Antiquidades do Instituto de Coimbra



25 e 26 – Sala 1: época romana e medieva (fotografias de Mesquita Figueiredo).

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-6.





27 – Sala 2: barros e azulejos.



28 – Sala 3: conjuntos artísticos.

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-6.



29 e 30 – Sala 4: escultura em pedra do Renascimento.



Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-6.

IMAGENS 31 e 32

D. Manuel Correia de Bastos Pina



31 – D. Manuel Correia de Bastos Pina.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 3, 12 de Março de 1906, p. 86.



32 – Visita real a Coimbra. Foto registada no paço episcopal onde se identificam, entre outros, o próprio bispo conde (no cimo das escadas), os monarcas D. Carlos e D. Amélia (no meio), Quim Martins e A. A. Gonçalves (em baixo). Início dos anos 90 do século XIX.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 33
Vergílio Correia



33 – Vergílio Correia com as insígnias universitárias.

Fonte: Vergílio Correia, *Obras*, vol. I, p. [4].

IMAGENS 34 e 35

Vergílio Correia e as ruínas de Conímbriga



34 e 35 – Vergílio Correia numa visita às ruínas de Conímbriga, realizada no dia 9 de Maio de 1943 (organização da SDPC).



Fonte: *O Despertar*, n.º 2 658, 26 de Maio de 1943, p. 1.

IMAGEM 36

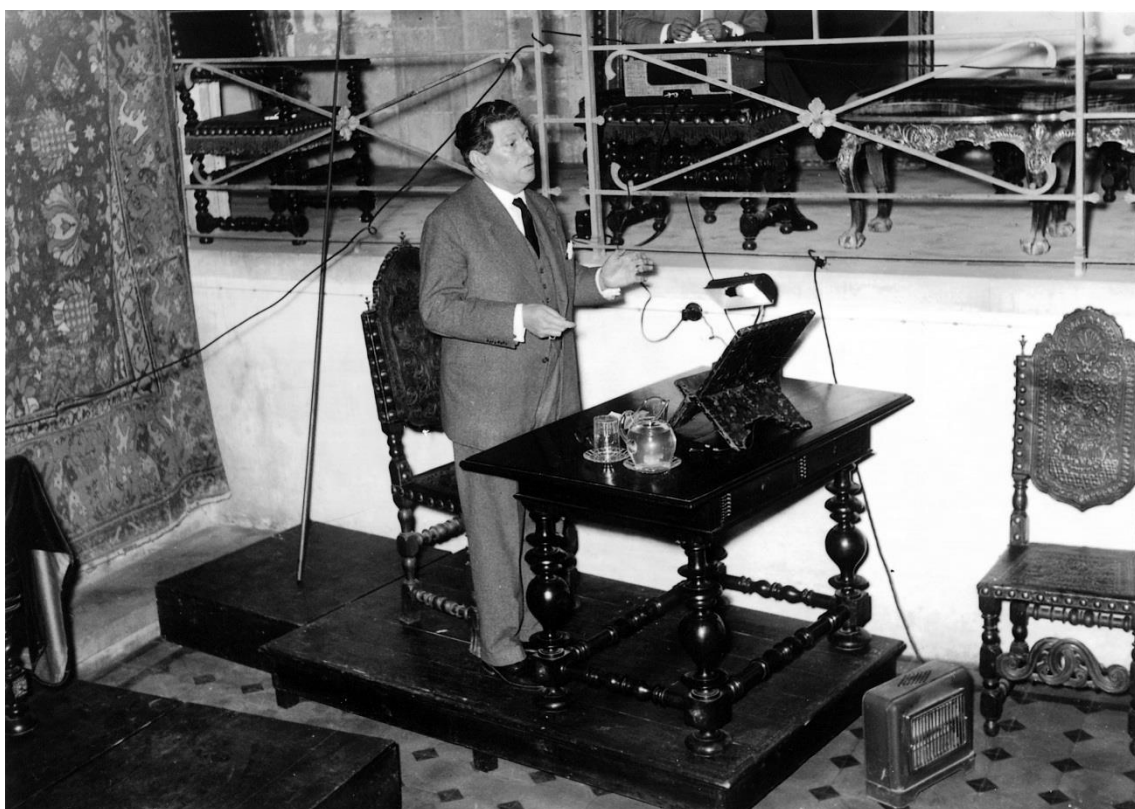
Conservador-ajudante António Nogueira Gonçalves



36 – António Nogueira Gonçalves.

Fonte: Colecção Particular Regina Anacleto.

IMAGEM 37
Luís Reis Santos



37 – Luís Reis Santos numa conferência realizada na igreja de São João de Almedina (finais da década de 1950).

IMAGEM 38

V Missão Estética de Férias



38 – Sessão de trabalho na galeria do Renascimento (entre 3 de Agosto a 9 de Setembro de 1941).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 39 a 44

Atelier infantil realizado no MMC (a partir de 1964)



39 e 40 – Modelação de barro.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.





41 e 42 – Trabalhos de pintura e desenho.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



43 e 44 – Trabalhos de pintura.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 45

Inauguração de uma exposição temporária de arte contemporânea, organizada pelo CAP da AAC



45 – A partir de 1959.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 46

Exposição documental sobre a história do MMC



46 – Visita orientada por Luís Reis Santos aos membros da IV Reunião dos conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais (entre 16 a 19 de Outubro de 1963).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 47 a 50

IV Reunião dos conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais (16 a 19 de Outubro de 1963)



47 e 48 – Durante e após o período de palestras.

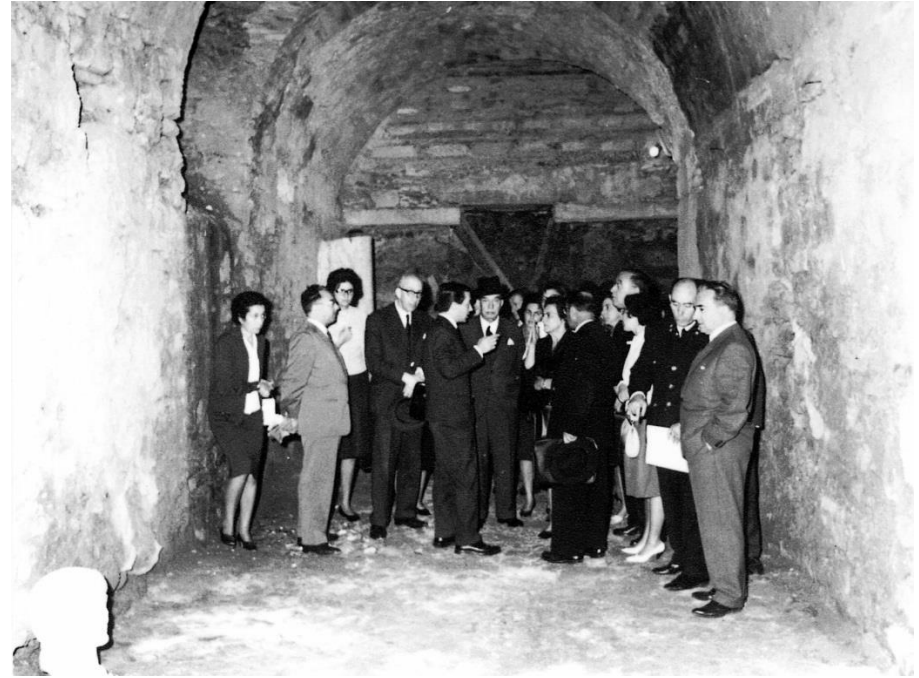


Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



49 – Luís Reis Santos conversando com João Couto.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



50 – Visita ao criptoórtico.

IMAGEM 51

Sessão cinematográfica na igreja de São João de Almedina



51 – Fotografia realizada entre os anos de 1954 a 1958.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 52 a 55
MNMC na actualidade



52 – Canto Sudoeste.



53 – Pátio principal.



54 – Ampliação efectuada nos primeiros anos do século XXI.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.



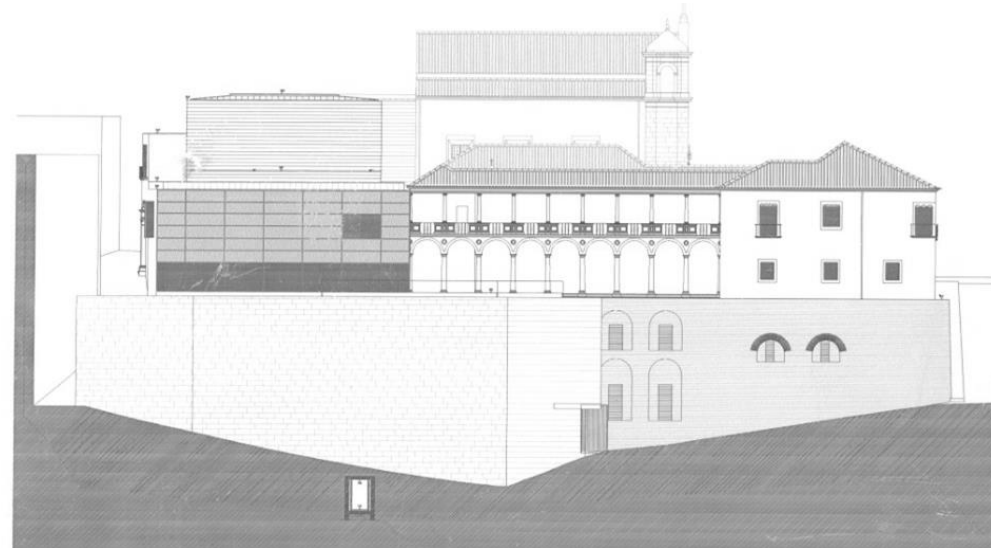
55 – *Loggia* maneirista vista a partir do novo edifício.

IMAGENS 56 a 63

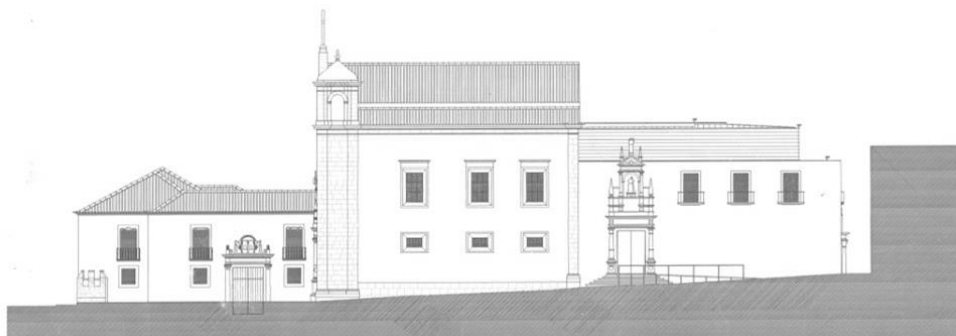
Projecto de beneficiação e ampliação do MNMC (autoria do arquitecto Gonçalo Byrne)



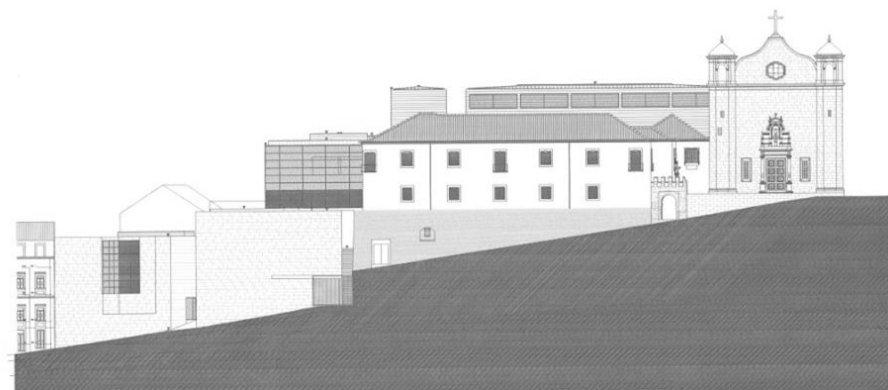
56 – Maquete.



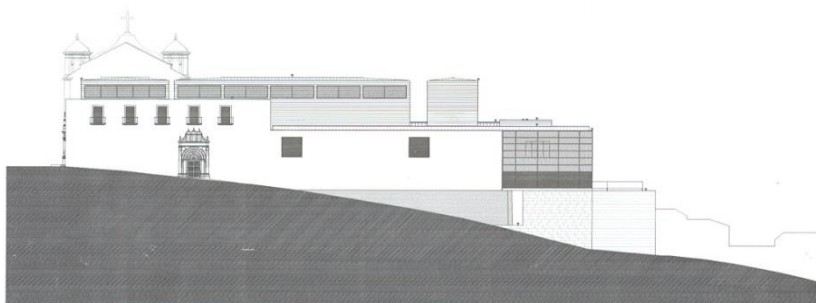
57 – Alçado Poente.



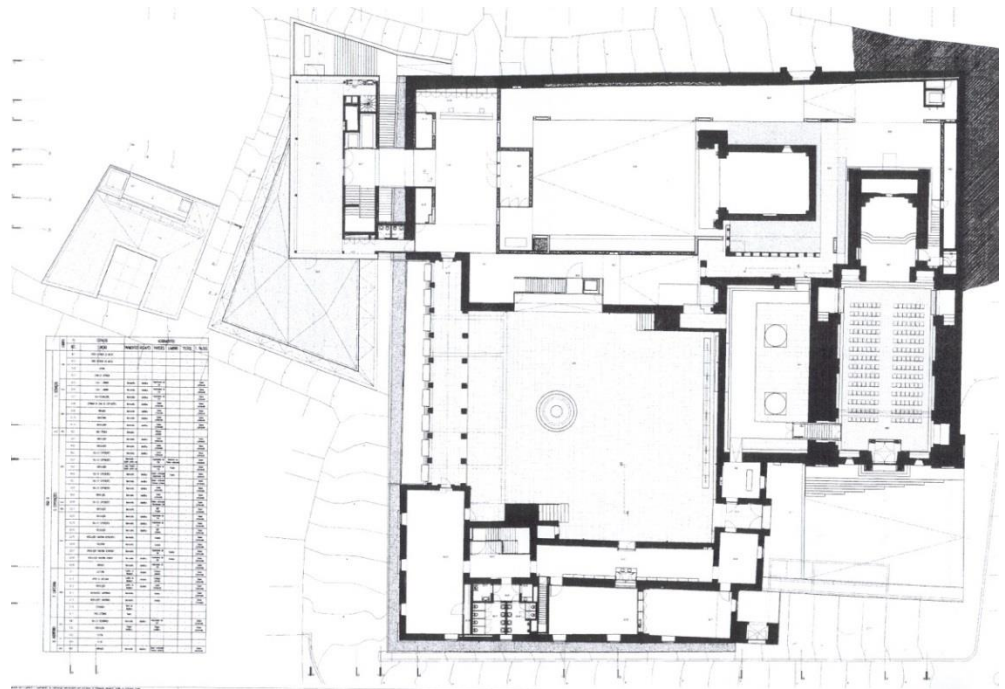
58 – Alçado Nascente.



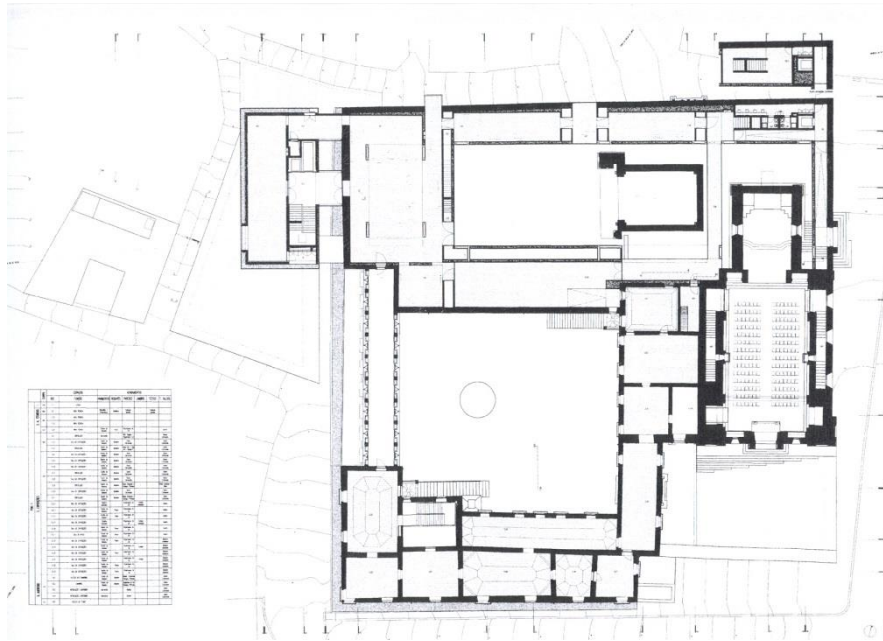
59 – Alçado Sul.



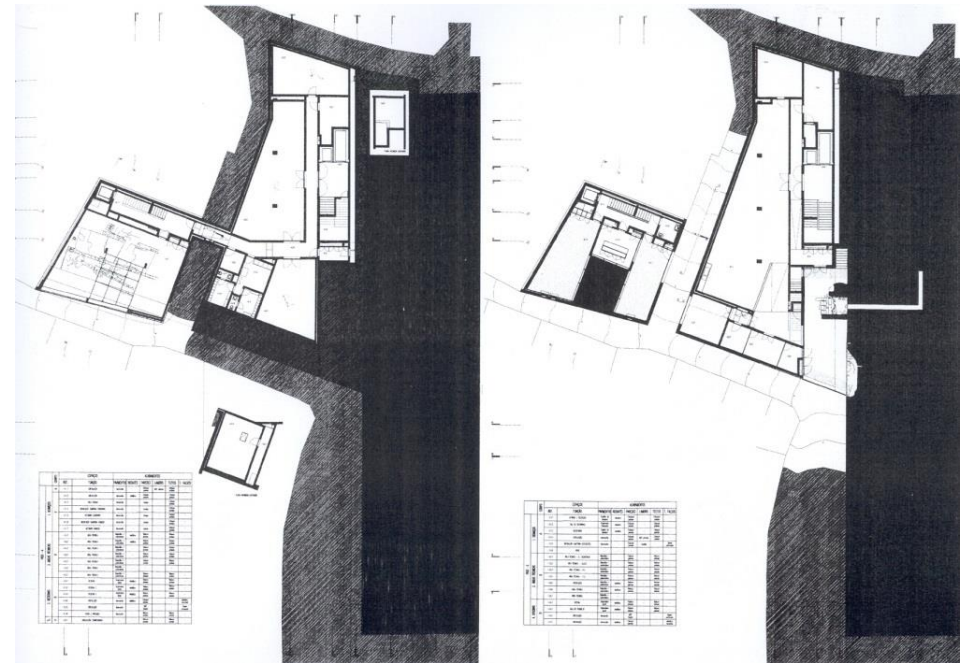
60 – Alçado Norte.



61 – Planta do rés-do-chão.



62 – Planta do 1.º andar.

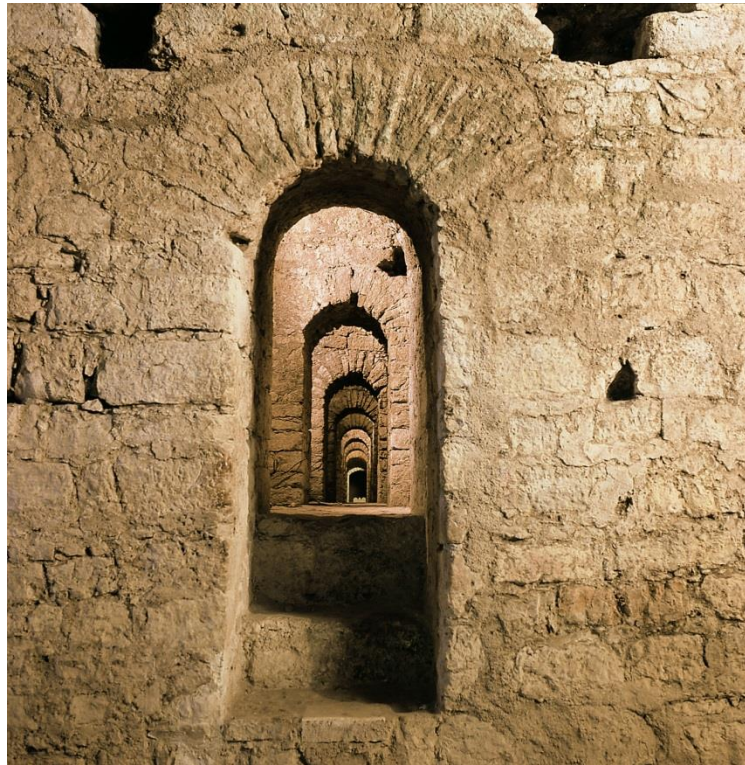


63 – Plantas dos pisos inferiores.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 64 e 65

Criptopórtico do *forum* da *civitas aeminiensis*



64 – Enfiamento das celas do piso superior do criptopórtico.

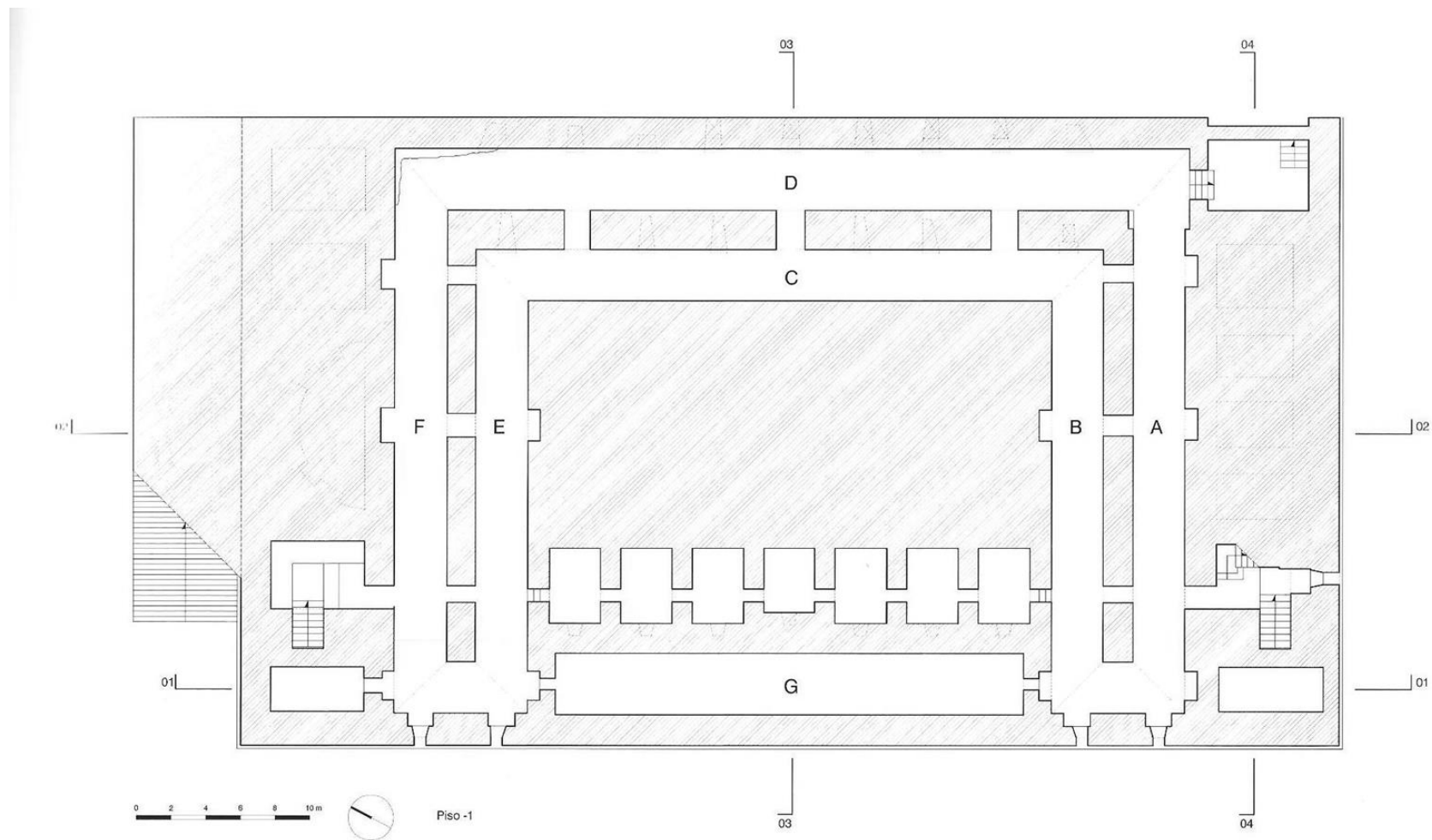


65 – Galeria do piso superior do criptopórtico.

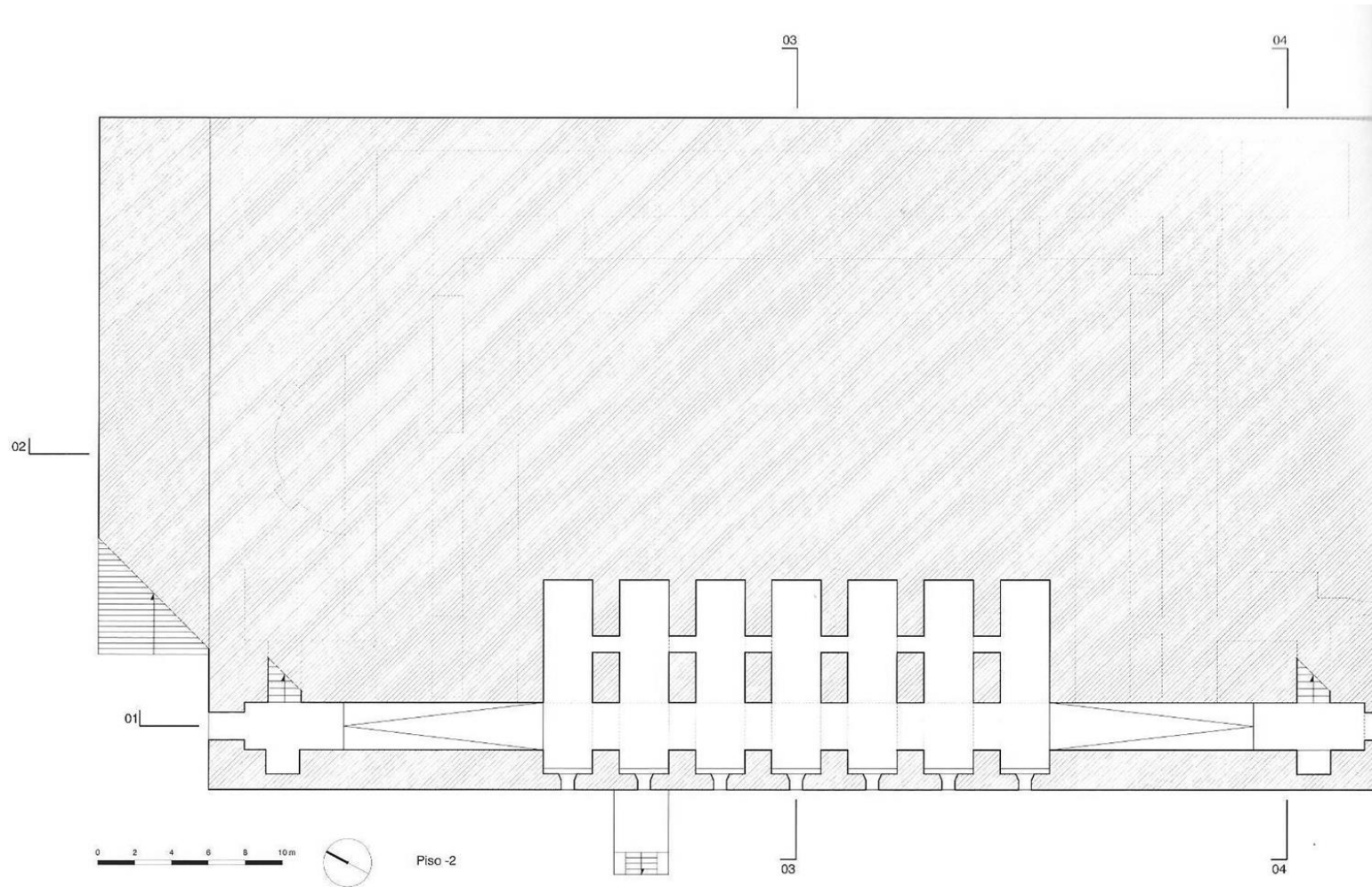
Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 66 e 67

Planta dos pisos do criptoportico



66 – Piso superior.



67 – Piso inferior.

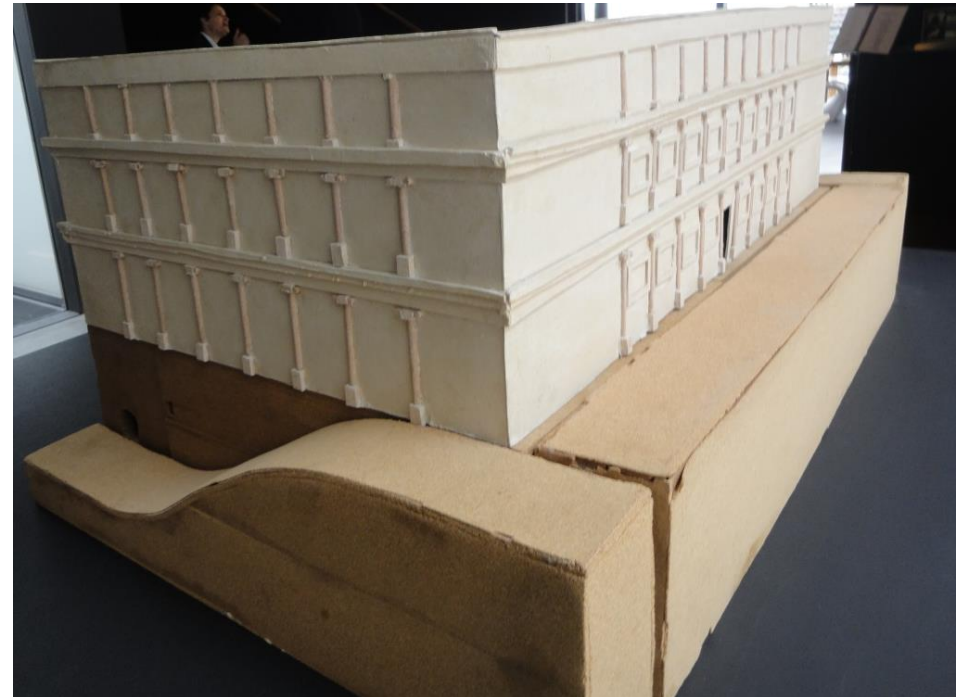
Fonte: *O forum de Aeminius. A busca do desenho original*, p. 44 e 45.

IMAGENS 68 a 70

Reconstituição do forum de *Aeminium*

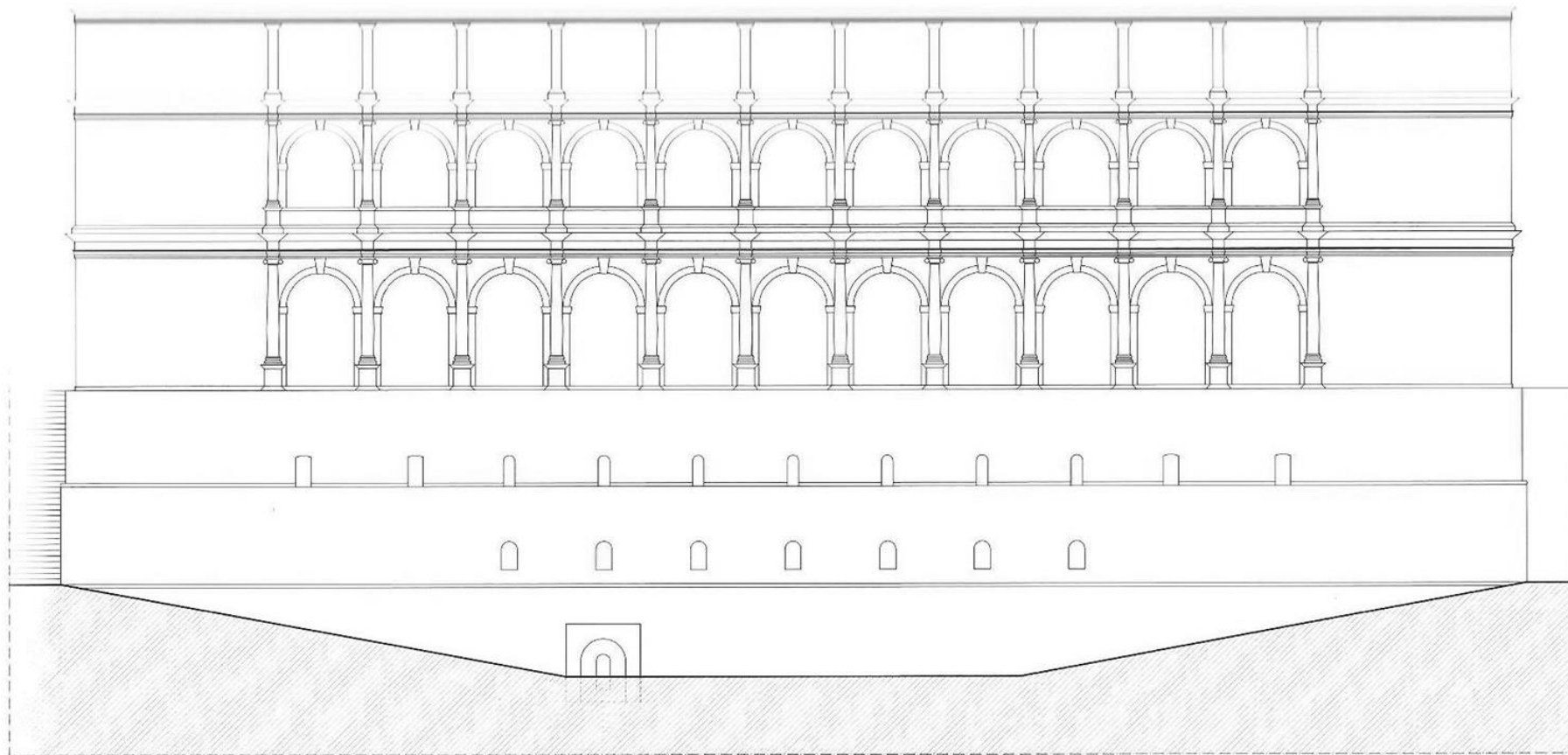


68 – Lado Poente (maquete).



69 – Fachadas Sul e Nascente (maquete).

Fonte: fotografias Duarte Freitas.



70 – Alçado Poente (reconstituição).

Fonte: *O forum de Aeminium. A busca do desenho original*, p. 41.

IMAGEM 71

Possível porta medieva do paço episcopal, disposta no quadrante Norte



71

Fonte: Jorge Alarcão, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, p. 106.

IMAGENS 72 e 73

Claustro da antiga igreja de São João de Almedina (montado *in situ*)



72 – Claustro integrado no discurso expositivo da sala de escultura medieva.



73- Canto Sudoeste da estrutura claustral.

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGEM 74

Sala das sapatas da igreja românica de São João de Almedina



74

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGENS 75 e 76

Arco ultrapassado undecentista pertencente ao antigo paço episcopal



75 – Pormenor.

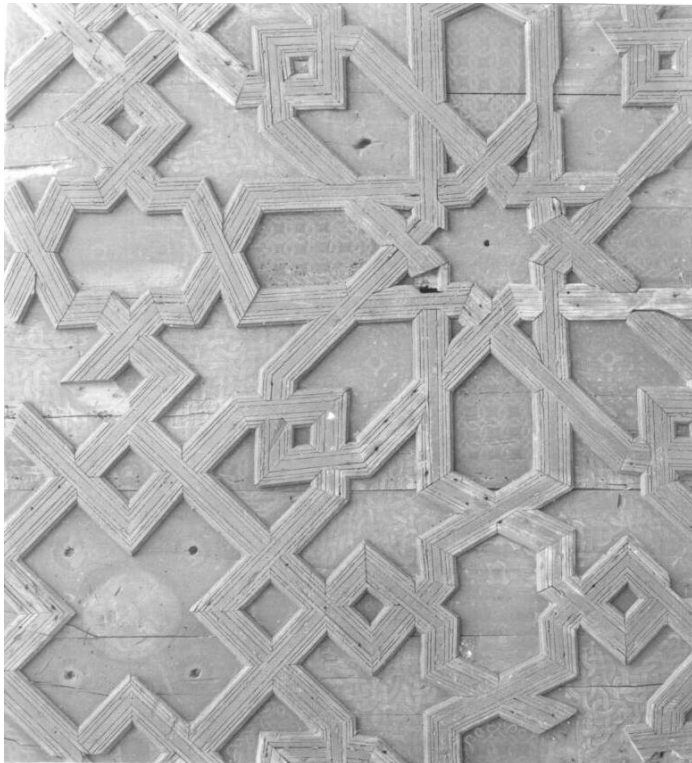


76 – Visto do lado Nascente.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGEM 77

Fragmento do texto mudéjar pertencente ao antigo paço episcopal



77 – N.º de inv.: MNMC 12176.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 78

Cunhal disposto na entrada Nascente do paço episcopal



78

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGENS 79 e 80

Entrada de acesso ao pátio principal do MMC



79 – Porta de entrada do lado Nascente. Pormenor dos brasões de armas, dispostos lado a lado, de D. Jorge de Almeida e D. Afonso de Castelo Branco.



80 – Acesso visto do lado do pátio principal. Pormenor da edícula com as armas de D. Jorge de Almeida e o brasão pintado na parede de D. Afonso de Castelo Branco.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGENS 81 e 82

Pátio Principal



81 – Torre sineira, escadaria de acesso ao primeiro andar e *loggia*.

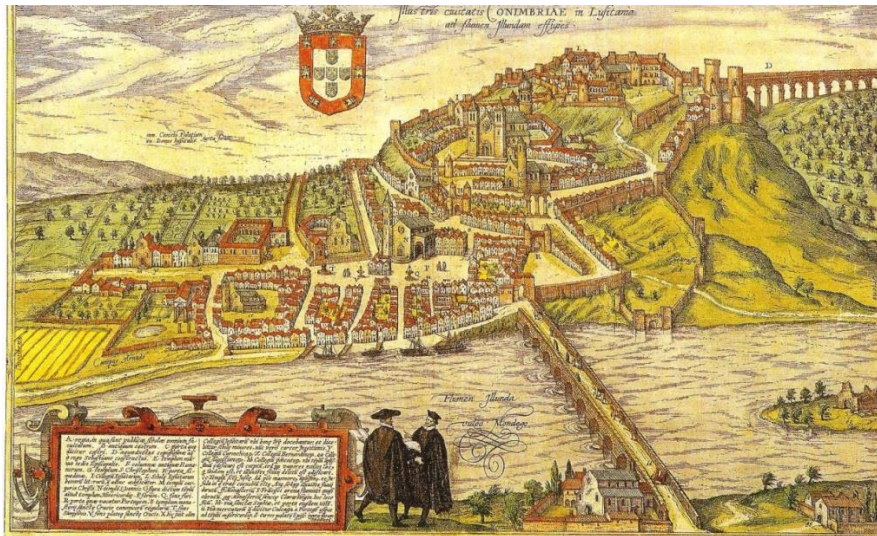


82 – *Loggia* e fontenário com as armas do bispo D. Frei Álvaro de S. Boaventura.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGENS 83 e 84

Registos icononímicos da cidade de Coimbra nos séculos XVI e XVII



83 – Gravura da cidade de Coimbra da autoria de Georg Hoefnagel (c. 1572).



84 – A cidade de Coimbra desenhada por Baldi (1669).

Fonte: Jorge Alarcão, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, p. 8 e 14.

IMAGEM 85

Canto Nordeste do pátio principal do MMC



85

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

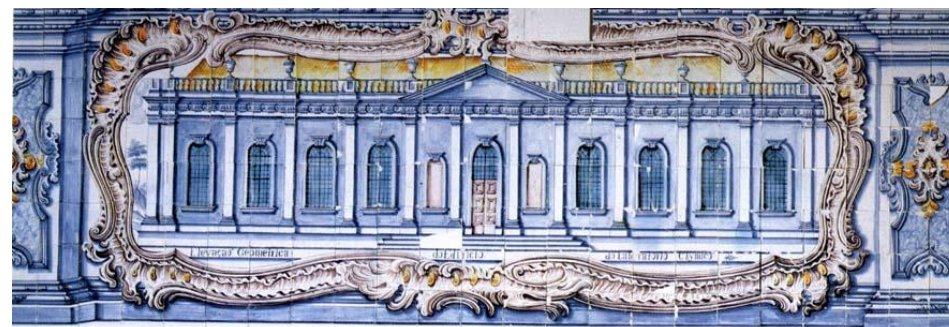
IMAGENS 86 e 87

Reformas patrocinadas pelo bispo-reitor D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho



86 – Capela privada do paço episcopal. Pormenor dos azulejos dos finais de Setecentos.

Fonte: fotografia Duarte Freitas.



87 – Painel azulejar do paço episcopal alusivo à reforma pombalina da universidade (n.º de inv.: MNMC 11778).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 88 e 89

Registo topográfico da cidade de Coimbra (1894)



88 – Planta da cidade e respectiva legenda.



89 – Pormenor da alta de Coimbra e do paço episcopal assinalado com a letra L.

Fonte: L.R.D., *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, s/p..

IMAGENS 90 e 91

Arco do Bispo



90 – Visto da rua de São João (anos 30 e princípios dos anos 40 do século XX).

Fonte: Coleção Particular Regina Anacleto.



91 – Visto das proximidades do entroncamento da Couraça dos Apóstolos (anos 30 e princípios dos anos 40 do século XX).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 92 a 94

A alta de Coimbra e o largo de São João



92 – Alta de Coimbra nos inícios da década de 1940.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.



93 – Largo de São João visto a partir do casario disposto a Sul (princípios da década de 1940).

Fonte: *A velha Alta... desaparecida*, p. 4.

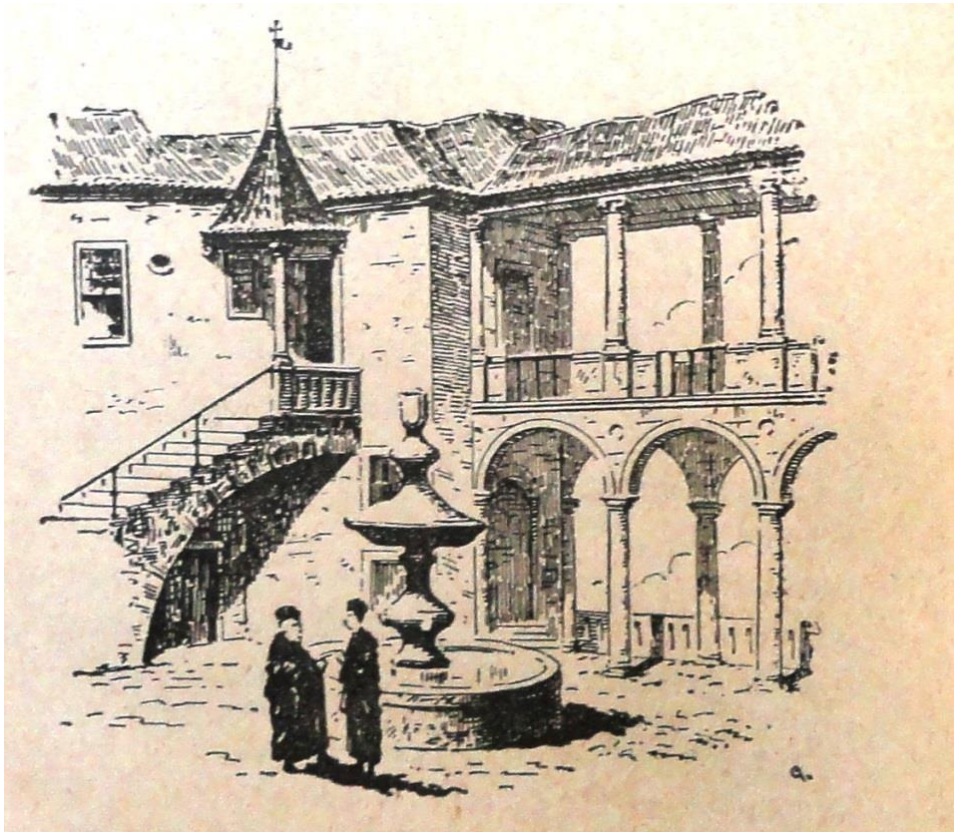


94 – Largo de São João (princípios da década de 1940).

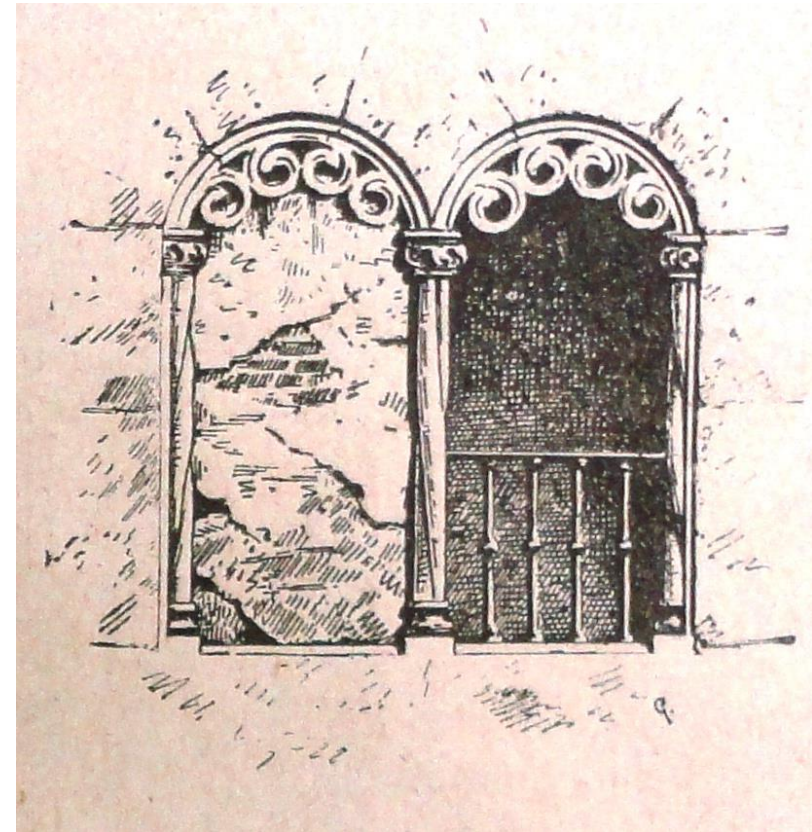
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 95 a 98

Paço episcopal de Coimbra nos finais do século XIX

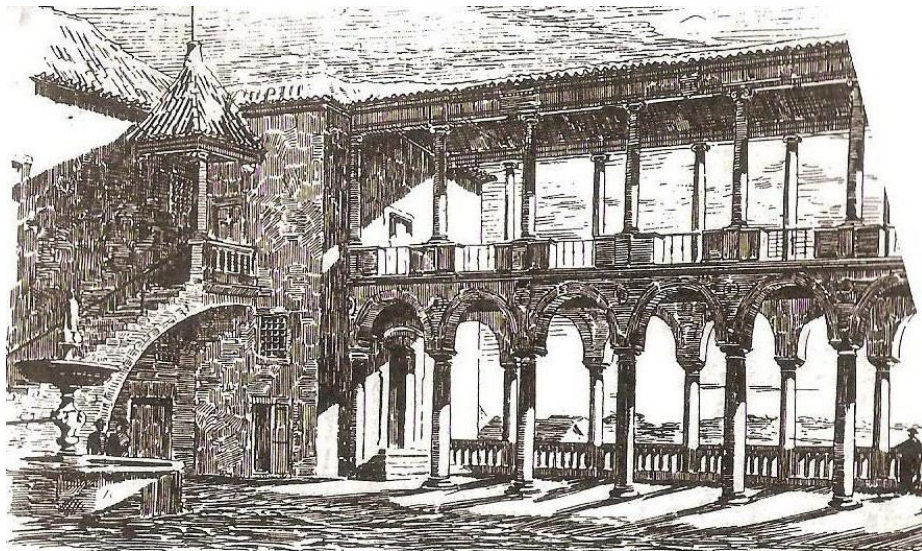


95 – Pátio principal (desenho de António Augusto Gonçalves).



96 – Pormenor de uma janela do paço (desenho de António Augusto Gonçalves).

Fonte: L. R. D., *Op. cit.*, p. 58 e 59.



97 – Pátio principal (desenho de Albrecht Haupt).

Fonte: Albrecht Haupt, *A arquitectura do renascimento em Portugal...*, p. 243.



98 – Fotografia do pátio principal do paço captada nos finais de Oitocentos.

Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-9.

IMAGENS 99 a 101

Elementos construtivos resultantes da reforma do paço episcopal dos finais do século XIX



99 – Janelas neomanuelinas localizadas no corpo Noroeste (postal dos inícios da década de 1940).

Fonte: Coleção Particular Regina Anacleto.



100 – Antigo pátio das cozinhas. Pormenor da cornija de cordas interlaçadas, elementos florais e desaguadouros em forma de canhão (finais da década de 1930).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



101 – Passadiço construído nos finais do século XIX (fotografia dos finais da década de 1930).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 102 e 103

Salão nobre do paço episcopal



102 e 103 – Pormenor dos tectos de Eugénio Cotrim (fotografias dos finais da década de 1930).



Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 104

Republicanos ilustres da cidade de Coimbra (inícios do século XX)



104 – Lado esquerdo: António Augusto Gonçalves (sentado) e Manuel Augusto Rodrigues da Silva (em pé); lado direito: Manuel António da Cota (sentado) e Cassiano Augusto Ribeiro Martins (em pé).

Fonte: Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-1.

IMAGENS 105 e 106

Arquitecto Augusto de Carvalho da Silva Pinto



105 – Numa visita com a ELAD ao mosteiro da Batalha, ao lado de António Augusto Gonçalves.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

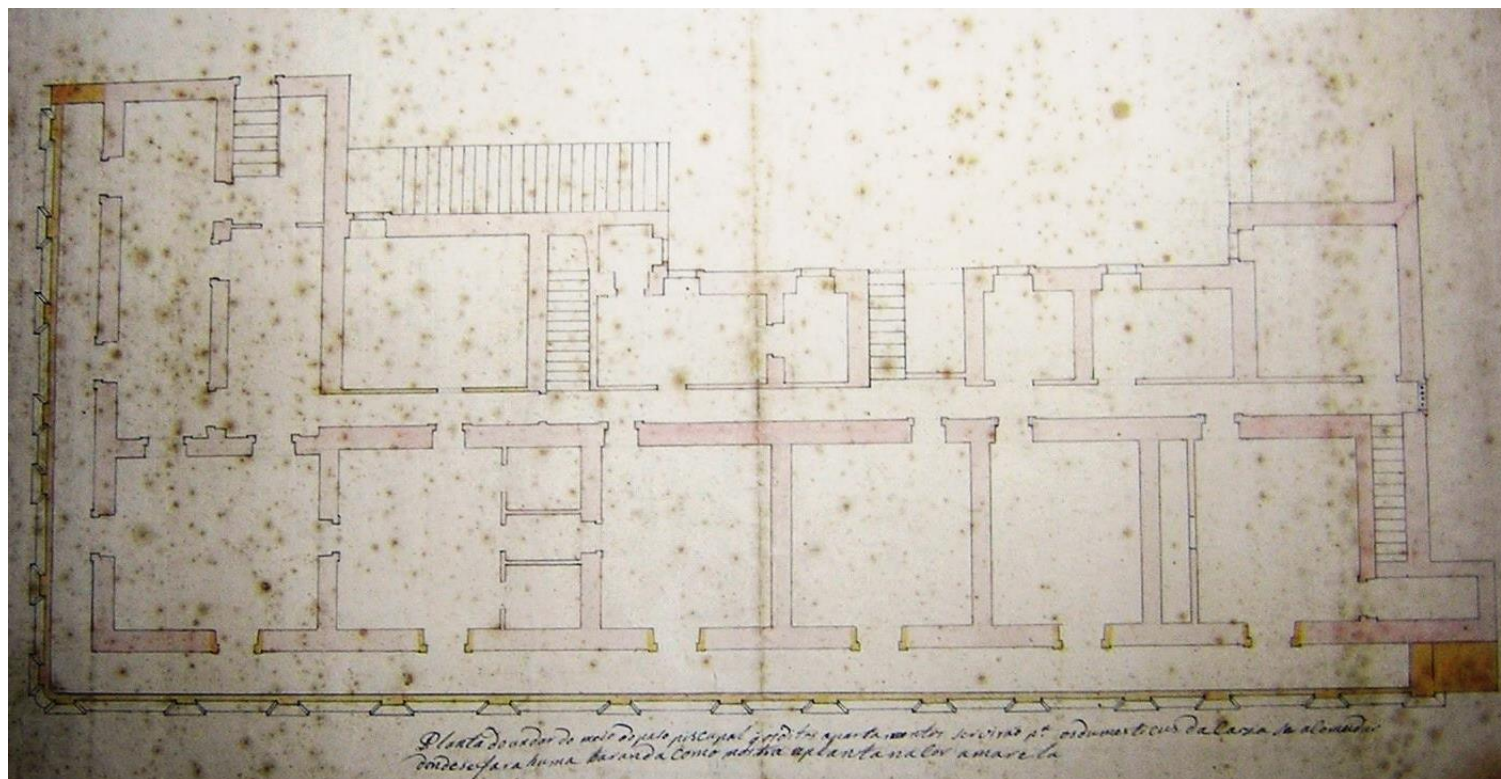


106 – Caricatura (autor não identificado).

Fonte: “Arquitecto Augusto de Carvalho da Silva Pinto”, *Arquivo Coimbrão*, vol. XXIV, 1969, p. 368.

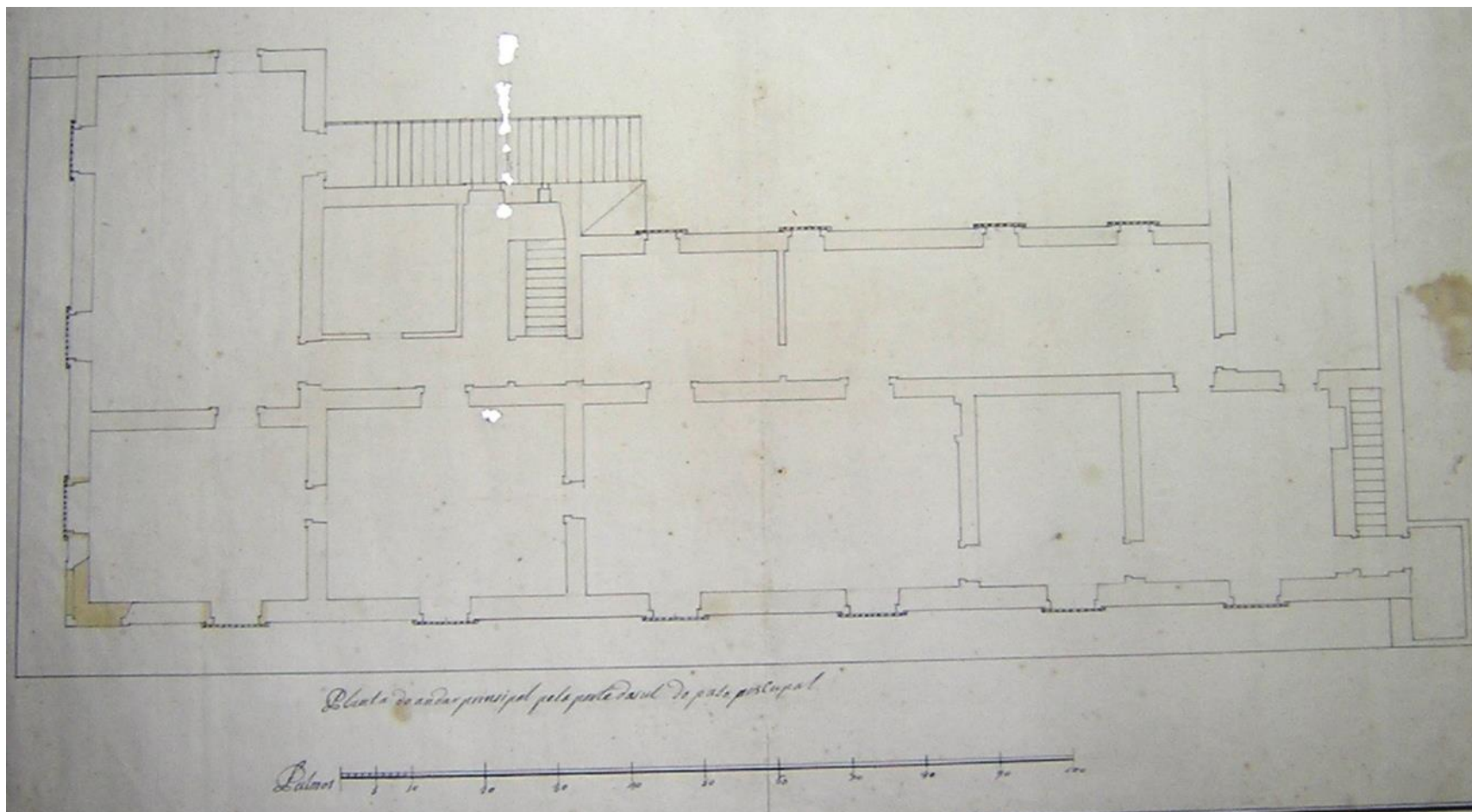
IMAGENS 107 e 108

Plantas do bloco Sul do paço episcopal, finais do século XVIII



107 – Legenda: “Planta do andar do meio do paço piscopal que os ditos apartamentos servirão para os domesticus da caza se acomodar donde se fara huma baranda como mostra a planta na cor amarela”. Autor não identificado.

Fonte: MNMC, DA110.



108 – Legenda: “Planta do andar principal pela parte do sul do paso piscopal”. Autor não identificado.

Fonte: MNMC, DA111.

IMAGEM 109

Pormenor das janelas pertencentes ao andar intermédio do bloco Sul



109 – Fotografia dos inícios da década de 1940.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 110 e 111

Tetos mudéjares, provenientes da Sé Velha, aplicados nas salas de exposição do MMC



110 – Teto aplicado no primeiro andar do bloco Sul
(fotografia da década de 1940).
N.º inv.: MNMC 12177.



111 – Teto aplicado no primeiro andar da ala Nascente
(fotografia da década de 1940).
N.º inv.: MNMC 12178.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 112 e 113

Pátio principal do MMC na década de 1920



112 – Pormenor do jardim. Fotografia Marques de Abreu.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

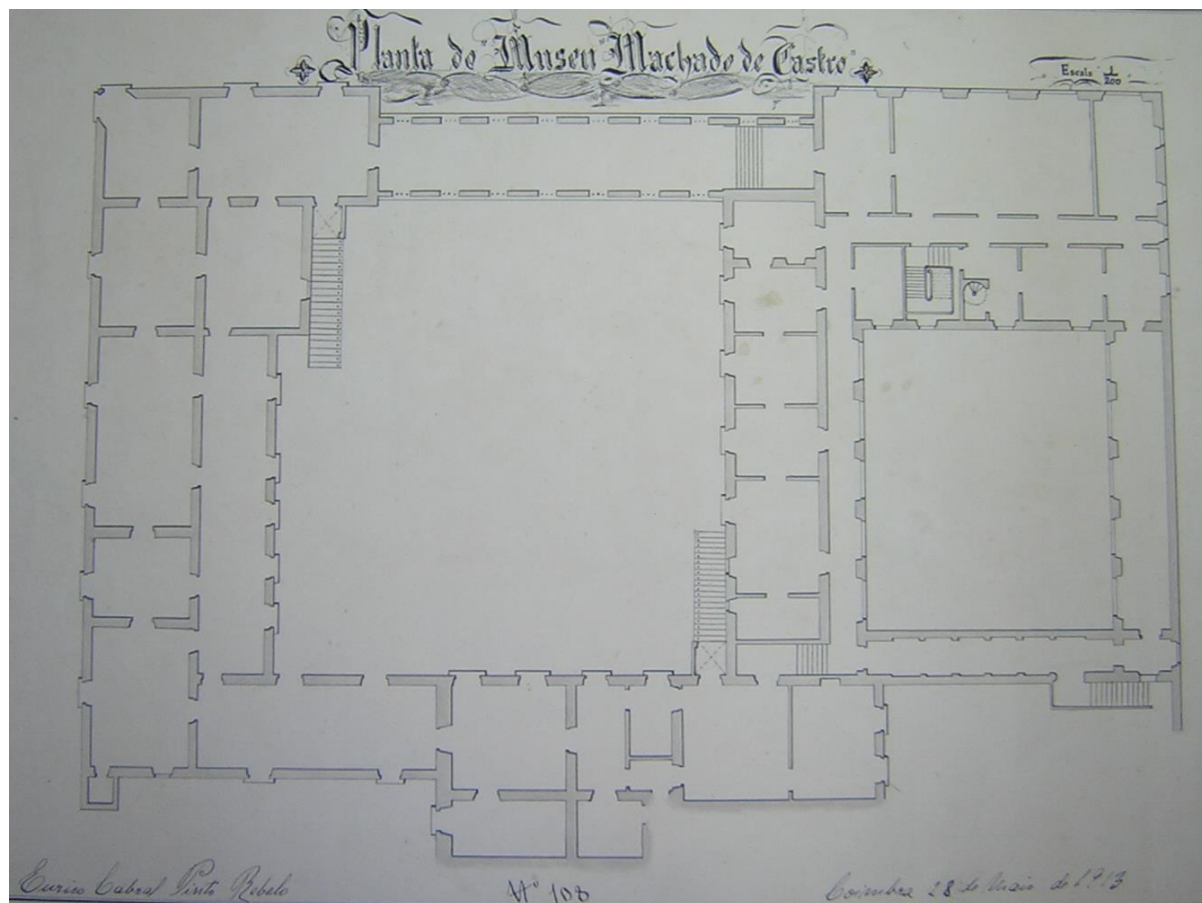


113– Pormenor dos painéis azulejares aplicados nas paredes.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

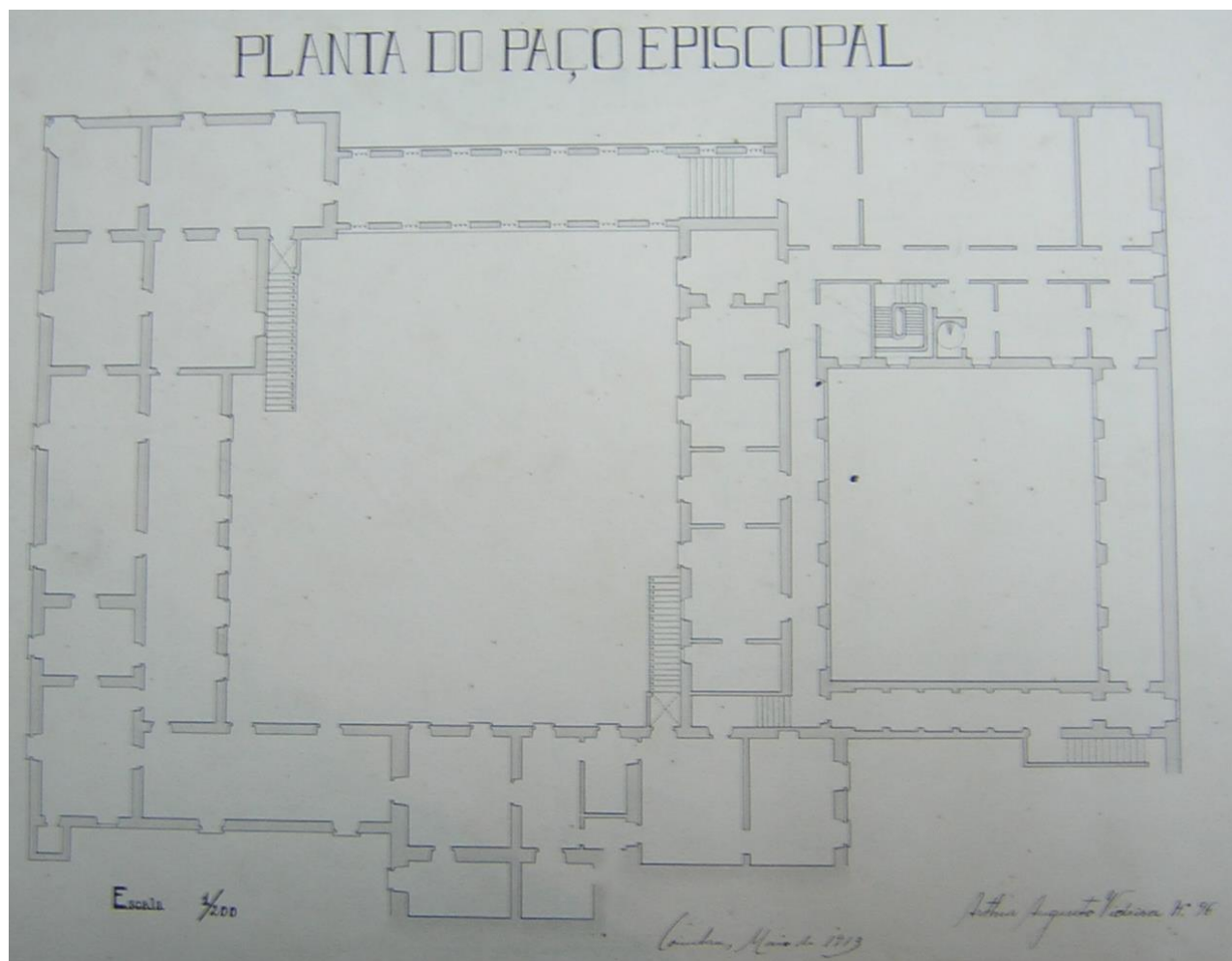
IMAGENS 114 e 115

Plantas do 1.º do paço episcopal elaboradas, em Maio de 1913, por alunos da UC



114 – Autoria de Eurico Cabral Pinto Rebelo (28 de Maio de 1913).

Fonte: MNMC, DA109.

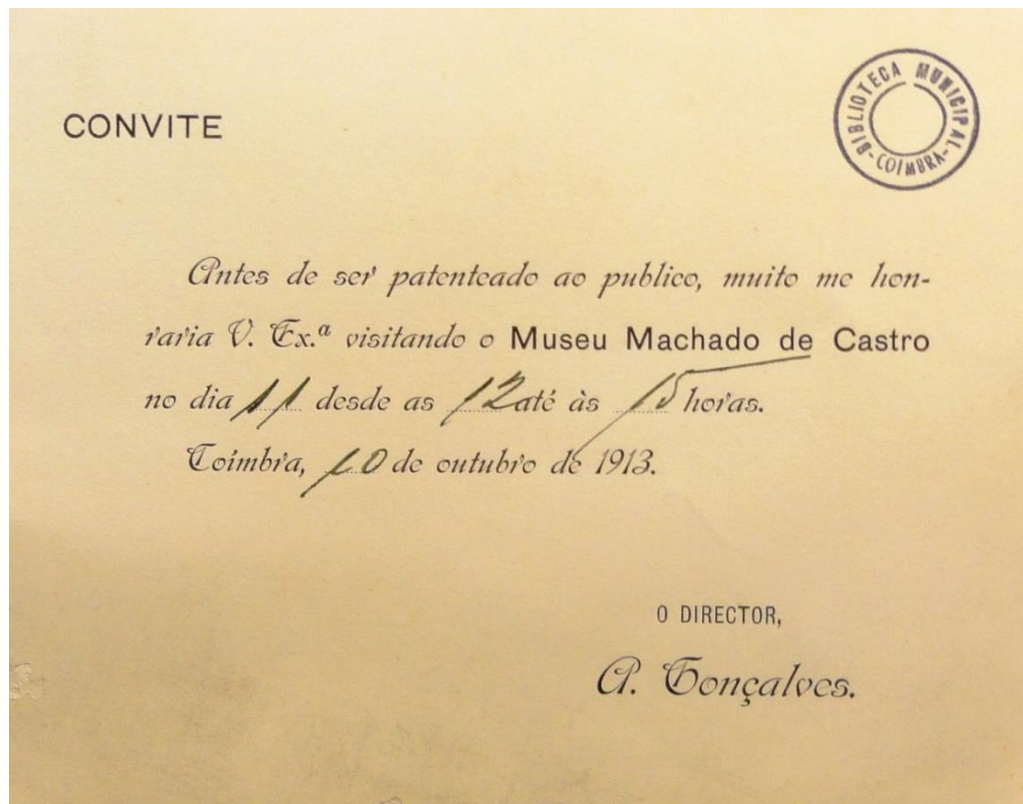


115 – Autoria de Arthur Augusto Videira (Maio de 1913).

Fonte: MNMC, DA108.

IMAGEM 116

Convite da inauguração oficial do MMC

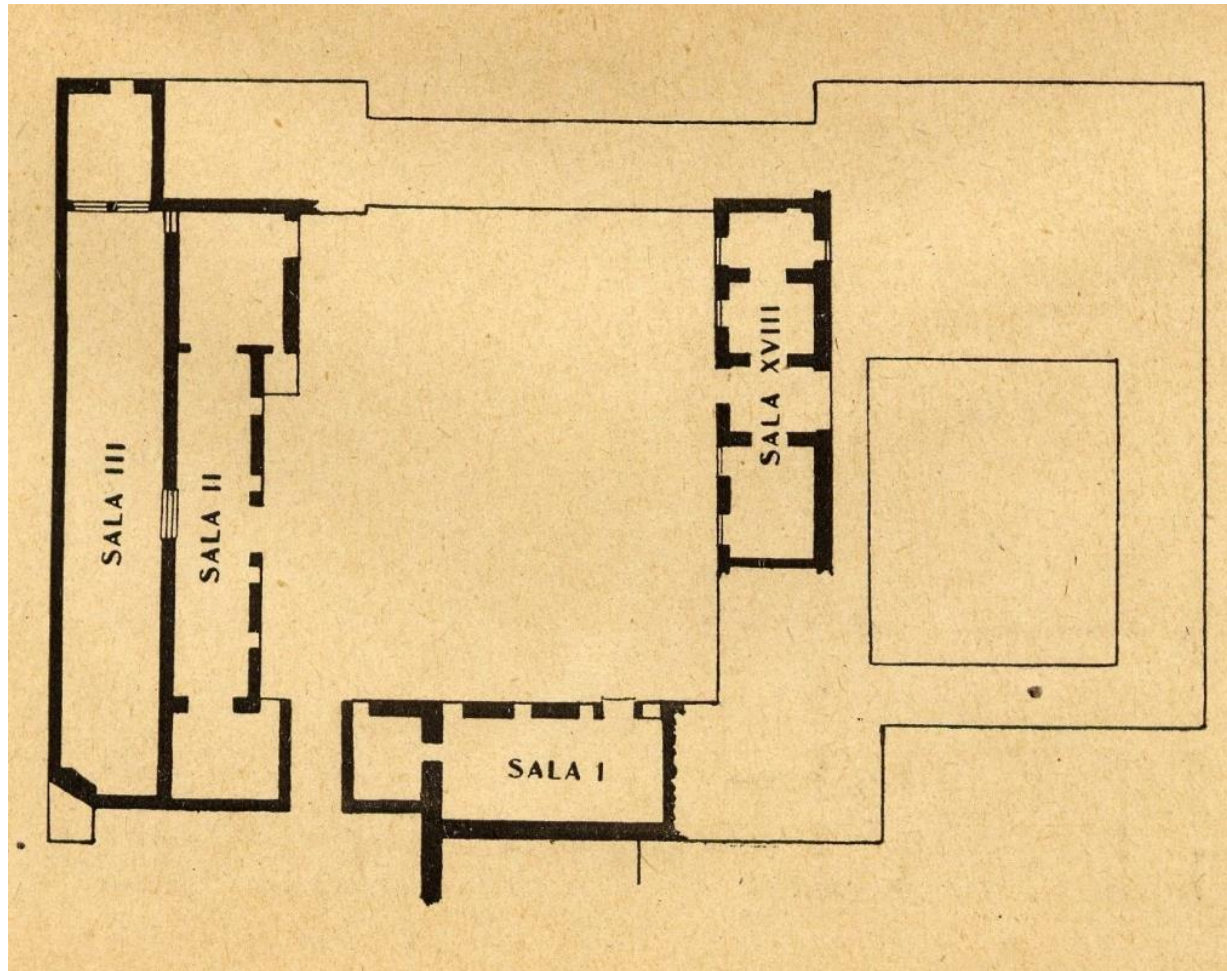


116

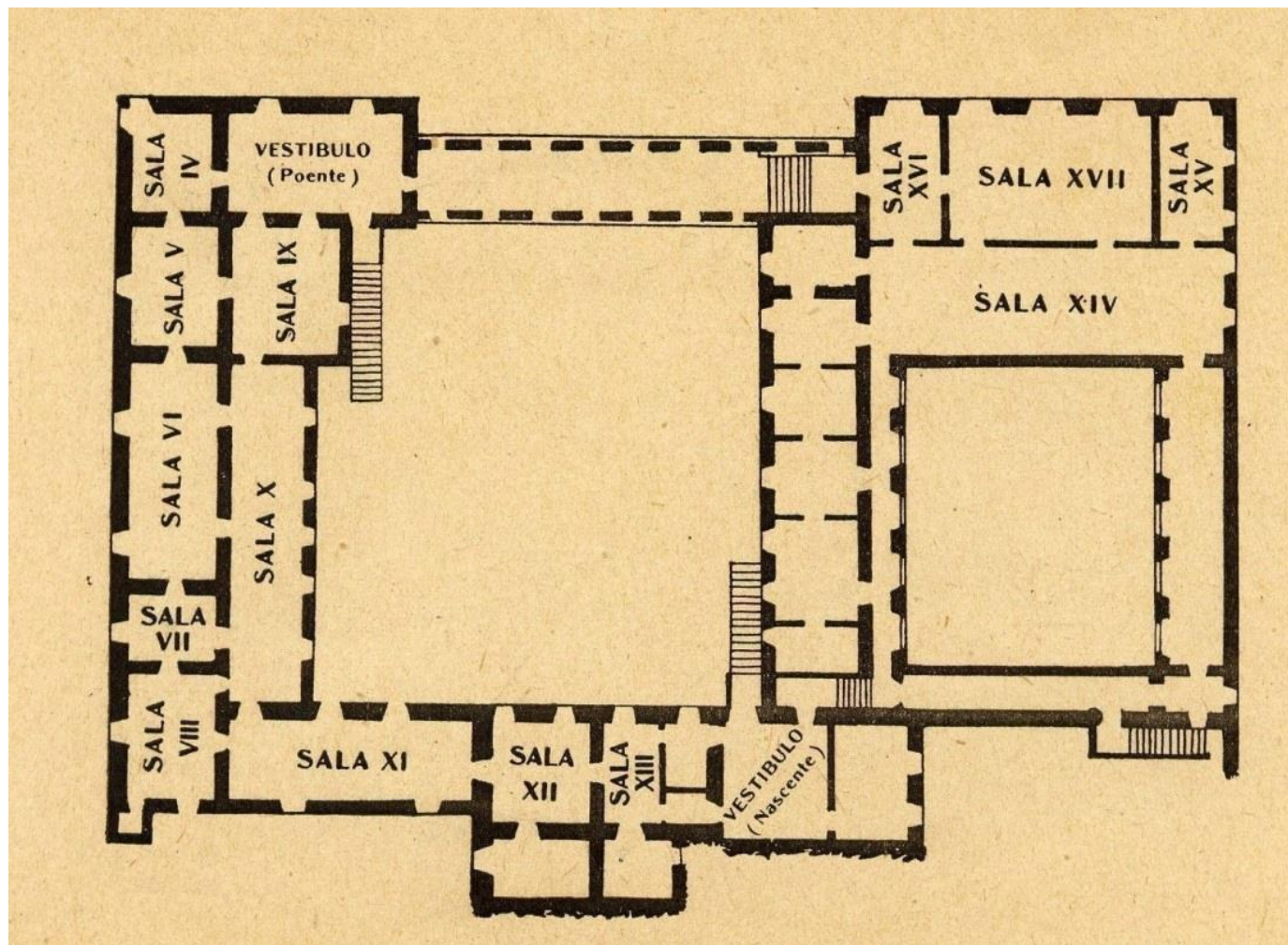
Fonte: BMC, Espólio Particular de António Augusto Gonçalves, pasta B-2.

IMAGENS 117 e 118

Planta do MMC em 1916, com a marcação das salas de exposição



117 – Planta do rés-do-chão.



118 – Planta do 1.º andar.

Fonte: *Museu Machado de Castro. Notas*, 1916, p. 4 e 5.

IMAGEM 119

Sala I (galeria romana)



119 – Fotografia realizada entre 1914 e 1916.

Fonte: *Museu Machado de Castro. Notas*, 1916, p. 11.

IMAGEM 120

Sala II (galeria medieval)



120 – Fotografia realizada por volta de 1913.

Fonte: *A arte em Portugal*, vol. 5 - *Coimbra*, Porto, Imprensa das oficinas de fotogravura de Marques Abreu, 1929, s/p..

IMAGENS 121 e 122

Sala III (galeria da renascença)



121 – Vista para Poente.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

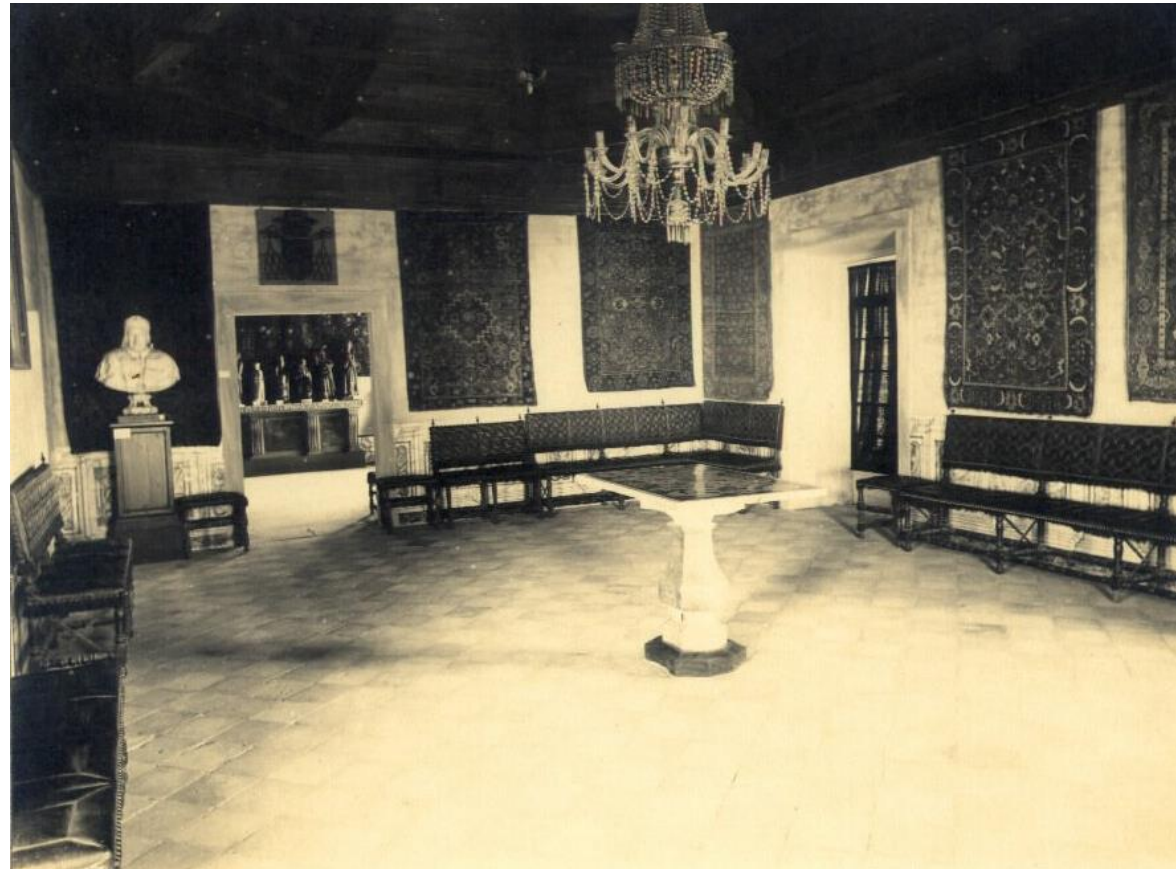


122 – Vista para Nascente.

Fonte: *Museu Machado de Castro. Notas*, 1916, p. 25.

IMAGEM 123

Vestíbulo Sudoeste (1.º andar do bloco Sul)

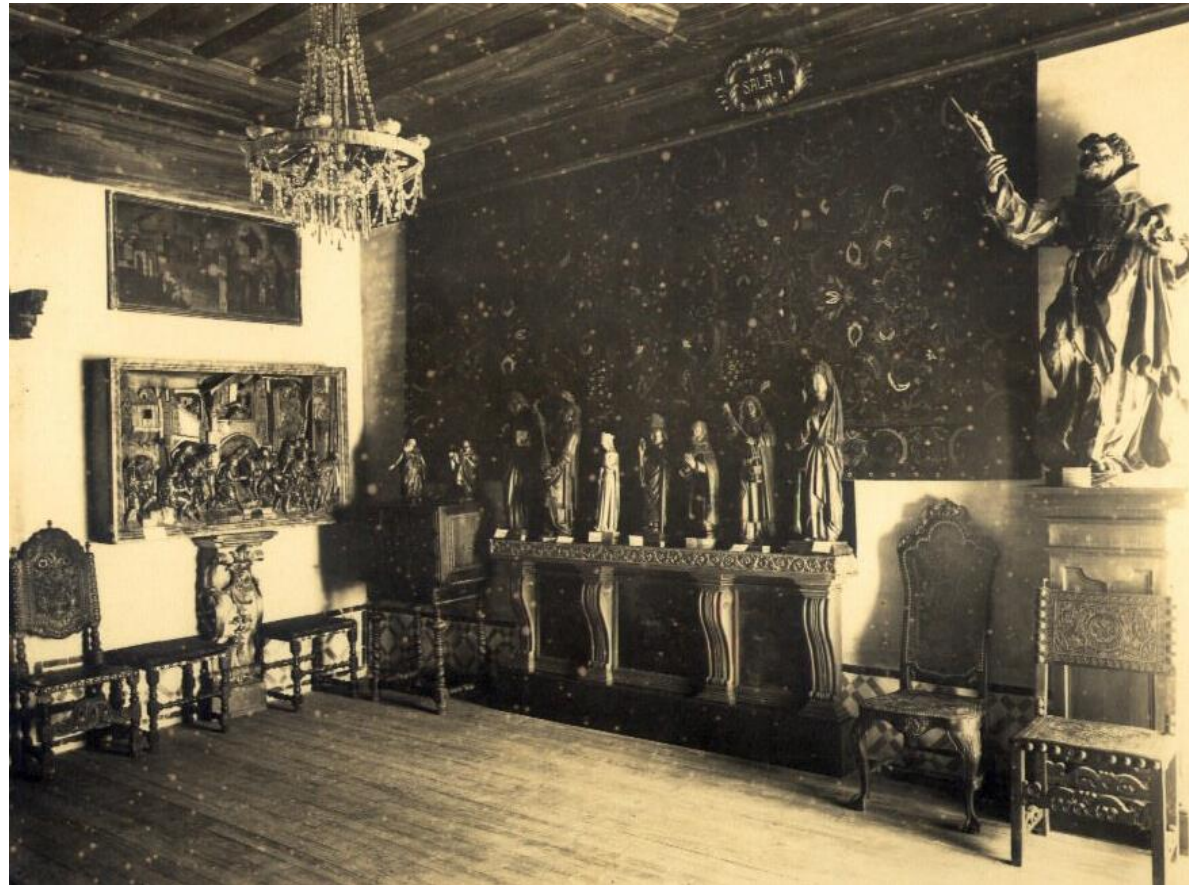


123 – Fotografia realizada por volta de 1913.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 124

Sala IV (1.º andar do bloco Sul)



124 – Antiga sala I entre 1913 e 1916.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 125
Sala VI (faiança)



125 – Fotografia realizada entre 1913 e 1916.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 126 e 127

Sala X (escultura em madeira)



126 – Vista para Nascente (entre 1913 e 1916).



127 – Vista para Poente (entre 1913 e 1916).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 128

Sala XI (mobiliário e escultura em madeira)



128 – Fotografia realizada entre 1913 e 1916.

Fonte: AMNMC, pasta fotografias.

IMAGEM 129

Capela privada do bispo



129 – Fotografia realizada entre 1913 e 1916.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 130
Sala de pintura



130 – Disposta no antigo salão nobre do paço episcopal. Fotografia registada entre 1913 e 1915.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 131

Sala XVIII (Rés-do-chão, bloco Norte)

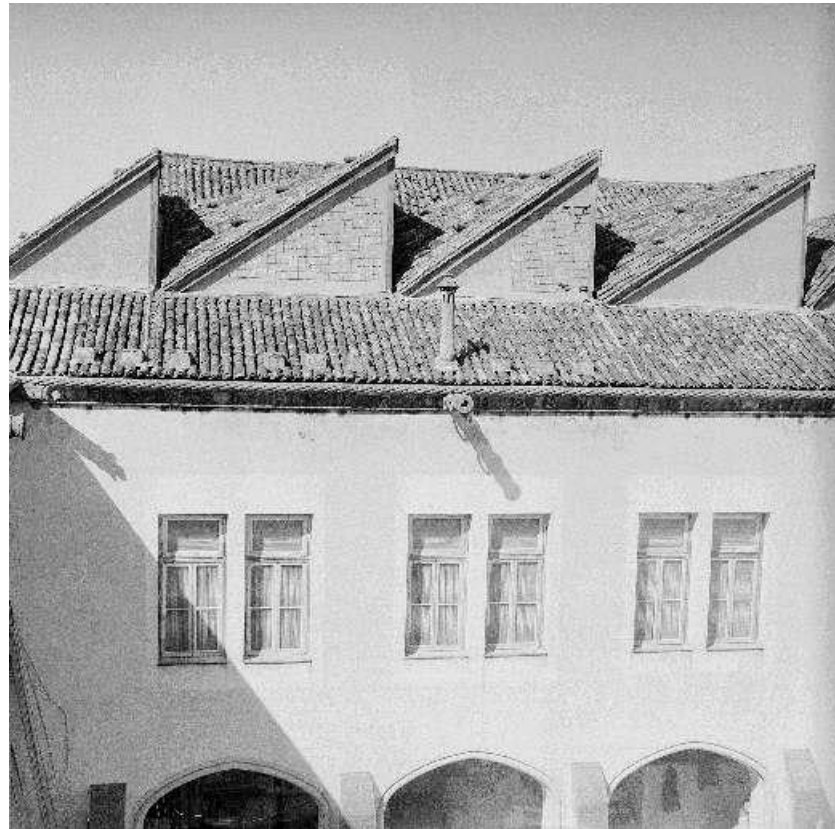


131 – Pormenor dos expositores de trabalhos em ferro. Fotografia registada entre 1913 e 1916.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 132

Iluminação da sala de pintura a partir de luz zenital



132 – Fotografia do início da década de 1940.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 133

Coches do bispo D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho resguardados na antiga cocheira do paço episcopal



133

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 134

Pátio de entrada do MMC



134 – Entre 1920 e os inícios da década seguinte.

Fonte: M. Costa Ramalho. *Coimbra. Roteiro Ilustrado*, Coimbra, 1936, p. 53.

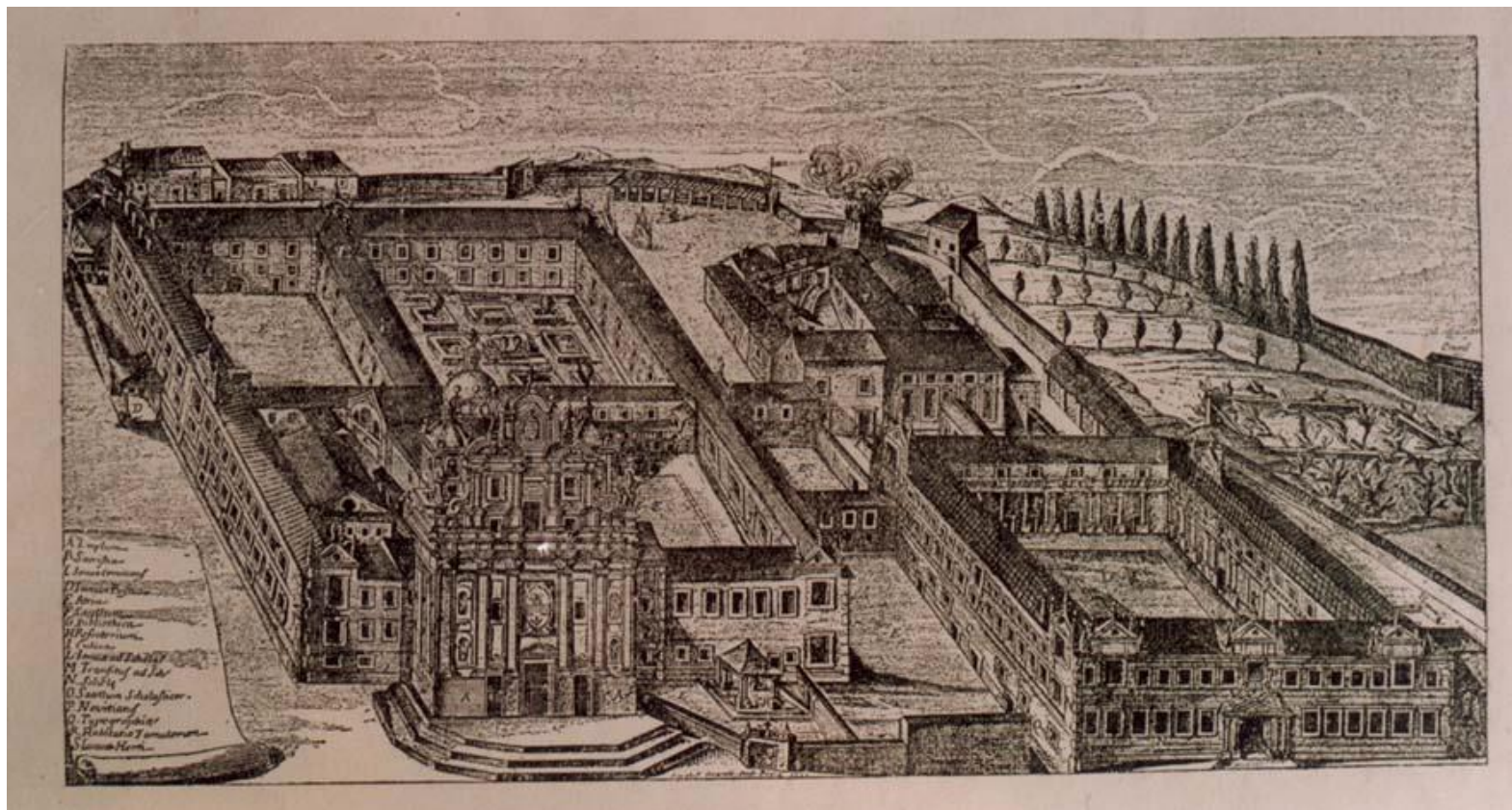
IMAGEM 135

Bezas de Portugal. Coimbra, Ulysseia Filmes, 1931

Fonte: Cinemateca Portuguesa/Museu do Cinema.

IMAGENS 136 e 137

Complexo arquitectónico do antigo colégio de Jesus



136 – Gravura do século XVIII.

Fonte: n.º de inv.: MNMC 3310.

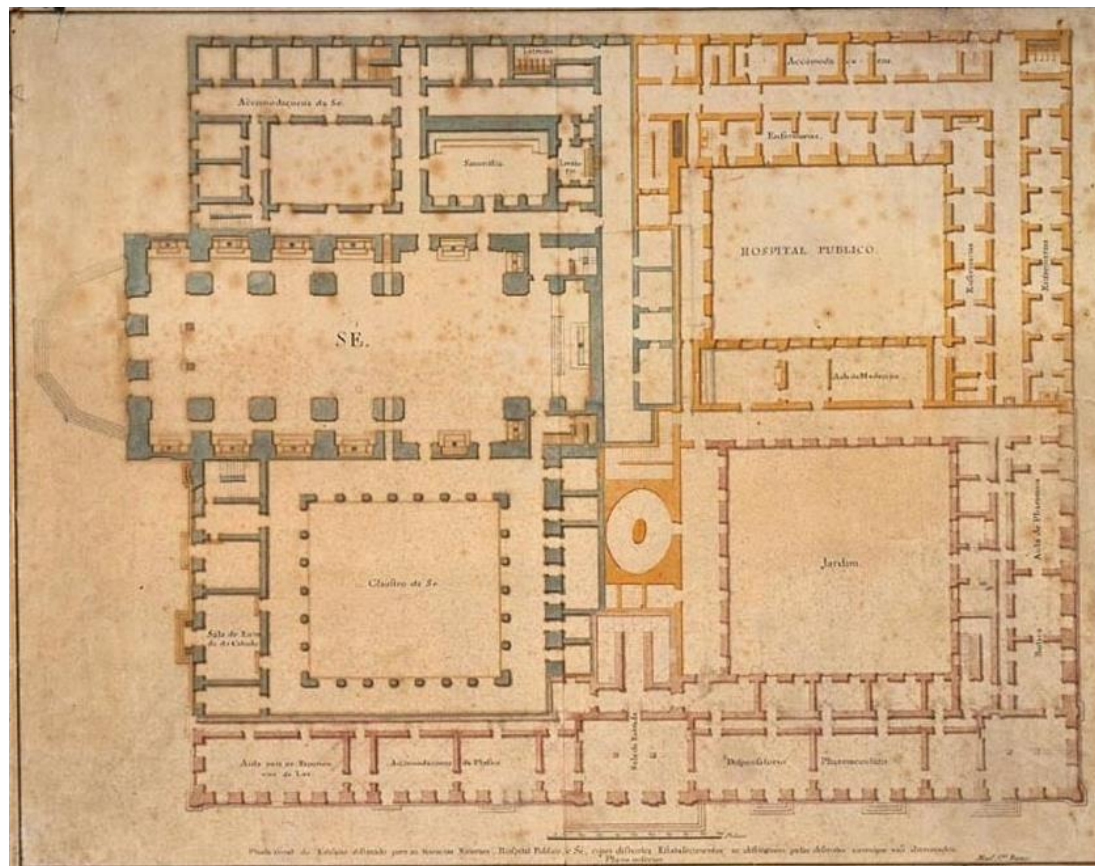


137 – Finais da década de 1930, primeiros anos da década seguinte.

Fonte: DGEMN, Sé Nova, pasta Fotografias.

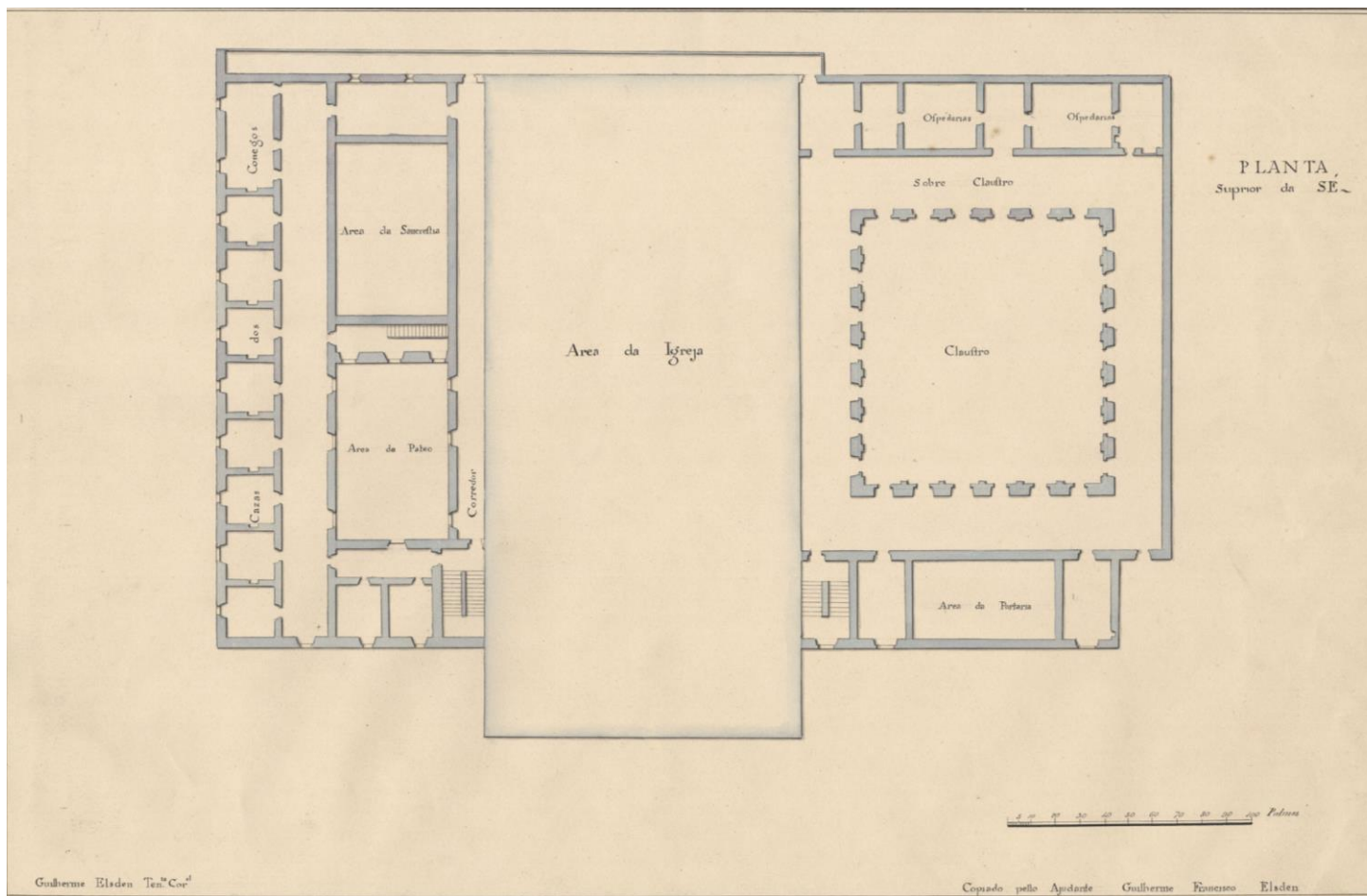
IMAGENS 138 e 139

Divisão dos espaços internos do colégio de Jesus por volta de 1773



138 – Planta com a divisão demarcada, a cores distintas, dos espaços da Sé, dos gabinetes de História Natural e das áreas ligadas ao Hospital (assinatura Manuel de Sousa Ramos, c. 1773).

Fonte: n.º de inv.: MNMC 2893.



139 – “Planta Superior da Sé”, autoria de Guilherme Elsdén, “copiado pello ajudante Guilherme Francisco Elsdén” (c. 1773).

Fonte: BGUC, cota: Ms. 3377-51.

IMAGEM 140

Museu de Arte Sacra da Sé da Coimbra



140 – Pormenor do seu discurso expositivo.

Fonte: *Ilustração portuguesa*, n.º 3, 12 de Março de 1906, p. 84.

IMAGENS 141 a 143

Acessos ao antigo Museu de Arte Sacra da Sé de Coimbra



141 – Porta, disposta no lado Sudoeste, que ladeia a fachada da Sé Nova.



142 – Porta colocada no retábulo do transepto (lado Oeste) que dá acesso à sacristia.

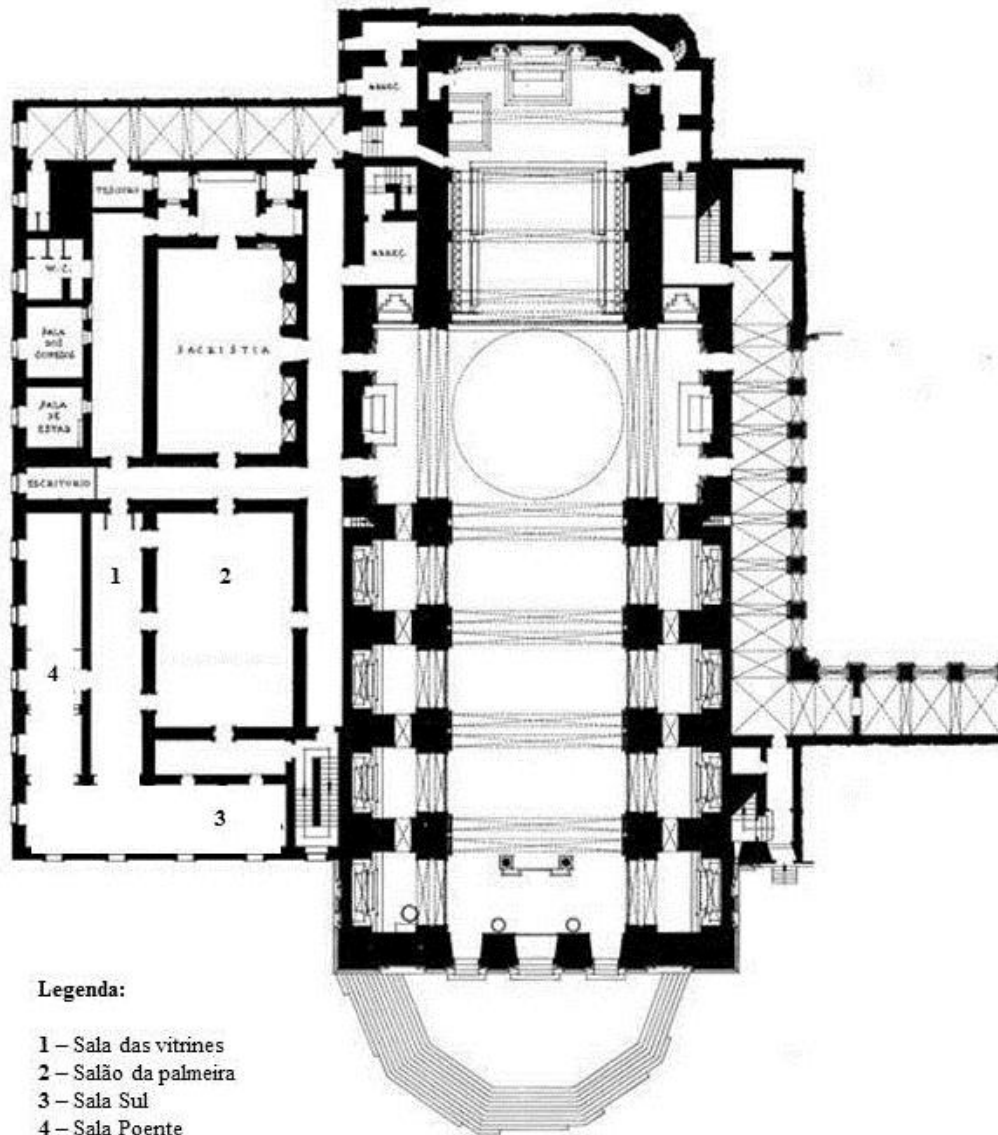


143 – Marcação na parede do antigo arco do bispo, que permitiu uma passagem directa ao espaço expositivo.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGEM 144

Planta da Sé Nova com os espaços do antigo Museu de Arte Sacra



Legenda:

- 1 - Sala das vitrines
- 2 - Salão da palmeira
- 3 - Sala Sul
- 4 - Sala Poente

144

Fonte: desenho adaptado por Duarte Freitas a partir de uma planta, sem datação, arquivada em DGEMN, Sé Nova, pasta Desenhos.

IMAGENS 145 e 146

Sala das vitrines (na actualidade)



145 – Sala das vitrines (vista direccionada para Sul). Atenda-se ao pormenor dos expositores de paramentos.



146 – Sala das vitrines (vista direccionada para Norte).

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGEM 147

Sala da Palmeira (na actualidade)



147

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGEM 148

Sala Sul (na actualidade)



148

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGEM 149

Sala Poente (na actualidade)

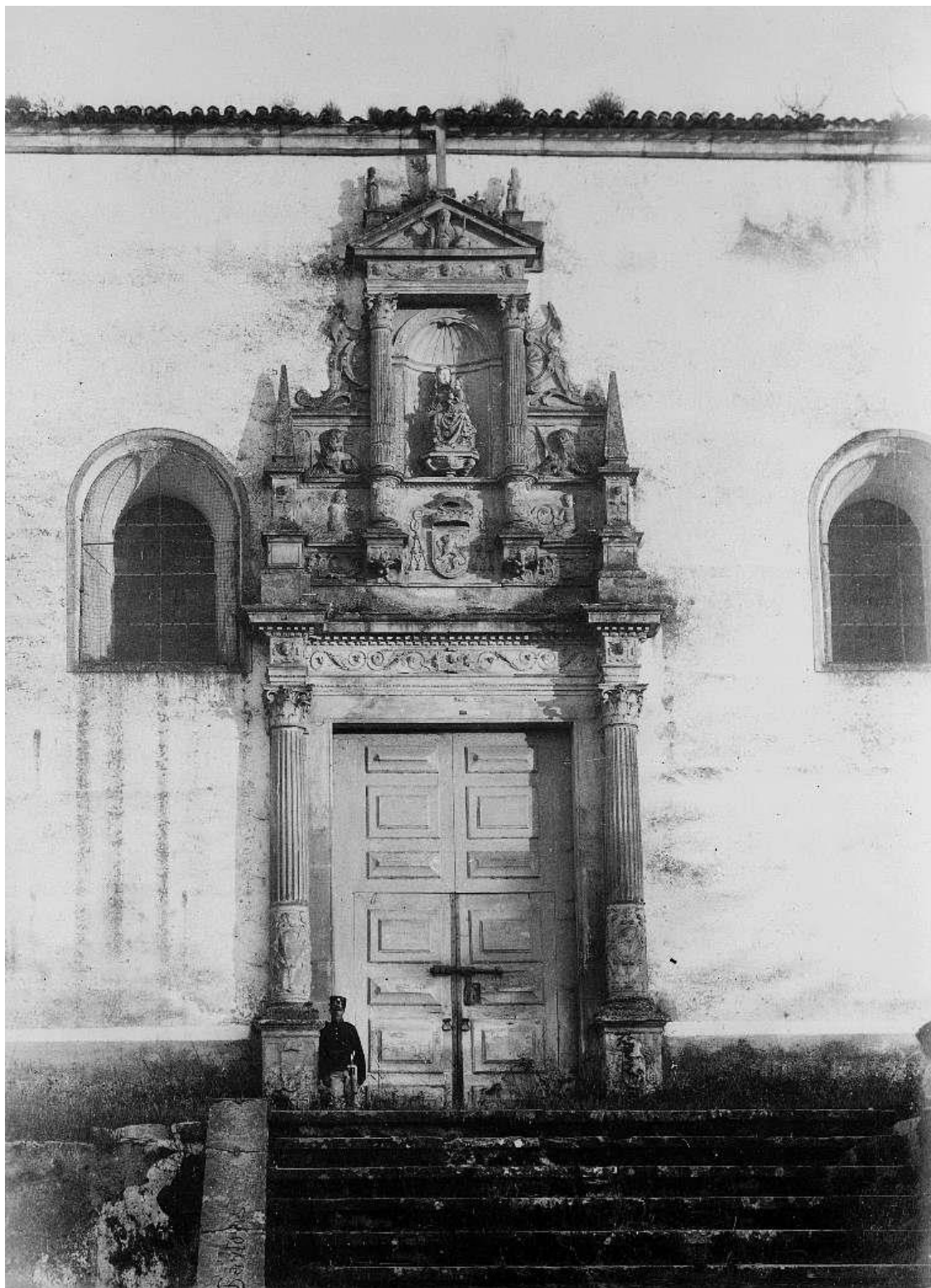


149

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

IMAGEM 150

Pórtico de Santa Ana disposto no local original (inícios do século XX)



150

Fonte: DGEMN, MMC, pasta fotografias.

IMAGEM 151

Escultura das Santas Mães exposta na galeria de escultura em pedra do MNMC

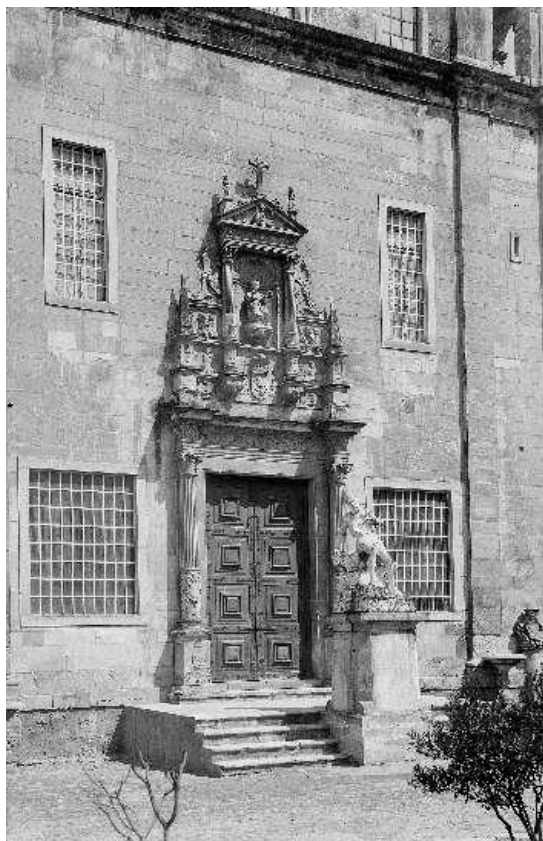


151

Fonte: n.º inv. MNMC 2622; fotografia Duarte Freitas.

IMAGENS 152 e 153

Aplicação do portal de Santa Ana na fachada principal da antiga igreja de São João de Almedina.



152 e 153 – Atenda-se ao pormenor da escultura simbolizando a ourivesaria colocada no nicho do pórtico. Fotografias dos finais da década de 1930.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 154

Interior do antigo Museu de Arte Sacra/igreja de São João de Almedina



154 – Fotografia realizada nos finais da década de 1940. Saliente-se que, nessa altura, o espaço serviu de depósito do acervo do MMC. Atenda-se ao pormenor das galerias laterais do primeiro andar, contíguas ao coro.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 155 a 158

Espólio exumado durante as obras de reconversão da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra



155 – Fragmento de mãos ou pés (século XII).
MNNC, E447.



156 – Capitel com representação de uma figura
simiesca em pose obscena (século XII).
MNNC, E450.

Fonte: AMNNC, pasta Fotografias.



157 – Modilhão (MNMC, E456).



158 – Fragmento arquitectónico (MNMC, E455).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 159 a 164

Processo de desentulhamento do criptopórtico (1930-1960)



159



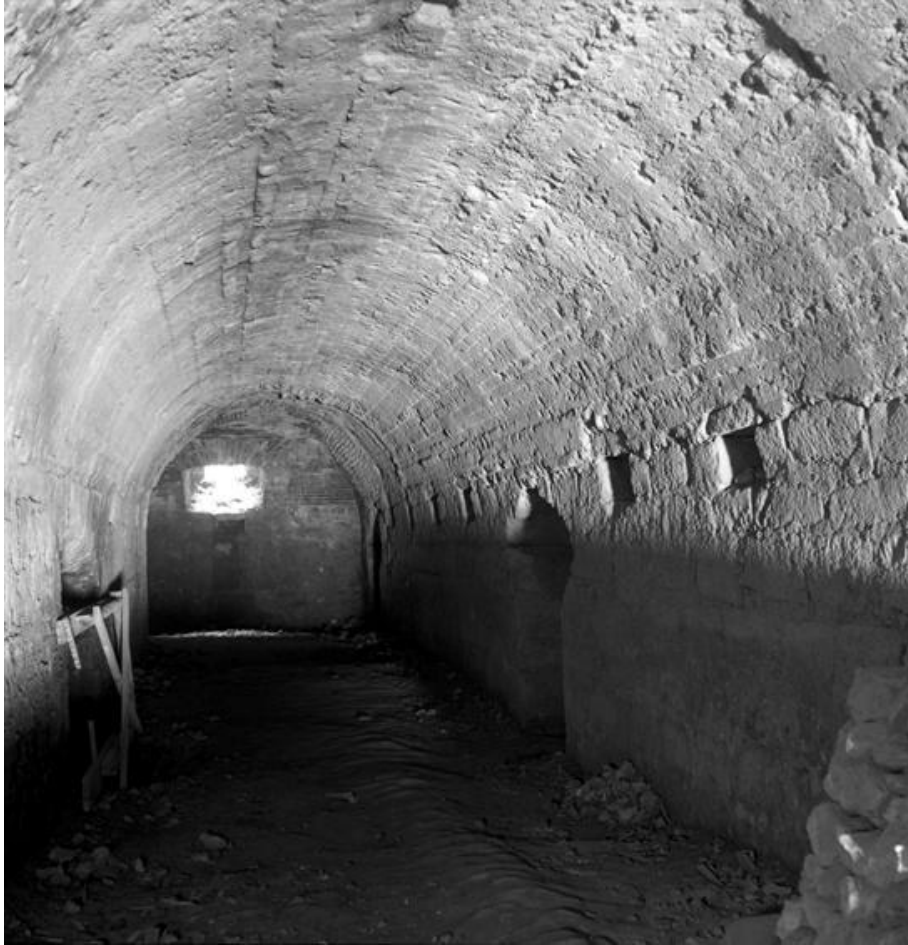
160



161



162



163



164

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.

IMAGENS 165 e 166

Exumação do canto Sudoeste do antigo claustro da igreja de São João de Almedina (ano de 1934)



165



166

Fonte: IPMC, Departamento de Documentação Fotográfica.

IMAGENS 167 e 168

Vestígios da igreja medieval de São João de Almedina



167 – Porta de acesso ao claustro e base dos pilares (entre 2004 a 2008).

Fonte: *O forum de Aeminium. A busca do desenho original*, p. 56.



168 – Arcada cega e o tramo sul do claustro já reconstruído (1934-1935).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 169 a 172

Organização do espaço expositivo após as obras realizadas nas salas correspondentes ao rés-do-chão do lado Norte e do lado Nascente



169 – Sala do claustro da igreja de São João de Almedina.



170 – Pormenor do discurso expositivo da galeria românica com o claustro disposto *in situ*.



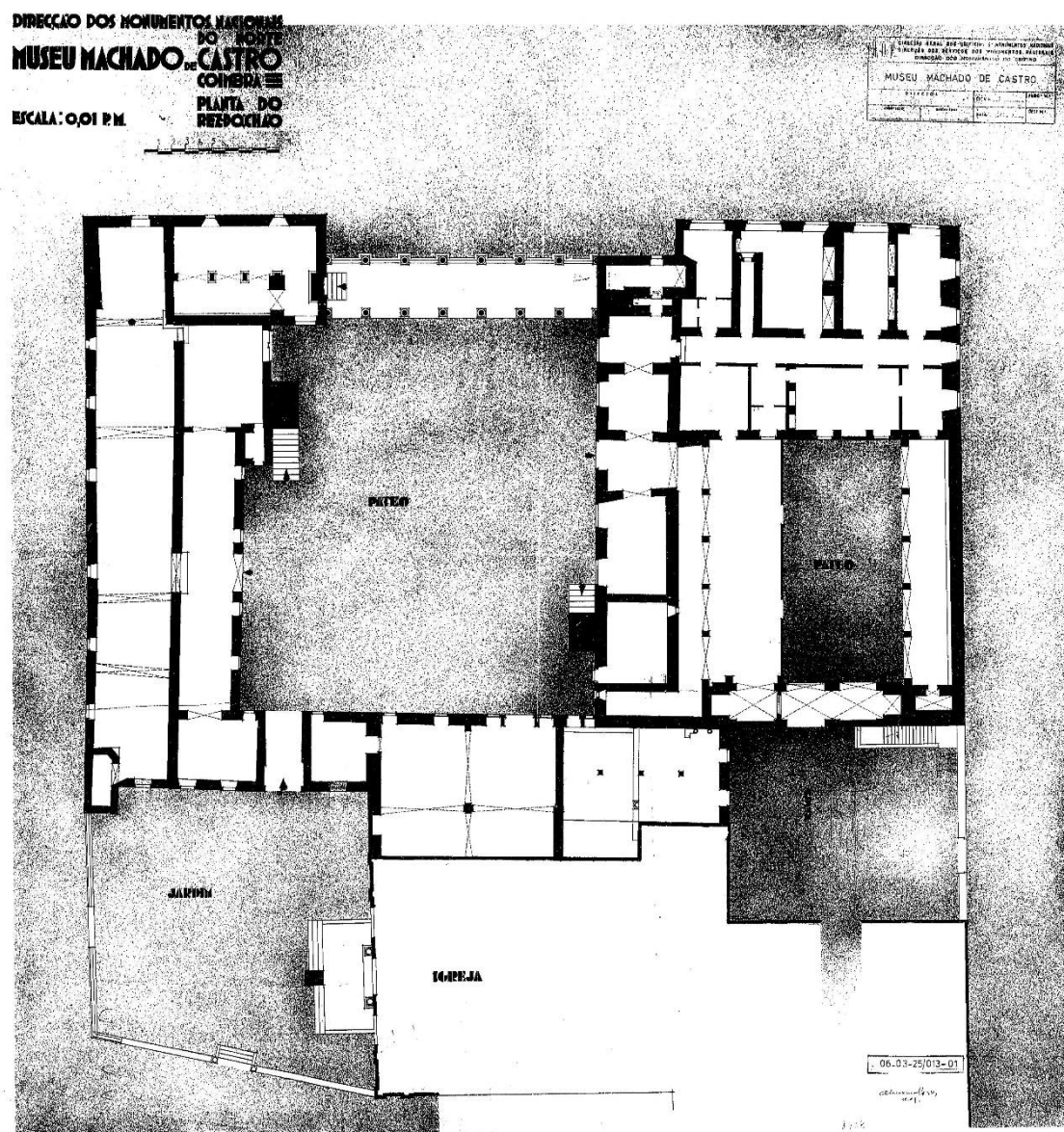
171 e 172 – Nova galeria romana, disposta no rés-do-chão do bloco Norte.



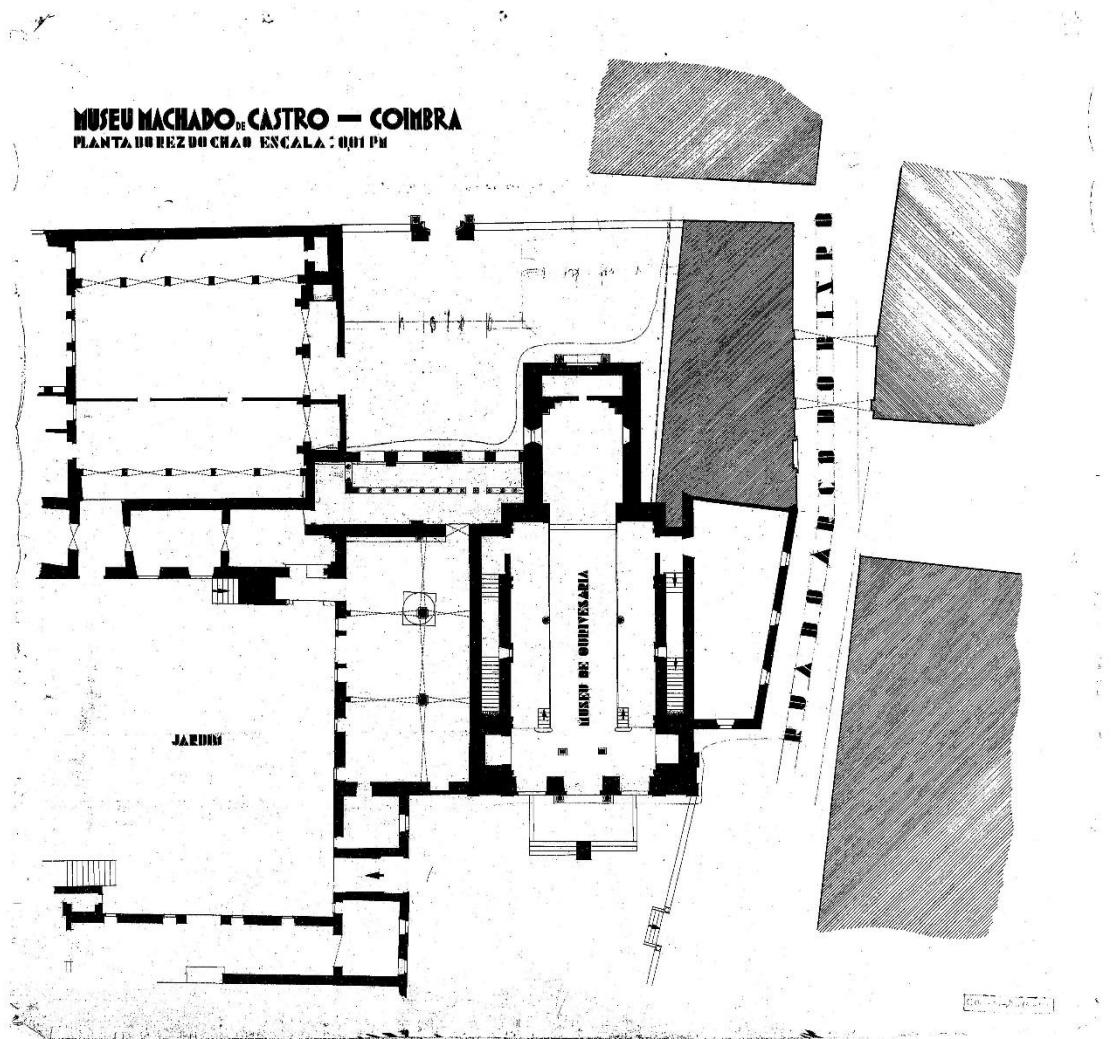
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 173 e 174

Alterações dos espaços situados no rés-do-chão do quadrante Nascente e Norte do MMC



173 – Planta do rés-do-chão do MMC no período anterior às obras de remodelação dos espaços correspondentes à antiga igreja medieva de São João de Almedina (ano de 1932).



174 — Planta parcial do rés-do-chão do MMC após as remodelações efectuadas nos espaços correspondentes à igreja medievla de São João de Almedina (1935).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Obras de Conservação” elaborada pela DMN Norte, assinada: o agente técnico de engenharia de 3.^a classe Manuel Pinto Cruz, 19 de Fevereiro de 1935 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0344).

IMAGENS 175 e 176

Frontais de altar da igreja de São João de Almedina exumados em Setembro de 1938



175 – N.º de inv.: MNMC 6338.



176 – N.º de inv.: MNMC 6339.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 177

Fragmento escultórico de São João Baptista (?), exumado no adro de acesso ao MMC



177 – N.º de inv.: MNMC 10127.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 178 a 186

Exumação de sepulturas no pátio principal do MMC (1936)



178



179



180



181



182



183



184



185



186

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 187

Janela manuelina (pormenor)



187 – Ano de 1938.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 188

Pórtico de entrada do MMC durante a intervenção de 1938



188

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 189 a 202

Fases do processo de desobstrução do arco ultrapassado e consequente recuo do canto Sudeste do edifício (1938-1939)



189



190



191



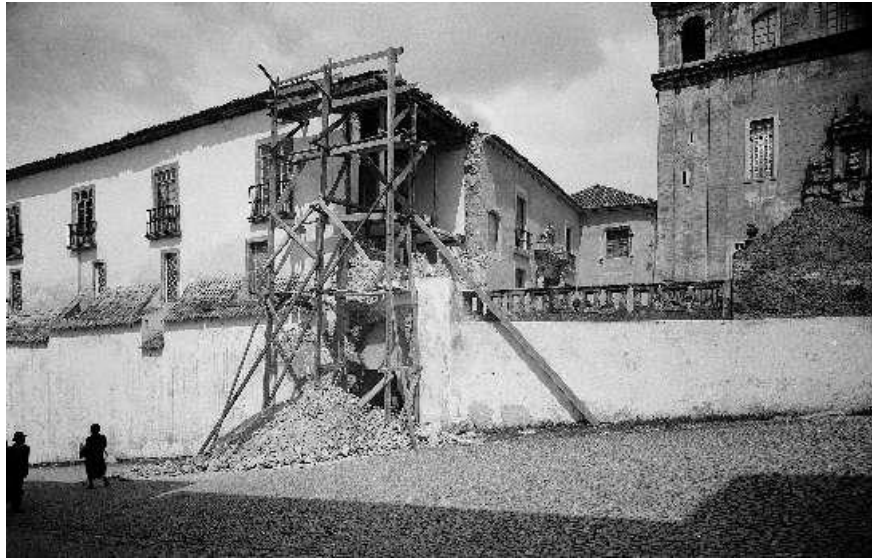
192



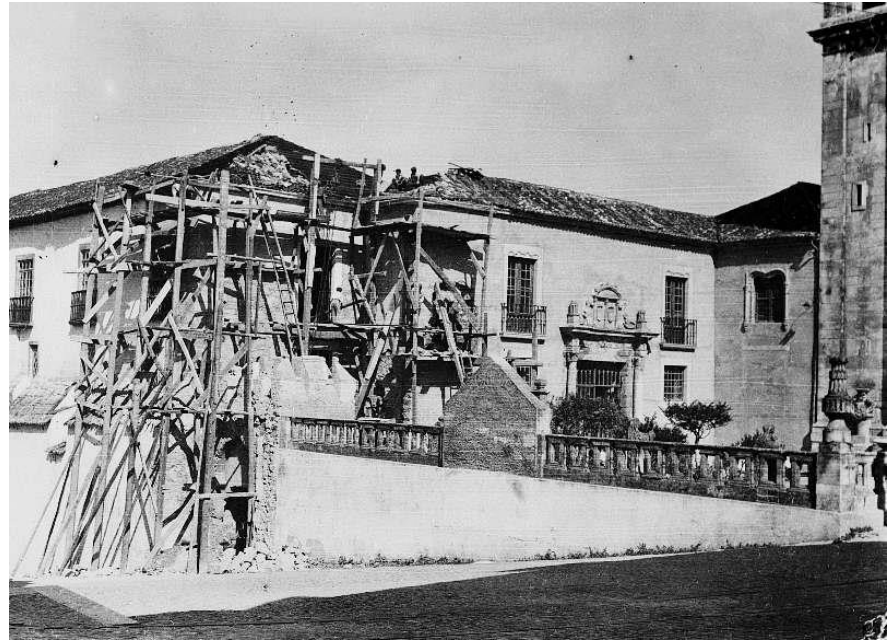
193



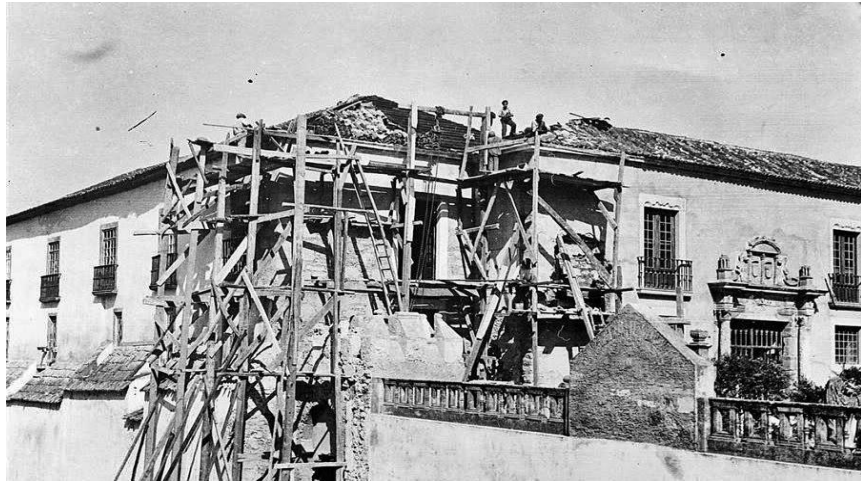
194



195



196



197



198



199



200



201



202

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 203

Escultura “Camões salvando os Lusíadas” de Fernandes de Sá



203 – MNMC, E611. Ano de 1939.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 204 e 205

Lajeamento do pátio de entrada (1938-1939)



204



205

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 206 a 209

Aspecto geral do pátio de entrada do MMC após as obras de beneficiação (1939)



206



207



208

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



209

230

IMAGENS 210 e 211

Aplicação do portal de Santo Agostinho na cabeceira da igreja de São João de Almedina



210 e 211 – Finais da década de 1930.



Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 212

Rua da Sofia e colégio de São Domingos nos finais do século XIX



212 – Fotografia de José Sartoris, ano de 1883.

Fonte: *Monumentos*, n.º 25, Setembro de 2006, p. 25.

IMAGEM 213

Portal de São Tomás, disposto na fachada Nascente do colégio dos dominicanos

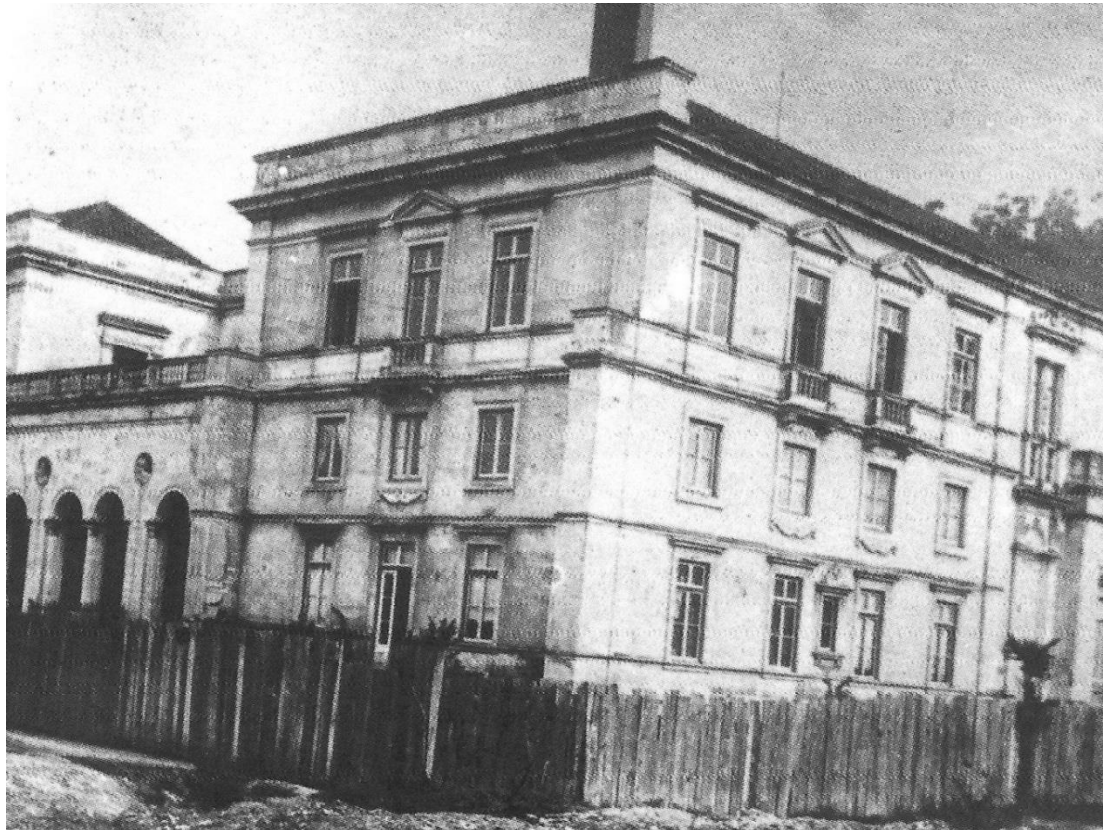


213 – Finais do século XIX.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 214

Fachadas Sul e Poente da residência do conde do Ameal, projectadas por Silva Pinto



214 – Ano de 1928.

Fonte: *Monumentos*, n.º 25, Setembro de 2006, p. 60.

IMAGENS 215 e 216

Fachada Nascente do colégio de São Tomás nos finais do século XIX



215



216

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 217

Estado de conservação precário do portal de São Tomás



217 – Finais do século XIX, princípios da centúria seguinte.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 218 e 219

Largo de São Salvador durante a montagem do portal de São Tomás (1935-1936)



218

Fonte: DGEMN, Igreja de São Salvador, pasta Fotografias.



219

IMAGEM 220

Pórtico de São Tomás montado na parede Norte do MMC



220 – Atenda-se ao pormenor do acrescento do muro. Postal de 1935.

Fonte: Colecção Particular Duarte Freitas.

IMAGENS 221 a 223

Processo de montagem do portal de São Tomás na parede Norte do MMC (ano de 1935)



221



222

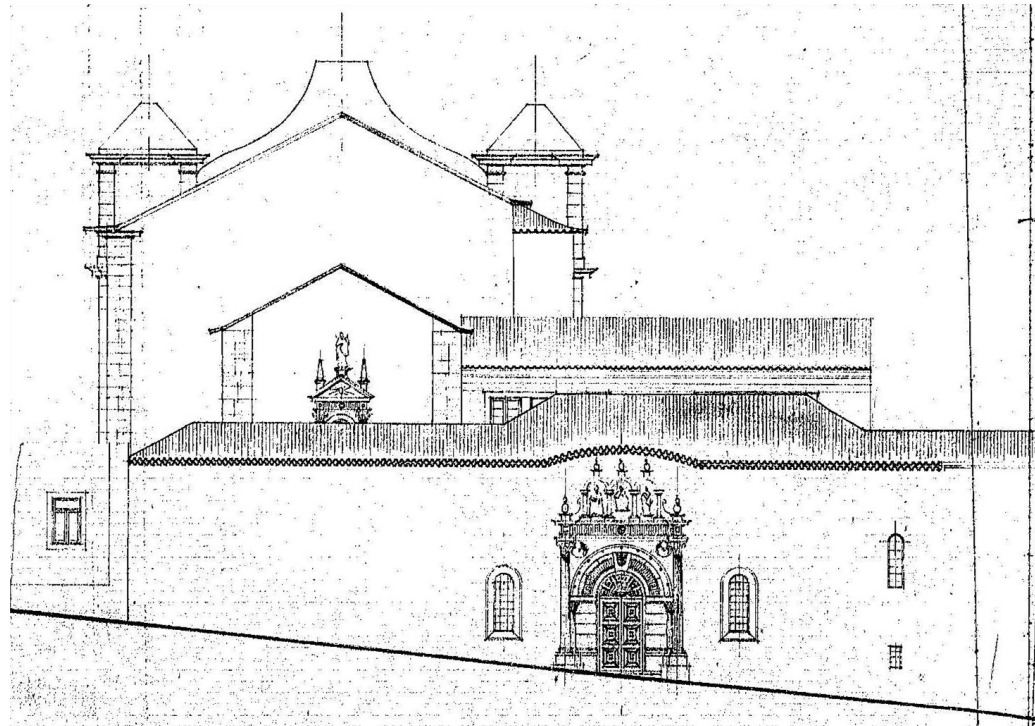


223

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 224

Alçado da fachada Norte do MMC após a aplicação do Portal de São Tomás



224

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou o caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.^a classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGEM 225

Pormenor do alteamento do telhado no canto Nordeste, após o acrescento de um novo andar



225 – Fotografia registada nos inícios da década de 1940.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 226 e 228

Obras no quadrante Nordeste do MMC (1935-1937)

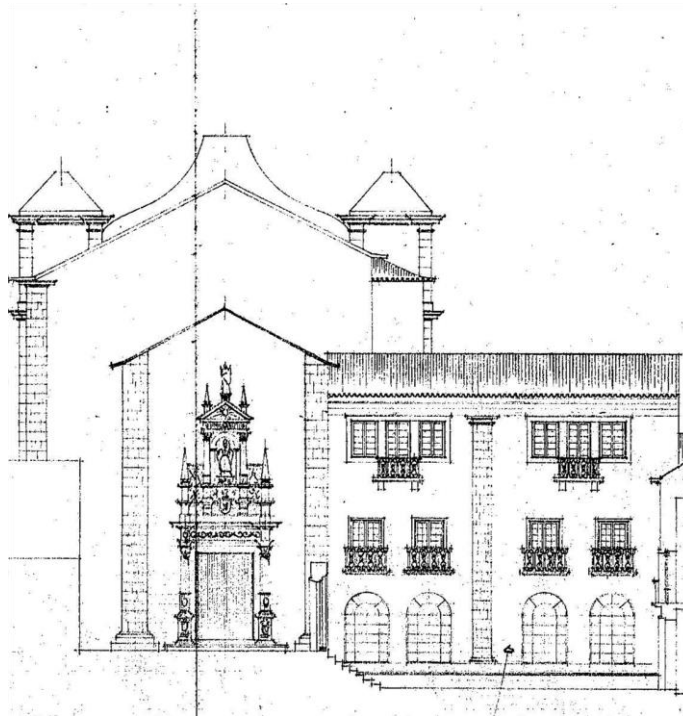


226 – No lado esquerdo: portal de Santo Agostinho adossado à cabeceira do templo. No lado direito: construção da fachada.



227 – No lado esquerdo: fachada já edificada. No lado direito: vestígios a antiga sacristia da igreja de São João de Almedina.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



228 - Pormenor do pequeno pátio do lado Nordeste, com a fachada edificada nas obras de 1935-1937.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Museu Machado de Castro. Coimbra. Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinada: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Valgode Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGENS 229 a 236

Processo de obras no bloco Norte do MMC (final da década de 1930)



229 e 230 – Demolições no quadrante Nordeste.





231 – Demolições no quadrante Nordeste.



232 – Área do antigo passadiço neomanuelino.



233 – Antigo passadiço neomanuelino e início da construção do novo pavilhão



234 – No lado esquerdo: fachada do antigo saguão situado a Nordeste; ao centro: antigo passadiço neomanuelino; no lado direito: início da construção do novo pavilhão.



235 – Pátio interior (situado a Norte). Ao fundo: antigo passadiço neomanuelino; no lado direito: armazém que serviu de depósito de acervo.



236 – Reforma do pátio interior.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 237 a 248

Obras no pátio interior Norte do MMC (a partir de 1938)



237 – Flanco Este.



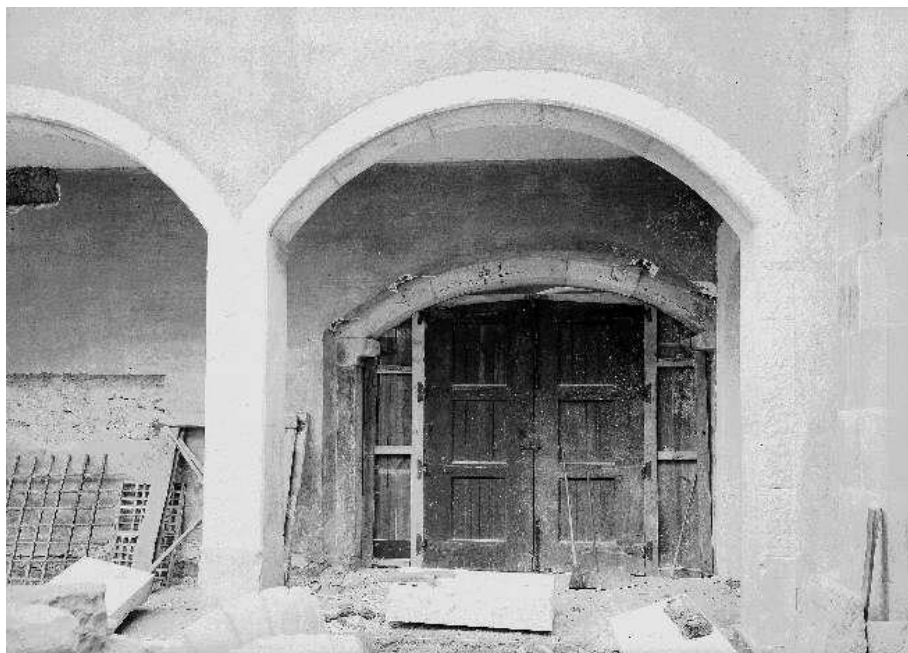
238 – Flanco Este.



239 – Flanco Este.



240 – Canto Nordeste.



241 – Obras no flanco Norte.



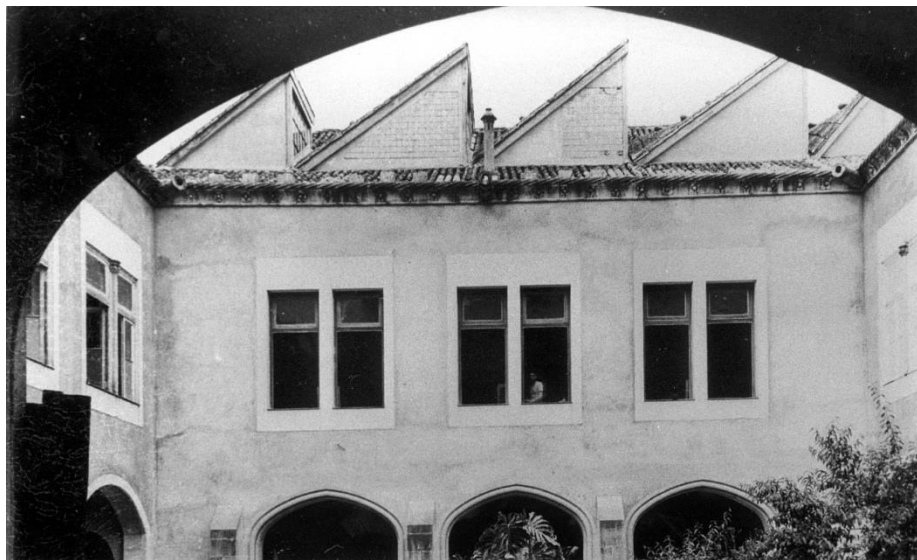
242 – Flanco Oeste. Início da introdução das arcadas.



243 – Flanco Oeste. Introdução de arcadas.



244 – Flanco Oeste. Introdução de arcadas.



245 – Flanco Oeste. Resultado final



246 – Flanco Sul. Arcadas finalizadas.



247 – Flanco Sul. Arcadas finalizadas.



248 – Canto Sudeste (final da década de 1940).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 249

Construção dos novos espaços no pátio Nordeste



249 – Finais da década de 1930, princípios da década seguinte.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 250 a 252

Aspectos do discurso expositivo do MMC durante a vigência de Vergílio Correia



250 – Sala de escultura do século XVII (primeiro andar, vestíbulo Nordeste, início da década de 1940).



251 – Sala manuelina (rés-do-chão, canto Sudoeste, início da década de 1940).

Fonte: Coleção Particular Regina Anacleto.



252 – Sala de Coimbra Antiga (1.º andar do bloco Norte), inaugurada no dia 22 de Julho de 1932.

Fonte: MNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 253

Porta de acesso às salas do Instituto de Coimbra, nas proximidades do arco do bispo



253 – Fotografia dos inícios da década de 1940.

Fonte: *A velha alta...desaparecida*, p. 71.

IMAGENS 254 a 258

Um museu envolto num estaleiro de obras: a implementação de uma nova cidade universitária



254 – Cintura habitacional disposta nas proximidades da fachada Sul do Museu Machado de Castro, demolida nos inícios da década de 40 para dar lugar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Fonte: *A velha alta...desaparecida*, p. 4 e 58.



255 – Rua das Cozinhas. Ao fundo encontra-se a fachada Sul do MMC.



256 – Descida da rua de São João até ao arco do bispo. Os blocos residenciais que a ladeiam (á excepção do Museu Machado de Castro) foram demolidos para dar lugar à Faculdade de Letras (lado esquerdo) e à Faculdade de Medicina (lado direito).

Fonte: Coleção Particular de Regina Anacleto.



257 – Cintura habitacional, disposta a Nascente do Museu Machado de Castro, demolida nos finais da década de 40.

Fonte: *A velha alta...desaparecida*, p. 47.



258 – Área demolida para dar lugar à futura Faculdade de Letras. Inícios da década de 1940.

Fonte: *A velha alta...desaparecida*, p. 63.

IMAGENS 259 a 261

Lado Nascente do MMC sujeito a demolição, no âmbito das obras da cidade universitária



259 – Estrutura construtiva, situada à esquerda da igreja de São João de Almedina, sujeita a demolição no âmbito da reforma universitária: anexos do Museu de Arte Sacra; salas do Instituto de Coimbra; arco do bispo (inícios da década de 1940).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



260 – Demolição das dependências do Museu de Arte Sacra e das salas do IC (finais de Abril de 1944).

Fonte: Colecção Particular Regina Anacleto.



261 – Espaços dispostos a Nascente já demolidos, juntamente com o arco do bispo (fotografia realizada a partir de Abril de 1948).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 262 a 266

Fachada Sul do MMC no período anterior à campanha de obras iniciada em 1944



262 – Inícios de 1940, após a intervenção do pátio de entrada



263 – Inícios da década de 1940.

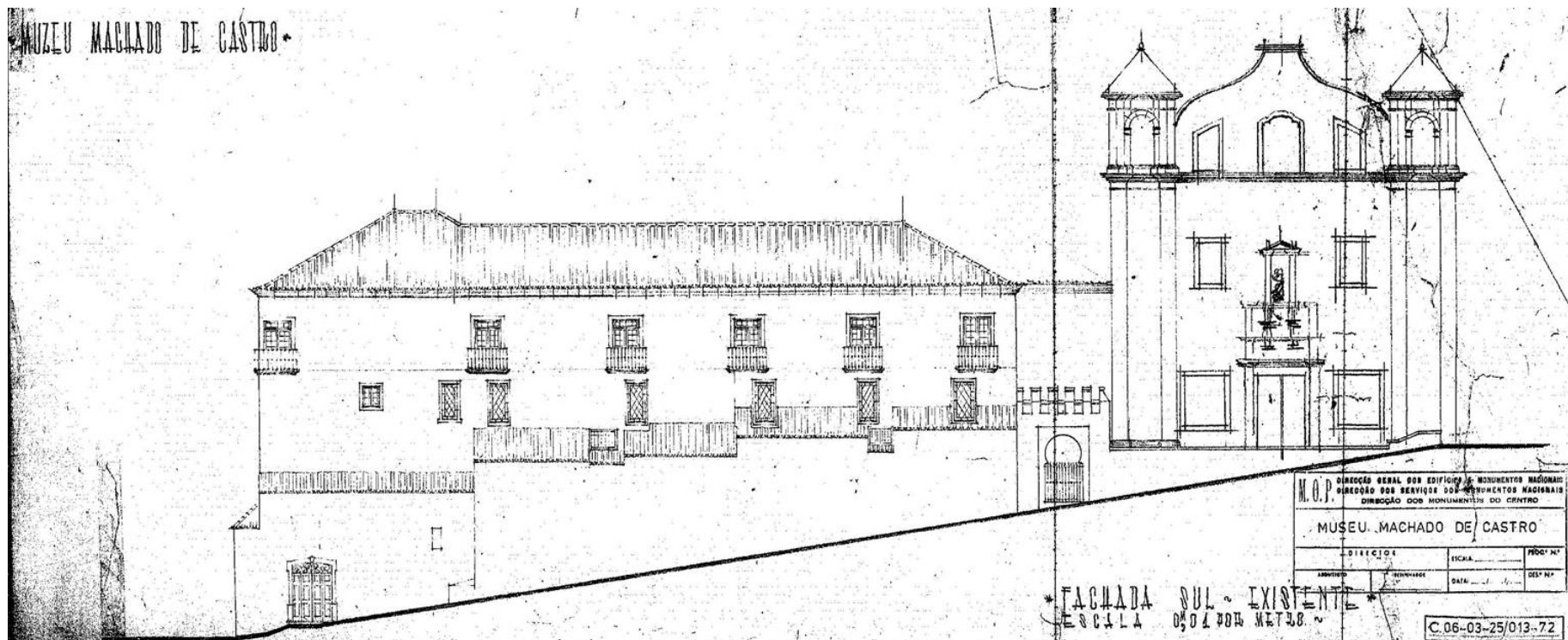


264 – Primeira metade da década de 1940, após as demolições no âmbito das obras da cidade universitária.



265 – Porta de entrada para o piso inferior do criptopórtico (década de 1930).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

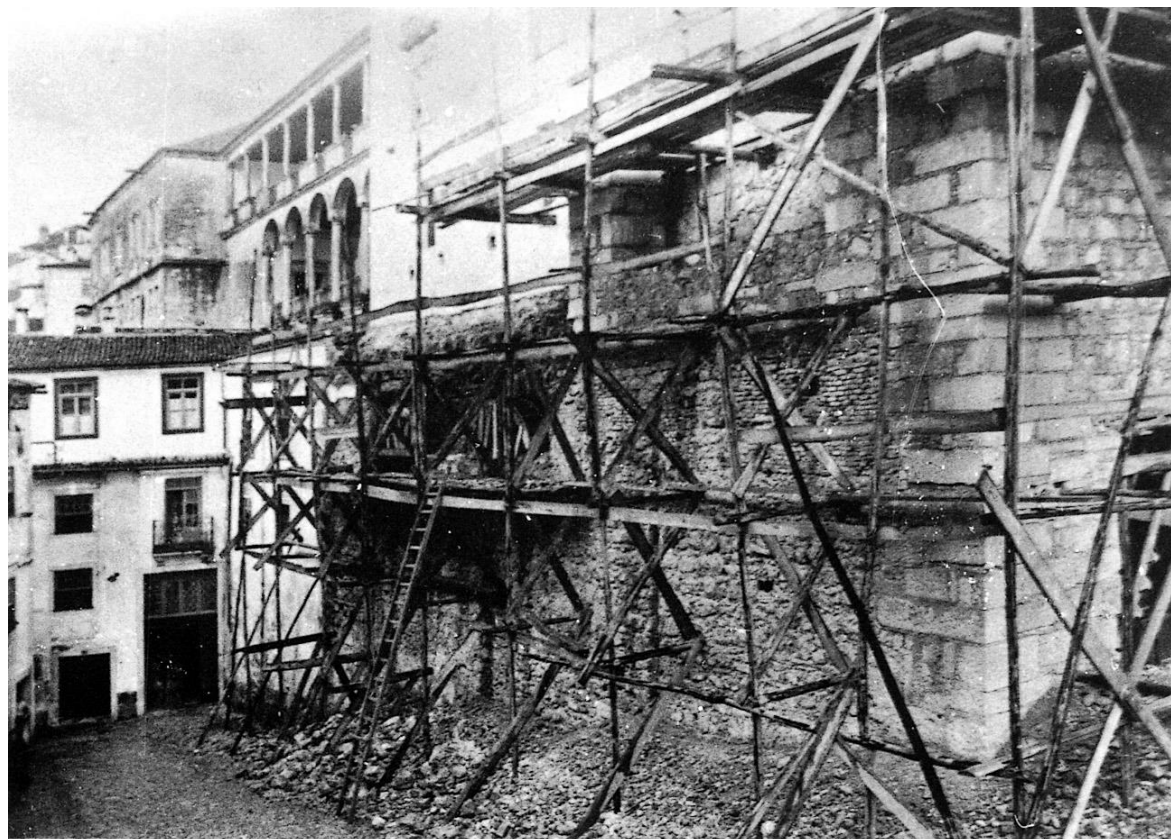


266 – Fachada Sul do Museu Machado de Castro no período anterior à campanha de obras iniciadas em 1944

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Museu Machado de Castro. Coimbra. Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinada: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Valgode Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370). Foram registadas em desenho as duas faces da frontaria Sul do MMC ao longo da década de 1940.

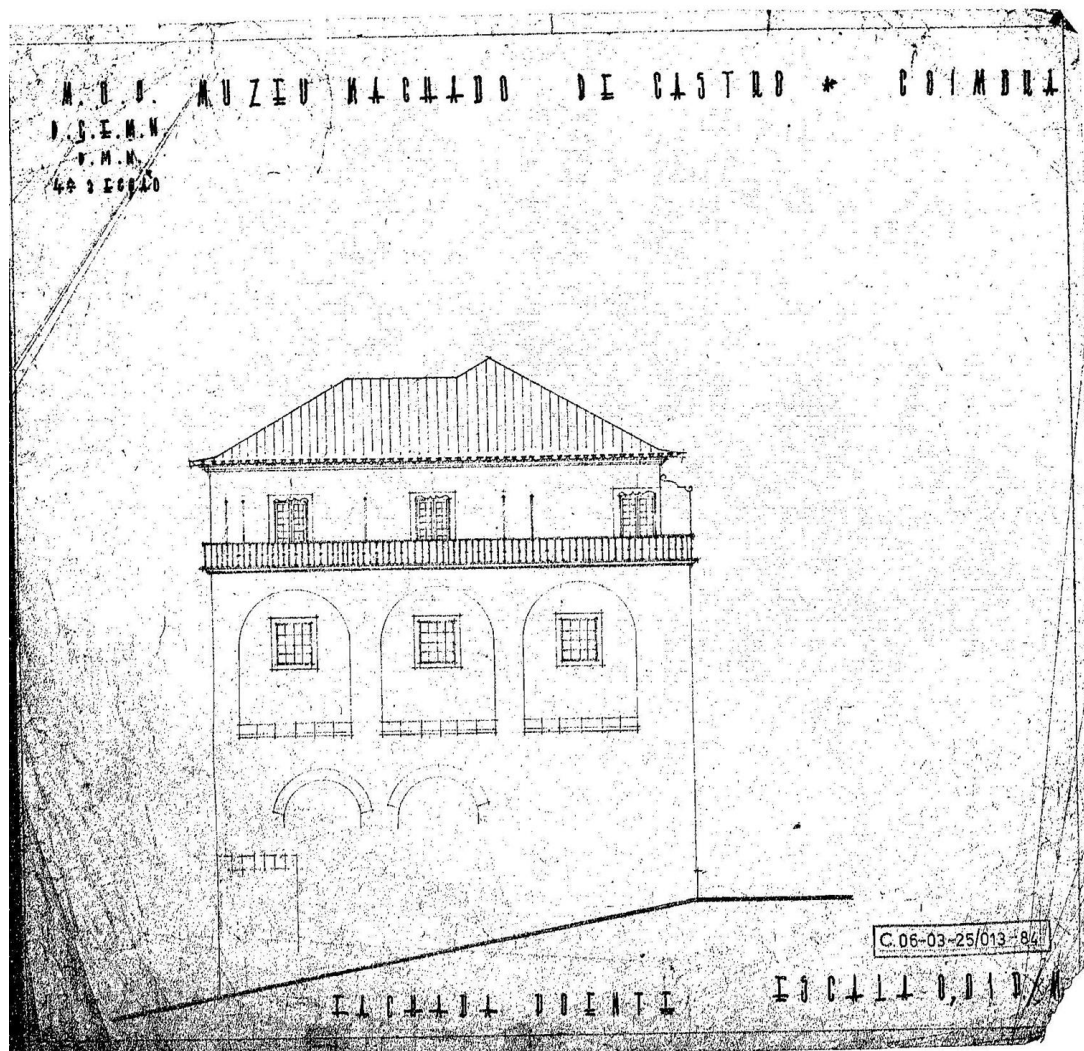
IMAGENS 267 e 268

Início das obras no canto Sudoeste do MMC, ano de 1944



267

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

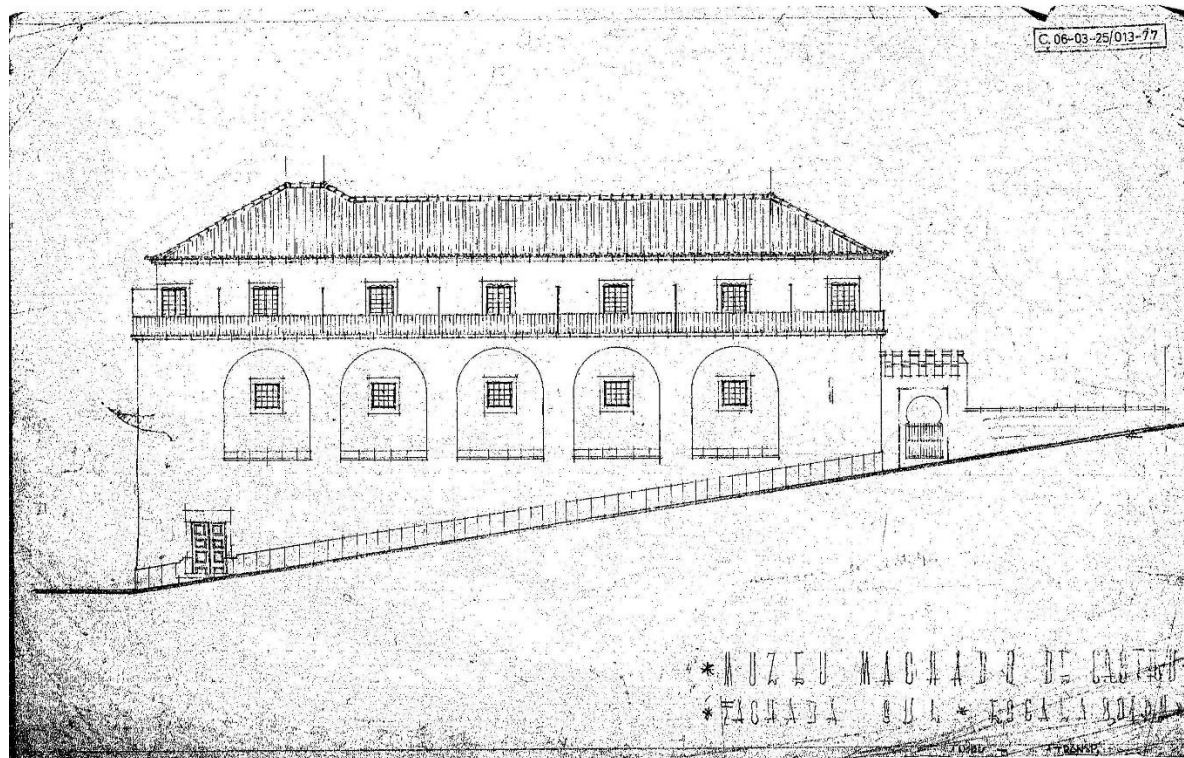


268 – Fachada Sudoeste do Museu Machado de Castro após as obras iniciadas em 1944.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Obras de arranjo da parte da entrada e conclusão das fachadas Sul e Poente”, assinada: o arquitecto de 3.ª classe contratado Luís Amoroso Valgode Lopes, 1 de Novembro de 1948 (pasta PT DGEMN:DSID-001/006-0520).

IMAGENS 269 a 276

Obras na fachada Sul e Poente do MMC, realizadas a partir de 1944



269 – Reversão da fachada Sul (projecto).

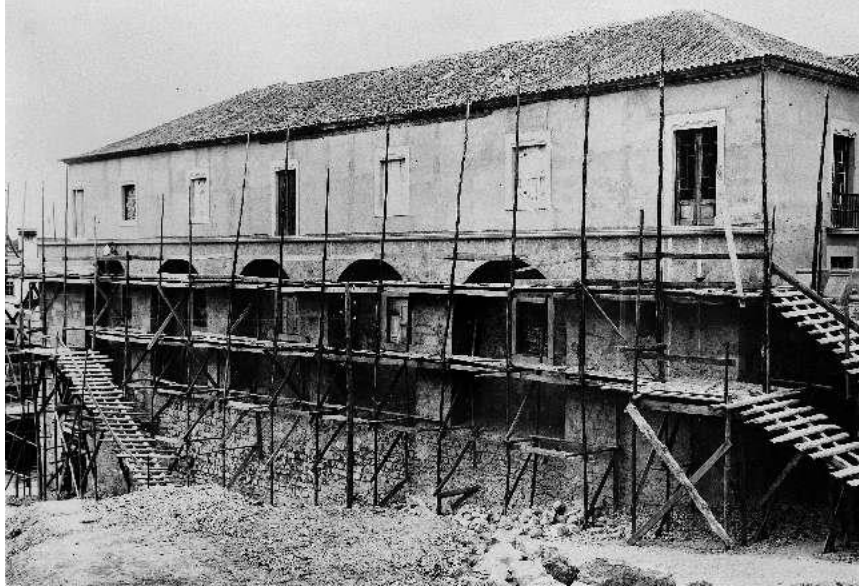
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Obras de arranjo da parte da entrada e conclusão das fachadas Sul e Poente”, assinada: o arquitecto de 3.^a classe contratado Luís Amoroso Valgode Lopes, 1 de Novembro de 1948 (pasta PT DGEMN:DSID-001/006-0520).



270



271



272



273



274



275



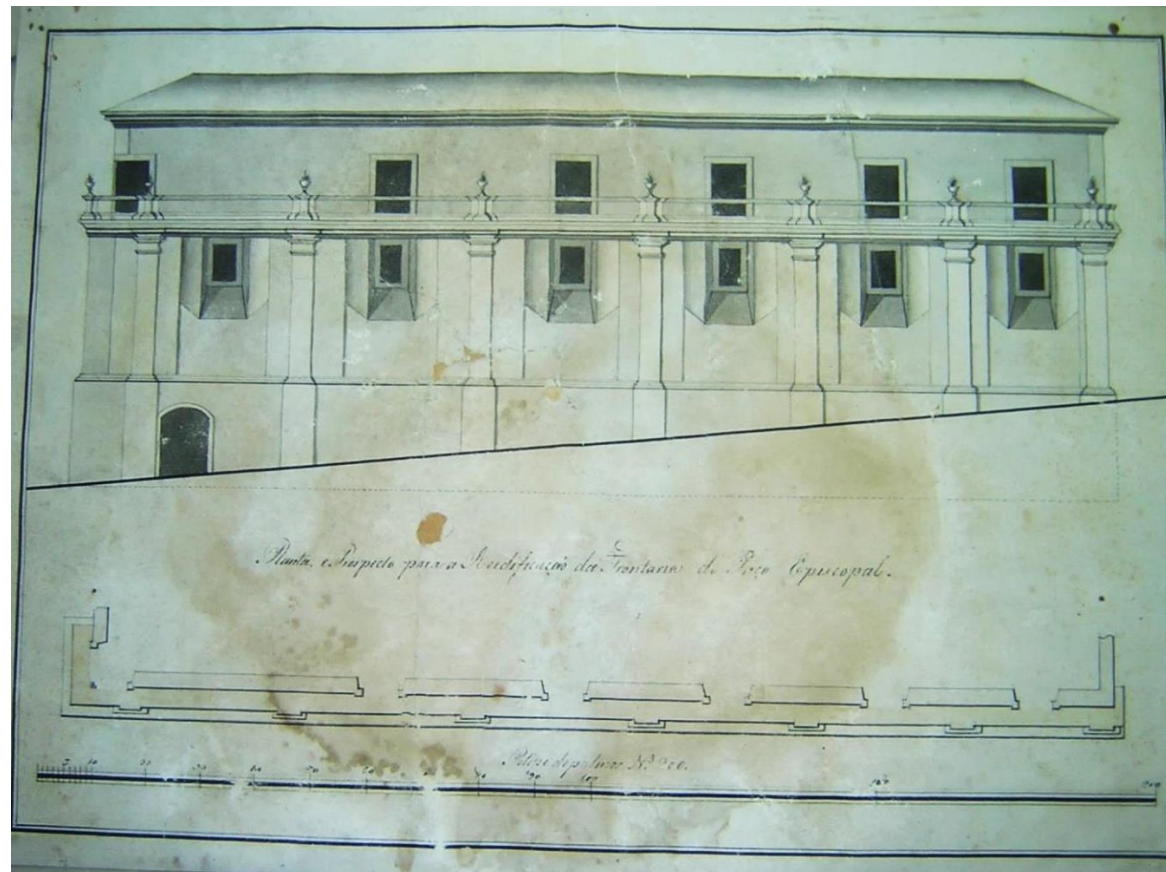
276

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

273

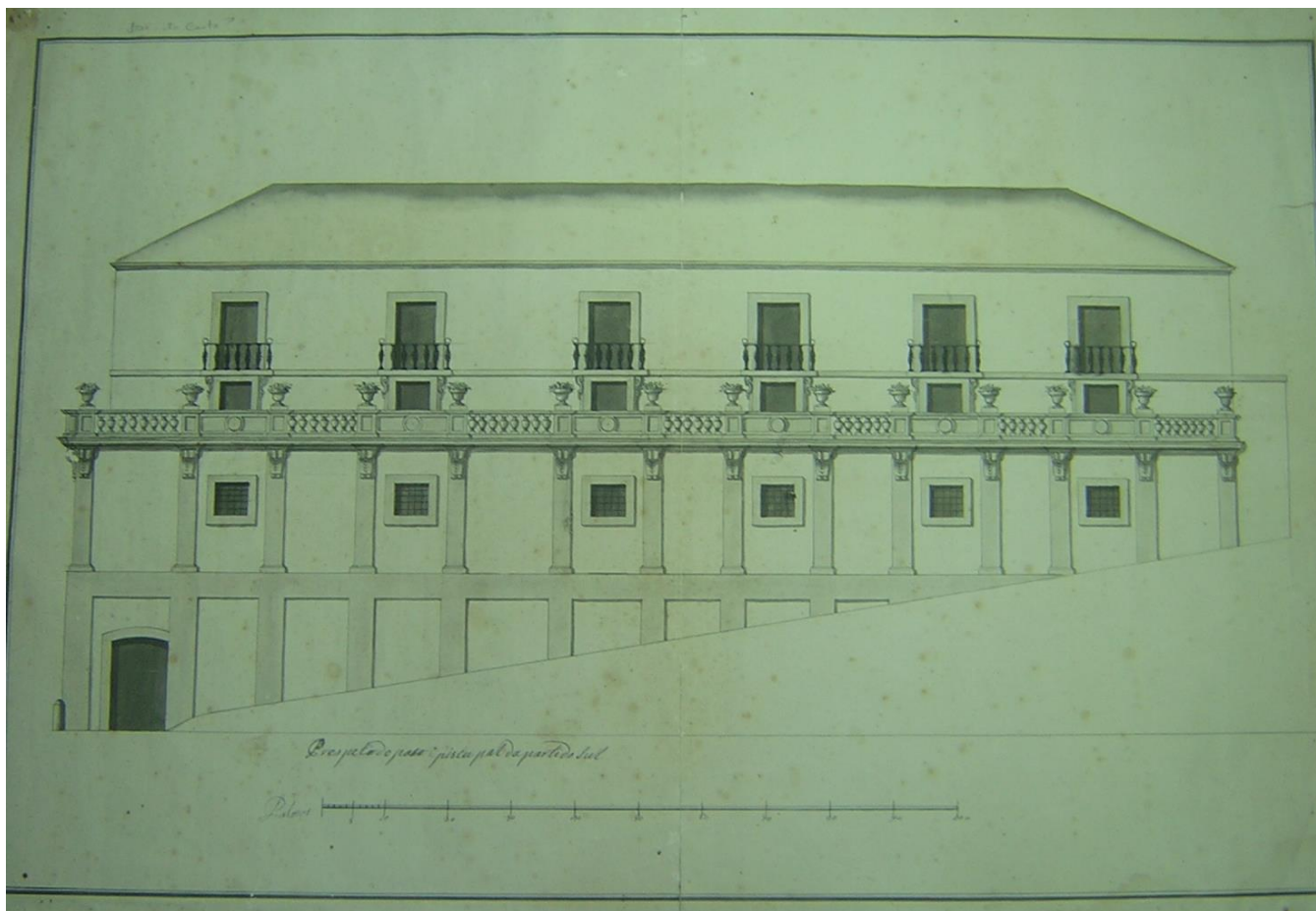
IMAGENS 277 e 278

Projectos da reforma pombalina para a fachada Sul do paço episcopal



277 – Legenda: “Planta e Prospecto para a Reedificação da Frontaria do Paço Episcopal”.

Fonte: MNMC, DA112.



278 – Legenda: “Prespecto do passo piscopal da parte do Sul”.

Fonte: MNMC, DA113.

IMAGEM 279

Perspectiva dos trabalhos na fachada Norte do Paço das Escolas do ponto de vista do pátio de entrada do MMC



279

Fonte: DGEMN, Paços da Universidade de Coimbra, pasta Fotografias.

IMAGEM 280

Obras nas salas do quadrante Sudoeste do MMC



280 – Pormenor da colunata (inícios da década de 1940).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 281 a 284

Obras de beneficiação das salas de pintura para acolhimento da Exposição de Ourivesaria (1940)



281



282



283



284

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 285

Obras no rés-do-chão do quadrante Noroeste

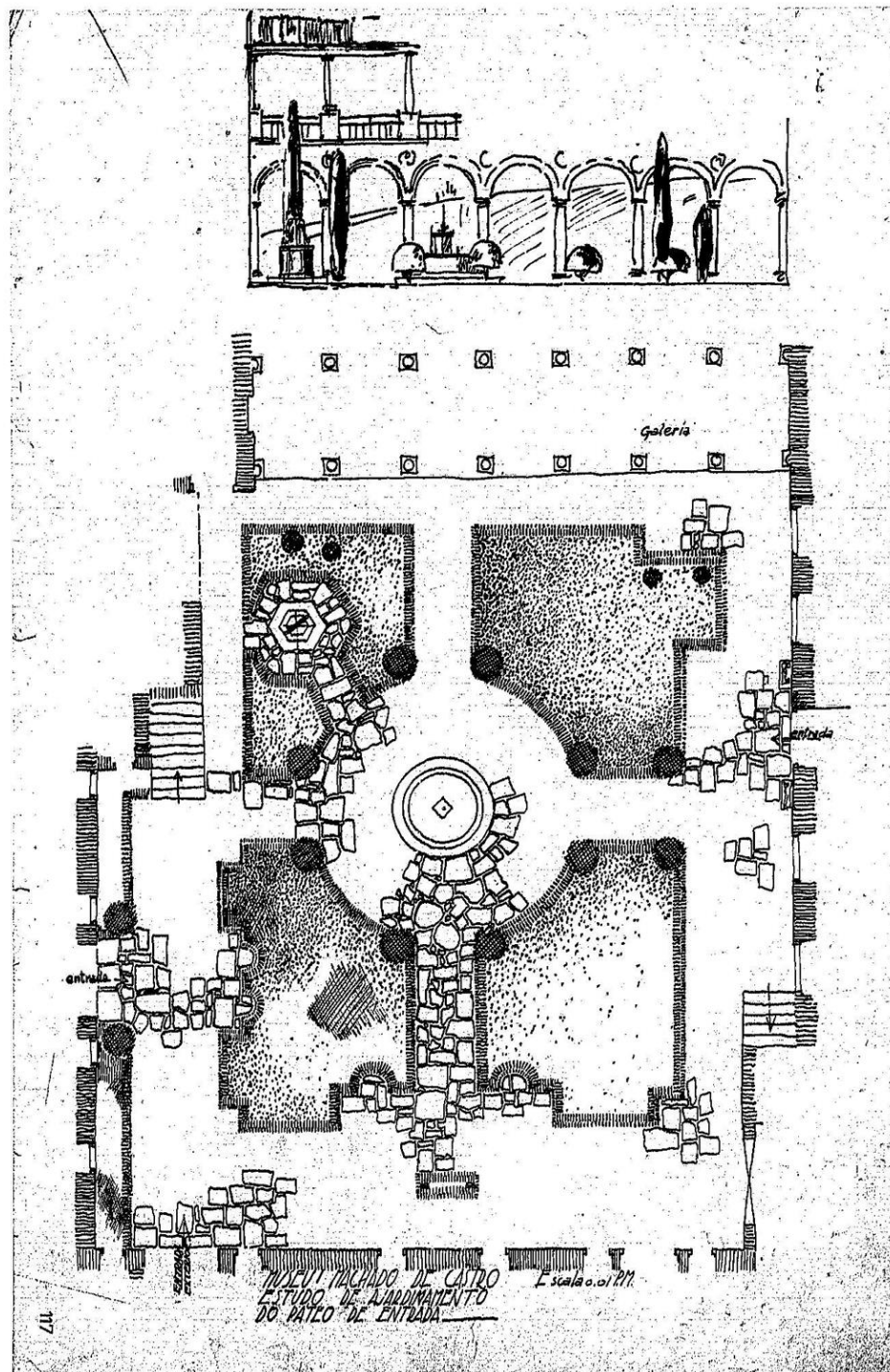


285

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 286

Estudo do ajardinamento do pátio principal do MMC (1936)



286

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos.

IMAGEM 287

Novo jardim do pátio principal (1940)

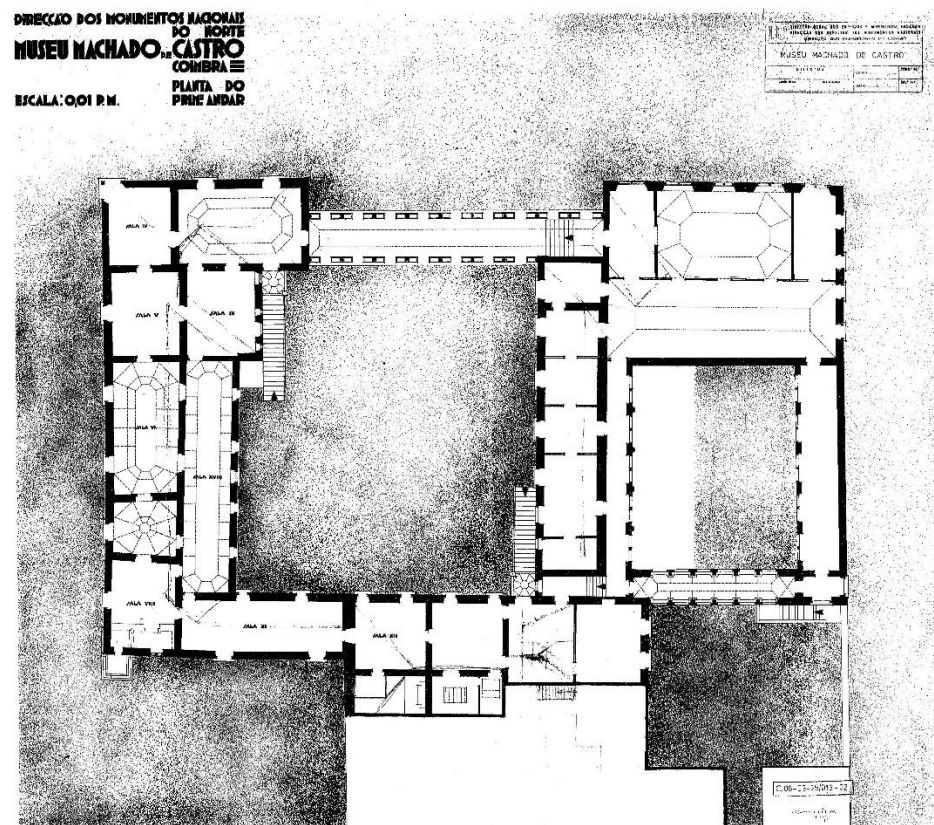


287

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 288

Planta do andar superior do MMC com a marcação dos tectos (ano de 1935)



288

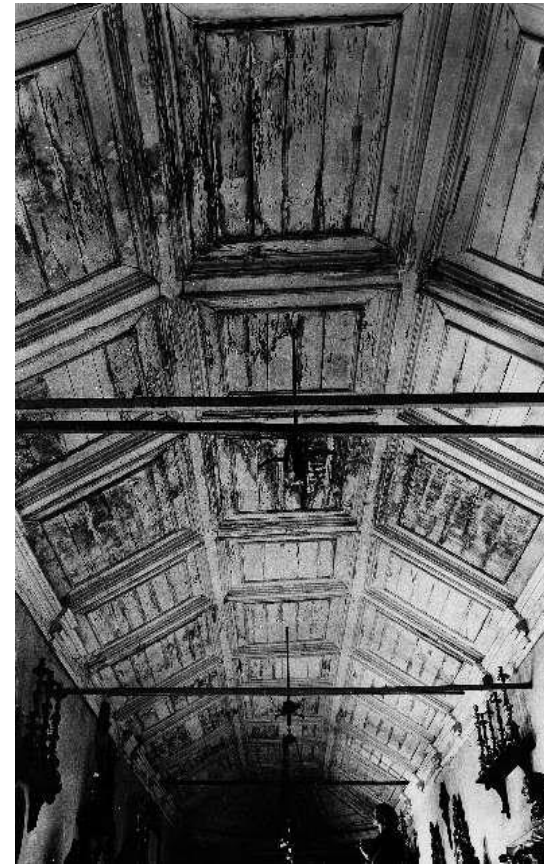
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou a estimativa “Obras de Conservação” elaborada pela DMN Norte, assinada: o agente técnico de engenharia de 3.ª classe Manuel Pinto Cruz, 19 de Fevereiro de 1935 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0344).

IMAGENS 289 a 292

Registo fotográfico dos tectos do MMC (1942-1945)



289 – Tecto do século XVII disposto no primeiro andar do bloco Sul (sala com janelas voltadas a Sul).

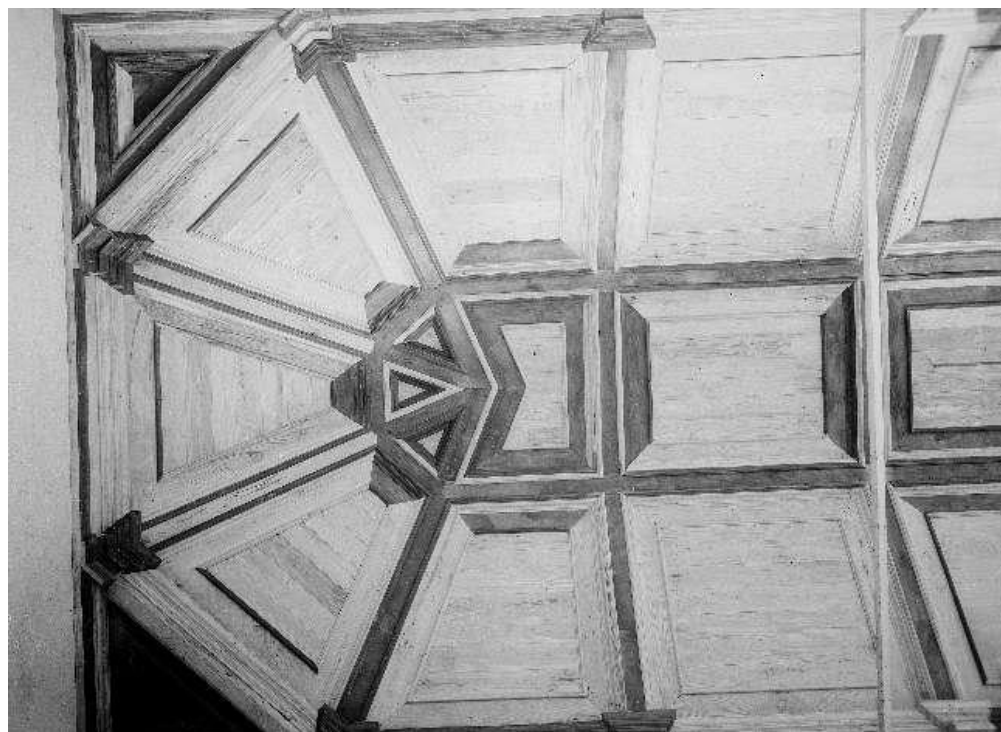


290 – Tecto do século XVII, disposto no primeiro andar do bloco Sul (sala com janelas voltadas para o pátio principal).



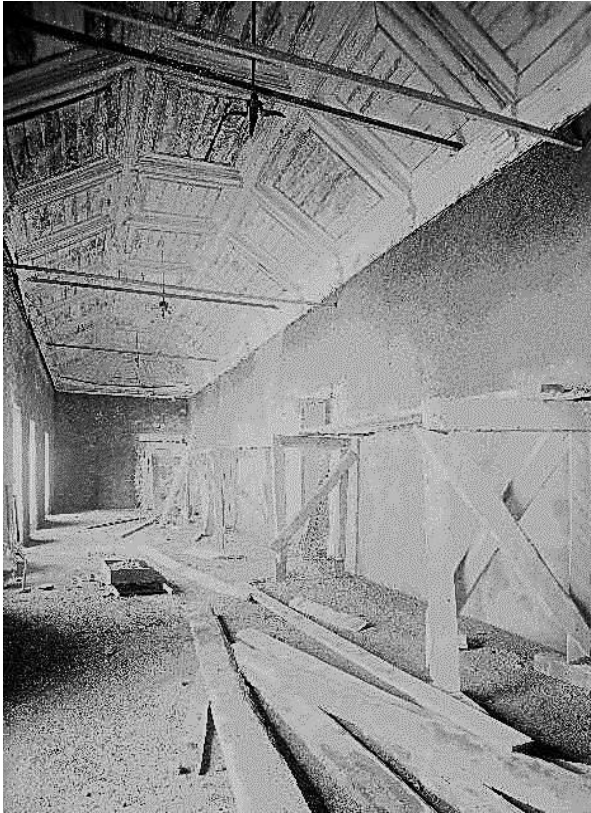
291 e 292 – Restauro do tecto seiscentista identificado na imagem 290.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



IMAGENS 293 a 296

Obras efectuadas no bloco Sul do MMC (1948-1949)



293 – Primeiro andar.



294 – Rés-do-chão.



295 e 296 – Rés-do-chão.



Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 297 a 299

Obras de manutenção do pátio de entrada do MMC (1948-1949)



297



298

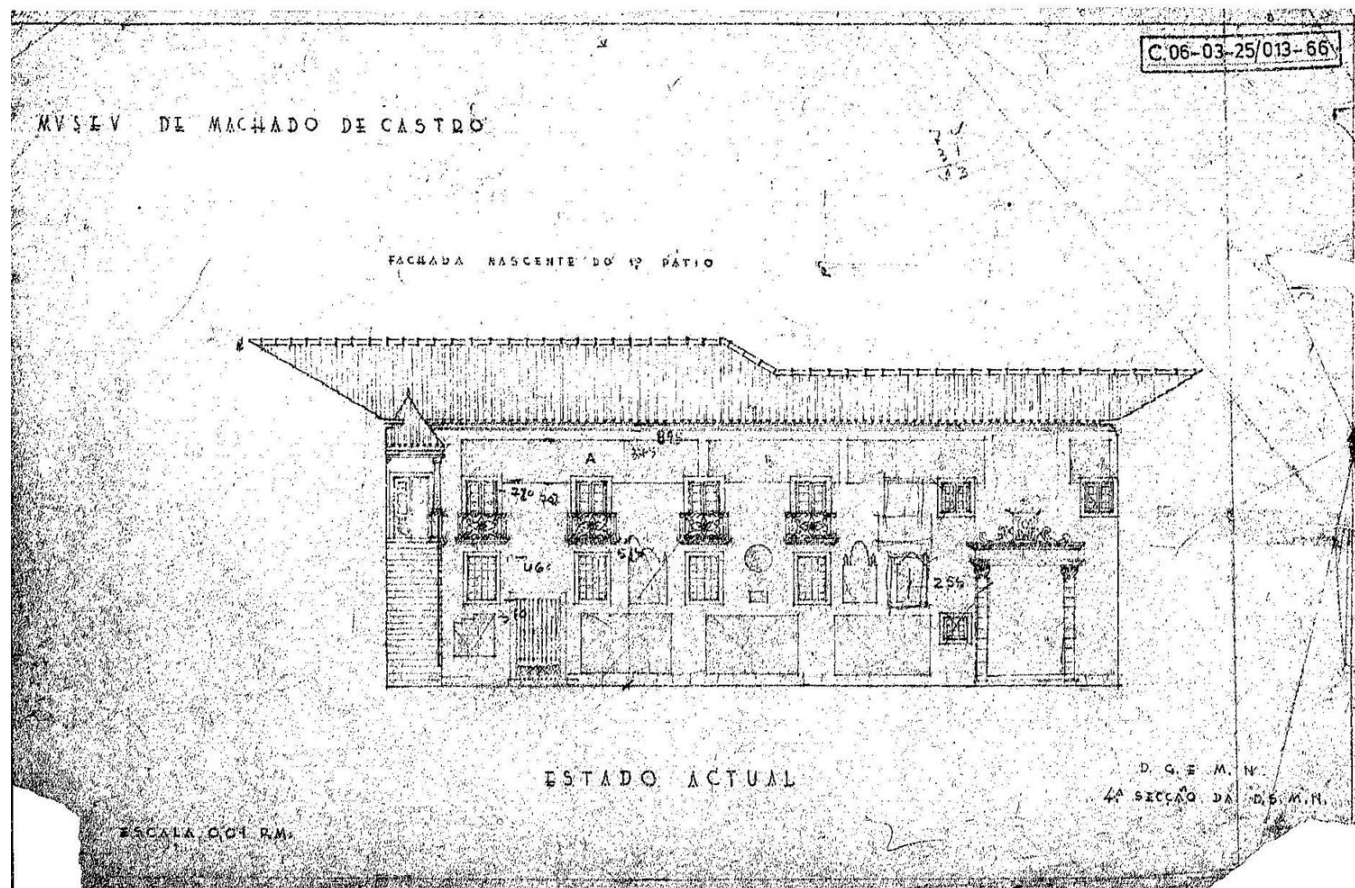


299

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 300 a 304

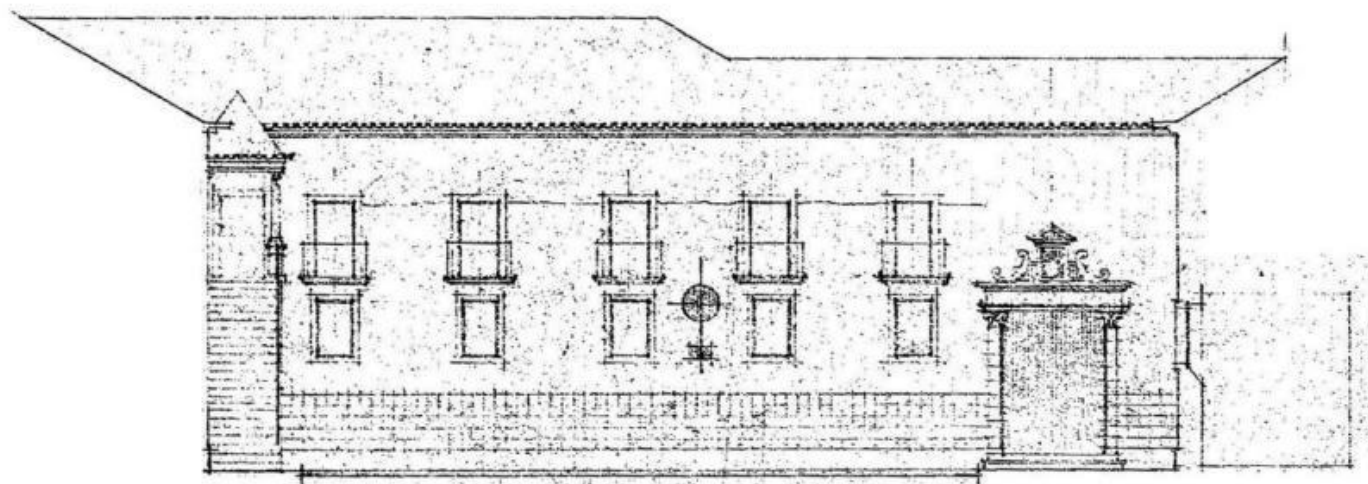
Projecto de alteração das fachadas do pátio principal (1948)



300 – Fachada Nascente do 1.º pátio. Estado actual.

MUSEU DE MACHADO DE CASTRO

FACHADA NASCENTE DO 1.º PÁTIO



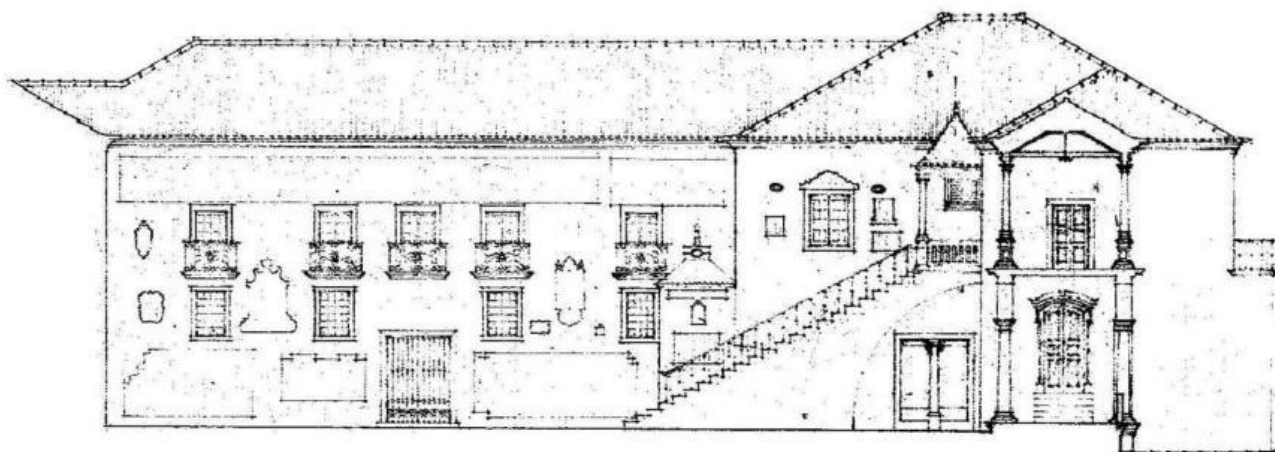
PROJECTADO

ESCALA 0,01 P.M.

301 – Fachada Nascente do 1.º pátio. Projectado.

IMPLANT. DE MACHADO DE CASTRO

FACHADA SUL DO 1.º PÁTIO



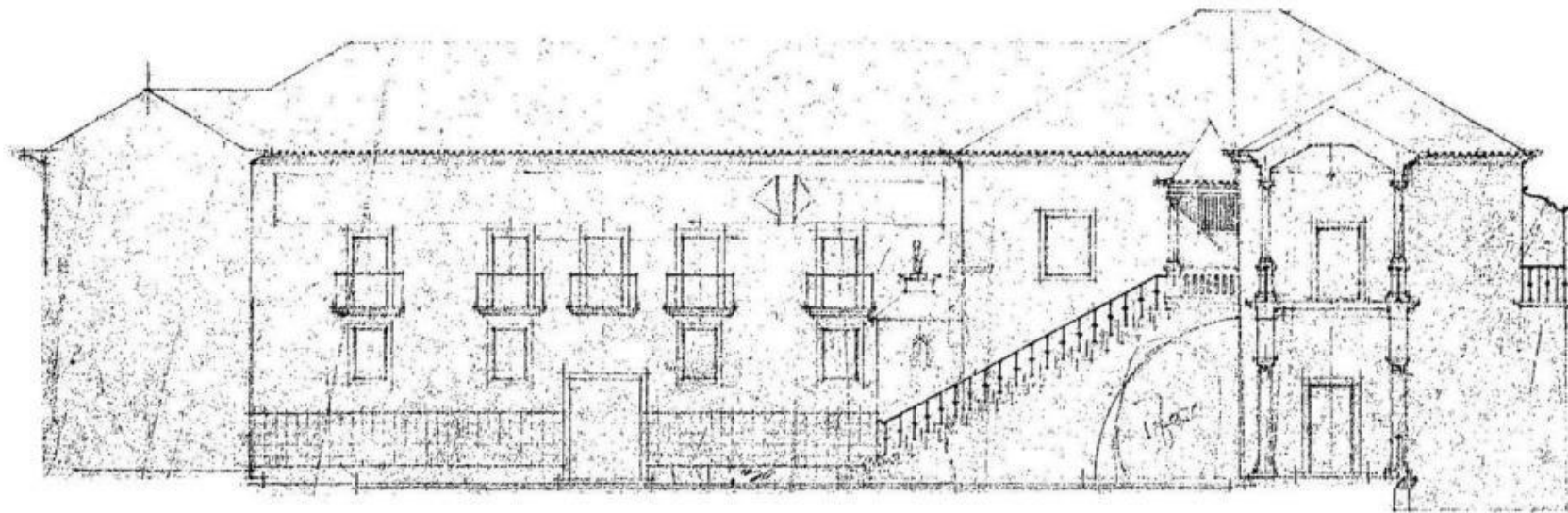
ESTADO ACTUAL

ESCALA 0,01 RM.

302 – Fachada Sul do 1.º pátio. Estado actual.

MUSEU DE MACHADO DE CASTRO

FACHADA SUL DO 1.º PATIO

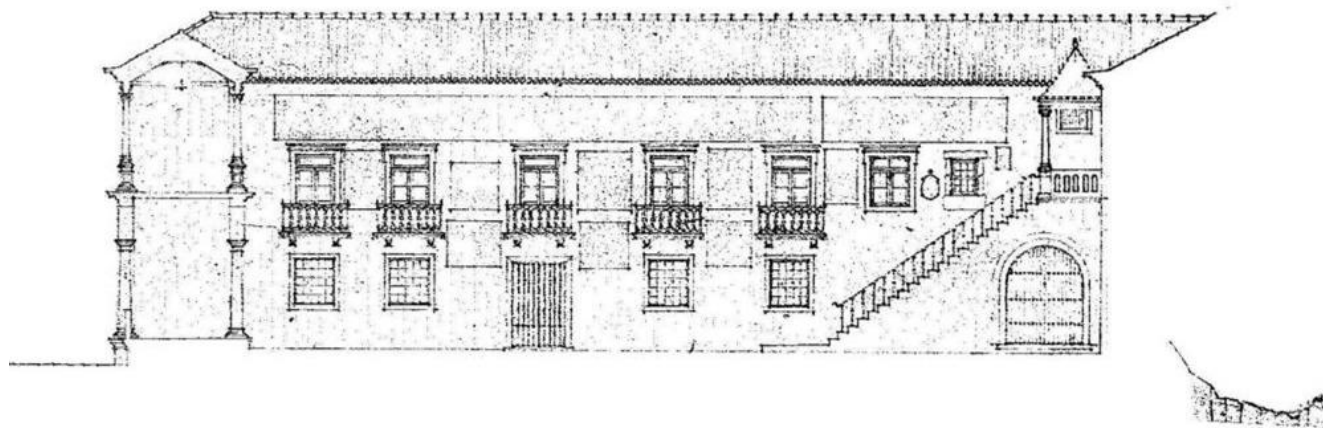


PROJECTADO

303 – Fachada Sul do 1.º pátio. Projectado.

MUSEU DE MACHADO DE CASTRO

FACHADA NORTE DO 1.º PATIO



ESTADO ACTUAL

ESCALA 0,01 P.M.

304 – Fachada Norte do 1.º pátio. Estado actual.

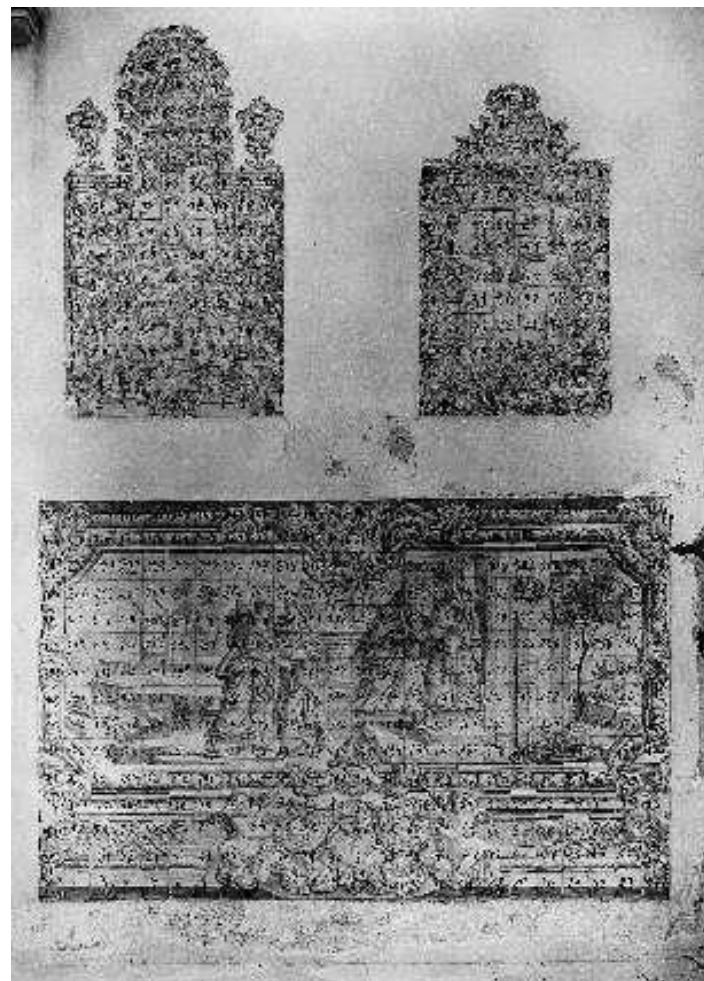
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou o caderno “Museu Machado de Castro. Coimbra. Plantas”, 12 de Julho de 1948 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0374).

IMAGENS 305 a 317

Obras no pátio principal (1948-1949)



305 e 306 – Numeração dos azulejos antes de se proceder à sua retirada.





307 – Remoção da varanda em pedra da parte inferior da *loggia*.



308 – Colocação de grades de ferro entre as colunas da parte inferior da *loggia*.



309 e 310 – Intervenções na fachada Sul do pátio principal.





311 e 312 – Intervenções na fachada Nascente do pátio principal.





313 e 314 – Intervenções na fachada Norte do pátio principal.



315 – Intervenção concluída na fachada Sul.



316 – Intervenção concluída na fachada Nascente.

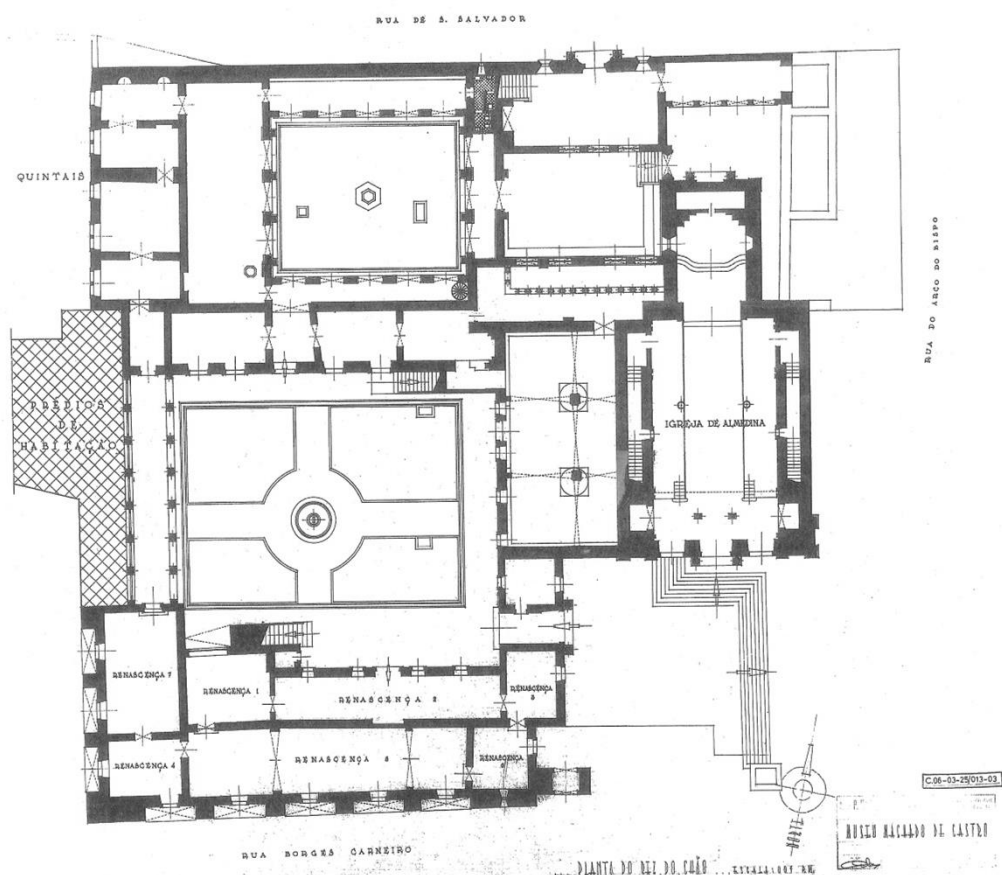


317 – Intervenção concluída na fachada Norte.

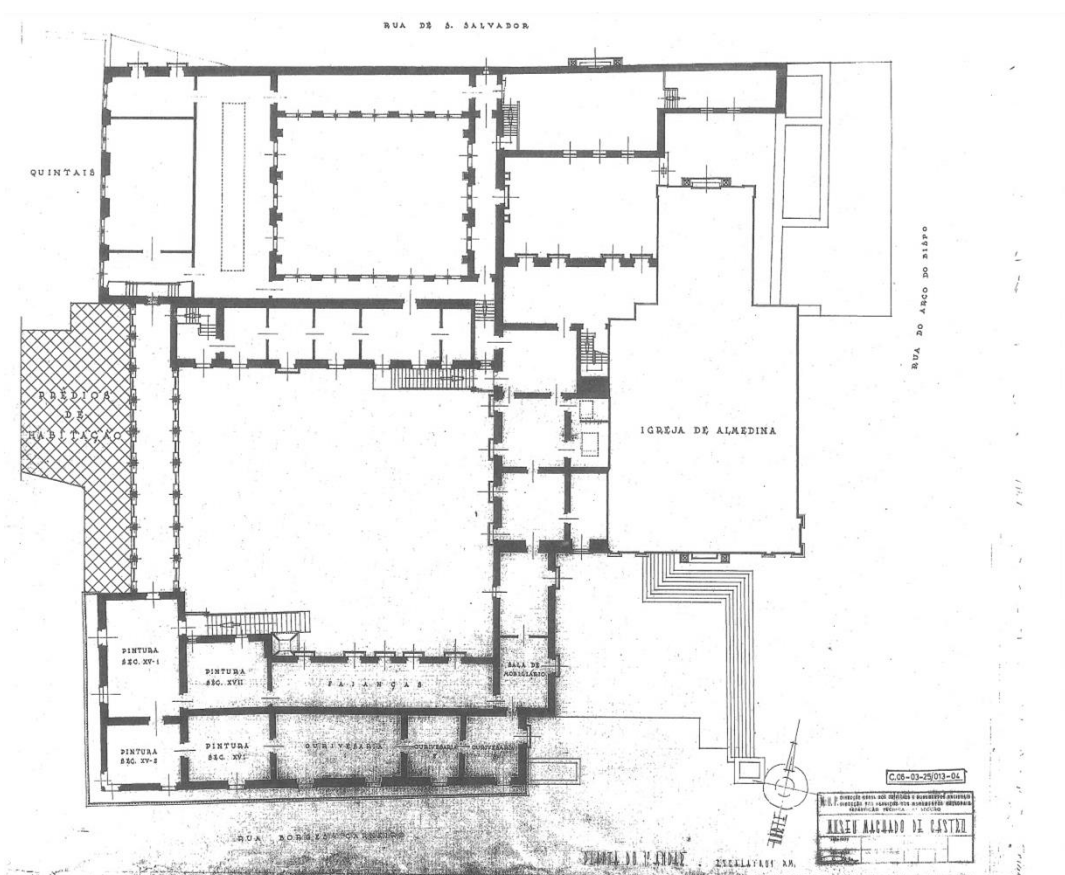
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 318 e 319

Distribuição do espaço expositivo do museu a partir dos finais de 1948



318 – Planta do rés-do-chão.



319 – Planta do 1.º andar.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Museu Machado de Castro. Plantas”, 12 de Julho de 1948 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0374).

IMAGENS 320 a 329

Montagem da exposição temporária de escultura medieval (inícios de 1949)



320



321



322



323



324



325



326



327



328

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



329

IMAGENS 330 a 339

Rés-do-chão do bloco Sul: montagem da exposição permanente (inícios de 1949)



330



331



332



333



334



335



336



337



338



339

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 340

Monumentos nacionais na exposição “15 Anos de Obras Públicas 1932-1947”



340 – Atenda-se ao pormenor da fotografia do MMC (a sexta a contar da esquerda).

Fonte: *15 anos de obras públicas (1932-1947)*, vol. II, Lisboa, 1948, s/p..

IMAGEM 341

Orçamento enviado à DGEMN pelo empreiteiro Manuel de Jesus Cardoso

TRABALHOS EM PEDRA	
<p>Escultura de- corativa Altars - Ja- zigos - Mau- suleus, etc.</p>	<p style="text-align: center;">Manuel de Jesus Cardoso</p> <p style="text-align: center;">Premiado com medalha de ouro no 2.º Con- gresso Beirão e Diploma de Mérito Artístico, em Julho de 1929</p> <p style="text-align: center;">Rua Ocidental de Mont'Arroio</p>
	<p>Modelações Desenhos e Projectos para casas de habitação</p>
<p>COIMBRA, 22 de Janeiro de 1934.</p> <p>Dir.ª Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte DEVE</p>	
<p>Proposta de mão d'obra</p>	
<p>Manoel de Jesus Cardoso, construtor civil, de- clara que se compromete a executar por tarefa de mão d'obra, de toda a escavação e remoção de terras das ge- lerias romanas do Museu Machado de Castro a 44,50 ca- da m³ e a abertura de passagens em abobadas de teijolo do tipo romano a 150,00 cada m³.</p> <p>Mais declara que fica a seu cargo o fornecimen- to de todas as ferramentas, o seguro dos operarios e bem assim a aceitar 70 % do pessoal do Desemprego.</p>	
<p style="text-align: center;">DIRECÇÃO DOS MONUMENTOS NACIONAIS DO NORTE</p> <p>Expediente M.º 1002 O construtor civil Reg.º 1.º de L.º 234 Porto de 1934 de 1934</p> <p style="text-align: right;">2880</p> <p style="text-align: right;"><i>Manuel de Jesus Cardoso</i></p> <p style="text-align: center;">Sistema de Encargação</p>	

341 – Datado de 22 de Janeiro de 1934.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0344, “proposta de mão d’obra” dirigida à Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte, assinada: Manuel de Jesus Cardoso, 22 de Janeiro de 1934.

IMAGEM 342

Escultura de Salazar com as insígnias doutorais, presente na Exposição Internacional de Paris (1937)

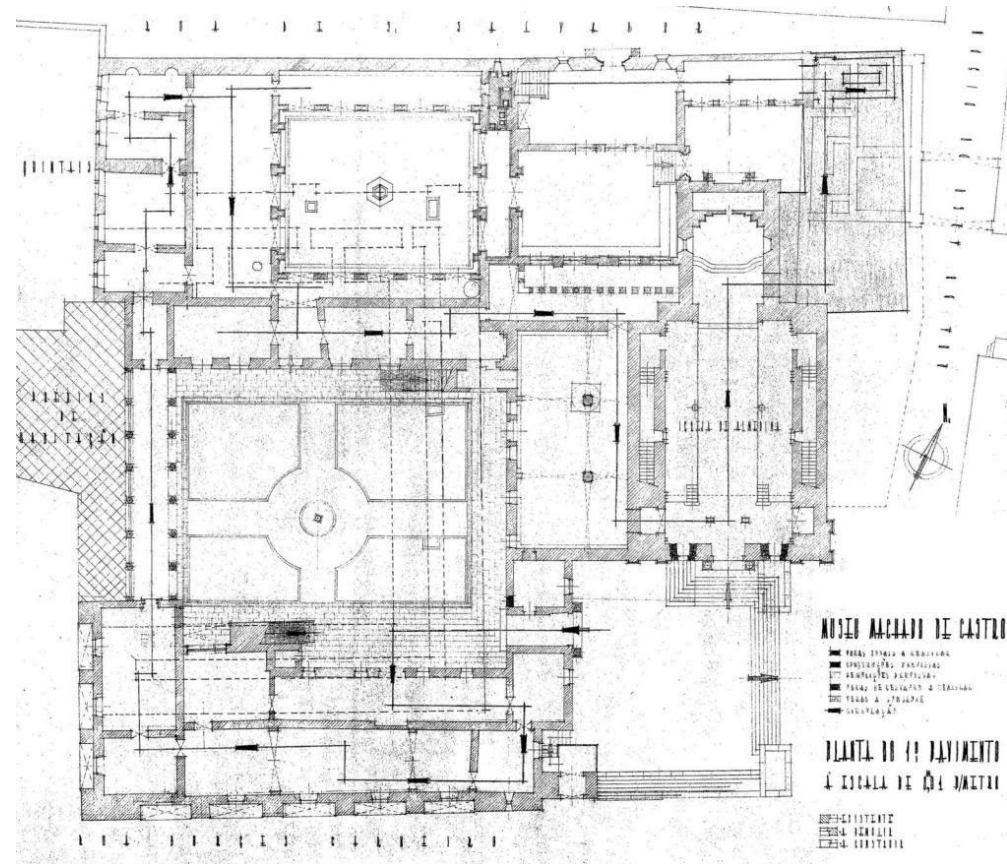


342 – Escultura da autoria de Francisco Franco.

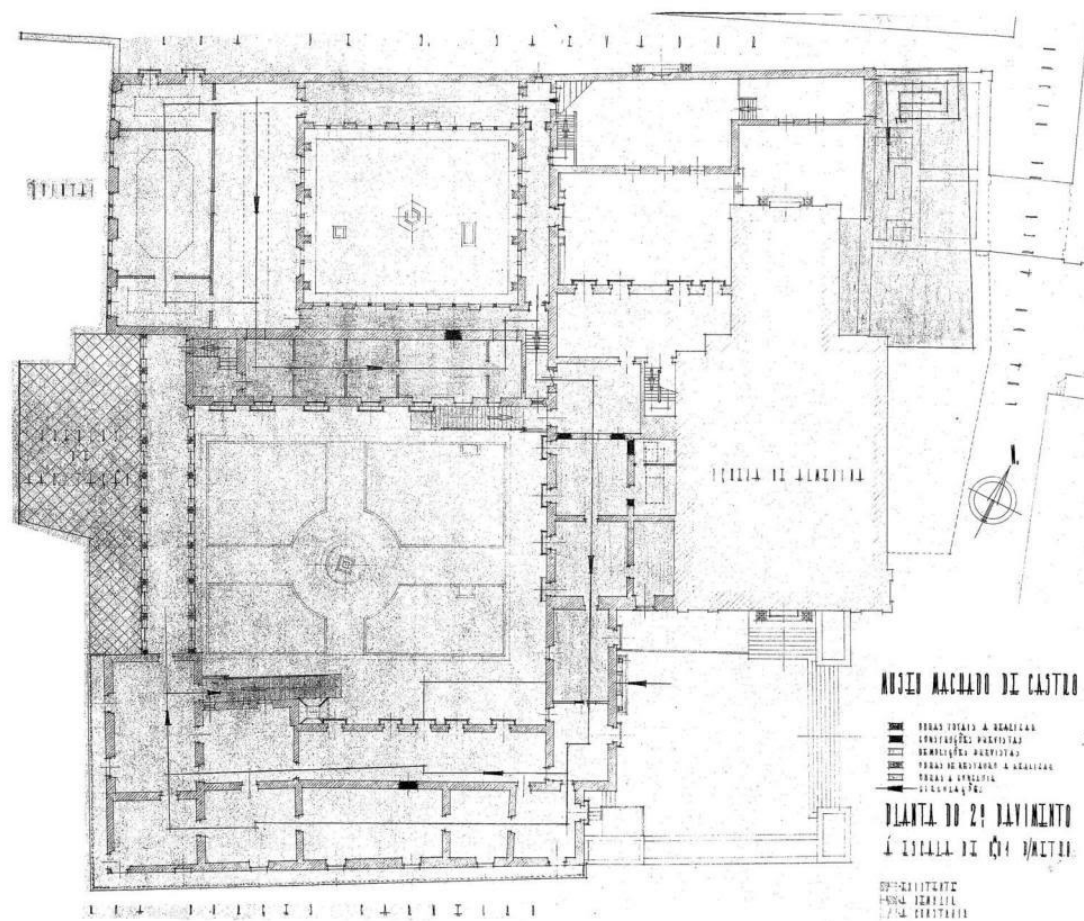
Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, álbum da Exposição Internacional de Paris, fotografias Mário Novais.

IMAGENS 343 e 344

Projecto de circulação do MMC, elaborado no ano de 1948



343 – Planta do Rés-do-chão.

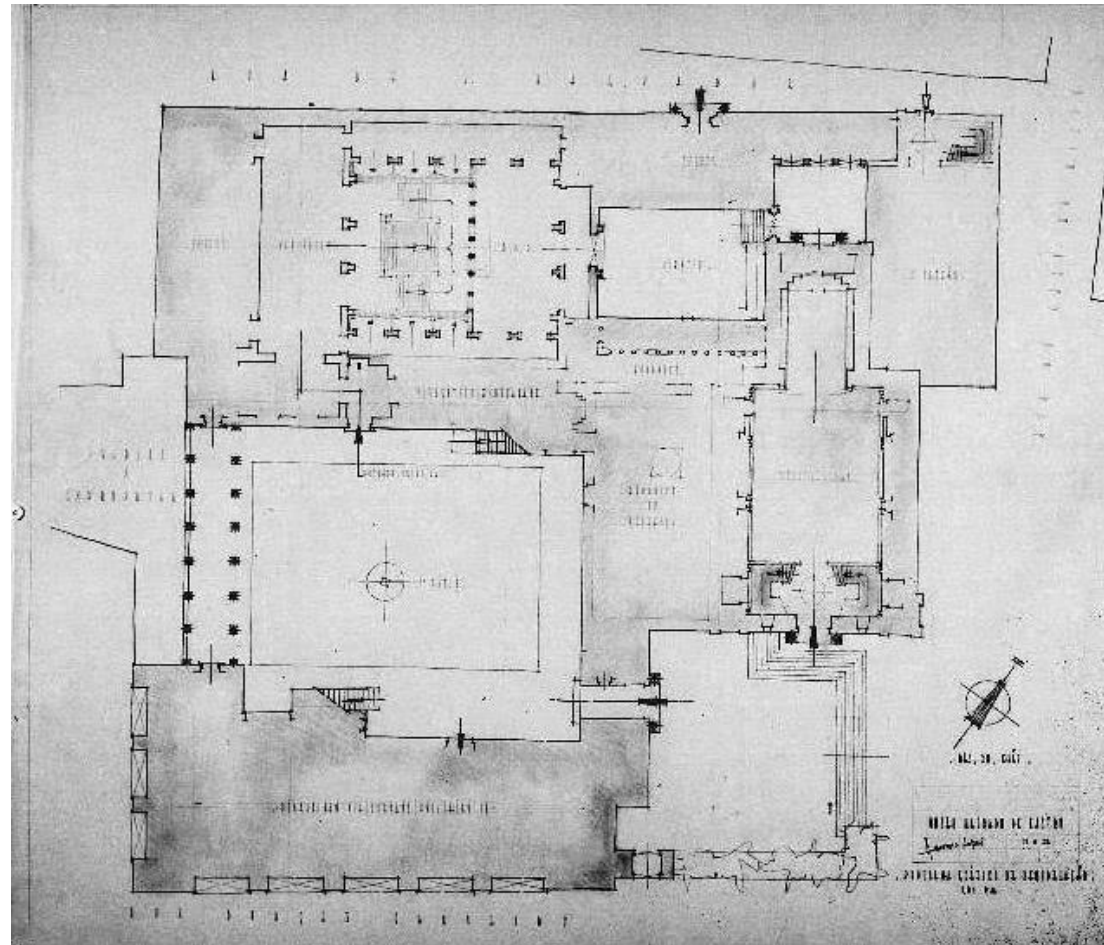


344 – Planta do 1.º andar.

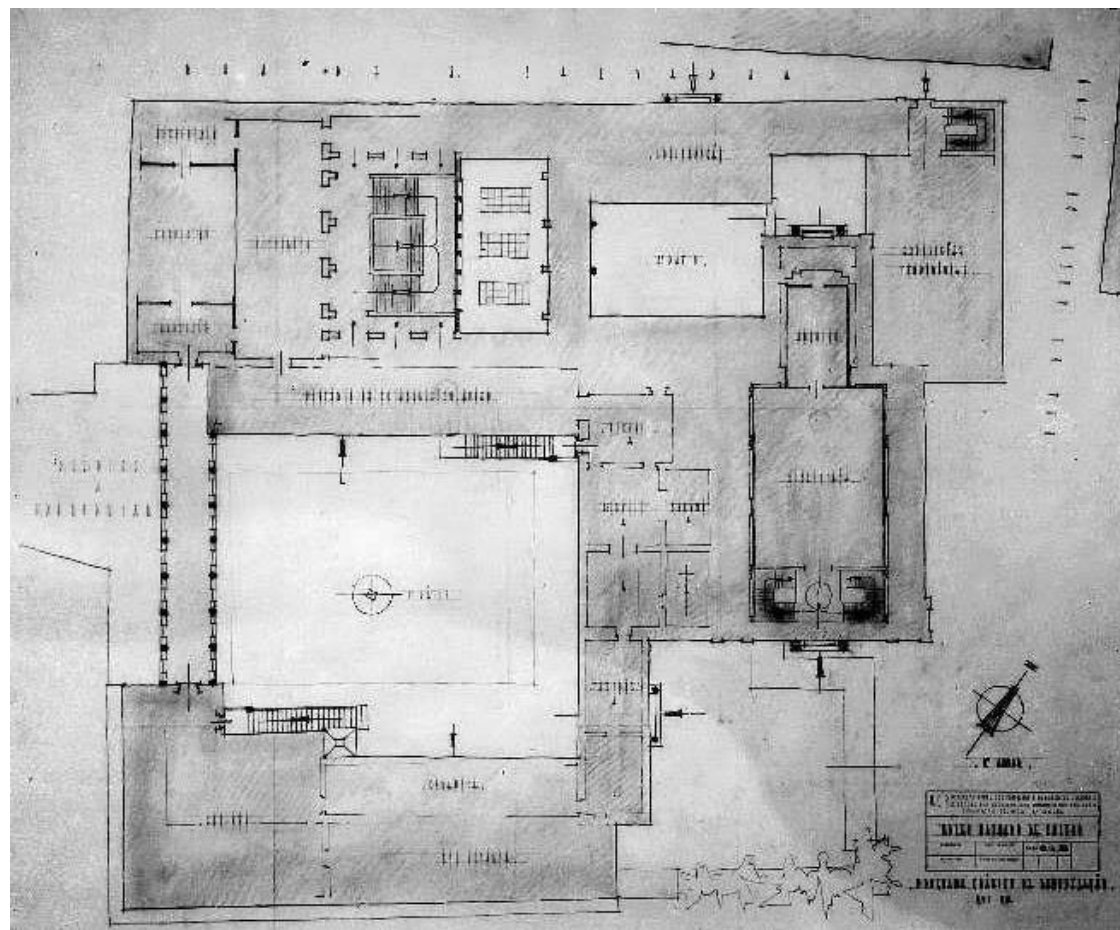
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Museu Machado de Castro. Coimbra. Plantas”, 1948 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0374).

IMAGENS 345 e 346

“Programa Gráfico de Remodelação” do MMC (1952)

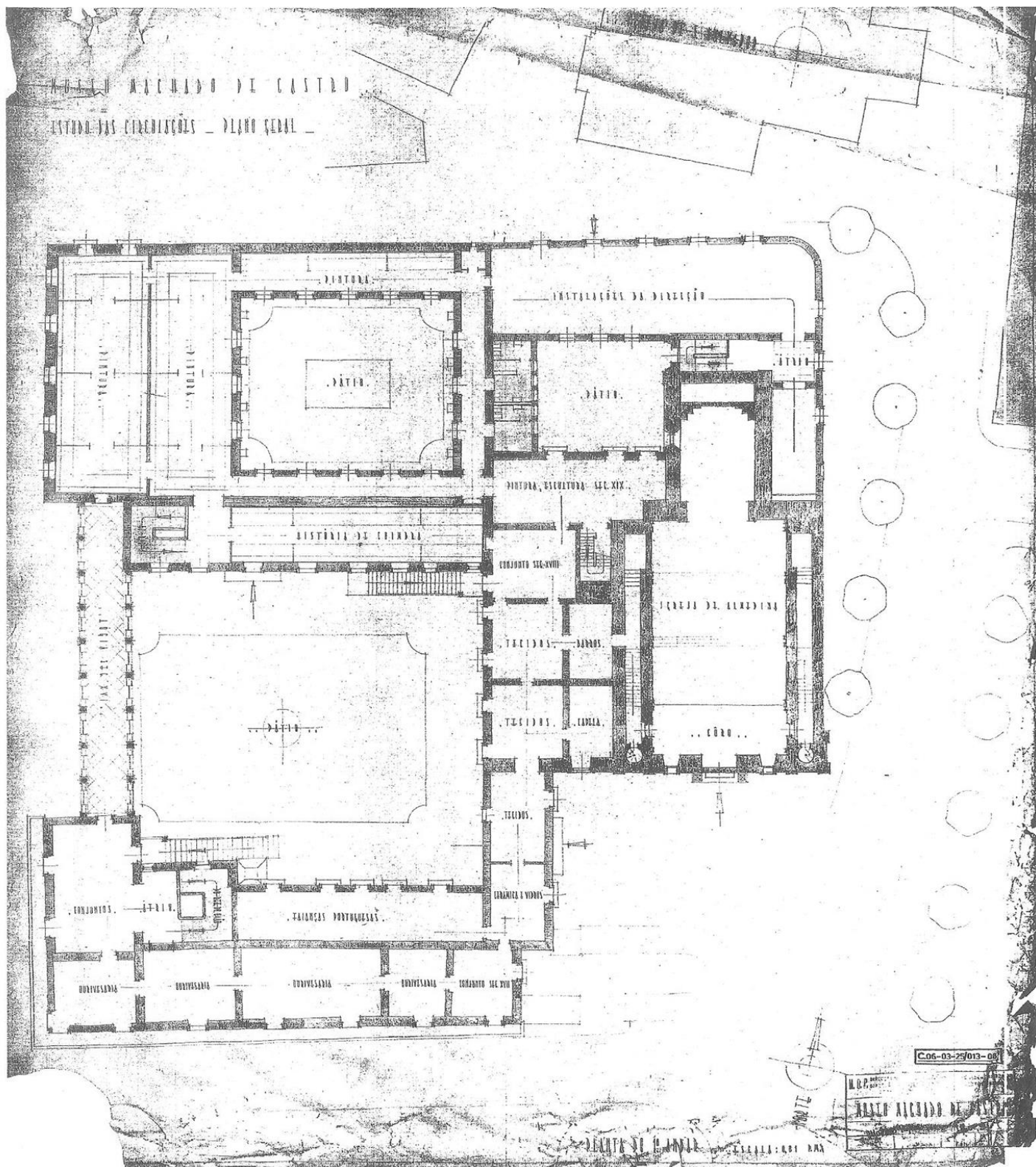


345 – Planta do rés-do-chão.



346 – Planta do 1.º andar.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Museu Machado de Castro. Coimbra. Programa gráfico de remodelação”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 11 de Outubro de 1952 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0379).

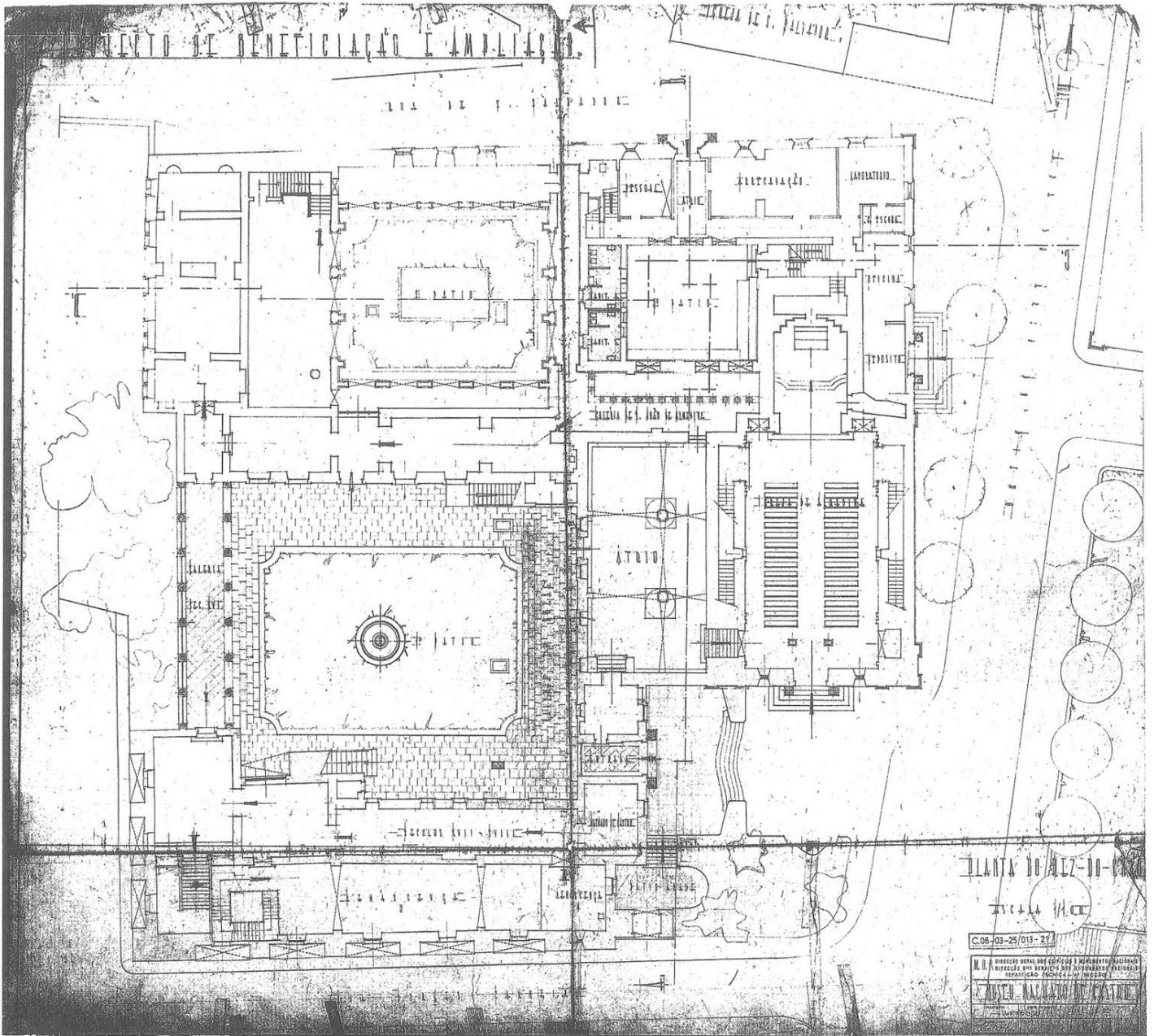


348 – Planta do 1.º andar.

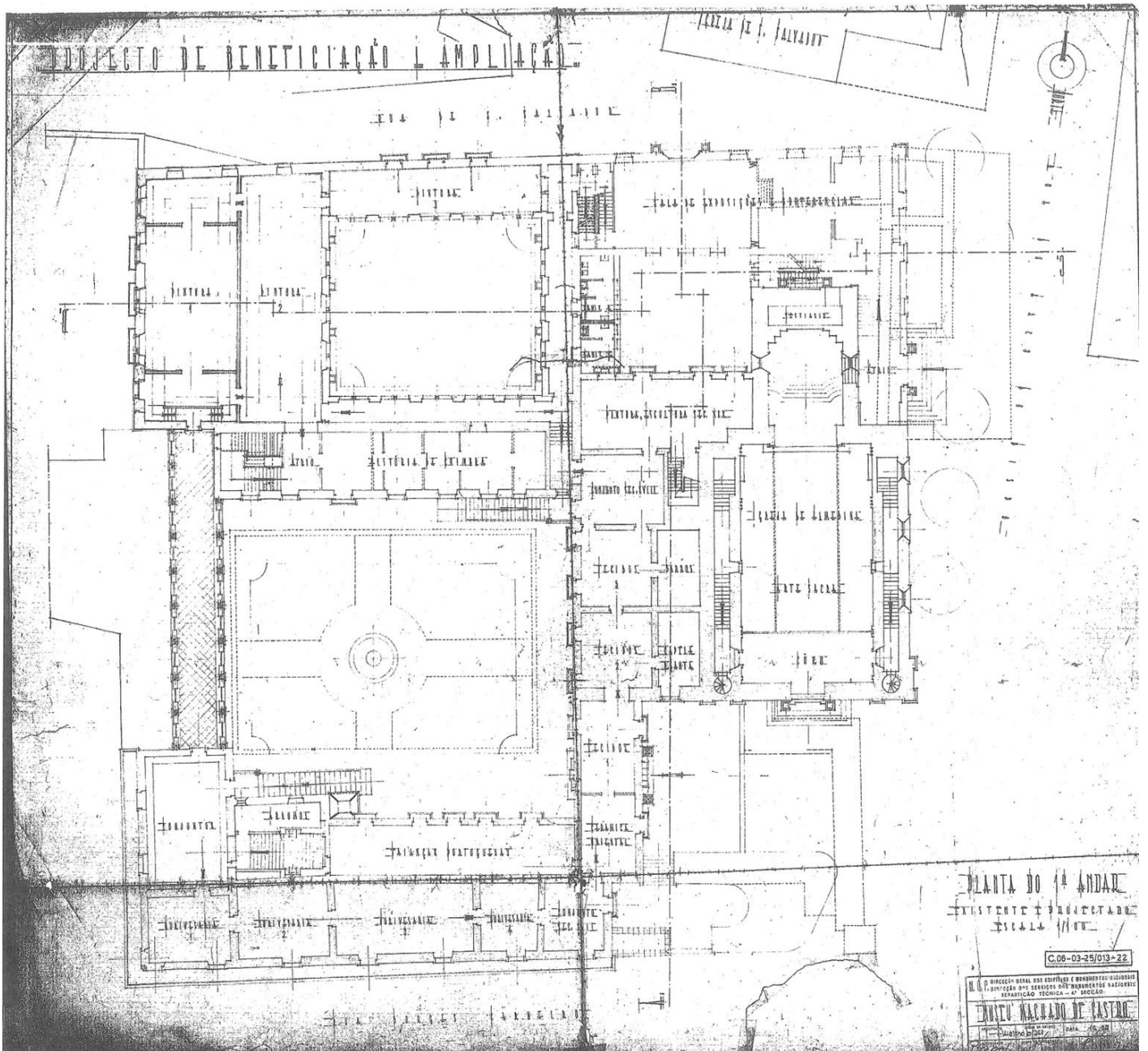
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Museu Machado de Castro. Estudo das circulações. Plano geral”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 19 de Novembro de 1954 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0375/01).

IMAGENS 349 a 351

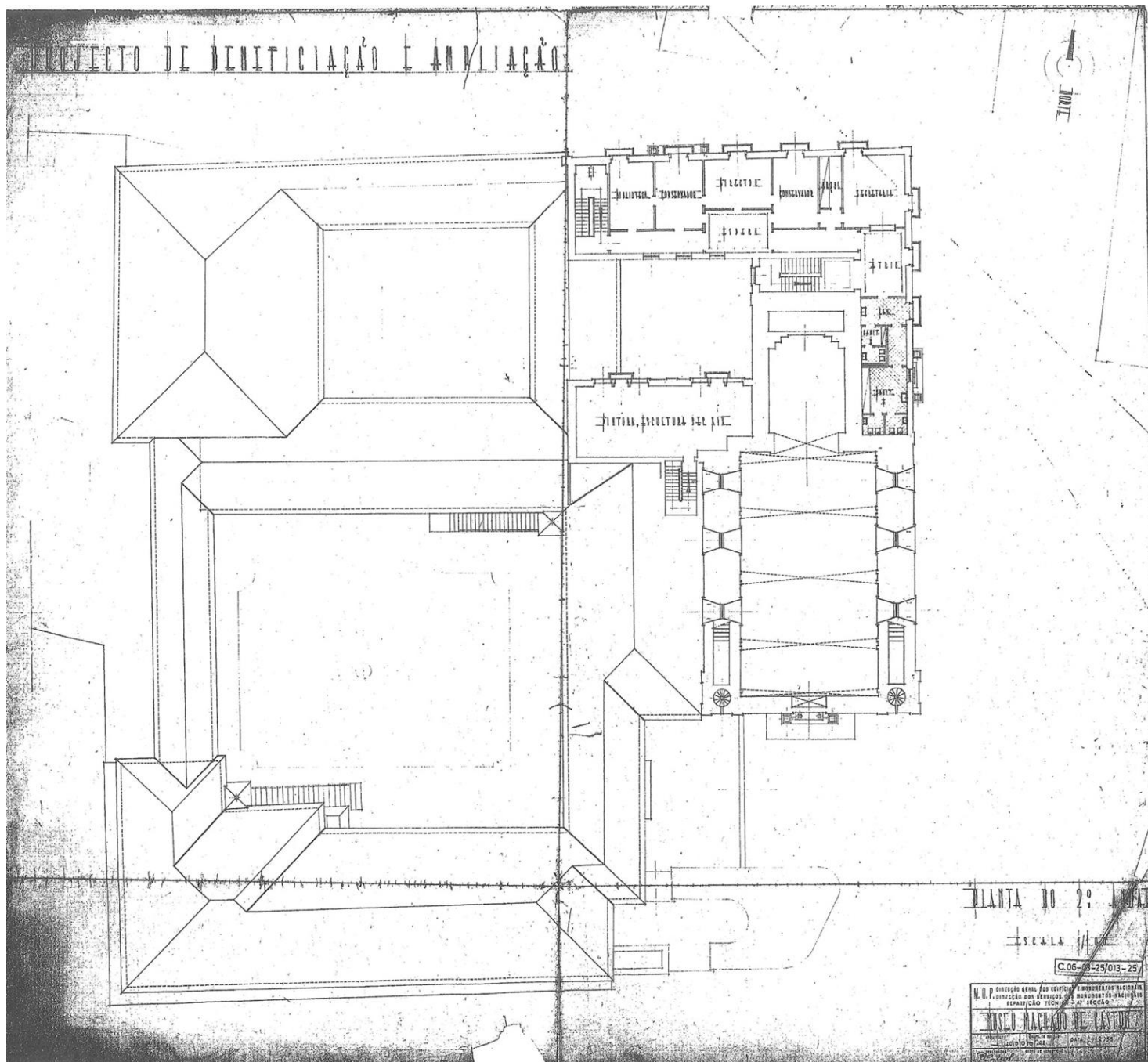
“Esquema Geral de Circulação” de 15 de Janeiro de 1960



349 – Planta do rés-do-chão.



350 – Planta do 1.º andar.



351 – Planta do 2.º andar.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Esquema geral de circulação”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 15 de Janeiro de 1960 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0347).

IMAGEM 352

Comunicação entre o rés-do-chão e o 1.º andar do bloco Sul a partir de uma escadaria



352 – Foto da primeira metade da década de 1960.

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 353 a 356

Concepções expositivas do MMC entre as décadas de 1950 e 1960



353 – Sala de arte flamenga do século XVI (inaugurada em Março de 1954).

Fonte: MNMC, pasta Fotografias.



354 – Sala de pintura portuguesa (década de 1960).



355 - Exposição Iconográfica e Bibliográfica de motivos da Rainha Santa (inaugurada a 10 Julho e 1952).

Fonte: AMNMC, pasta fotografias.

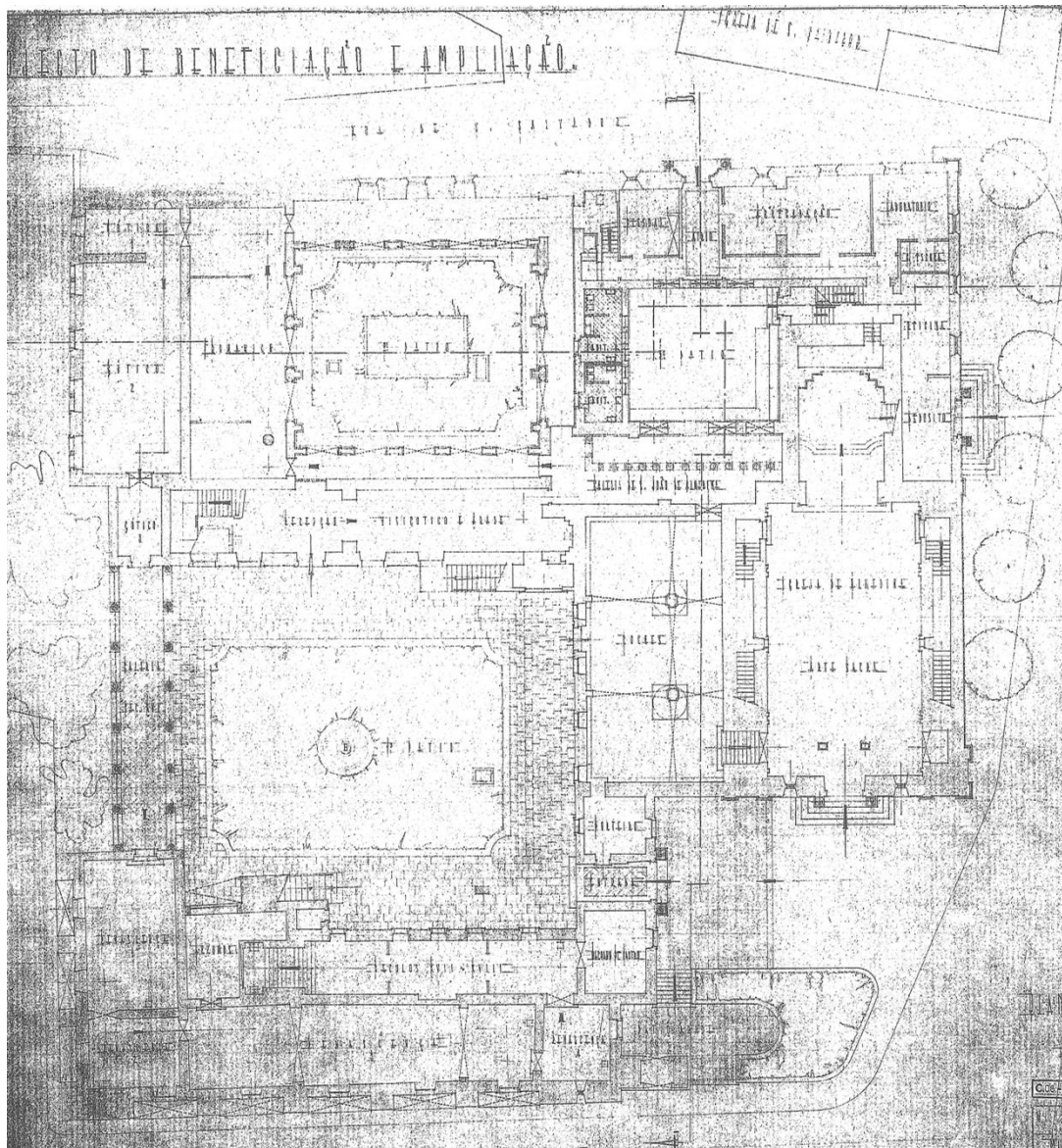


356 – Exposição de Arte Portuguesa e Ultramarina (inaugurada a 9 de Outubro de 1963).

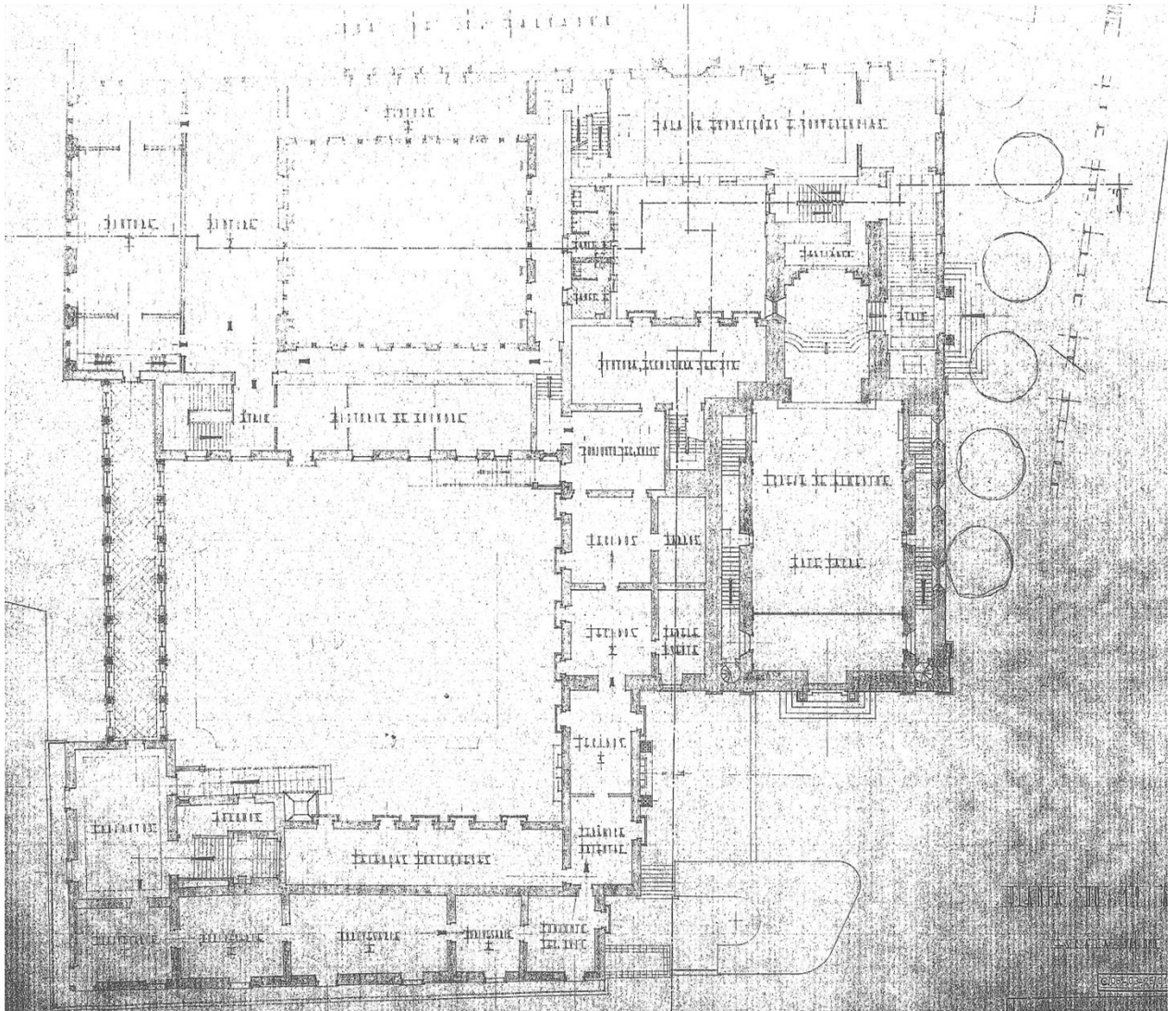
Fonte: *Exposição de Arte Portuguesa e Ultramarina*, Coimbra, Museu Machado de Castro, 1963, s/p..

IMAGENS 357 a 359

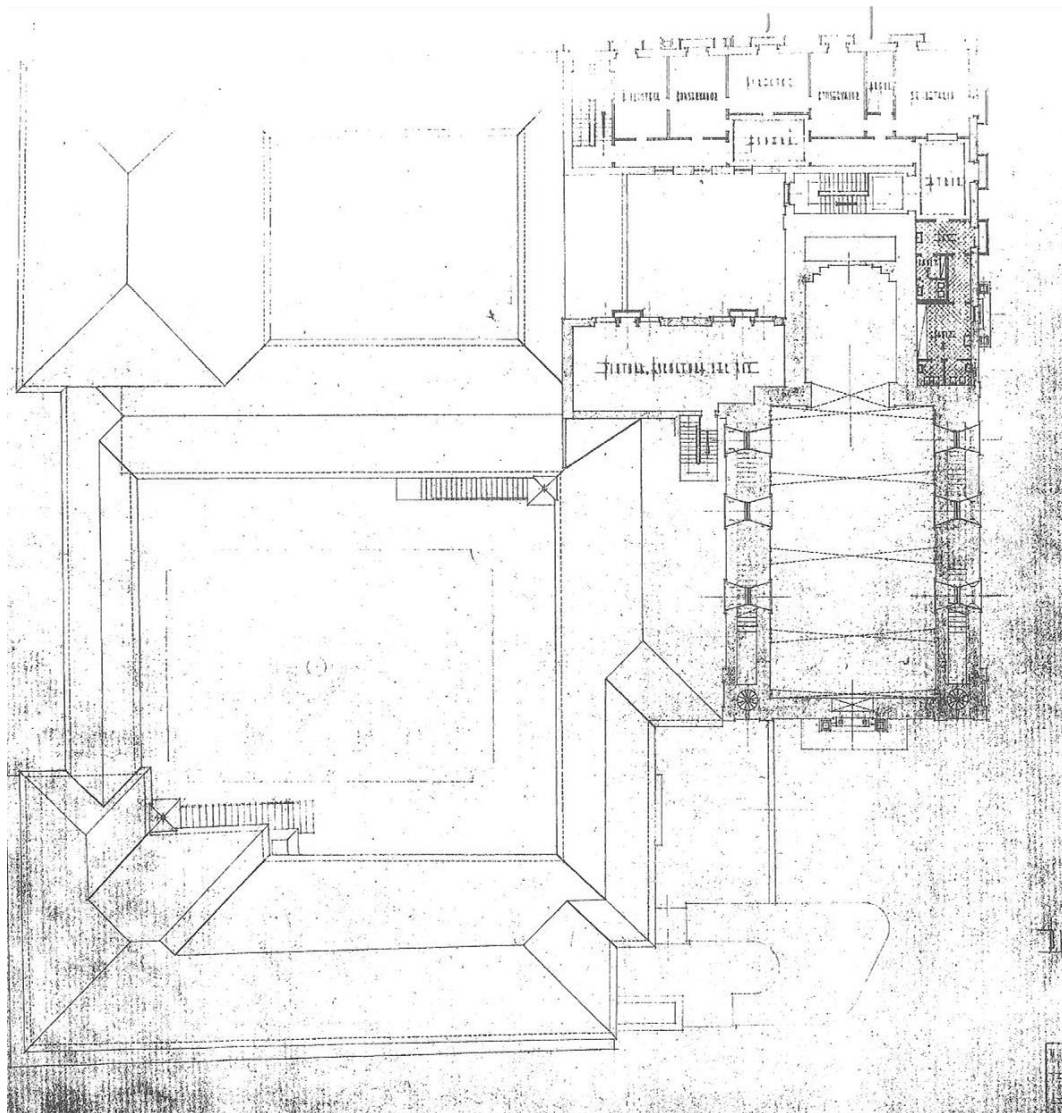
Projecto de beneficiação e ampliação de 28 de Dezembro de 1955



357 – Planta do rés-do-chão.



358 – Planta do 1.º andar.

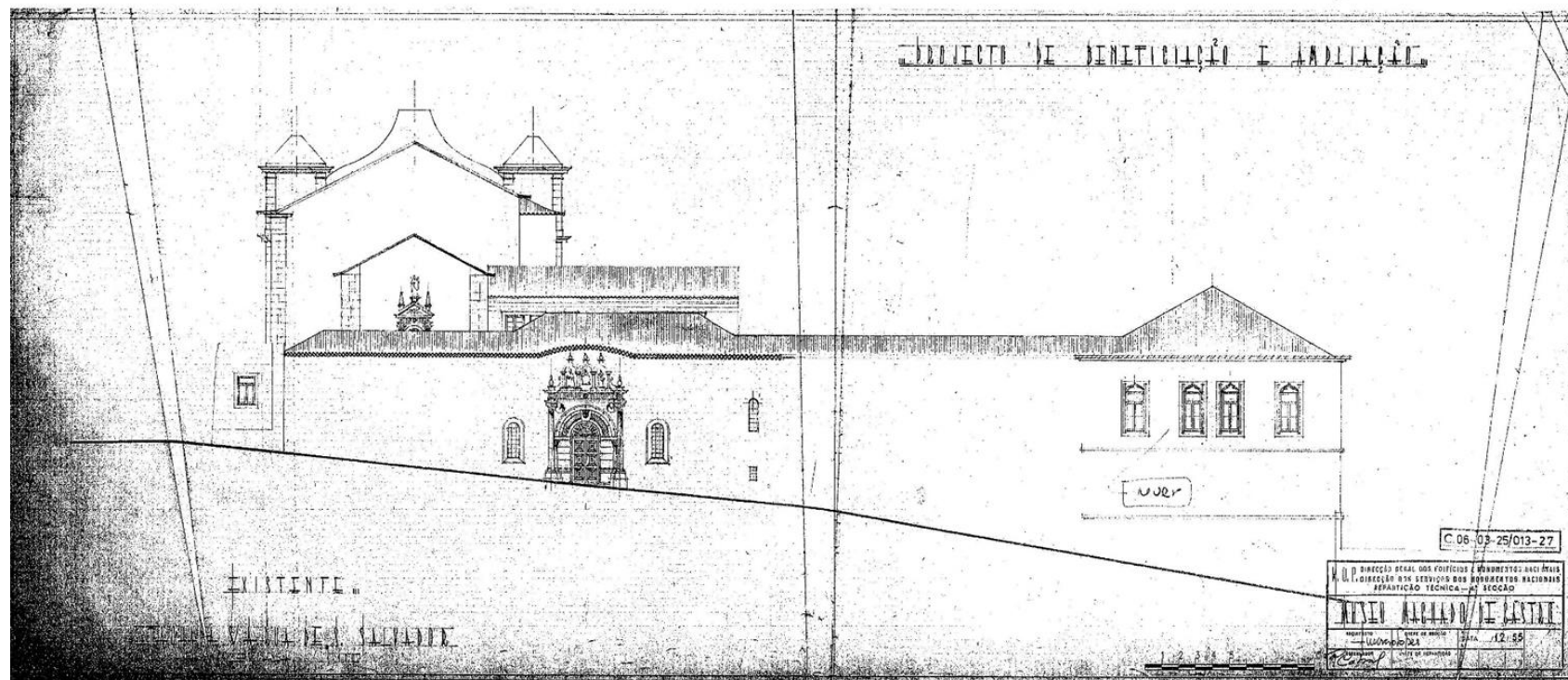


359 – Planta do 2.º andar.

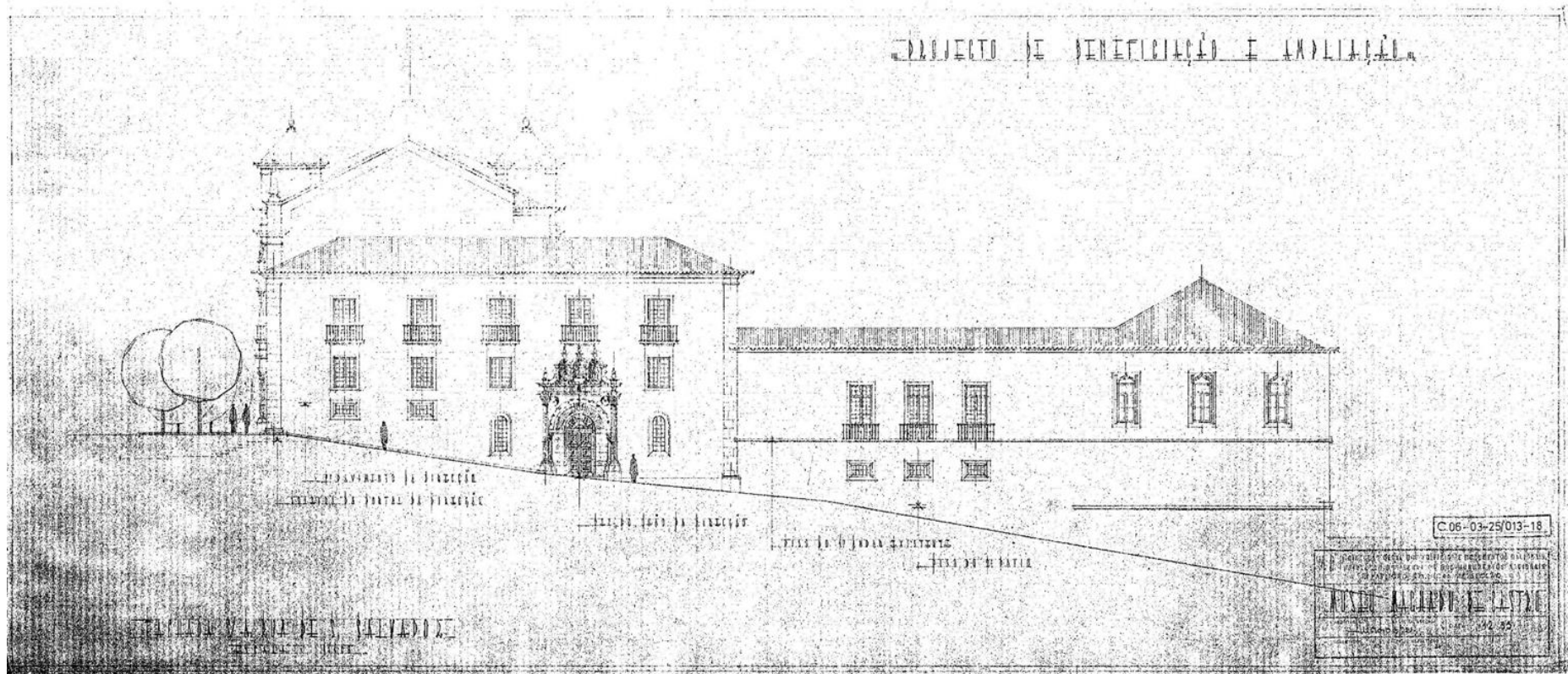
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGENS 360 e 361

Projecto de “Beneficiação e ampliação”. Fachada Norte



360 – Fachada existente.



361 – Fachada projectada.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGENS 362 a 364

Obras de intervenção na fachada Norte (1956-1957)



362



363

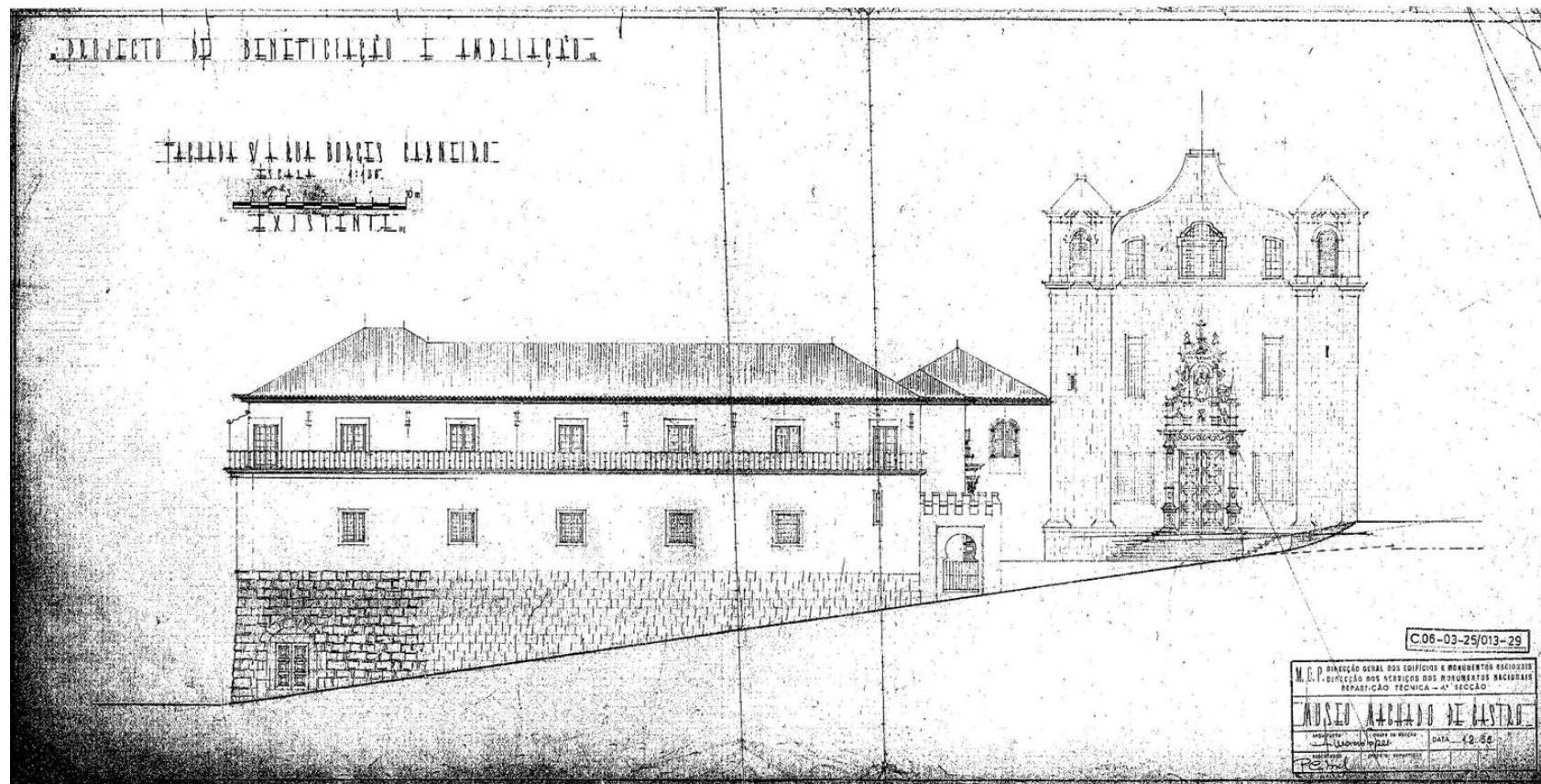


364

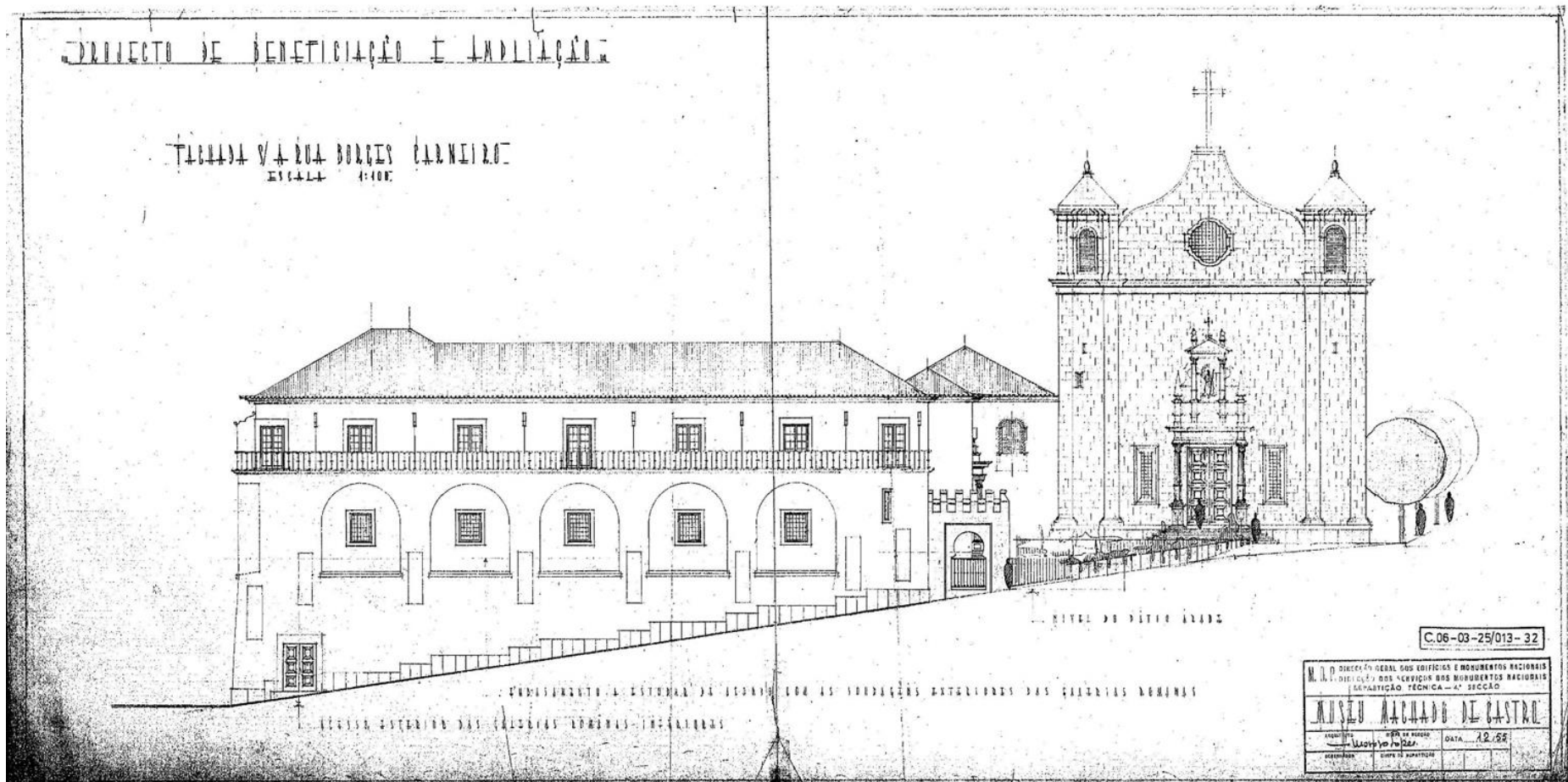
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 365 a 367

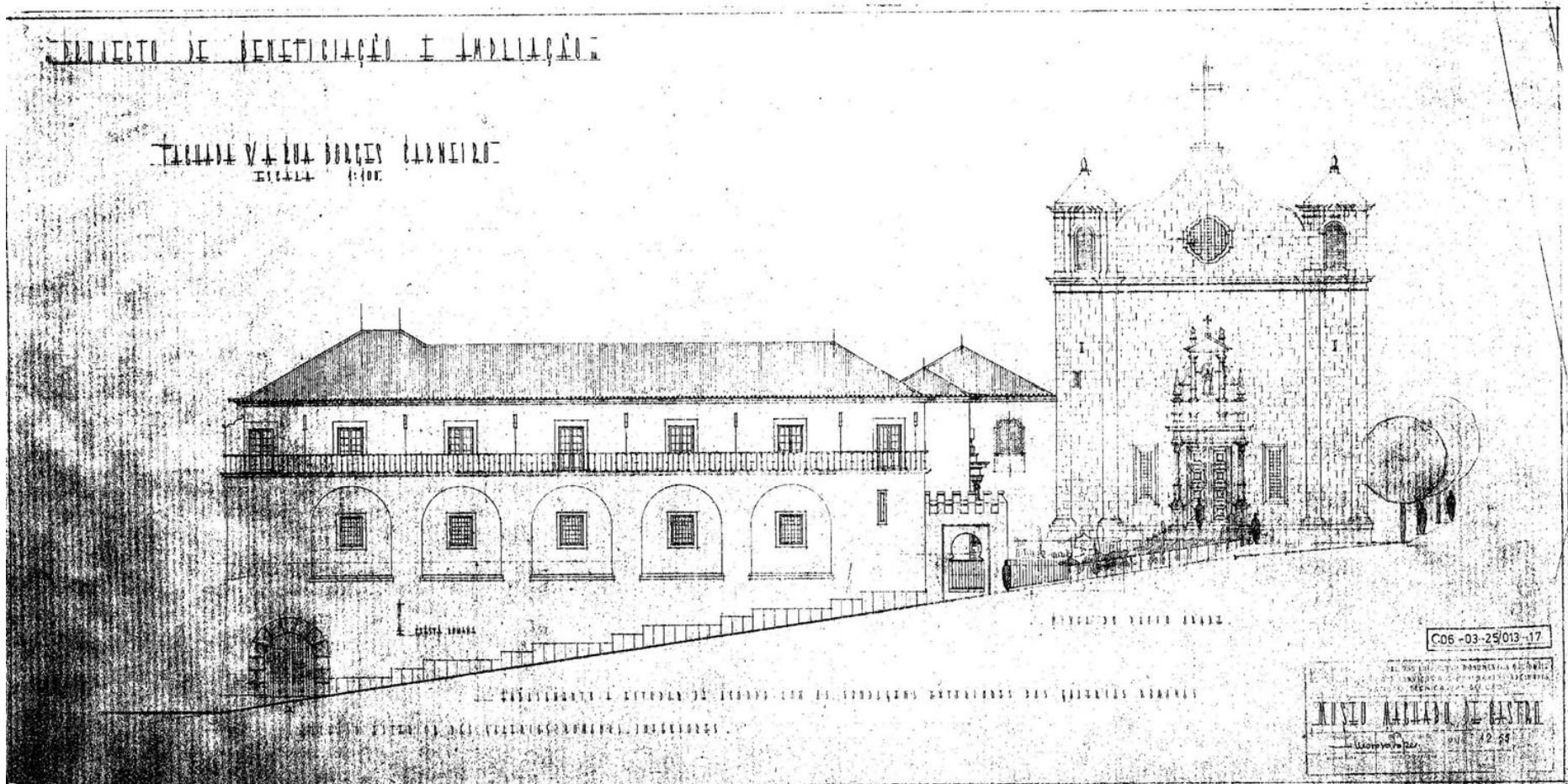
Alçados A, B e C apensos ao projecto “Beneficiação e ampliação” de 28 de Dezembro de 1955



365 – Alçado A.



366 – Alçado B.

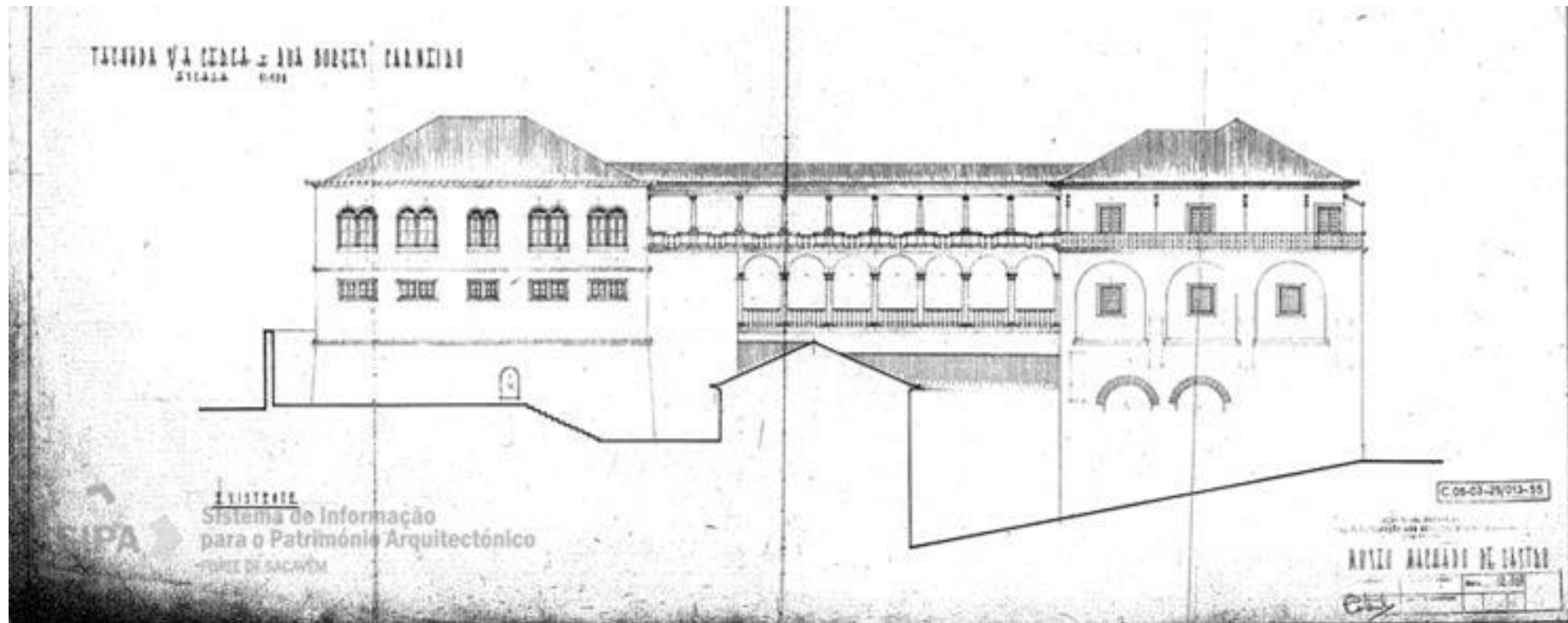


367 – Alçado C.

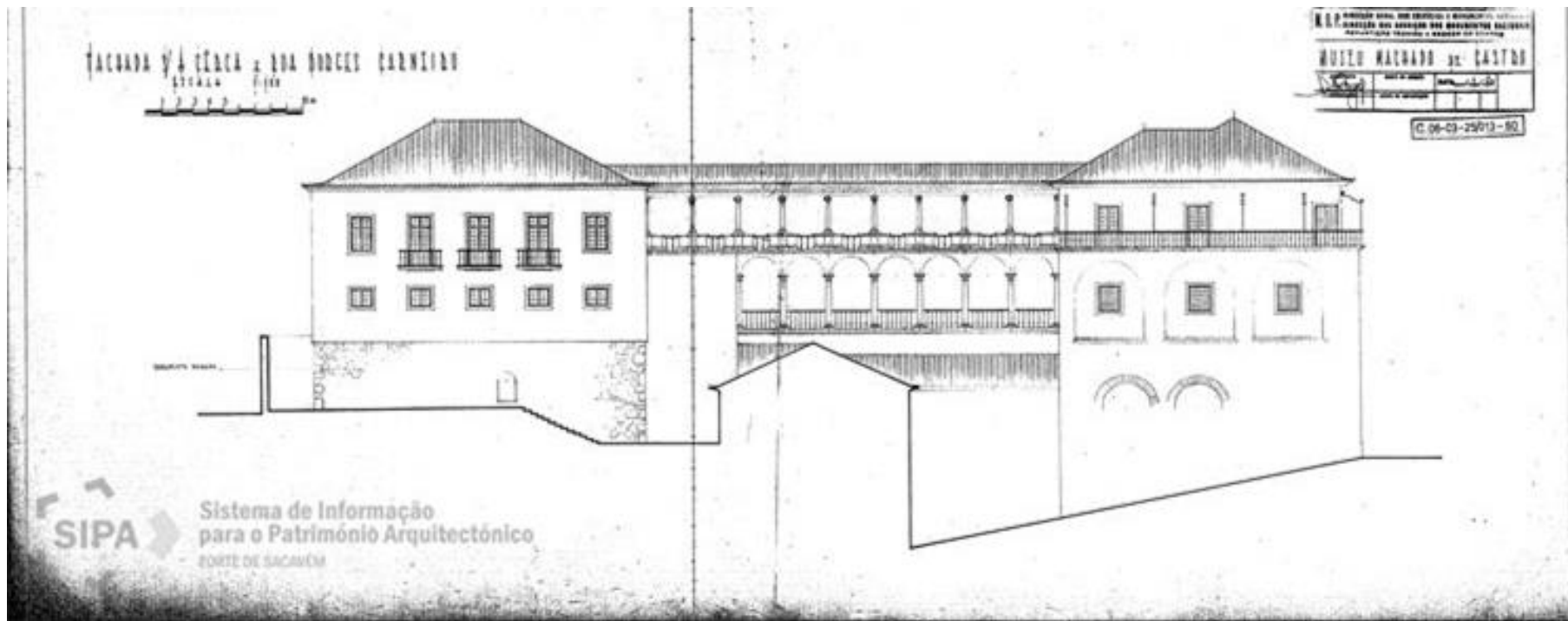
Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.^a classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGENS 368 e 369

Desenhos da fachada Poente, datados de 3 de Novembro de 1971



368 – Fachada existente.



369 – Fachada projectada.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos.

IMAGEM 370

Fachada Poente, meados da década de 1970



370 – Pormenor da *loggia*. Ausência dos dois primeiros arcos (sentido Norte-Sul).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 371 a 373

Arranjo do pátio do arco undecentista (1956-1960)



371



372



373

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 374 a 377

Alteração da fachada da igreja de São João de Almedina



374 – Fachada da igreja de São João de Almedina no período anterior à reforma de 1956-1957

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.



375 – Durante a reforma de 1956-1957.

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.



376 – Num período posterior à reforma (a partir dos finais da década de 1950).

Fonte: DEGMN, MMC, pasta Fotografias.



377 – Largo da igreja de São João de Almedina (anos de 1980). Atenda-se ao pormenor ao Largo da Sé Nova. Foto Iris.

Fonte: Coleção Particular Duarte Freitas.

IMAGENS 378 a 381

Obras de intervenção na fachada lateral da igreja de São João de Almedina (1956-1957)



378 – Fachada lateral da igreja de São João de Almedina no período anterior à intervenção.



379 – Fachada lateral da igreja de São João de Almedina vista do largo da Sé Nova (período anterior à intervenção).

Fonte: DGEMN, Sé Nova, pasta Fotografias.



380 – Fachada da igreja de São João de Almedina durante as obras de rebaixamento da rua do Arco do Bispo.

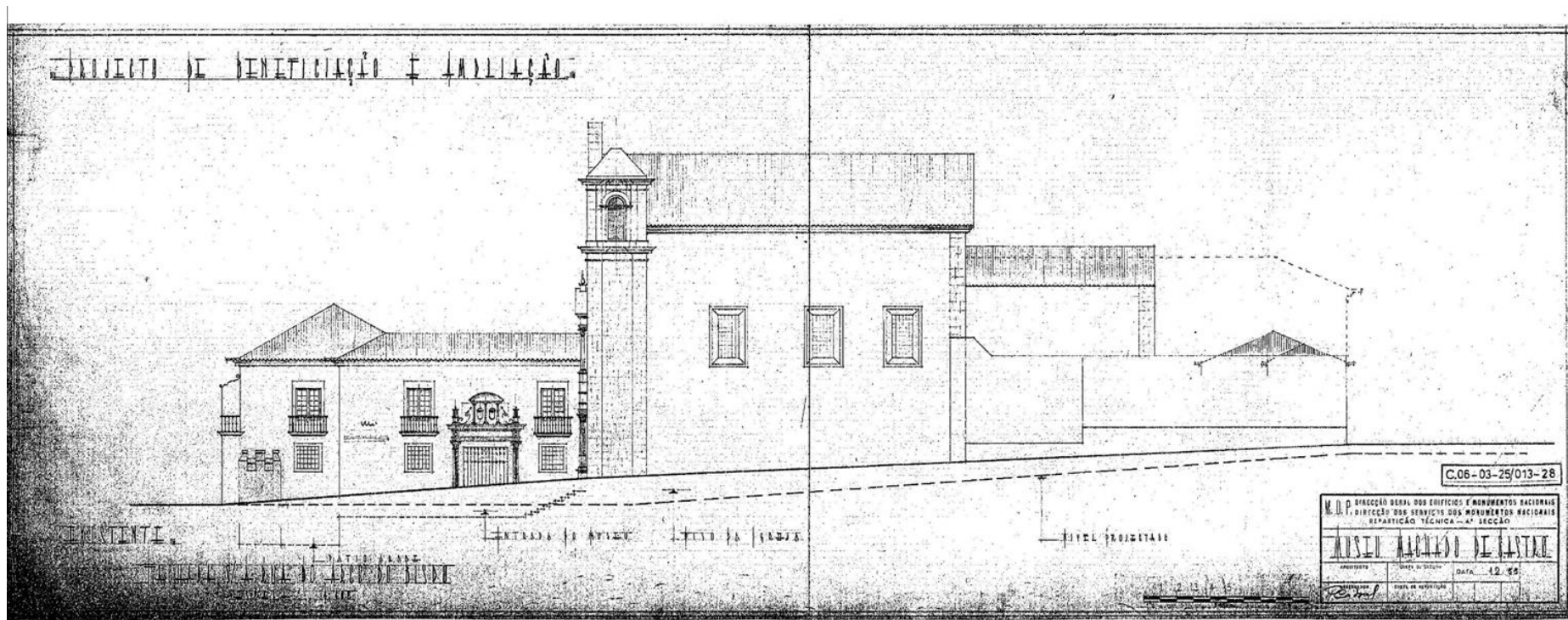


381 – Fachada principal e lateral da igreja de São João de Almedina durante as obras de 1957.

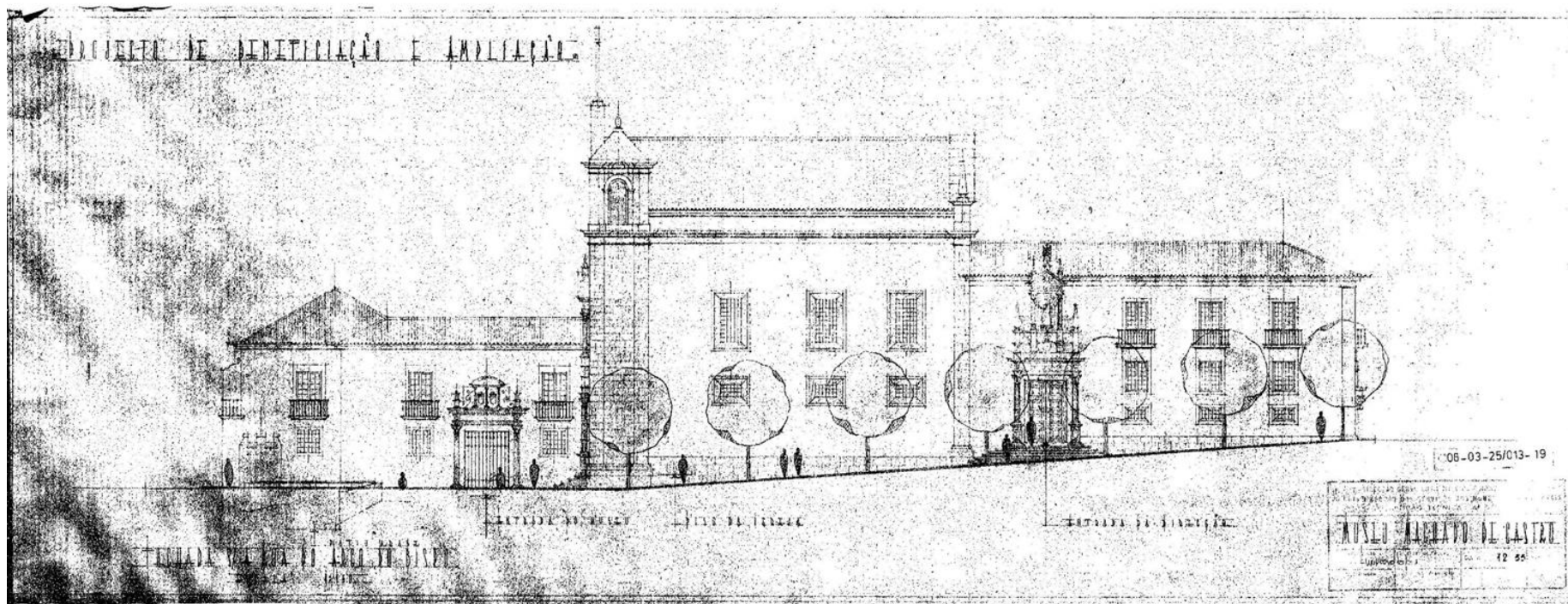
Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.

IMAGENS 382 e 383

Desenhos da fachada Nascente incluídos no projecto de “Beneficiação e ampliação” de 28 de Dezembro de 1955



382 – Existente.



383 – Projectado.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370).

IMAGENS 384 a 389

Construção do anexo (1956-1957)



384 – Período anterior à construção do anexo (1956).

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.



385 – Início da construção do anexo com a fachada voltada para a rua do Arco do Bispo (1956).

Fonte: DGEMN, Sé Nova, pasta Fotografias.



386 – Construção do anexo (1956-1957).

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.



387 – Construção do anexo (1956-1957)

Fonte: DGEMN, Sé Nova, pasta Fotografias.

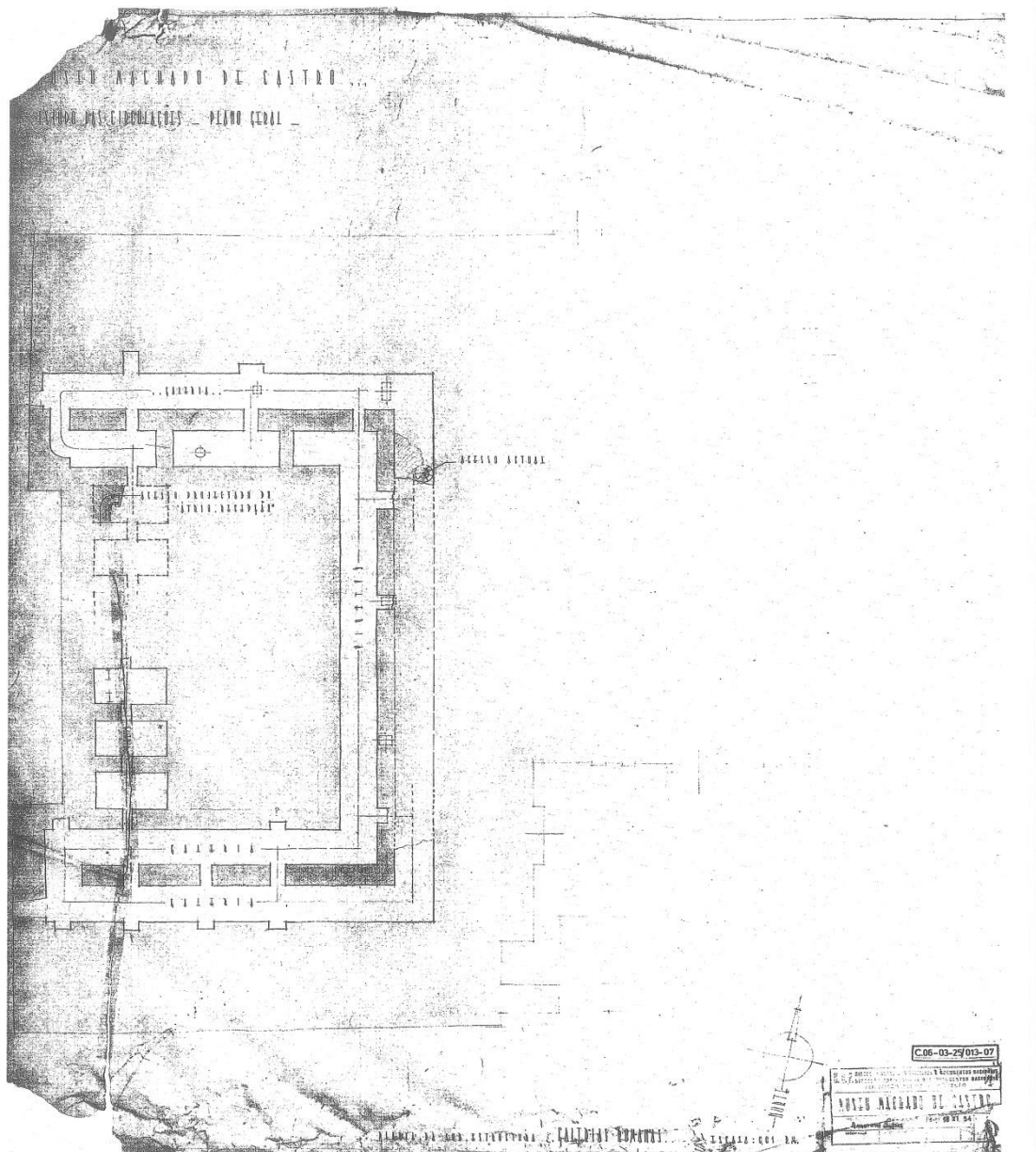


388 e 389 – Fase final da construção do anexo, já com a colocação do portal de Santo Agostinho (1957).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 390

Planta do piso superior do criptopórtico (1954)

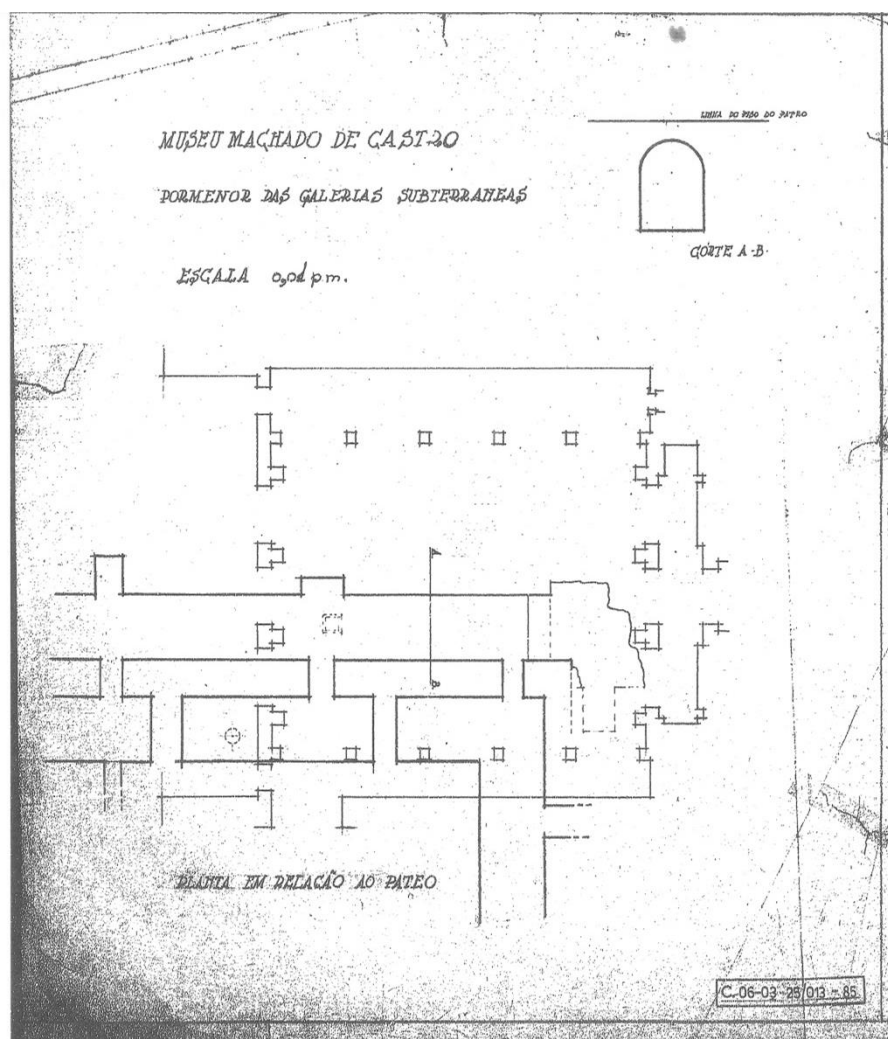


390

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou o caderno “Estudo das circulações. Plano geral”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 19 de Novembro de 1954 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0376/01).

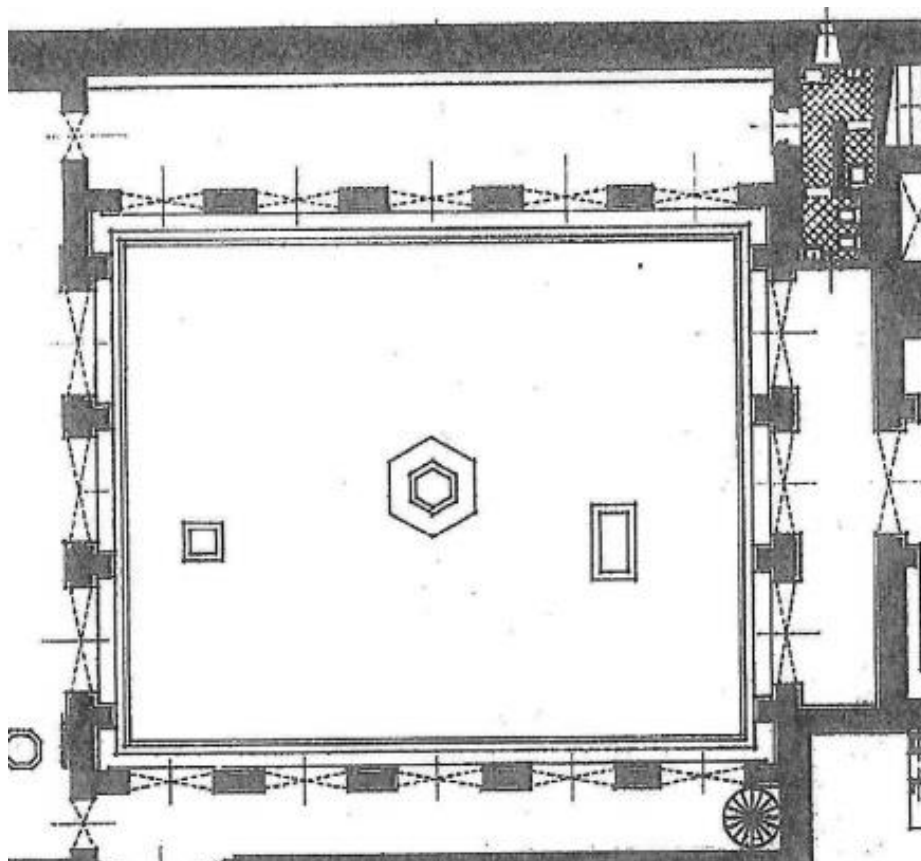
IMAGENS 391 e 392

Plantas do MMC dos finais da década de 1940. Pormenor do acesso às galerias romanas



391 – Pormenor das galerias romanas. Planta em relação ao pátio interno do MMC.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos.

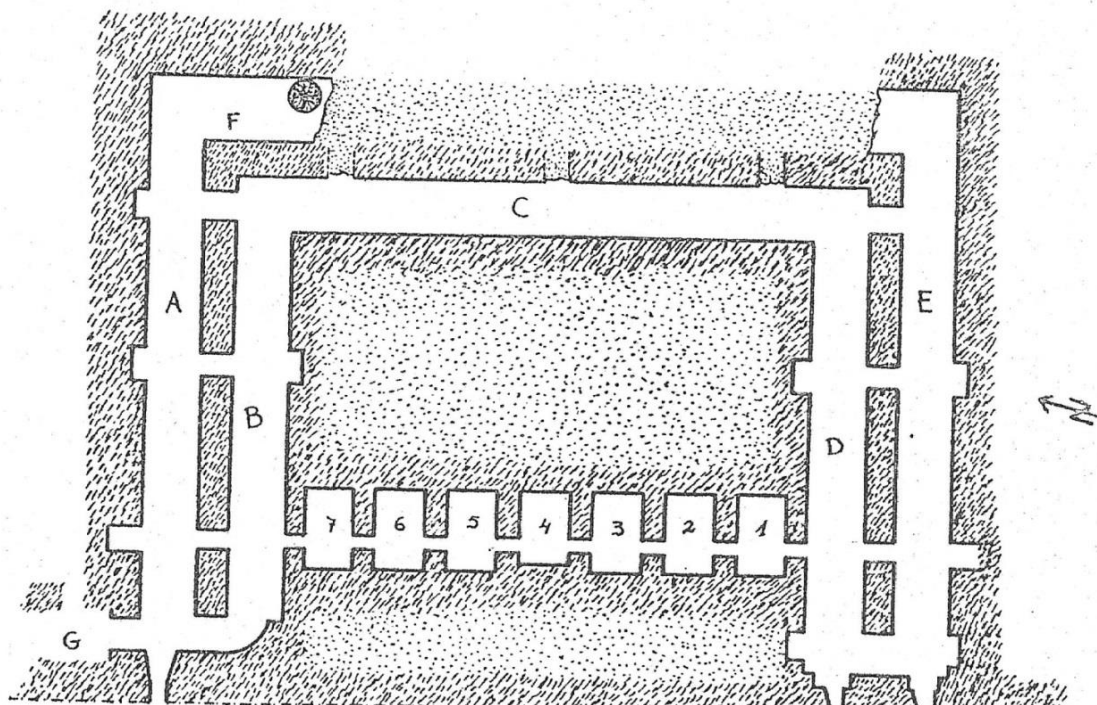


392 – Planta do rés-do-chão (adaptada). Pormenor do pátio interno do MMC. Acesso ao piso das galerias romanas através de uma escada de formado helicoidal, disposta no canto Sudeste.

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Desenhos. Integrou o caderno “Museu Machado de Castro. Plantas”, 12 de Julho de 1948 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0374).

IMAGEM 393

Esquema gráfico do criptopórtico (1955/1956)



393

Fonte: J. M. Bairrão Oleiro, *Op. cit.*, p. 153.

IMAGEM 394

Busto atribuído a Livia

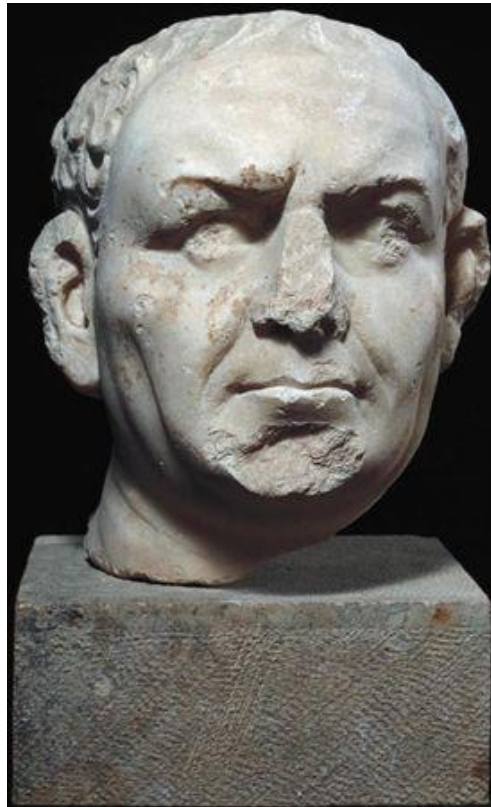


394 – N.º de inv.: MNMC 10137.

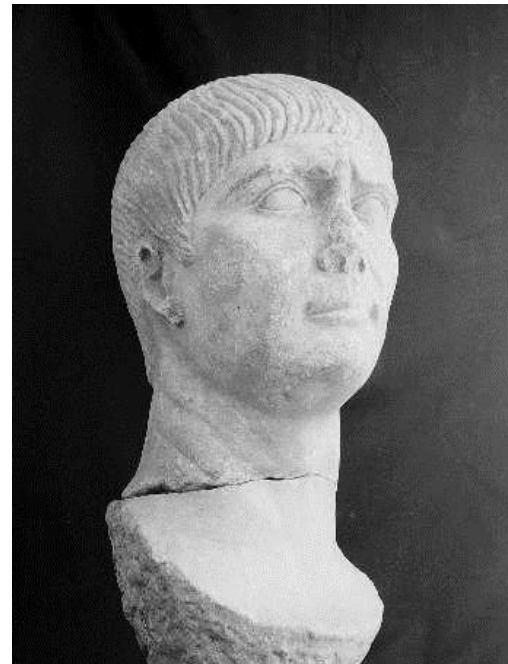
Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 395 e 396

Retratos de imperadores exumados no criptopórtico



395 – Vespasiano (n.º de inv.: MNMC 10136).



396 – Trajano (n.º de inv.: MNMC 10134).

Fonte: AMNMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 397 e 398

Retrato de Agripina Maior (1958)



397 e 398 – N.º de inv.: MNMC 10135.



Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGENS 399 e 400

Trabalhos de escavação no pátio principal, sobre o criptopórtico (1958)



399

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.



400

IMAGENS 401 a 404

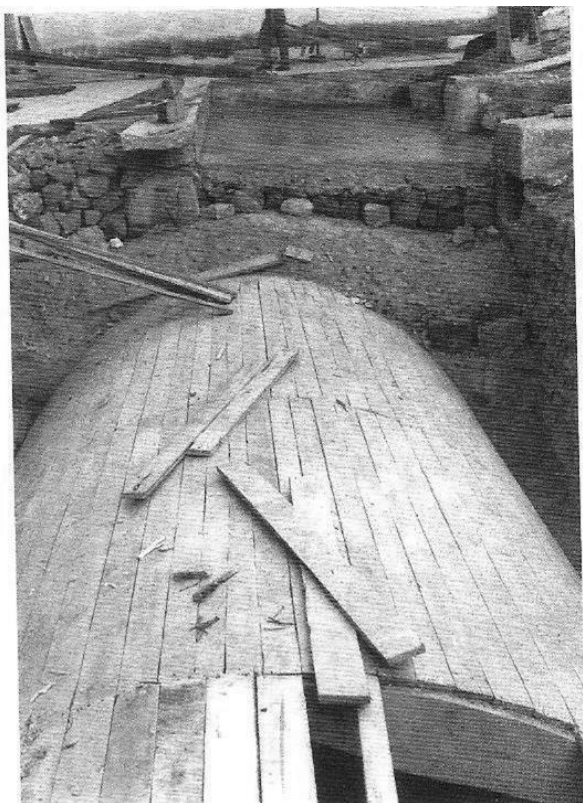
Reconstrução das abóbadas da galeria Nascente do criptopórtico (1958-1962)



401



402



403

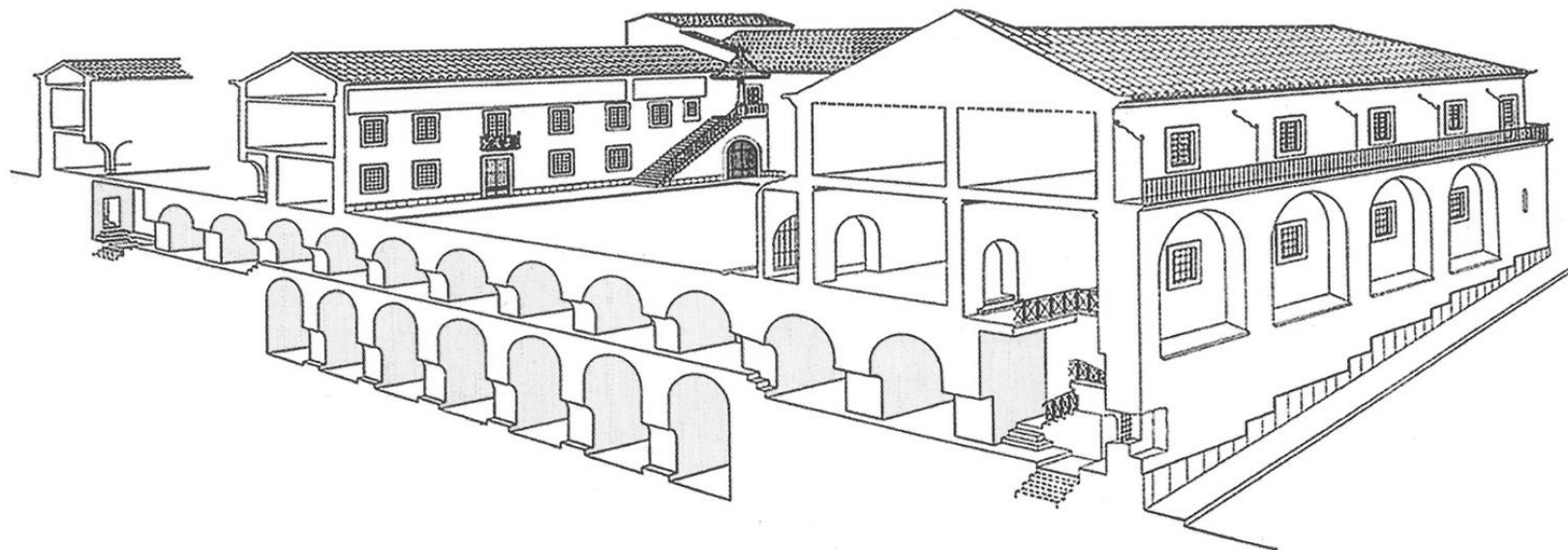


404

Fonte: Divisão de Documentação Fotográfica/Instituto de Museus e da Conservação.

IMAGEM 405

O MMC e o antigo criptopórtico do *forum* de *Aeminium*. Pormenor das ligações entre os diferentes patamares



405 – Desenho de Roque Martins.

Fonte: reproduzida na obra *O forum de Aeminium...*, p. 24.

IMAGENS 406 a 409

Capela do tesoureiro na actualidade



406 – Capela do tesoureiro (abóbada e retábulo).



407 – Pormenor dos ornamentos esculpidos nos caixotões da abóbada.



408 – O retábulo da Assunção da Virgem.



409 – Pormenor da Assunção da Virgem.

Fonte: fotografias Duarte Freitas.

IMAGEM 410

Pormenor da abóbada da capela de Jesus



410 – Desenho de Albrecht Haupt.

Fonte: Albrecht Haupt publicado na sua obra *A arquitectura do renascimento em Portugal...*, p. 226.

IMAGEM 411

Retábulo da capela do tesoureiro num período anterior à retirada das quatro estátuas



411 – Finais do século XIX, princípios do século XX.

Fonte: Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Op. cit.*, estampa CXXX.

IMAGEM 412

Retábulo da capela do tesoureiro só com a presença da escultura de São Tiago



412 – Por volta de 1927 (foto Rasteiro).

Fonte: *Portugal Artístico e Monumental*, s/p..

IMAGENS 413 a 415

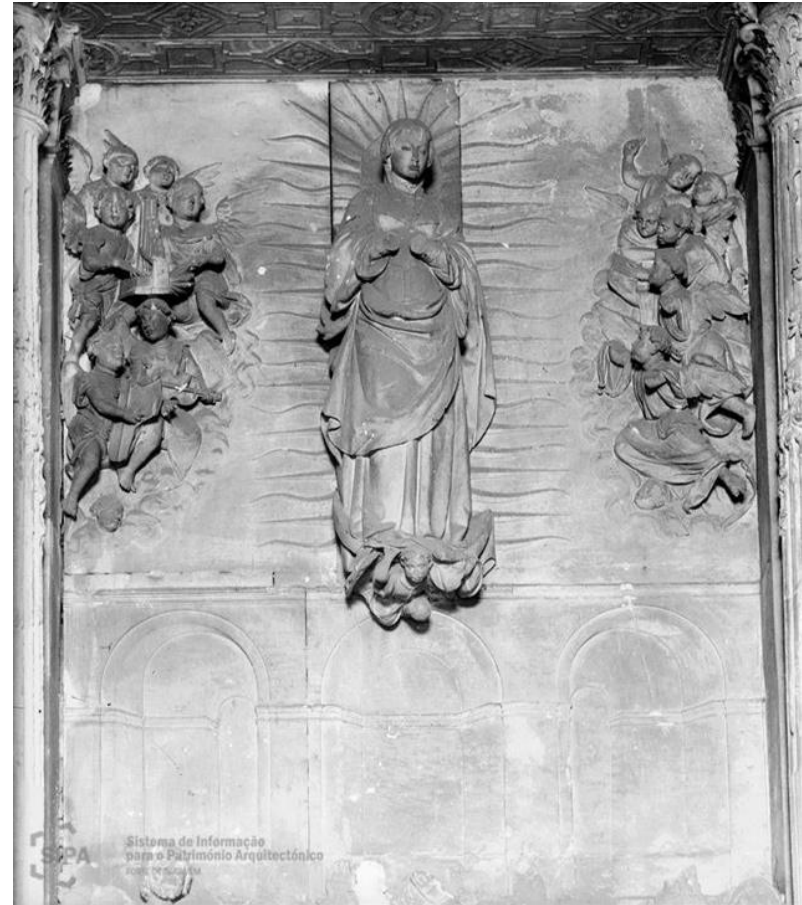
Estado de conservação do retábulo nos inícios da década de 1940



413 – Retábulo em mau estado de conservação.



414 – Pormenor das mutilações na *pedrella* e nos apóstolos em torno do túmulo.



415 – Pormenor das mutilações na representação da Virgem.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 416 e 417

Abertura da rua João de Ruão, paralela à artéria da Sofia (inícios da década de 1940)



416 – A nova artéria vista da Rua da Sofia.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.



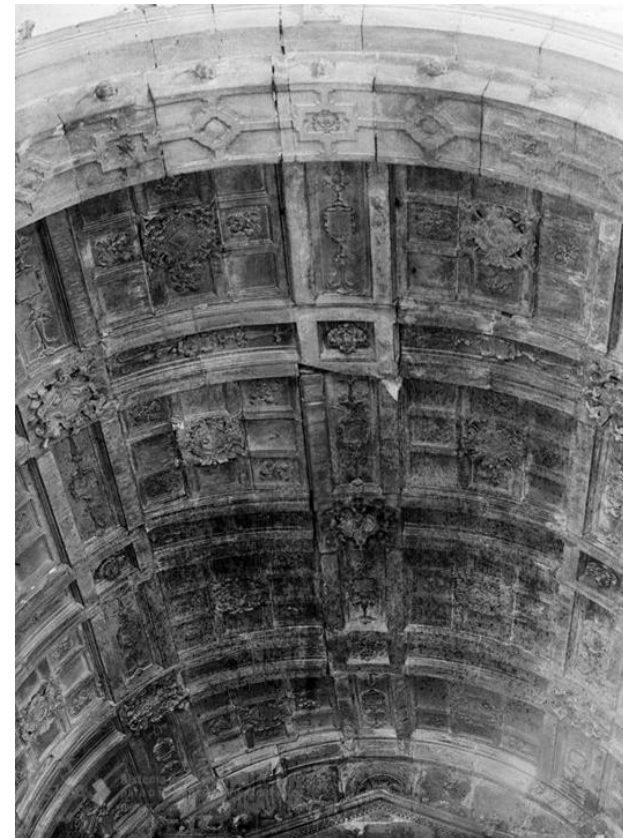
417 – Área onde se procedeu às demolições.

IMAGENS 418 a 420

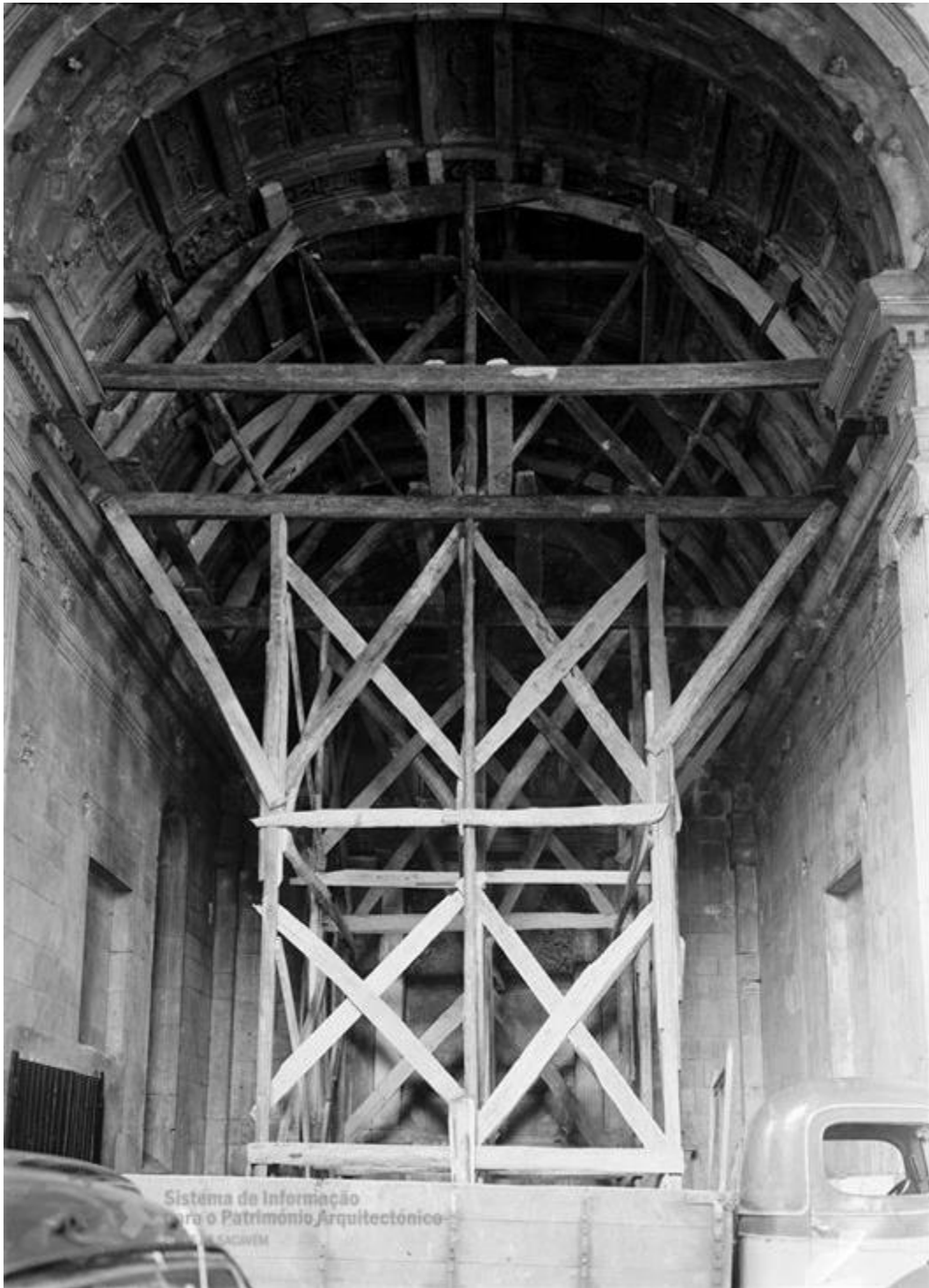
Danos na abóbada da capela do tesoureiro e a consequente colocação da estrutura de para impedir o seu desmoronamento (inícios da década de 1940)



418 – Abóbada da capela do tesoureiro em risco de ruir.



419 – Pormenor na fenda na abóbada.

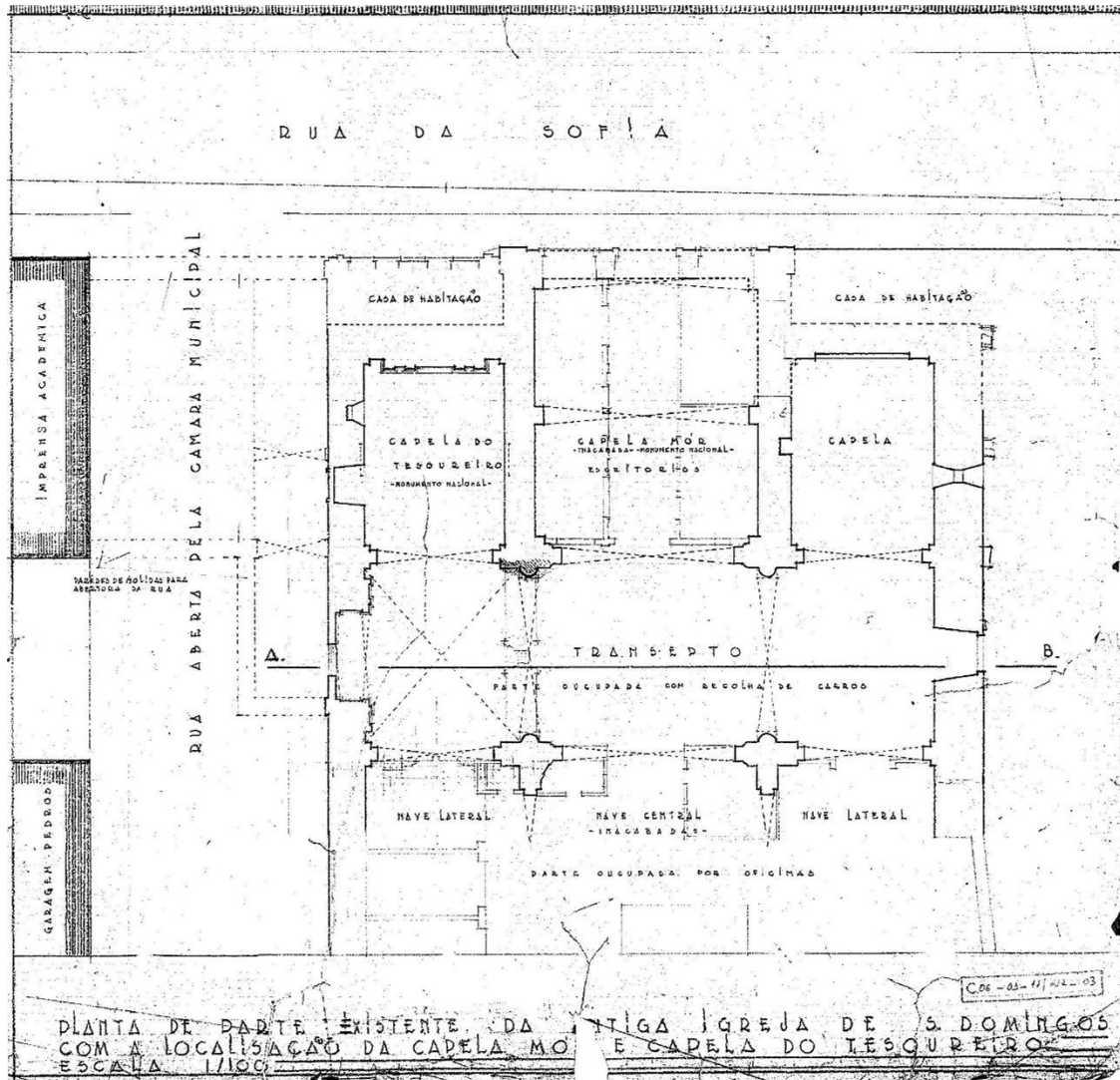


420 – Estrutura em madeira para sustentar a abóbada.

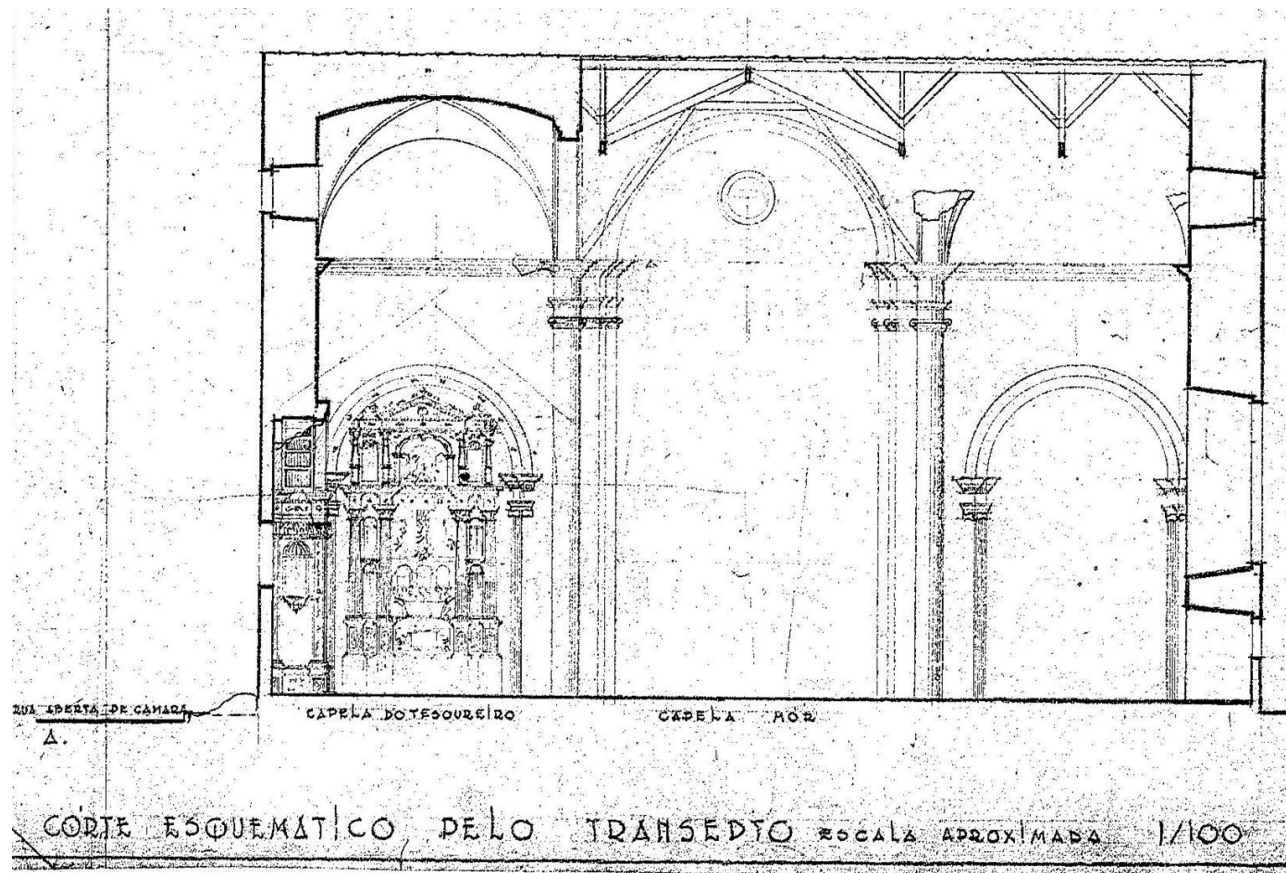
Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 421 e 422

Planta e corte (AB) da parte existente da antiga igreja de S. Domingos (1940)



421 – Planta.



422 – Corte AB pelo transepto.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Desenhos.

IMAGEM 423

Cabeceira da antiga igreja de São Domingos, com aberturas efectuadas nos finais do século XIX



423 – Fotografia de 1940.

Fonte: Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Op. cit.*, estampa CXXX.

IMAGENS 424 e 425

Capela do topo Norte do transepto da igreja de São Domingos



424 – Na actualidade.

Fonte: fotografia Duarte Freitas.

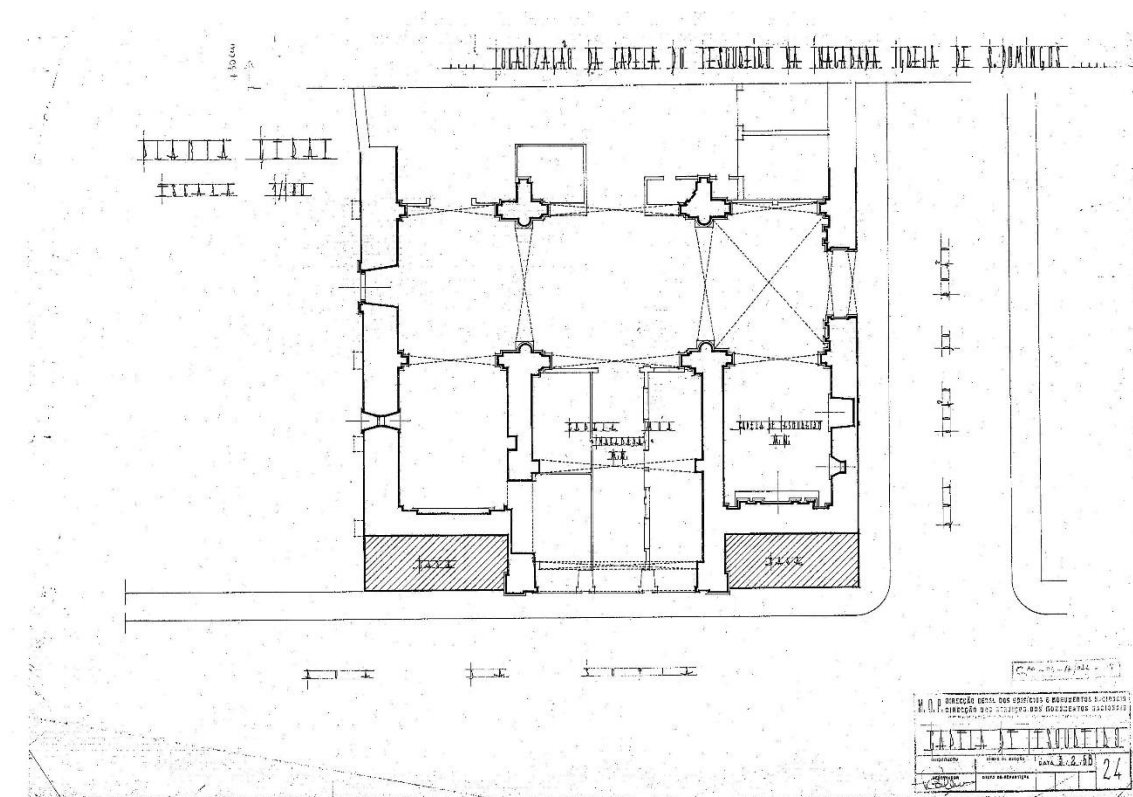


425 – Na década de 1940. Pormenor das esculturas decapitadas, sendo a inferior a representação de S. Paio.

Fonte: Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Op. cit.*, estampas CXXX.

IMAGEM 426

Planta da “Localização da capela do tesoureiro na inacabada igreja de São Domingos” (3 de Fevereiro de 1968)



426 – Atenda-se ao pormenor da abertura efectuada, em 1955, no quadrante Norte, que ladeia a capela do tesoureiro, permitindo a entrada de autocarros.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Desenhos.

IMAGEM 427

Vestígios da capela do topo Norte do transepto, após o rasgo na parede para passagem dos autocarros



427 – Fotografia de 1968.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGEM 428

Interior da antiga igreja de São Domingos (1968)



428 – Pormenor da capela-mor e da capela colateral (de Jesus), ambas ocupadas por construções utilitárias.

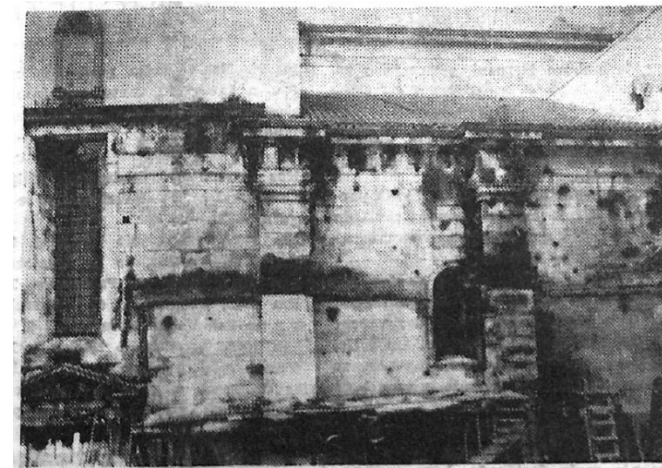
Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 429 e 430

Lateral Sul da antiga igreja de São Domingos (1963)



429 – Vista da rua da Sofia (foto Hilda).



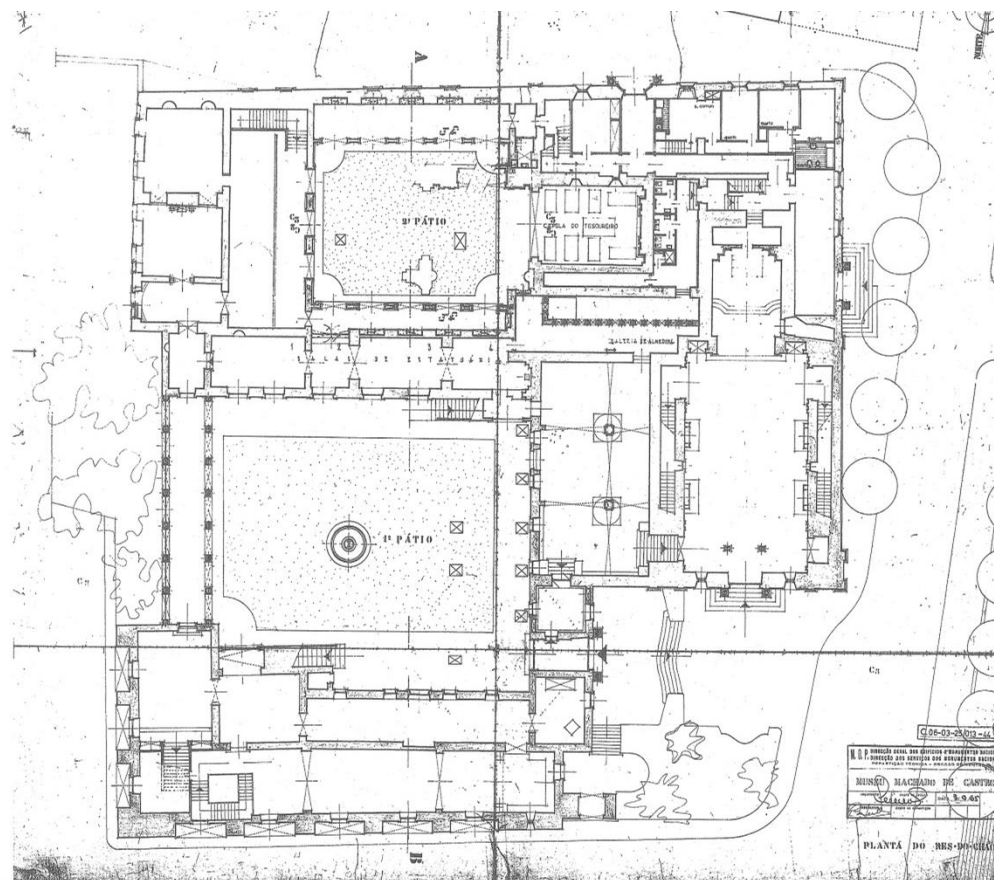
430 – Pormenor da lateral Sul (foto Hilda).

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

Fonte: “Um património que se perde”, *Diário de Coimbra*, n.º 11 112, 22 de Abril de 1963, p. 1.

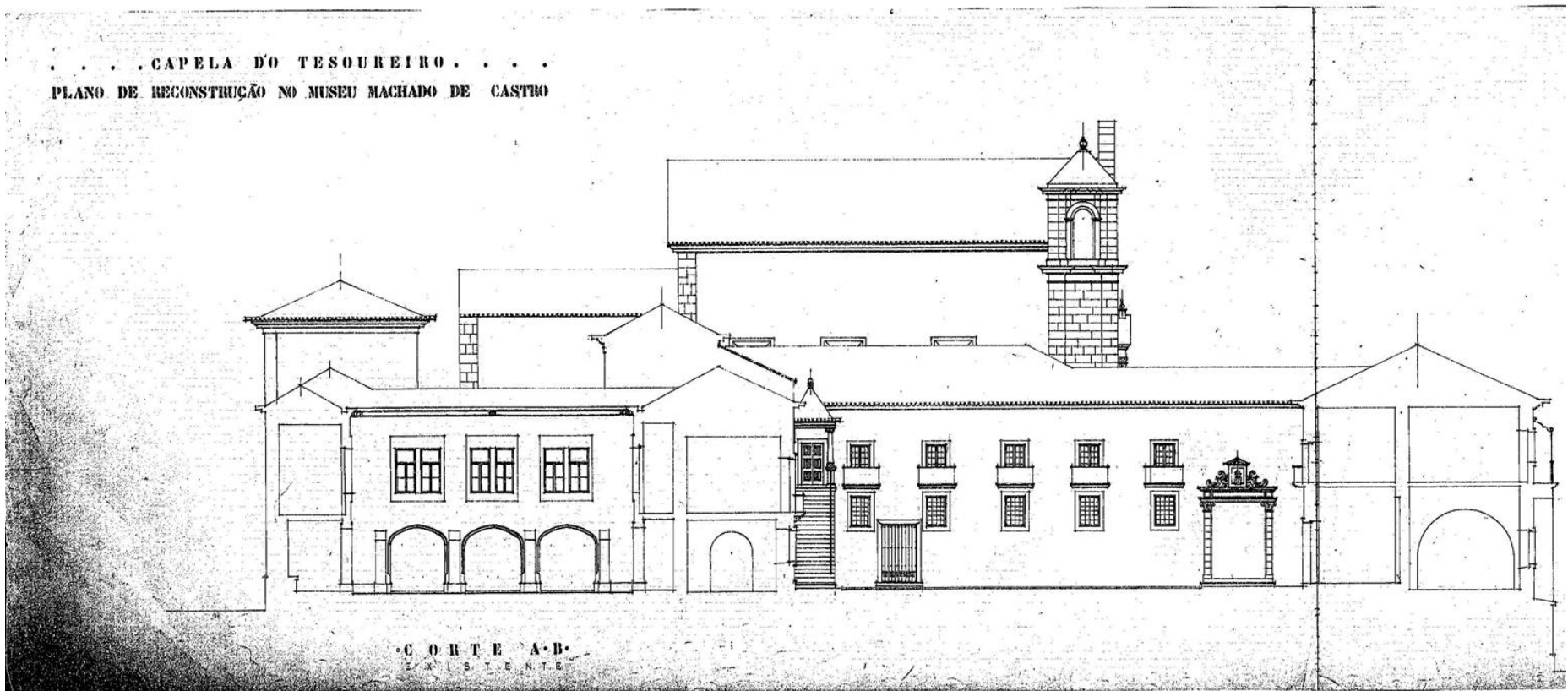
IMAGENS 431 a 433

Plano de reconstrução da capela do tesoureiro no MMC (Setembro de 1965)

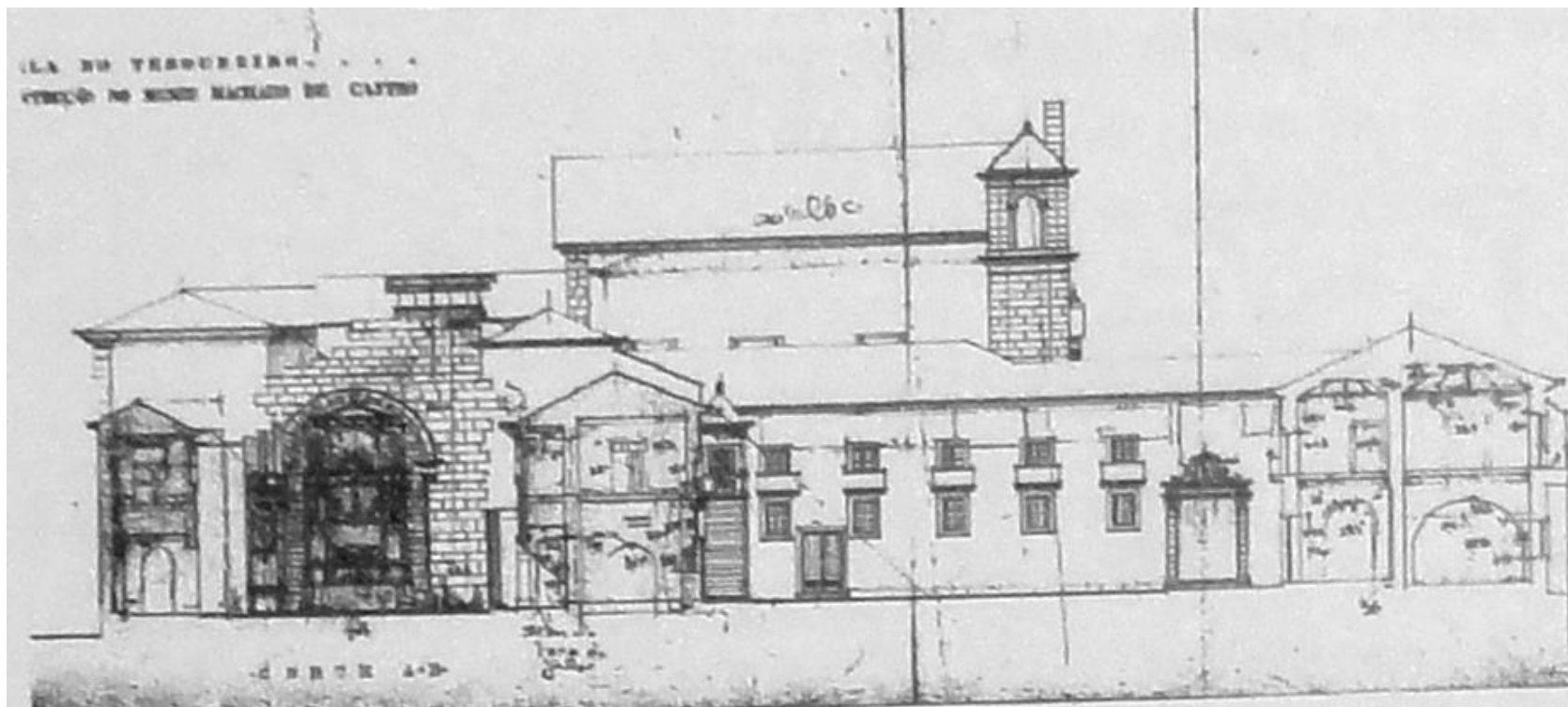


431 – Planta do rés-do-chão. Atenda-se ao pormenor de implementação da capela do tesoureiro voltada para o 2.º pátio.

. . . . CAPELA DO TESOUREIRO
PLANO DE RECONSTRUÇÃO NO MUSEU MACHADO DE CASTRO



432 – Corte AB. Existente.

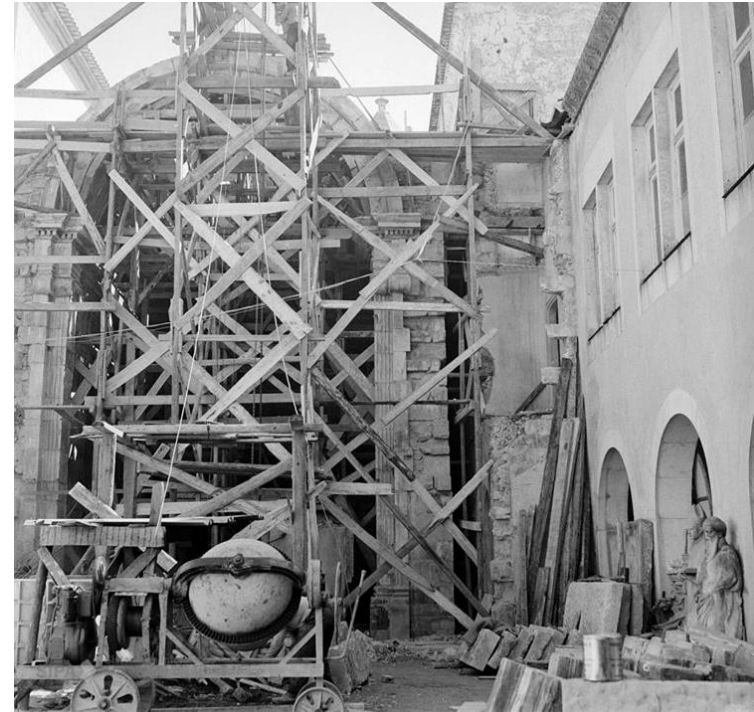
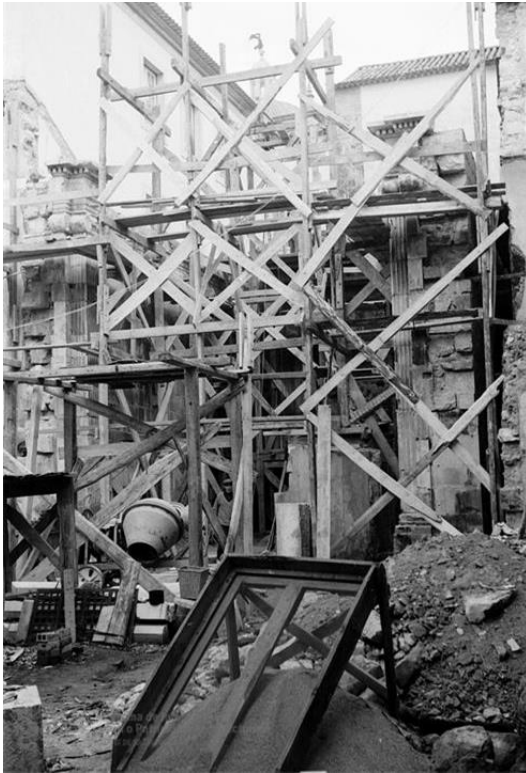


433 – Corte AB. Reintegração da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MNMC.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Desenhos. Integraram o caderno “Capela do tesoureiro. Plano de reconstrução no Museu Machado de Castro”, assinado: o arquitecto chefe de secção Luís Amoroso Lopes, 3 de Setembro de 1965 (pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0204).

IMAGENS 434 a 439

Obras de implementação da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MNMC (1967-1968)



434 e 435 – Montagem da capela (1967).



436 e 437 – Montagem da abóbada (1967).



438 – Montagem da abóbada (1967).

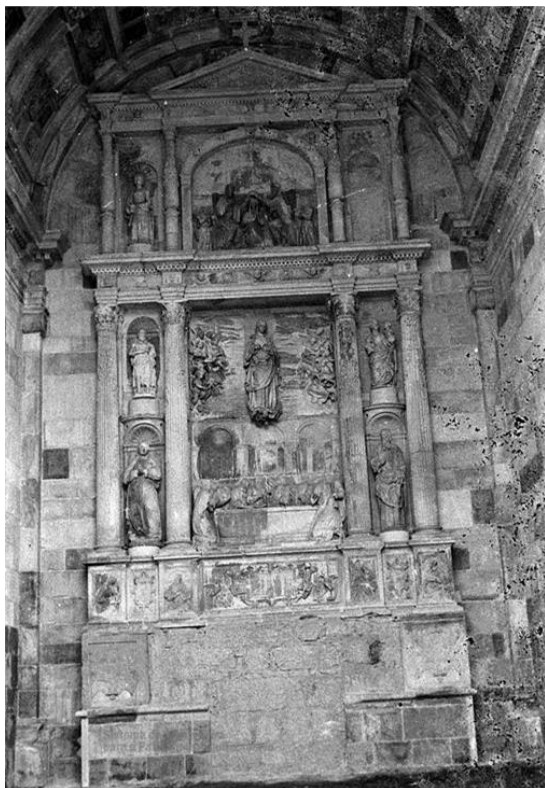


439 – Abóbada e retábulo já erectos (1968).

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 440 e 441

Utilização do retábulo da Assunção da Virgem da capela do tesoureiro enquanto escaparate do acervo de escultura do século XVI



440 – O retábulo como expositor (1968).

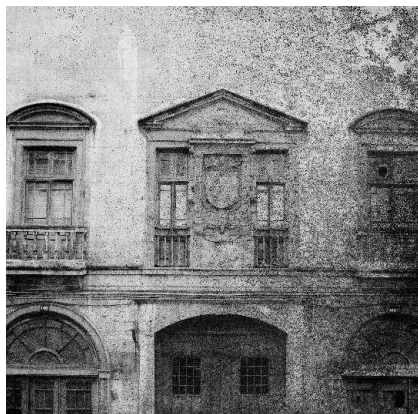


441 – Panorama geral da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MMNC (1980).

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 442 a 445

Brasão dos duques de Aveiro e a estrela de São Domingos



442 – Brasão dos duques de Aveiro disposto na cabeceira da igreja (1969).



443 – Cabeceira do antigo tempo de São Domingos depois da retirada do brasão dos duques de Aveiro (1971).

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.



444 – Brasão dos duques de Aveiro colocado no 2.º pátio do MNMC (fotografia de 2003).

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

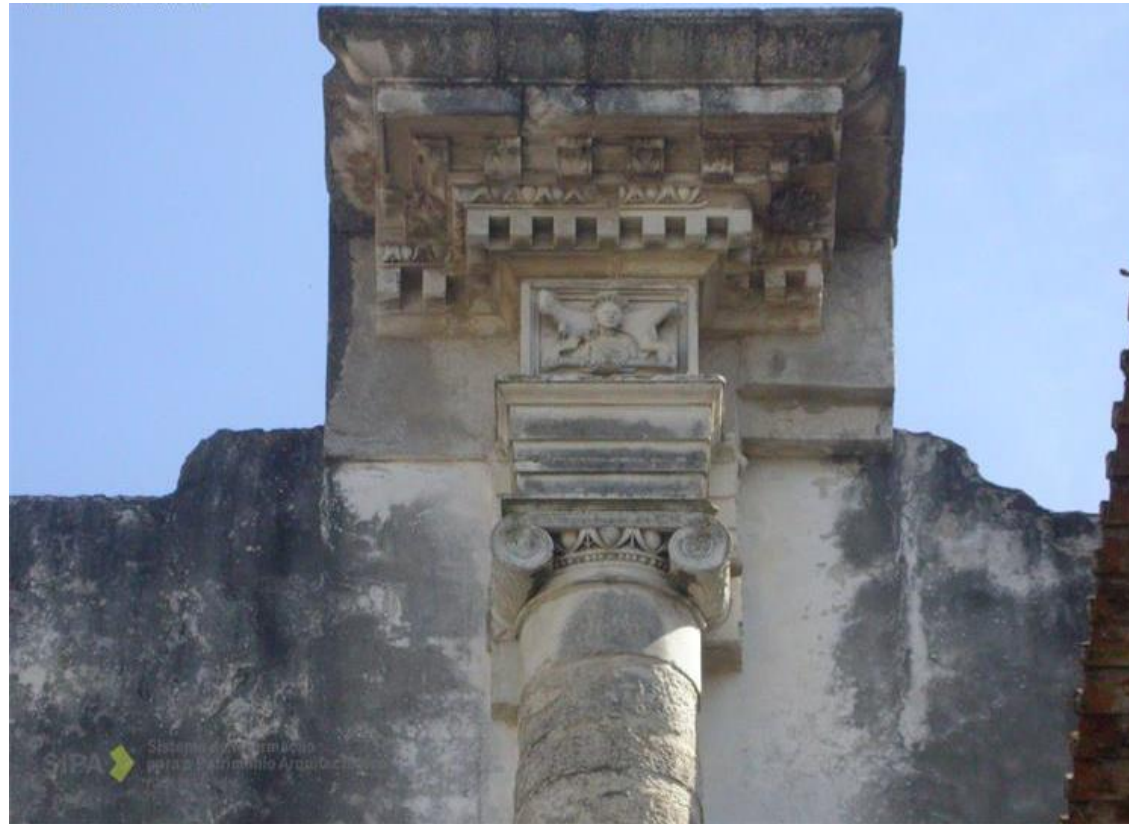


445 – Estrela de São Domingos a arrematar empena da cabeceira da igreja de São Domingos (1969).

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGEM 446

Pormenor do elemento escultórico do entablamento (2003)



446

Fonte: DGEMN, MMC, pasta Fotografias.

IMAGEM 447

Integração da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MNMC (resultado final)



447 – Foto registada em 1980.

Fonte: DGEMN, Capela do Tesoureiro, pasta Fotografias.

IMAGENS 448 e 449

O que restou da antiga igreja do convento de São Domingos



448 – Abóbada da capela de Jesus (2004).



449 – Testeira da antiga igreja, voltada para a rua da Sofia (2004).

Fonte: DGEMN, Convento de São Domingos, pasta Fotografias.

IMAGENS 450 e 451

Capela do tesoureiro integrada na galeria de escultura da renascença do MNMC (actualidade)



450 – Pormenor da capela do tesoureiro incluída na galeria de escultura.



451 – Panorâmica geral da galeria onde se integra a capela do tesoureiro.

Fonte: fotografias Duarte Freitas

Quadros

Nota: optámos por colocar os quadros de menores dimensões no corpo do texto, remetendo os restantes para o anexo que ora se apresenta.

QUADRO 1

Quadro-síntese da legislação respeitante ao panorama museológico português (1910-1965)

Data	Diploma	Assunto
1910, Novembro, 19	Decreto com força de lei	Disposições sobre a protecção dos bens artísticos
1911, Abril, 11	Lei da separação do Estado das igrejas	Nacionaliza os bens móveis e imóveis da igreja (inclusive o Tesouro da Sé, em Coimbra)
1911, Maio, 26	Decreto com força de lei	Reorganiza os serviços artísticos e arqueológicos: - Cria os Conselhos de Arte e Arqueologia; - Cria o Conselho de Arte Nacional; - Cria o Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Contemporânea (a partir da divisão do Museu Nacional de Belas Arte); - Cria o Museu Machado de Castro (com o Tesouro da Sé como anexo); - Renomeia o Ateneu D. Pedro (Museu Soares dos Reis).
1911, Junho, 13	Decreto	Determina o quadro de pessoal para o Museu Machado de Castro
1911, Agosto, 3	Portaria	Nomeia os vogais efectivos e auxiliares dos Conselhos de Arte e Arqueologia
1912, Julho, 7	Portaria	Cria o Museu de Aveiro
1913, Dezembro, 5	Portaria	Determina que os três Conselhos de Arte e Arqueologia procedam à revisão do inventário dos monumentos nacionais
1914, Junho, 11	Decreto n.º 559	Aprova o regulamento do Museu Etnológico Português
1914, Julho, 31	Decreto n.º 712	Aprova o regulamento do Museu Nacional dos Coches

1914, Dezembro, 2	Decreto n.º 1127	Determina a anexação da cadeira de História e Estética da Arte, do 6.º grupo da Faculdade de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa, ao Museu Machado de Castro e ao Museu Nacional de Arte Antiga
1915, Fevereiro, 24	Decreto n.º 1 355	Cria o Museu Regional de Évora
1915, Novembro, 11	Decreto n.º 2 042	Cria o Museu de Faro
1915, Dezembro, 4	Decreto n.º 2 119	Cria o Museu de Bragança
1916, Fevereiro, 19	Lei n.º 483	Disposições sobre a aquisição de espólio artístico
1916, Março, 16	Decreto n.º 2 284-C	Cria, em Viseu, o Museu Grão Vasco
1916, Março, 16	Decreto n.º 2 284-D	Aprova o regulamento do Museu Nacional de Arte Antiga
1917, Março, 14	Decreto n.º 3 026	Aprova o regulamento do Museu Nacional de Arte Contemporânea
1917, Abril, 5	Decreto n.º 3 074	Cria o Museu Regional de Lamego
1917, Novembro, 15	Decreto n.º 3 553	Cria o Museu de Leiria
1917, Dezembro, 26	Decreto n.º 3 782	Cria o Museu de Beja
1918, Abril, 1	Decreto n.º 4 011	Cria o Museu de Braga
1918, Julho, 9	Decreto	Cria um Museu no Hospital de São José
1919, Maio, 10	Decreto n.º 5 689	Aprova o regulamento do Museu Nacional de História Natural, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
1919, Junho, 19	Decreto n.º 5 889	Cria o Museu de Tomar

1921, Junho, 1	Decreto n.º 1 175	Cria o Museu D. Lopo de Almeida, em Abrantes
1921, Maio, 12	Decreto n.º 7 497	Aprova o regulamento do Museu Grão Vasco
1921, Julho, 12	Decreto n.º 7 591	Disposições sobre a exportação de objectos artísticos ou arqueológicos
1922, Janeiro, 16	Decreto n.º 7 970	Aprova o regulamento do Museu D. Lopo de Almeida, em Abrantes
1922, Outubro, 6	Decreto n.º 8 410	Cria o Museu Regional, em Chaves
1924, Março, 22	Decreto n.º 9 327	Cria o Museu Regional, em Vila Real
1924, Dezembro, 18	Lei n.º 1 700	Reorganiza os serviços de Arte e Arqueologia: Renomeia o Conselho de Arte Nacional (Conselho Superior de Belas Arte).
1926, Fevereiro, 13	Decreto n.º 11 445	Aprova o regulamento da Lei n.º 1700 de 18 de Dezembro de 1924, sobre os serviços de Arte e Arqueologia
1928, Março, 17	Decreto n.º 15 209	Cria, em Guimarães, o Museu Regional Alberto Sampaio
1928, Março, 22	Decreto n.º 13 216	Reorganiza os serviços artísticos e arqueológicos: introduz uma taxa de entrada nos museus
1929, Março, 6	Decreto n.º 10 578	Cria, em Castelo Branco, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior
1929, Março, 18	Decreto n.º 16 624	Altera a nomenclatura do Museu Etimológico Português para Museu Etimológico Dr. Leite de Vasconcelos
1929, Abril, 30	Decreto n.º 16 791	Cria a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
1930, Abril, 23	Decreto n.º 18 237	Reformula o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos
1930, Dezembro, 6	Decreto n.º 17 927	Aprova o regulamento do Museu Francisco Tavares Proença Júnior

1931, Março, 5	Decreto n.º 19 414	Fixa o imposto de entrada nos museus
1931, Dezembro, 4	Decreto n.º 20 586	Disposições sobre o arrolamento do espólio patrimonial
1932, Março, 5	Decreto n.º 20 977	Funda a Academia Nacional de Belas Artes
1932, Março, 7	Decreto n.º 20 985	Altera a organização da Lei n.º 1700: - Extingue os Conselhos de Arte e Arqueologia; - Cria o Conselho Superior de Belas Artes; - Cria as Comissões Municipais de Arte e Arqueologia.
1932, Julho, 25	Decreto n.º 21 504	Eleva ao estatuto de nacional o Museu Soares dos Reis
1932, Julho, 26	Decreto n.º 21 514	Aprova o Regulamento do Museu Alberto Sampaio, em Guimarães
1933, Janeiro, 12	Decreto n.º 22 110	Regulamenta o estágio de conservadores de museus, realizado no Museu Nacional de Arte Antiga
1933, Julho, 24	Decreto n.º 22 728	Disposições sobre o arrolamento patrimonial
1933, Novembro, 7	Despacho	Aprova a criação do Museu José Malhoa
1934, Março, 3	Decreto-Lei n.º 23 625	Organiza o Museu de Arte da Universidade do Coimbra
1935, Abril, 9	Decreto n.º 23 232	Renomeia o Museu Regional de Bragança (Museu Abade Baçal)
1936, Maio, 19	Decreto-Lei n.º 26 611	Regulamenta a inspeção aos museus feita pela 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação
1936, Novembro, 24	Decreto-Lei n.º 27 273	Incorpora, no Museu Regional de Évora, o museu arqueológico anexo à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora
1937, Abril, 3	Decreto-Lei n.º 27 633	Disposições sobre o património artístico e arqueológico

1937, Julho, 21	Decreto-Lei n.º 27 878	Regulamentação do Museu Nacional Soares dos Reis
1942, Novembro, 24	Decreto-Lei n.º 32 434	Disposições sobre os vencimentos dos directores dos seguintes museus: Museu Machado de Castro; Museu de Évora; Museu Grão Vasco; Museu Alberto Sampaio; Museu de Aveiro; Museu Abade Baçal; Museu de Lamego.
1943, Novembro, 24	Decreto-Lei n.º 33 267	Separa os Museus Nacionais de Arte Antiga em Museu Nacional de Arte Antiga e Museu Nacional dos Coches
1944, Julho, 28	Decreto n.º 33 820	Incumbe o Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular da instalação do Museu de Arte Popular
1944, Novembro, 24	Decreto n.º 34 134	Reorganiza dos serviços do Secretariado Nacional de Informação
1945, Dezembro, 26	Decreto-Lei n.º 35 395	Reorganiza a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, encarregada de recolher colecções para uma instalação de um Museu Colonial
1949, Junho, 11	Lei n.º 2 032	Disposições sobre protecção e conservação dos elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagístico
1952, Setembro, 10	Decreto-Lei n.º 38 906	Disposições relativas à inventariação e alienação de móveis do valor artístico ou histórico
1953, Fevereiro, 27	Decreto n.º 39 116	Reorganiza o estágio de preparação dos conservadores de museus e palácios e monumentos nacionais
1953, Junho, 25	Lei n.º 2 065	Nova redacção ao artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 38 906 (inventariação e alienação de bens móveis de valor artístico ou histórico)
1954, Outubro, 4	Decreto-Lei n.º 39 840	Cria o Museu do Vidro, na Marinha Grande
1955, Novembro, 24	Portaria	Elabora de um programa para as novas instalações do Museu Dr. Leite de Vasconcelos
1959, Setembro, 28	Decreto n.º 42 536	Disposições sobre o Museu José Malhoa
1960, Abril, 22	Decreto n.º 42 938	Disposições sobre a tutela do Museu José Malhoa
1962, Abril, 21	Portaria, s/n.º	Cria uma comissão organizadora do Museu do Ultramar

1962, Maio, 14	Decreto n.º 44 349	Cria o Museu Monográfico de Conímbriga
1963, Dezembro, 7	Decreto-Lei n.º 45 413	Cria o Museu de Escultura Comparada
1965, Março, 19	Decreto n.º 46 254	Estatutos do Museu de Etnologia do Ultramar
1965, Dezembro, 18	Decreto-Lei n.º 46 758	Regulamento Geral dos Museus de Arte História e Arqueologia: - Reforma a organização e funcionamento dos museus; - Reforma das inspecções aos museus; - Cria o Curso de Conservador de museus; - Cria o Instituto José de Figueiredo; - Eleva ao estatuto de nacional o Museu Machado de Castro.

Fonte: *Diário do Governo*, I série (1911-1965).

QUADRO 2

Reuniões de conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais (1960-1965)

	Data	Local	Assuntos abordados:
I Reunião	21 a 23 de Setembro de 1960	Museu Grão Vasco (Viseu)	- Extensão escolar dos museus; - O director do museu e a defesa do património artístico nacional; - O restauro de obras de arte dos museus da província; - Fundo de apetrechamento dos museus.
II Reunião	2ª metade do mês de Novembro de 1961	Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa)	- Remodelação dos museus; - Oficinas de conservação e restauro; - Inventários e catálogos; - Serviço educativo nos museus.
III Reunião	26 a 30 de Setembro de 1962	Museu Nacional Soares dos Reis (Porto)	- Museus e as suas arrecadações; - Exposições temporárias; - Defesa do património nacional; - Serviço educativo dos museus.
IV Reunião	17 a 20 de Outubro de 1963	Museu Machado de Castro (Coimbra)	- Defesa das obras de arte de interesse nacional; - Permutas de peças entre museus; - Função educativa das exposições itinerantes.
V Reunião	2 a 5 de Outubro de 1964	Museu Regional de Aveiro (Aveiro)	- Museus regionais; - Museus particulares; - Conservação; - Inventariação e catálogos; - Extensão cultural; - Exposições temporárias e serviço escolar.
VI Reunião	12 a 15 de Novembro de 1965	Museu Regional Alberto Sampaio (Guimarães)	- O museu como centro de informação artística; - Problemas de conservação e restauro; - O museu regional e a defesa do património.

Fontes: I reunião, no MGV (1960): *Viriatis*, vol. VI, Setembro de 1960. II reunião, no MNAA (1961): João Couto, “A 2.ª reunião dos conservadores dos museus e palácios e monumentos nacionais”, *Ocidente*, vol. VLI, n.º 264, Dezembro de 1961, p. 287 e 288. III reunião, no MSR (1962): João Couto, “Relatório da 3.ª conferência dos conservadores”, *Museu*, 2.ª série, n.º 5, Agosto de 1963, p. 13 a 21. IV reunião, no MMC (1963): João Couto, “A 4.ª reunião dos conservadores dos museus e palácios e monumentos nacionais”, *Ocidente*, vol. LXV, n.º 308, Dezembro de 1963, p. 324 a 327. V reunião, no Museu de Aveiro (1964): *Reunião em Aveiro dos conservadores dos museus e dos palácios e monumentos nacionais*, Aveiro, Coimbra Editora, 1964. VI reunião, no MAS (1965): Mário Cardoso, “VI Reunião dos conservadores dos museus e palácios e monumentos nacionais”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, p. 4 a 15.

QUADRO 3

Funcionários do MMC (1911-1965)

Nome	Cargo	Entrada	Saída	Observações
Casimiro Pinto	Guarda	1883	?	Exerceu o referido posto desde a fundação do Museu de Arte Sacra da Sé de Coimbra.
António Augusto Gonçalves	Director	13 de Junho de 1911	13 de Novembro de 1929	Atinge o limite de idade de permanência em cargos públicos. A 18 de Maio de 1929 foi nomeado director honorário da instituição.
Maria da Silva	Assalariada/empregada de limpeza	1913	12 de Março de 1960	Falecimento.
António das Neves	Servente	5 de Maio de 1913	2 de Março de 1929	Atingiu o limite de idade de permanência em cargos públicos.
António Maria da Conceição	Guarda	2 de Setembro de 1913	9 de Maio de 1914	Falecimento.
João Couto	Conservador-ajudante	2 de Fevereiro de 1915 (tomada de posse)	1924	Ida para Lisboa onde desempenhou funções de conservador e de director do Museu Nacional de Arte Antiga.
António Viana	Secretário	1 de Outubro de 1915	7 de Agosto de 1928	Suspensão de funções.
Jacinto Tito da Silva Lizardo	Guarda de 1.ª classe	16 de Novembro de 1915 (tomada de posse)	23 de Dezembro de 1948	Atingiu o limite de idade de permanência em cargos públicos.
Luís Ramos	Guarda de 2.ª classe	3 de Dezembro de 1928 (tomada de posse)	18 de Agosto de 1952	Falecimento.
Vergílio Correia	Director	14 de Novembro de 1929 (tomada de posse)	3 de Junho de 1944	Falecimento.
Augusto Gonçalves Torres	Servente	12 de Junho de 1932 (tomada de posse)	---	Desempenhou funções de assalariado em serviço extraordinário desde 1928.
Lourenço Chaves de Almeida	Conservador-ajudante	22 de Março de 1933 (nomeação)	1951	Exonerado por não comparecer ao serviço, desde 1951.
Camilo Alves Pais	Conservador-ajudante	22 de Março de 1933 (nomeação)	1951	Exonerado em Setembro de 1951, por não comparecer ao serviço há mais de cinco anos.
António Manuel da Cruz	Conservador-ajudante	22 de Março de 1933 (nomeação)	1951	Exonerado em Setembro de 1951, por não comparecer ao serviço há mais de cinco anos.
Eugénio de Brito da Veiga	Secretário	1 de Julho de 1933 (tomada de posse)	*	
António Nogueira Gonçalves	Conservador-ajudante	1 de Junho de 1939 (tomada de posse)	1951	Deixou o referido cargo em 1951, após a entrada do director Luís Reis Santos.
José Toucedo Correia da Fonseca	Conservador-ajudante	17 de Março de 1939 (nomeação)	1951	Pediu exoneração em Setembro de 1951.
Arlindo Ferreira de Almeida	Guarda de 1.ª classe	1 de Maio de 1951 (tomada de posse)	*	
Luís Reis Santos	Director	14 de Junho de 1951 (tomada de posse)	18 de Outubro de 1967	Falecimento.

João Manuel Bairrão de Oliveira da Silva Oleiro	Conservador-ajudante	27 de Novembro de 1951 (tomada de posse)	Junho de 1962	Nomeado Director do Museu Monográfico de Conímbriga.
António Gomes da Rocha Madañl	Conservador-ajudante	17 de Janeiro de 1952 (tomada de posse)		
Maria da Conceição Leal da Costa Lobo	Conservador-ajudante	22 de Março de 1952 (nomeação)	Abril de 1967	
José Martins de Sousa Leite	Guarda de 2.ª classe	26 de Dezembro de 1952 (tomada de posse)	*	
Fernando da Silva Marques	Servente	26 de Dezembro de 1952 (tomada de posse)	*	
Manuel de Oliveira Chaves e Castro Correia da Encarnação	Conservador-ajudante	1954		
Maria Arlete Ferreira Figo	Assalariada/empregada de limpeza	9 de Novembro de 1954	*	
Maria Teresa Pinto Mendes	Conservador-ajudante	2 de Dezembro de 1955 (tomada de posse)	1967	Não foi reconduzida ao cargo por ter sido nomeada bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
Eduardo Rogado Dias	Conservador-ajudante	16 de Janeiro de 1958 (nomeação)	...	Não tomou posse.
Eduardo Lopes de Almeida Cascais	Conservador-ajudante	5 de Maio de 1959 (nomeação)	...	Não tomou posse.
Jorge Nogueira Lobo de Alarcão e Silva	Conservador-ajudante	28 de Fevereiro de 1964	*	
Jaime Raposo da Costa	Conservador-ajudante	18 de Novembro de 1964 (tomada de posse)	*	

* - Terminou a sua actividade para além de 1965

Fontes: AMNMC, Copiador I e II, Correspondência Expedida e Recebida (1912-1968).

QUADRO 4

Cronologia de António Augusto Gonçalves (1848-1932)

Data	Assunto
1848, Dezembro, 19	Nascimento de António Augusto Gonçalves (Coimbra).
1861 – 1965	Aluno do Liceu de Coimbra.
1865	Estabelece um atelier fotográfico no adro da igreja de São Pedro (próximo do teatro académico).
1867/1868 (ano lectivo de)	Aluno da Associação de Artistas de Coimbra.
1868	Professor de desenho da Associação de Artistas de Coimbra.
1868-1872	Voltou a frequentar o Liceu de Coimbra.
1870	Professor de desenho a particulares. Esta actividade estendeu-se até 1916.
1872, Fevereiro 15	Proprietário do jornal literário <i>Zéphiro</i> (publicação de 12 números, de 15 de Fevereiro a 31 de Junho).
1872/1873 (ano lectivo de)	Matricula-se no primeiro ano do curso de Farmácia (Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra) e na aula de desenho do curso filosófico. Não terminou o ano lectivo.
1876	Publica o romance <i>O Assassinio d'El Rey. Esboço romantico sobre factos de história portuguesa do XIV século.</i>
1876	Funda o jornal <i>A Lucerna</i> .
1878	Publica a obra didáctica <i>Brevíssima noção elementar sobre o methodo das projecções orthogonaes com a resolução de alguns dos mais simples problemas coordenados conforme o programa official.</i>
1878, Outubro, 1	Fundou a Escola Livre das Artes do Desenho.
1881	Inaugurada uma escultura de Camões cujo desenho é de sua autoria.
1881, Agosto, 17	Integrou a organização do Centro Operário de Coimbra, redigindo os seus estatutos.
1884	Integrou a organização da “Exposição de Manufacturas do Districto de Coimbra”.
1885, Fevereiro, 20	Professor de desenho industrial da Escola Industrial Brotero. Manteve-se neste cargo até Dezembro de 1927.
1984/1985 (ano lectivo de)	Vencedor do prémio da circunscrição do Norte pelo seu desempenho de docente na Escola Brotero.
1885/1886 (ano lectivo de)	Vencedor do prémio da circunscrição do Norte pelo seu desempenho de docente na Escola Brotero.
1886	Publica o folheto <i>O espolio dos conventos. A propósito de Cellas e Sant'Anna.</i>
1886/1887 (ano lectivo de)	Vencedor do prémio da circunscrição do Norte pelo seu desempenho de docente na Escola Brotero.
1887, Janeiro, 2	Tomou posse como vereador da Câmara Municipal de Coimbra. Ocupou o referido cargo até o ano de 1889.
1887, Março, 17	Redigiu o regulamento do “Museu Municipal d'Arte e Industrias de Coimbra”. Foi nomeado conservador do referido espaço museológico.
1889, Outubro, 10	Nomeado secretário da Escola Industrial Brotero, pedindo a demissão do cargo logo em Novembro do mesmo ano.
1889, Dezembro, 15	Inaugurado o “Museu Municipal d'Arte e Industrias de Coimbra” nos lanços Norte e Poente do Claustro do Silêncio (igreja de Santa Cruz). Encerrou, em

	27 de Março de 1890, após 14 dias aberto ao público.
1890/1891 (ano lectivo de)	Vencedor do prémio da circunscrição do Norte pelo seu desempenho de docente na Escola Brotero.
1891, Outubro, 27	Nomeado Director da Escola Industrial Brotero, sendo exonerado a seu pedido a 17 de Outubro de 1905.
1891	Publica o folheto <i>O Claustro de Cellas. Appelo à Imprensa.</i>
1893, Janeiro, 30	Iniciou a orientação do restauro da Sé Velha.
1894, Novembro, 24	Admitido como sócio efectivo do Instituto de Coimbra.
1894	Publica, sob o pseudónimo de <i>L. D. A.</i> , o <i>Roteiro illustrado do viajante em Coimbra.</i>
1895, Janeiro, 26	Eleito 2.º secretário da Secção de Arqueologia e Conservador do Museu do Instituto.
1895	Professor de Desenho do Seminário Episcopal de Coimbra. Leccionou a mesma disciplina no Colégio Académico e na Escola Académica.
1895 [?]	Participa na adaptação do antigo colégio de São Tomás a residência do Conde Ameal.
1896	Início do restauro do claustro do Mosteiro de Celas.
1896, Abril, 26	Abertura do Museu de Antiguidades do Instituto depois da remodelação realizada por António Augusto Gonçalves.
1898, Janeiro, 11	Professor de Desenho da Faculdade Matemática até 1902.
1899	Publica <i>Breve noção sobre a Historia da cerâmica em Coimbra.</i>
1900	Visita à Exposição Universal de Paris.
1900 (finais de)	Projecta a capela do Senhor da Serra em Semide.
1900, Novembro	Professor de Desenho no Colégio dos Órfãos. Deixou de leccionar nesta instituição no ano de 1921.
1902	Publicação de <i>In Illo Tempore</i> de Trindade Coelho com ilustrações de António Augusto Gonçalves.
1902, Agosto, 7	Professor da cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Filosofia (mais tarde Faculdade de Ciências), permanecendo até 5 Julho de 1928.
1908	Orienta conturbado processo de restauro da igreja de São Tiago. Tal operação só ficará completa em 1932.
1909	Elabora o projecto da capela do cemitério paroquial de São Paio de Gramaços.
1910, Outubro, 13	Integra a comissão Administrativa Republicana da Câmara Municipal de Coimbra.
1910, Outubro, 24	Encarregado da superintendência da administração dos Paços Reis, sendo exonerado, a seu pedido, no mês de Novembro do mesmo ano.
1910, Novembro, 2	Integra a comissão para a realização de um plano de reformas dos diferentes graus de ensino.
1911	Publica o roteiro <i>Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. Notas.</i>
1911, Janeiro, 5	Eleito presidente da Comissão Administrativa Municipal de Coimbra.
Fevereiro, 1911	Publica, em co-autoria com Eugénio de Castro, o catálogo <i>Noticia historica e descriptiva dos principaes objectos de ourivesaria existentes no thesoiro da Sé de Coimbra.</i>
1911, Maio, 20	Por portaria governamental, foi encarregado do arrolamento dos objectos artísticos das extintas casas religiosas do distrito de Coimbra.
1911, Maio, 26	Participa na redacção do Decreto que fundou o Museu Machado de Castro.
1911, Junho, 13	Nomeado director do Museu Machado de Castro.
1911, Agosto, 3	Nomeado Vogal Efectivo do Concelho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição Artística.
1912	Publica <i>Depoimento para ajuntar a volumoso processo dos malfeitores da Arte em Portugal. Por uma testemunha, que não tem amisade nem parentesco</i>

	<i>com os réus.</i>
1912	Reeleito para comissão Administrativa Republicana da Câmara Municipal de Coimbra.
1913	Reeleito para comissão Administrativa Republicana da Câmara Municipal de Coimbra.
1913	Publica o panfleto <i>Vandalismo!</i>
1913	Redige o roteiro <i>Museu Machado de Castro. Notas.</i>
1913	Inicia a reintegração do claustro da Sé Velha.
1913, Outubro, 11	Inauguração oficial do Museu Machado de Castro, instalado no antigo paço episcopal de Coimbra.
1914, Março	Convite para o cargo de Chefe da Repartição de Ensino Técnico do Ministério da Instrução (liderado por Sobral Cid) sendo recusado pelo próprio.
1916	Redige o novo roteiro <i>Museu Machado de Castro. Notas.</i>
1916	Publicação de <i>A arte românica em Portugal</i> de Joaquim de Vasconcelos com desenhos (dos capiteis da Sé Velha) da autoria de António Augusto Gonçalves.
1920	Publica o folheto <i>Á Glória da Vereação Camararia de Coimbra. Homenagem d'um amigo munícipe, por ella votado à execração.</i>
1921	Publica <i>Monitoria dirigida aos Srs. Ministros, Deputados e Senadores, ou quem suas veses fisér. Acerca do Museu Machado de Castro de Coimbra.</i>
1923	Publica <i>Estatuária Lapidar no Museu Machado de Castro.</i>
1923, Maio, 14	Nomeado professor ordinário das cadeiras de Geometria Descritiva e Suas Aplicações e Topografia do Instituto Industrial e Comercial de Coimbra. Não chegou a tomar posse, sendo exonerado, a seu pedido, em 19 de Setembro do mesmo ano.
1929	Autor do 5.º volume (Coimbra) da <i>Arte em Portugal.</i>
1929	Publica <i>Joaquim de Vasconcelos.</i>
1929, Março, 26	Decreto n.º 16 563 que estabelece o limite de idade em funções de cargos públicos, abrangendo assim a posição de António Augusto Gonçalves no cargo de director do Museu Machado de Castro.
1929, Maio, 18	Nomeado director honorário do Museu Machado de Castro.
1929, Julho	Publica <i>Enumeração das obras preparativas para a instalação do Museu Machado de Castro.</i>
1932, Novembro, 4	Morte de António Augusto Gonçalves.

Fontes: citadas nas notas de rodapé do 1.1. do Capítulo II.

QUADRO 5

Cronologia de Vergílio Correia (1888-1944)

Data	Assunto
1888, Outubro, 19	Nascimento de Vergílio Correia (natural da Régua).
1906-1911	Frequência no curso de Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
1909 (finais de)	Excursão arqueológica a Conímbriga enquanto estudante da Universidade de Coimbra.
1909 (Setembro/Outubro)	Primeiro artigo publicado na revista <i>O Archeologo Português</i> (Lisboa), que versou sobre as escavações em Conímbriga. A participação no referido periódico durará até 1914.
1912	Início da colaboração com a revista <i>A Águia</i> (Porto) que durará até 1919.
1912	Colaboração com o periódico <i>A Rajada</i> (Coimbra).
1912	Publica <i>A igreja de Lourosa da Serra da Estrela</i> .
1912	Escavações arqueológicas em Lisboa e na região sul do país.
1912 (inícios de)	Nomeado conservador no Museu Etnológico Português. Permanecerá no referido cargo até 1915.
1912, Abril, 17 a 26	Sondagens arqueológicas em Conímbriga por incumbência do Museu Etnológico Português.
1912, Outubro, 18	Excursão arqueológica a Paço de Arcos e Oeiras.
1912 – 1913	Publicação em fascículos de <i>Lisboa Pré Histórica</i> .
1914	Viagem a Itália.
1914-1918	Escavações arqueológicas em Pavia (concelho de Mora).
1915	Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga. Permanecerá no referido cargo até 1921.
1915	Colabora com o periódico <i>O Século</i> (Lisboa).
1916	Publica <i>Emografia Artística. Notas de etnografia portuguesa e italiana</i> .
1916	Publica <i>Conímbriga</i> .
1916	Funda a revista <i>Terra Portuguesa</i> , onde se manterá até à sua extinção, em 1927.
1917	Início da colaboração com a revista <i>Atlântida</i> (Lisboa).
1917-1918	Publica, em dois fascículos, a <i>Arte Pré-Histórica</i> .
1919	Publica <i>Monumentos e Esculturas. (Séculos III-XVI)</i> .
1920	Publica a colectânea de artigos <i>Arte e Arqueologia</i> .
1920	Colabora com o periódico <i>A Pátria</i> (Lisboa).
1921	Publica <i>El Neolítico de Pavia</i> , edição do Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid.
1921	Publica <i>A Pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVI</i> .
1921	Publica <i>Um túmulo renascença. A sepultura de D. Luís da Silveira, em Góis</i> .
1921, Junho, 8	Conferência <i>O Azulejos em Coimbra</i> , organizada pela Escola Livre das Artes do Desenho.

1921, Agosto, 20	Entrada para a docência universitária na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, substituindo o falecido Joaquim Martins Teixeira de Carvalho na disciplina de Estética e História da Arte.
1921/1922 (ano lectivo)	Viagem a Itália.
1921, Novembro	Eleito Vogal do Conselho de Arte e Arqueologia da Segunda Circunscrição.
1922	Publica <i>O Imaginário Nicolau Chanterene na Inquisição (uma denúncia em 1538)</i> .
1922	Elabora as notas da obra de Cyrillo Volkmar Machado, <i>Collecção de memórias relativas às vidas dos pintores e escultores, architetos, e gravadores portugueses e dos estrangeiros que estiverão em Portugal</i> .
1922	Publica o livro <i>As obras de Santa Maria de Belem de 1514 a 1519</i> .
1923	Nomeado professor de cadeira de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1923	Publica <i>Sequeira em Roma</i> .
1923	Viagem a Marrocos.
1923	Publica <i>Lugares de além, Azamor, Mazagão, Çafim</i> .
1923	Publica <i>Artistas de Lamego</i> .
1923	Colabora no periódico <i>Diário de Lisboa</i> .
1923, Maio, 2	Por despacho ministerial, foi dado um voto de louvor pelo seu trabalho investigação realizado em Itália sobre o pintor António Domingos Sequeira.
1924	Publica <i>Vasco Fernandes, mestre do retábulo da Sé de Lamego</i> .
1925	Início da colaboração na revista <i>Biblos</i> (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
1925	Publica <i>Três Túmulos</i> .
1925 (Fevereiro a Abril)	Escavações em Alcácer do Sal.
1925, Julho, 19	Orador no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Coimbra, com a locução <i>A Necrópole de Alcácer</i> .
1925, Outono	Escavações em Alcácer do Sal.
1926	Publica <i>Livro dos regimentos dos oficiais mecânicos da mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa (1572)</i> .
1926, Primavera	Escavações em Alcácer do Sal.
1927, Primavera	Escavações em Alcácer do Sal.
1927, Julho, 26	Conferência <i>A Arquitectura em Portugal no século XVI</i> no âmbito do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1928	Publica <i>Pintores Portugueses dos Séculos XV e XVI</i> .
1928	Colabora com a revista <i>O Instituto</i> .
1928	Participa na redacção do 1.º volume da <i>História de Portugal</i> , dirigida por Damião Peres.
1928	Publica <i>O pateom dos Lemos</i> .
1928, Janeiro	Distinguido pelo governo alemão com a <i>Deutsch Rothen Kreuz</i> .
1929	Autor do primeiro volume d obra <i>Batalha. Estudo histórico-artístico-arqueológico do mosteiro da Batalha</i> (coleção <i>Monumentos de Portugal</i>).
1929	Publica <i>Os portais da matriz de Vila da Praia da Vitória</i> incluída na obra <i>Memorial da muito notável vila da Praia da Vitória, no centenário da acção de 11 de Agosto de 1922</i> .

1929	Publica <i>Alcobaça I</i> .
1929, Agosto, 18	Conferência <i>A escultura em Portugal no século XIII</i> , no âmbito do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1929, Setembro 23	Viagem a Barcelona para participar no 4.º Congresso Internacional de Arqueologia, com a comunicação <i>As fíbulas da Necrópole de Alcácer do Sal</i> , efectuando escavações arqueológicas em Espanha até 7 de Outubro do mesmo ano.
1929, Novembro, 14	Toma posse como director do Museu Machado de Castro.
1930	Início de uma série de sondagens e escavações em Conímbriga pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (sob a orientação de Baltasar Castro).
1930	Publica <i>Alfredo Keil</i> .
1930	Viagem ao norte de Africa para participar no Congresso Internacional de Arqueologia em Argel. Passou igualmente Marrocos e Tunísia.
1930	Início das sondagens arqueológicas ao criptopórtico do Museu Machado de Castro.
1930	Publica <i>Lembranças de Portugal em Hespanha. Catalunha e Aragão</i> .
1930, Janeiro	Dirige a publicação <i>Arte e Arqueologia</i> .
1930, Abril, 24	Conferência <i>Da importância dos museus regionais</i> , lida no Museu Regional de Lamego.
1930, Abril, 27	Conferência <i>Da importância dos museus regionais</i> , lida no Museu de Bragança.
1930, Agosto	Excursão a Trás-os-Montes com os alunos do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1930, Agosto, 9	Excursão a Tomar com os alunos do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1930/1931 (ano lectivo)	Lecciona a cadeira de História da Antiguidade Oriental na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra até ao ano lectivo de 1941/1942.
1930/1931 (ano lectivo)	Lecciona a cadeira de História da Antiguidade Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra até ao ano lectivo de 1940/1941.
1931	Publica <i>Batalha II – Estudo histórico-artístico da escultura do Mosteiro da Batalha</i> (coleção <i>Monumentos de Portugal</i>).
1932	Participa na redacção do 4.º volume da <i>História de Portugal</i> , dirigida por Damião Peres.
1932, Maio	Doutor <i>Honoris Causa</i> pela Universidade de Coimbra.
1932, Maio	Homenageado pela Academia Nacional das Belas Artes.
1933	Imposição de insígnias doutorais como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1933	Participa na Publicação do 5.º volume da <i>História de Portugal</i> , dirigida por Damião Peres.
1933, Abril 13 a 21	Viagem a Marrocos para participar na oitava sessão do <i>Congresso de altos estudos marroquinos</i> .
1933, Agosto	Conferência <i>A Arquitectura em Coimbra</i> , no âmbito do curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1933, Agosto, 15	Início da colaboração com o periódico <i>A Gazeta de Coimbra</i> que durará até ao final de 1934.
1933, Agosto, 22	Conferência <i>A pintura em Coimbra no século XVI</i> no âmbito do curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1934	Publica <i>Obras antigas da Universidade</i> .
1934, Abril, 15	Acompanha a Escola Livre das Artes do Desenho a uma visita a Conímbriga.
1934, Junho, 7	Viagem de estudo a França.
1934, Agosto, 4	Viagem a Santiago de Compostela para participar no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.
1934, Agosto, 17	Conferência <i>Arquitectos de Coimbra. Os construtores da Sé Velha</i> , no âmbito do Curso de Férias da Universidade de Coimbra.

1935	Publica <i>Conímbriga. Notícia do oppidium e das escavações nele realizadas.</i>
1935, Março	Nomeado Delegado de Etnografia (região da Beira Litoral) do Secretariado de Propaganda Nacional.
1935, Abril, 1	Início da colaboração com o periódico <i>Diário de Coimbra.</i>
1935, Junho, 8	Integra uma comissão para o plano de obras no Museu Machado de Castro.
1936, Junho, 14	Conferência <i>Santos Rocha fundador de um museu</i> , realizada no teatro do Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz.
1936, Agosto, 2	Excursão às ruínas de Conímbriga no âmbito do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1937	Prelecção <i>A Biblioteca da Faculdade de Medicina</i> no âmbito de um ciclo de conferências realizadas no referido estabelecimento de ensino.
1937	Publica a obra <i>Coimbra, historia, monumentos e vida da cidade</i> , destinada aos alunos dos cursos de férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1937	Publica <i>Etnografia artística portuguesa.</i>
1937, Agosto	Excursão à Batalha e a Alcobaça com os alunos do curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1937, Setembro, 10	Director do <i>Diário de Coimbra.</i>
1938	Participa na redacção do <i>Catálogo da Exposição de Arte Popular. Artes Plásticas, Ferros artísticos, Escultura e Marcenaria artística de Coimbra.</i>
1938, Fevereiro, 3	Integra a Comissão de Estética da Cidade.
1939	Publica <i>Coimbra e arredores</i> , destinada ao Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em co-autoria com os docentes Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares.
1939	Publica <i>Excursões no Centro de Portugal</i> destinada ao curso de férias de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em co-autoria com os docentes Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares.
1939, Abril, 28	Encarregado de proceder às investigações necessárias para o <i>Inventário Artístico Nacional.</i>
1940	Participação na obra <i>Vida e arte do povo português</i> (edição do SPN) com o estudo etnográfico sobre <i>O carro rural.</i>
1940	Publica a colectânea de artigos <i>Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra.</i>
1940	Participação no <i>Congresso do Mundo Português</i> com a conferência <i>A romanização da Lusitânia.</i>
1940	Integra, como director do Museu Machado de Castro, a comissão organizadora da <i>Exposição da Ourivesaria Portuguesa dos Séculos XII a XVII</i> , realizada no referido espaço museológico.
1940, Julho, 6	Inauguração da Exposição de Ourivesaria.
1941	Publicação do Catálogo-guia <i>Secções de Arte e Arqueologia</i> do Museu Machado de Castro onde redigiu o prefácio.
1941, Outubro, 4 a 9	Coordena a 5.ª Missão Estética de Férias, realizada no Museu Machado de Castro.
1942	Publica <i>Coimbra. Paisagem arte e história</i> destinada ao curso de férias de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em co-autoria com os docentes Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares.
1942, Abril, 30	Nomeado para integrar a Comissão Municipal de Turismo.
1943, Maio, 9	Orientou uma visita às ruínas de Conímbriga, organizada pela Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.
1944, Junho, 3	Morte de Vergílio Correia.
1945	Publicação póstuma de <i>Conímbriga</i> a cargo da sua esposa Alice Correia.
1946	Início da publicação do 1.º volume da colectânea <i>Obras</i> a cargo da Universidade de Coimbra. O 5.º e último volume foi editado no ano de 1978.
1947	Publicação póstuma do <i>Inventário Artístico Nacional. Cidade de Coimbra</i> em co-autoria com António Nogueira Gonçalves.

1949	Publicação póstuma de <i>A arte em Coimbra e arredores</i> .
1952	Publicação póstuma do <i>Inventário Artístico Nacional. Distrito de Coimbra</i> em co-autoria com António Nogueira Gonçalves.

Fontes: citadas nas notas de rodapé do 2.1. do Capítulo II.

QUADRO 6

Cronologia de Luís Reis Santos (1898-1967)

Data	Assunto
1898, Setembro, 3	Nascimento de Luís Reis Santos (natural de Lisboa, freguesia dos Anjos).
1933	Publica <i>É de Miguel Nunes o autor dos painéis de Montemor-o-Velho?</i> (<i>Diário de Notícias</i>).
1934	Concluiu o curso sobre os processos científicos no exame das obras de arte no <i>Instituto Mainini</i> de Paris.
1934	Publica <i>Queluz. A documentação e conservação do nosso património artístico. Acuso José de Figueiredo!</i> .
1934	Publica <i>Turismo. Anuário</i> .
1935	Publica <i>Un portrait d'Isabelle de Portugal, Duchesse de Bourgogne, date de 1470</i> .
1935	Publica <i>Um calvário no estilo de Albert Bouts</i> .
1935	Publica <i>Estudos de Pintura Antiga</i> .
1936	Publica <i>Os três painéis quinhentistas da Igreja de S. Martinho da Sintra</i> .
1936	Publica <i>Estudos de Pintura Antiga</i> .
1936, Janeiro, 29	Conferência <i>A história da pintura da Renascença em Portugal e os processos científicos de identificação</i> , realizada no Clube dos Fenianos (Porto).
1937	Publica <i>Dois tábuas dum retábulo do século XVI em Viseu e Oberlenningen</i> .
1937	Publica <i>Dois quadros de François Clouet no Museu Nacional do Porto</i> .
1937	Publica <i>Estudos de Pintura Antiga</i> .
1937, Janeiro, 6	Conferência <i>A história da pintura da Renascença em Portugal e os processos científicos de identificação</i> , realizada na Sociedade Nacional de Belas-artes (Lisboa).
1938	Publica <i>Deux tableaux de François Clouet au Musée Municipal de Porto</i> .
1938	Prefaciou o catálogo da <i>Exposição de Carlos Botelho</i> .
1939	Publica <i>Os processos científicos no estudo e na conservação da pintura antiga</i> .
1939	Publica <i>A Lost work of Metsys and Hitherto Unknown Van der Goes</i> .
1940	Publica <i>Painéis de coroação do Imperador Frederico III e de Leonor de Portugal</i> .
1940	Publica <i>Frei Carlos</i> .
1940	Publica, em co-autoria com Carlos Queiroz, <i>Paisagem e Monumentos em Portugal</i> (edição do SPN).
1940	Publica <i>Monumentos de Portugal</i> .
1941	Publica <i>Um Ysenbrandt desconhecido no Museu das Janelas Verdes</i> .
1942	Publica <i>Quentin Metsys, seus discípulos e continuadores em Portugal</i> .
1942	Prefaciou o catálogo da <i>Exposição de Wanda Ostrowska</i> .
1943	Publica <i>Vasco Fernandes e os pintores de Viseu do século XVI</i> .
1943	Publica <i>Estudos de Pintura Antiga</i> .
1944	Nomeado Conservador adjunto dos museus portugueses, após estágio no Museu Nacional de Arte Antiga.
1944	Publica <i>Algumas considerações acerca do livro de arte contemporâneo</i> .

1944	Publica <i>Francisco Franco</i> .
1945	Publica <i>Santo António na pintura portuguesa do século XVI</i> .
1945	Publica <i>O escultor Canto da Maia</i> .
1946	Participação na redacção do <i>Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga</i> .
1946	Prefaciou o catálogo da <i>Exposição de Celestino Alves</i> (edição SNI).
1946, Novembro, 21	Conferência <i>Vasco Fernandes Genial Pintor das Beiras</i> , realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Coimbra (organização da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra).
1948	Prefaciou o catálogo da <i>Exposição de óleos de Henry de Buys Roessingh</i> (edição SNI).
1948	Prefaciou o <i>Catálogo da exposição de gravuras antigas de famosos mestres dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII</i> (edição SNI).
1948	Prefaciou o catálogo da <i>Exposição Júlio de Sousa</i> (edição SNI).
1949	Publica <i>Le portrait de Saint Bernardin de Sienne par Quentin Metsys</i> .
1950	Publica <i>Painéis dos mestres de Ferreirim de igrejas e conventos de Évora</i> .
1951, Junho, 5	Nomeado Director do Museu Machado de Castro.
1952, Abril, 23	Nomeado Secretário do <i>Instituto de Coimbra</i> .
1952, Maio, 12	Nomeado membro da Comissão Estética Municipal.
1952, Junho, 19	Conferência em Leiria sobre pintura antiga, organizada pela Federação Nacional para a Alegria no Trabalho.
1952, Julho, 15 a 21	Orador num ciclo de conferências sobre pintura antiga dos séculos XV a XVI, realizado no Museu Machado de Castro.
1952, Outubro	Viagem a Espanha.
1953	Participação na obra <i>Fátima, Altar do mundo</i> , com o capítulo <i>Santa Maria na Arte Portuguesa</i> .
1953	Publica <i>Obras-primas da pintura flamenga dos séculos XV e XVI em Portugal</i> .
1953	Prefaciou o catálogo <i>Hansi Stael: desenhos, impressos, cerâmica</i> .
1953 (Dezembro) – 1954 (Janeiro)	Viagem à Bélgica.
1954, Janeiro	Agraciado pelo rei da Bélgica com a cruz da Ordem de Coros.
1954, Junho, 30 a Julho 3	Conferências <i>Quelques aspects inconnus de l'art de Quentin Metsys</i> e <i>Le siècle d'or de la peinture portugaise</i> , no âmbito das <i>Journées Internationales d'Etudes</i> , realizadas em Bordéus.
1954, Dezembro	Professor de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1954	Prefaciou o livro <i>Erasmus et la peinture flamande de son temps</i> de George Marlier.
1954	Publica <i>Gregório Lopes</i> .
1955, Abril	Participa na Campanha Nacional de Educação de Adultos, realizando a sua lição inaugural, no Museu Nacional de Arte Antiga, intitulada <i>Acerca da pintura portuguesa</i> .
1955, Novembro	Presidente da secção portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte.
1955, Dezembro, 22	Nomeado para a Comissão de Arte e Arqueologia.
1956, Novembro	Viagem de estudo à França Bélgica e Holanda.
1957	Publica <i>Garcia Fernandes</i> .

1957	Publica <i>Oivier Gand sculpteur du XVI siècle au Portugal</i> .
1957	Prefaciou o catálogo da exposição de Martinez Rubio.
1957	Prefaciou o catálogo <i>Hirosuke Watanuki, primeira exposição em Portugal</i> .
1958	Membro da delegação de Coimbra da Comissão Executiva das Comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique.
1958	Publica <i>Painéis de Metsys em Portugal anteriores ao retábulo de Lovaina</i> .
1958, Março	A convite da UNESCO, desloca-se a partir para as da comissão encarregada de estudar a constituição de um organismo internacional de documentação artística e científica.
1958, Abril	Nomeado pelo rei da Bélgica membro da Real Academia das Ciências, Letras e Belas-Artes.
1958, Julho, 3 a 7	Organiza o Colóquio Internacional de Arte, realizado no Museu Machado de Castro.
1958, Setembro	Viagem a Paris para tomar parte do 19.º congresso de História da Arte. Efectuou visitas a museus, arquivos e bibliotecas de Espanha, França, Bélgica e Holanda.
1959	Publica <i>Jacques Loquin Escultor do século XVI em Portugal</i> .
1959	Publica <i>Max J. Friedlander</i>
1959	Prefaciou a obra <i>Álbum de desenhos de Portugal e Japão</i> de Hirosuke Watanuki
1959, Maio, 23 a 39	Organiza o II Colóquio Internacional de Arte, realizado no Museu Machado de Castro.
1960	Publica <i>Cristóvão de Figueiredo</i> .
1960	Publica <i>O retrato do infante D. Henrique</i> .
1960	Publica <i>Iconografia Henriquina</i> .
1960	Publica <i>Painel Antoniano de Gregório Lopes na Misericórdia de Tomar</i> .
1960	Participa na redacção do volume V da Obra <i>Portugaliae Monumenta Cartographica</i> com o capítulo <i>Iconografia de D. João de Castro</i> .
1960, Junho, 2	Viagem a Antuérpia no âmbito das Comemorações Henriquinas.
1960, Setembro, 21 a 23	Participa na I Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Grão Vasco.
1961	Publica <i>Suzana no banho da oficina do "Mestre do Filho Pródigo"</i> .
1961	Publica <i>O casamento místico de Santa Catarina original de Murillo</i> .
1961, Fevereiro	Conferências <i>Os Descobrimentos Portugueses e as Belas Arte</i> e <i>Nuno Gonçalves, pintor português do século XV</i> , no Collège de France.
1961, Outubro	Participa no XX Congresso Internacional de História da Arte em Nova Iorque.
1961, Novembro	Participa na II Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Nacional de Arte Antiga.
1962	Publica <i>Garrafas chinesas de Jorge Álvares</i> .
1962	Publica <i>Masterpieces of Flemish painting of the fifteenth and sixteenth centuries in Portugal</i> .
1962	Publica <i>Vasco Fernandes</i> .
1962, Maio	Conferência <i>Considerações acerca da história e crítica da arte</i> , a convite da Associação Cultural Amigos do Porto, realizada na Escola Superior de Belas Artes da mesma cidade
1962, Maio, 31 a Junho, 4	Participa no XXI Congresso Internacional de História da Arte, realizado em Madrid e Barcelona

1962, Junho	Viagem a França para tomar parte das <i>Journées Internationales d'Etudes</i> , realizadas em Bordéus
1962, Setembro, 26 a 30	Participa na III Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Nacional Soares dos Reis.
1963	Publica <i>O Mestre da Lourinhã</i> .
1963, Agosto	Convidado pela Universidade de Berlim Ocidental para proferir um ciclo de conferências sobre pintura antiga
1963, Outubro, 17 a 20	Organiza a IV Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Machado de Castro.
1963, Dezembro, 5	Conferência <i>O retrato de Damião de Góis</i> , realizada no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
1964	Publica <i>Jan Quinten Metsys: discípulo e colaborador de seu pai mestre Quinten Metsys</i> .
1964	Participa na redacção do volume X da <i>Enciclopedia Universele dell'Arte</i> com a entrada <i>Portugallo</i> .
1964, Fevereiro, 24	Conferência <i>Identificação artística e diagnóstico médico</i> , realizada na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.
1964, Outubro, 2 a 5	Participa na V Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Regional de Aveiro.
1965	Publica <i>Influência do Ultramar nas Belas Artes</i> .
1965, Novembro, 12 a 15	Participa na VI Reunião de conservadores de museus palácios e monumentos nacionais, realizada no Museu Regional Alberto Sampaio.
1966, Março	Nomeado para o cargo de vogal da Junta Nacional de Educação.
1966, Junho	Viagem a Paris no âmbito de investigações em História da Arte.
1966, Setembro	Viagem a Paris no âmbito de investigações em História da Arte a realizar em França, Bélgica e Itália. No mesmo mês tomará parte do congresso de Bruges e de Florença consagrados ao pintor Jean Gossaert de Mabuse e ao escultor Donatello.
1966	Publica <i>Eduardo, o Português</i> .
1966	Publica <i>Jorge Afonso</i> .
1967, Julho, 16 a 18	Participação no XXXIX congresso de Bruges com a conferência <i>Verosímil retrato de Damião de Góis por Jan Gossaert de Mabuse</i> .
1967, Outubro, 18	Morte de Luís Reis Santos, vítima de acidente de aviação.
1968	Publicação póstuma do artigo <i>Eduard Portugalois disciple et collaborateur de Quentin Metsys</i> , na revista londrina <i>Pantheon</i> .

Fontes: citadas nas notas de rodapé do 4.1. do Capítulo II.

QUADRO 7

Número de visitantes do MMC (1928-1967)

Ano	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Nacionais	Estrangeiros	Entradas Pagas	Entradas Gratuitas	Total
1928	-	-	-	-	-	-	8 500
1929	-	-	-	-	2 258\$50	-	9 000
1930	-	-	-	-	4 035 2 017\$50	4.965	9 000
1931	-	-	-	-	5 000\$00	-	9 000
1932	-	-	-	-	5 302\$50	-	12 121
1933	-	-	-	-	5 352\$50	-	11 282
1934	10.157	5 975	-	-	6 807\$50	-	16 132
1935	8 795	4 605	11 823	1 577	5 747\$50	-	13 400
1936	9 926	9 467	18 536	857	7 110\$00	-	19 393
1937	6 280	4 712	10 777	215	4 302\$00	-	10 992
1938	5 804	4 481	9 888	397	1 586 3 964\$00	8.699	10 285
1939	5 588	4 337	9 411	514	1 292 3 230\$00	8.633	9 925
1940	8 084	6 626	14 347	363	1 993\$00	-	14 710
1941	4 427	3 474	7 621	280	1 925\$00	-	7 901
1942	5 224	4 159	9 178	205	1 950\$00	-	9 383
1943	-	-	-	-	-	-	-
1944	5 672	4 834	10 189	317	3 155\$00	-	10 506
1945	5 143	4 333	9 204	272	2 907\$50	-	9 476
1946	6 897	5 438	12 028	307	1 214	11.121	12 335
1947	5 455	4 505	9 582	378	3 804\$00	-	9 960
1948	3 818	2 705	6 108	415	4 735\$00	-	6 523
1949	6 336	3 792	9 292	836	3 005\$00	-	10 128
1950	-	-	-	-	-	-	-
1951	4 266	3 732	-	-	4 174\$50	-	7 998
1952	9 386	8 567	-	-	2 761	15.192	17 953
1953	-	-	-	-	2 471	7.651	10 122
1954	6 660	5 243	-	-	2 272	9.631	11 903
1955	4 741	4 296	-	-	2 212	6.825	9 037
1956	6 214	5 375	-	-	2 337	9.252	11 589
1957	-	-	-	-	-	-	-
1958	-	-	-	-	-	-	-
1959	-	-	-	-	-	-	-
1960	10 552	9 000	-	-	2 978	-	19 522
1961	-	-	-	-	2 910	-	-
1962	-	-	-	-	3 629	-	-
1963	-	-	-	-	3 590	-	-
1964	-	-	-	-	3 522	-	25 315
1965	-	-	-	-	2 087	-	-
1966	-	-	-	-	-	-	-
1967	12 330	10 272	-	-	-	-	22 602

Fontes: AMNMC, Correspondência Recebida (1911-1968); Copiador I (1911-1924); Copiador II (1924-1934); Correspondência Expedida (1930-1965); Diário do Museu: vol. I (1934-1943); vol. II (1943-1958); vol. III (1959-1963); *Anuário Estatístico de Portugal* (1875-1970).

QUADRO 8

Aulas da FLUC leccionadas no MMC (1916-1967)

Ano Lectivo	Data	Docente	Cadeira	N.º	Sumário	Caixa
1915 / 1916	28-03-1916	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Continuação da conferência anterior (dia 27) e visita ao Museu Machado de Castro.	3
1915 / 1916	13-06-1916	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Continuação da matéria precedente. Visita aos monumentos da Renascença presentes no Museu Machado de Castro.	3
1916 / 1917	23-01-1917	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Estudo dos objectos de ourivesaria românica, existentes no Museu de Arte Religiosa (Sé), comparação com os objectos do estilo gótico do mesmo museu.	4
1916 / 1917	27-02-1917	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Exposição feita perante os objectos do Museu Machado de Castro da presença mourisca (árabe) e suas aplicações na arte decorativa	4
1916 / 1917	23-04-1917	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Pintura portuguesa dos séculos XV e XVI. As cores opalinas da arte nacional da pintura	4
1916 / 1917	24-04-1917	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	Pintura portuguesa dos séculos XV e XVI. As cores opalinas da arte nacional da pintura (continuação da lição de 23, dada no Museu Machado de Castro, perante os quadros nacionais e em Santa Cruz (sacristia e casa das relíquias).	4
1916 / 1917	08-05-1917	Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	-	No Museu Machado de Castro. O mesmo tema do dia 7 [A pintura portuguesa dos séculos XV e XVI].	4
1921 / 1922	23-11-1921	Vergílio Correia	História da Arte	8	Lição prática sobre a escultura da arte romana do Museu Machado de Castro.	8
1921 / 1922	30-03-1922	Vergílio Correia	História da Arte	36	Românico e transição. Lição prática no Museu Machado de Castro.	8
1922 / 1923	13-01-1923	Vergílio Correia	História da Arte	16	Arte Romana, Lição no Museu Machado de Castro	9
1922 / 1923	01-06-1923	Vergílio Correia	História da Arte	40	No Museu Machado de Castro. Aula Prática.	9
1926 / 1927	18-06-1927	Vergílio Correia	História da Arte	36	Lição prática sobre estatuária e pintura gótica e do renascimento no Museu Machado de Castro.	10
1928 / 1929	11-05-1929	Vergílio Correia	História da Arte	33	A pintura primitiva portuguesa. Lição aberta no Museu Machado de Castro.	12
1929 / 1930	06-06-1930	Vergílio Correia	História da Arte	34	Lição prática no Museu Machado de Castro. Escultura gótica e do renascimento. Pintura primitiva.	13
1930 / 1931	07-02-1931	Vergílio Correia	História da Arte	16	Lição sobre a escultura românica em Coimbra, dada no Museu Machado de Castro.	13
1930 / 1931	21-03-1931	Vergílio Correia	História da Arte	26	Lição sobre a escultura nos séculos XIII e XIV. No Museu Machado de Castro.	13
1931 / 1932	15-03-1932	Vergílio Correia	Arqueologia	20	Lição prática no Museu Machado de Castro.	14
1931 / 1932	21-01-1932	Vergílio Correia	História da Arte	12	Da antiguidade clássica ao renascimento. Lição no Museu Machado de Castro como exemplificação da escultura românica.	14
1932 / 1933	01-02-1933	Vergílio Correia	História da Arte	19	Iconografia medieval. A escultura reflexo do pensamento medieval.	14

					Ideologia, hierarquia e simbolismo. A seguir: aula prática sobre o assunto no Museu Machado de Castro.	
1932 / 1933	10-03-1933	Vergílio Correia	História da Arte	22	A escultura nos séculos XIII e XIV. A seguir aula prática sobre o assunto no Museu Machado de Castro.	14
1932 / 1933	02-06-1933	Vergílio Correia	História da Arte	34	Lição prática sobre o Renascimento no Museu Machado de Castro.	14
1932 / 1933	30-11-1932	Vergílio Correia	Arqueologia	9	Aula prática versando sobre o paleolítico inferior no Museu Machado de Castro.	14
1932 / 1933	02-12-1932	Vergílio Correia	Arqueologia	10	Aula prática versando sobre o paleolítico superior no Museu Machado de Castro.	14
1932 / 1933	15-02-1933	Vergílio Correia	Arqueologia	21	Aula prática acerca do neolítico português na secção de pré-história do Museu Machado de Castro.	14
1933 / 1934	24-01-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	13	Lição prática sobre o espólio pré-histórico no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	26-01-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	14	Lugares de habitação e grutas. Exame do espólio das estações. Aula no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	25-04-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	26	Aula prática sobre a Idade do Ferro no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	18-05-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	32	Lição prática sobre a época romana no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	01-06-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	33	Arqueologia romana. Lição no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	23-02-1934	Vergílio Correia	História da Arte	22	A pintura em Portugal no século XV, seguido de aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	01-03-1934	Vergílio Correia	História da Arte	23	O gótico final. O manuelino. Origem do nome. O estilo manuelino. De tarde lição sobre do século XV no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	22-03-1934	Vergílio Correia	História da Arte	27	A escultura e a pintura manuelina. A seguir aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	02-04-1934	Vergílio Correia	História da Arte	28	O renascimento: ciclo inicial, de maturidade e classicista. Divulgação do renascimento em Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre a pintura manuelina.	15
1933 / 1934	13-04-1934	Vergílio Correia	História da Arte	29	O renascimento. Cronologia das principais obras renascentistas. A seguir, no Museu Machado de Castro, aula prática sobre ourivesaria manuelina.	15
1933 / 1934	20-04-1934	Vergílio Correia	História da Arte	31	O classicismo no renascimento. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	26-04-1934	Vergílio Correia	História da Arte	32	A escultura do renascimento. Franceses e espanhóis. A seguir aula sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	27-04-1934	Vergílio Correia	História da Arte	33	Os escultores do renascimento em Coimbra. Chanterene, Ruão e Hodart. Aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	11-05-1934	Vergílio Correia	História da Arte	36	Ourivesaria e serralharia do renascimento. Obras existentes. A seguir: aula sobre ourivesaria do renascimento no Museu Machado de Castro.	15

1933 / 1934	17-05-1934	Vergílio Correia	História da Arte	37	Artes industriais do século XVI: várias; a cerâmica. A Arte no século XVII. O barroco. Arquitetura. A seguir aula prática sobre artes industriais do século XVI no Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	18-05-1934	Vergílio Correia	História da Arte	38	O século XVIII. A escultura (pedra, madeira e barro); a pintura; as artes industriais (ourivesaria, serralharia, carpintaria artística, tapeçaria). A seguir lição sobre a cerâmica do século XVII do Museu Machado de Castro.	15
1933 / 1934	01-06-1934	Vergílio Correia	História da Arte	39	O século XVIII. Período artístico do século XVII. O barroco do século XVIII. Itália, França, Espanha e Portugal. A seguir aula sobre arte do século XVIII no Museu Machado de Castro.	15
1934 / 1935	30-10-1934	Vergílio Correia	História da Arte	2	Diferentes ciclos artísticos. Arte pré-histórica e arte dos primitivos actuais. Artes romana, visigótica, moçárabe e asturiana. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro: arte pré-histórica.	16
1934 / 1935	06-11-1934	Vergílio Correia	História da Arte	3	Arte românica. Origem do nome. Causas da sua fundação. Elementos constitutivos. Geografia e cronologia do românico. O românico em Portugal. Causas da sua introdução; cronologia; área ocupada pelos monumentos românicos no nosso país. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte antiga.	16
1934 / 1935	13-11-1934	Vergílio Correia	História da Arte	4	Arte gótica. Organismo gótico. Elementos activos e passivos. Cronologia do gótico. Geografia da arquitectura ogival. A seguir: aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte visigótica.	16
1934 / 1935	20-11-1934	Vergílio Correia	História da Arte	5	Os cinco períodos da arte gótica. Características de cada um e exemplos. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arquitectura moçárabe.	16
1934 / 1935	22-11-1934	Vergílio Correia	História da Arte	6	Evolução do gótico em Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre o românico primitivo. Exemplificando nos restos da Igreja de São João de Almedina.	16
1934 / 1935	04-12-1934	Vergílio Correia	História da Arte	8	Os monumentos europeus em que surge o manuelino. As possibilidades do gótico no fim do século XV e começo do XVI. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre escultura românica.	16
1934 / 1935	11-12-1934	Vergílio Correia	História da Arte	10	Opiniões de Hault, Bertaux, Dieu Cafri, Watson, Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão e A. A. Gonçalves acerca do manuelino.	16

					Uma divisão nova das diferentes correntes no manuelino. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre bibliografia de arte.	
1934 / 1935	24-01-1935	Vergílio Correia	História da Arte	13	Monumentos manuelinos do Norte para o Sul. Minho, Trás-os-Montes e Beiras. A seguir exemplificação documental no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	14-02-1935	Vergílio Correia	História da Arte	17	A escultura manuelina. A seguir aula prática sobre o mesmo tema na sala manuelina do Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	21-02-1935	Vergílio Correia	História da Arte	19	A pintura primitiva em Portugal. Lição teórica, seguida de lição prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	26-02-1935	Vergílio Correia	História da Arte	20	A pintura da época manuelina (continuação). A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre o mesmo assunto.	16
1934 / 1935	28-02-1935	Vergílio Correia	História da Arte	21	A pintura manuelina. Escolas provinciais e escola de Lisboa. A seguir, lição prática sobre o mesmo assunto na sala de pintura manuelina do Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	14-03-1935	Vergílio Correia	História da Arte	22	O manuelino da Batalha. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca do azulejo do começo do século XVI.	16
1934 / 1935	27-03-1935	Vergílio Correia	História da Arte	24	Belém e fundação. Arquitecto. Constituição do monumento. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre Ourivesaria Manuelina.	16
1934 / 1935	28-03-1935	Vergílio Correia	História da Arte	25	Belém. João de Castilho e os seus companheiros de trabalho: flamengo, espanhóis e portugueses. O interior da igreja: os pilares e a abóbada. A seguir: os paramentos da época manuelina. Lição prática no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	02-04-1935	Vergílio Correia	História da Arte	26	O manuelino de Belém: sacristia, claustros, casa do capítulo e refeitório. A torre de Belém. A seguir aula prática sobre artes industriais manuelinas no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	14-05-1935	Vergílio Correia	História da Arte	31	O renascimento joanino: artistas estrangeiros e portugueses. Exemplos desse renascimento. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro - o portal de S. Tomás.	16
1934 / 1935	21-05-1935	Vergílio Correia	História da Arte	32	O classicismo. Ideias gerais. O classicismo em Portugal. A seguir aula prática sobre o renascimento em Coimbra no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	23-05-1935	Vergílio Correia	História da Arte	33	A escultura do renascimento. Generalidades, a escultura do renascimento em Portugal. A influência dos franceses: João de Ruão, Chanterene, Hodart. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca da escultura do renascimento.	16

1934 / 1935	04-06-1935	Vergílio Correia	História da Arte	34	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre a escultura em Coimbra no século XVI.	16
1934 / 1935	22-11-1934	Vergílio Correia	Arqueologia	7	Lição prática sobre os documentos lítios do paleolítico inferior no Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	15-01-1935	Vergílio Correia	Arqueologia	12	Visita à colecção do neolítico do Museu Machado de Castro.	16
1934 / 1935	17-05-1935	Vergílio Correia	Arqueologia	14	Lição sobre o neolítico perante a colecção pré-histórica do Museu Machado de Castro. Armas e instrumentos de pedra.	16
1934 / 1935	22-01-1935	Vergílio Correia	Arqueologia	15	Lição prática sobre cerâmica neolítica perante a colecção pré-histórica do Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	25-01-1936	Vergílio Correia	Arqueologia	17	O paleolítico em Portugal. Estações de superfícies. Documentação. Aula no Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	21-03-1936	Vergílio Correia	Arqueologia	24	A estação neolítica de Pavia. Aula prática na secção pré-histórica no Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	28-03-1936	Vergílio Correia	Arqueologia	26	Estações neolíticas de habitação: Monsanto, Outeiro de S. Mamede, Sete Moinhos. Lição prática na secção de pré-história do Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	31-10-1935	Vergílio Correia	História da Arte	2	Arte dos tempos pré-históricos. Idade da pedra, do ferro e do bronze. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro sobre arte pré-histórica.	16
1935 / 1936	01-11-1935	Vergílio Correia	História da Arte	3	Arte da época romana. A seguir lição prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	08-11-1935	Vergílio Correia	História da Arte	4	As ordens da antiguidade greco-romana. A seguir aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	21-11-1935	Vergílio Correia	História da Arte	6	Arte cristã-primitiva. O Simbolismo. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro com explicações sobre o assunto.	16
1935 / 1936	22-11-1935	Vergílio Correia	História da Arte	7	Arte cristã primitiva. A escultura, o mosaico, a arquitectura. A seguir exemplificação do assunto, na aula prática, dada no Museu Machado de Castro.	16
1935 / 1936	28-11-1935	Vergílio Correia	História da Arte	8	A origem da basílica cristã. Teorias e conhecimentos adquiridos. A escola alemã e a escola francesa. [aula prática no Museu Machado de Castro]	16
1935 / 1936	05-12-1935	Vergílio Correia	História da Arte	9	Arte cristã ocidental. Itália, França e Espanha. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre a escultura pré-românica.	16
1935 / 1936	19-12-1935	Vergílio Correia	História da Arte	11	Períodos da arte bizantina: continuação. Aula prática no Museu Machado de Castro: escultura pré-românica.	16
1935 / 1936	20-12-1935	Vergílio Correia	História da Arte	12	Arte bizantina, erudita e popular. Aula prática no Museu Machado de Castro: pintura e artes menores pré-românicas.	16
1934 / 1935	27-02-1935	Vergílio Correia	História da Arte	19	A arquitectura românica. Elementos das arquitecturas românicas. A seguir aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	16

1937 / 1938	29-03-1938	Vergílio Correia	Arqueologia	24	Aula prática no Museu Machado de Castro. Revista de monumentos dolménicos.	17
1937 / 1938	31-03-1938	Vergílio Correia	Arqueologia	25	Iconografia dolménica. Aula prática no Museu Machado de Castro.	17
1936 / 1937	11-11-1936	Vergílio Correia	História da Arte	2	A arte do renascimento. Noções gerais. O renascimento em Itália. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre estilos artísticos.	17
1936 / 1937	18-11-1936	Vergílio Correia	História da Arte	3	A Arte do renascimento. Noções gerais, continuação. O renascimento em Espanha. Às 16 horas lição prática no Museu Machado de Castro sobre estudos artísticos. Continuação. A arte dos romanos.	17
1936 / 1937	19-11-1936	Vergílio Correia	História da Arte	4	A arte do renascimento. O renascimento em Portugal. Estudos sobre o renascimento em Portugal. A introdução do renascimento em Portugal. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro. A arte dos romanos. Continuação.	17
1936 / 1937	26-11-1936	Vergílio Correia	História da Arte	5	O renascimento em Portugal. A introdução do Renascimento em Portugal. Os primeiros documentos. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte romana (continuação).	17
1936 / 1937	09-12-1936	Vergílio Correia	História da Arte	6	Os retábulos do Renascimento em Portugal. Belém. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arquitectura pré-românica.	17
1936 / 1937	10-12-1936	Vergílio Correia	História da Arte	7	Os retábulos do Renascimento em Coimbra. S. Marcos, Varziela, Tomar, Estremoz, Santarém. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro sobre arte pré-românica (continuação).	17
1936 / 1937	16-12-1936	Vergílio Correia	História da Arte	8	O período Joanino no Renascimento português. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte pré-românica (continuação).	17
1936 / 1937	17-12-1936	Vergílio Correia	História da Arte	9	O período Joanino no Renascimento português. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte pré-românica (continuação).	17
1936 / 1937	16-01-1937	Vergílio Correia	História da Arte	10	Exemplificação do ciclo joanino do renascimento. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca da arquitectura proto-românica.	17
1936 / 1937	17-01-1937	Vergílio Correia	História da Arte	11	Exemplificação do ciclo joanino do renascimento (continuação). A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca da arquitectura proto-românica.	17
1936 / 1937	20-01-1937	Vergílio Correia	História da Arte	12	Aula prática no Museu Machado de Castro acerca dos capitéis do claustro de S. João	17

					de Almedina.	
1936 / 1937	27-01-1937	Vergílio Correia	História da Arte	13	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre escultura românica.	17
1936 / 1937	11-02-1937	Vergílio Correia	História da Arte	14	Formas evolucionadas do renascimento em Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre escultura românica (continuação).	17
1936 / 1937	18-02-1937	Vergílio Correia	História da Arte	15	A escultura do renascimento em Portugal. Os escultores estrangeiros dos primeiros tempos. A seguir lição prática no Museu Machado de Castro acerca da diferença entre a escultura românica e a gótica.	17
1936 / 1937	08-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	20	Os escultores de Coimbra na segunda metade do século XVI. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte gótica.	17
1936 / 1937	14-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	21	Portais e sepulturas do Renascimento. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte manuelina.	17
1936 / 1937	15-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	22	Os claustros do renascimento. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca do manuelino (continuação).	17
1936 / 1937	21-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	23	A pintura do renascimento em Portugal. A seguir aula no Museu Machado de Castro acerca da arte manuelina (continuação).	17
1936 / 1937	28-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	26	Ourivesaria do renascimento. Lição dada no Museu Machado de Castro, secção de Ourivesaria.	17
1936 / 1937	29-04-1937	Vergílio Correia	História da Arte	27	Aula prática sobre estatuária do renascimento no Museu Machado de Castro.	17
1936 / 1937	13-05-1937	Vergílio Correia	História da Arte	28	A arquitectura do renascimento. Aula no Museu Machado de Castro, seguida de aula prática sobre o mesmo assunto: tábuas quinhentistas	17
1936 / 1937	26-05-1937	Vergílio Correia	História da Arte	30	O século XVIII. Arquitectura, Ludovice e Mafra. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre pintura e escultura do século XVII.	17
1937 / 1938	27-10-1937	Vergílio Correia	História da Arte	1	Apresentação do programa. Às 17 horas, aula prática no Museu Machado de Castro. Programa das aulas práticas.	17
1937 / 1938	28-10-1937	Vergílio Correia	História da Arte	2	Arte Românica. O estudo da arte românica. Definição de Arte românica. Exercício de Arte românica. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte primitiva	17
1937 / 1938	03-11-1937	Vergílio Correia	História da Arte	3	Origens da arte românica. As primeiras igrejas cristãs. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte romana.	17
1937 / 1938	04-11-1937	Vergílio Correia	História da Arte	4	As basílicas. A origem das basílicas. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro acerca da arquitectura pré-românica.	17
1937 / 1938	11-11-1937	Vergílio Correia	História da Arte	5	Plantas anómalas. Baptistérios e capelas funerárias criptas. Arquitectura ocidental até ao século XVIII. Evolução da constituição basílica.	17

					A seguir lição prática no Museu Machado de Castro acerca da arte visigótica.	
1937 / 1938	15-12-1937	Vergílio Correia	História da Arte	8	Arte moçárabe. Focos de moçarabismo. Exemplificação portuguesa. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro: Olear de Gomes Moreno, <i>Inglesias Moçárabes</i>	17
1937 / 1938	16-12-1937	Vergílio Correia	História da Arte	9	Exemplificação portuguesa da arte moçárabe. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro. O livro: "A igreja de Lourosa".	17
1937 / 1938	16-01-1938	Vergílio Correia	História da Arte	10	Arte asturiana. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre historiografia do asturiano.	17
1937 / 1938	20-01-1938	Vergílio Correia	História da Arte	11	O proto-românico. A tese de Cadafalch. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro sobre elementos do primeiro românico.	17
1937 / 1938	26-01-1938	Vergílio Correia	História da Arte	12	Os começos da arte românica. O românico francês do século XI: terminologia técnica. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro sobre a construção proto-românica em geral.	17
1937 / 1938	03-02-1938	Vergílio Correia	História da Arte	13	Os começos da arte românica. Composição do românico do século XI. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre os pormenores da construção proto-românica: arcos e colunas.	17
1937 / 1938	09-02-1938	Vergílio Correia	História da Arte	14	O românico do século XI: os capitéis. Proveniência, transformações e considerações. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro, sobre o mesmo assunto.	17
1937 / 1938	16-02-1938	Vergílio Correia	História da Arte	15	Os começos da arte românica: arcos. A seguir, aula no Museu Machado de Castro sobre o mesmo assunto.	17
1937 / 1938	17-02-1938	Vergílio Correia	História da Arte	16	O românico primitivo. Abóbadas. A seguir, aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	17
1937 / 1938	24-02-1938	Vergílio Correia	História da Arte	17	Planta das igrejas românicas. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro com exemplificação nos restos de S. João de Almedina.	17
1937 / 1938	13-03-1938	Vergílio Correia	História da Arte	20	O românico peninsular. Desenvolvimento, introdução do românico em Espanha e Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro como exemplificação fotográfica das escolas do românico francês.	17
1937 / 1938	24-03-1938	Vergílio Correia	História da Arte	21	O românico em Portugal. Densidade do românico. Distribuição geográfica. Repartição por fundações. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: exemplificação fotográfica do românico.	17

1937 / 1938	30-03-1938	Vergílio Correia	História da Arte	22	Os monumentos das ordens religiosas: beneditinos, cistercienses, cónegos regrantes e agostinhos calçados. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro. Exemplificação iconográfica do românico.	17
1937 / 1938	31-03-1938	Vergílio Correia	História da Arte	23	Carácter do românico português. A seguir: aula prática no Museu Machado de Castro. Iconografia do românico (continuação).	17
1937 / 1938	06-04-1938	Vergílio Correia	História da Arte	24	Tipos do românico português. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro, pensando a iconografia dos monumentos românicos (continuação).	17
1937 / 1938	28-04-1938	Vergílio Correia	História da Arte	25	Plantas das igrejas românicas portuguesas. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: recapitulação da matéria dada.	17
1937 / 1938	01-05-1938	Vergílio Correia	História da Arte	26	Fachadas de edifícios românicos: principais e laterais. Pormenores da construção e decoração. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro, consagrada à exemplificação da lição teórica.	17
1937 / 1938	05-05-1938	Vergílio Correia	História da Arte	27	Pormenor da arquitectura românica portuguesa. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro. Exemplificação da aula teórica segundo a "arte românica" de Marques de Abreu.	17
1937 / 1938	19-08-1938	Vergílio Correia	História da Arte	28	Siglas. As catedrais portuguesas românicas. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: exemplificação do assunto da aula teórica.	17
1938 / 1939	16-12-1938	Vergílio Correia	Arqueologia	11	Exemplificação dos instrumentos paleolíticos no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	20-01-1939	Vergílio Correia	Arqueologia	15	Indústrias paleolíticas e epipaleolíticas. Lição prática no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	24-02-1939	Vergílio Correia	Arqueologia	22	Aula no Museu Machado de Castro, de exemplificação de arte neolítica.	18
1939 / 1940	20-11-1939	Vergílio Correia	Arqueologia	7	Exposição de indústrias do paleolítico inferior no Museu Machado de Castro.	18
1939 / 1940	14-12-1939	Vergílio Correia	Arqueologia	10	O Neolítico. Lição prática no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	25-10-1938	Vergílio Correia	História da Arte	1	Abertura. A seguir abertura do curso prático, no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	27-10-1938	Vergílio Correia	História da Arte	2	Exame. Aula prática no Museu Machado de Castro sobre a arte em geral.	18
1938 / 1939	03-11-1938	Vergílio Correia	História da Arte	3	Âmbito da história da arte. A arte do paleolítico e do neolítico. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro com exemplificação gráfica da arte paleolítica e neolítica.	18
1938 / 1939	08-11-1938	Vergílio Correia	História da Arte	4	A arte do neolítico: arquitectura e pintura. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro com exemplificação fotográfica e documental do assunto.	18
1938 / 1939	17-11-1938	Vergílio Correia	História da Arte	6	A arte nas idades dos metais: cobre, bronze e ferro. A arte da 2.ª idade do ferro na zona portuguesa. A seguir exemplificação do assunto no Museu Machado de Castro.	18

1938 / 1939	24-11-1938	Vergílio Correia	História da Arte	7	A arte romana em Portugal. Arquitetura religiosa. A seguir exemplificação deste assunto no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	06-12-1938	Vergílio Correia	História da Arte	9	Arte romana da Lusitânia. Artes aplicadas. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro com exemplificação do mesmo assunto.	18
1938 / 1939	20-12-1938	Vergílio Correia	História da Arte	10	A arte cristã sob o domínio romano. A seguir: exemplificação do assunto no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	10-01-1938	Vergílio Correia	História da Arte	11	As catacumbas romanas. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro com exemplificação fotográfica do assunto.	18
1938 / 1939	26-01-1939	Vergílio Correia	História da Arte	13	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre a arte das catacumbas: exemplos.	18
1938 / 1939	09-02-1939	Vergílio Correia	História da Arte	16	A arte bizantina: origens e causas. Difusão. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro para explicação da matéria dada.	18
1938 / 1939	02-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	17	A arte visigótica. Condições em que se desenvolve. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro, sobre o mesmo assunto.	18
1938 / 1939	07-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	18	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre: exemplos do arco ultrapassado visigótico.	18
1938 / 1939	18-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	20	Arte visigótica. Edifícios: troços de edifícios. Elementos decorativos. A seguir, exemplificação do assunto no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	21-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	21	Arte moçárabe. Divisões. Cronologia. Arquitetura e decoração. A seguir exemplificações na aula prática no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	23-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	22	A arte asturiana ou gótica. A seguir, exemplificação, no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	28-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	23	A arte dos árabes peninsulares. Aula prática no Museu Machado de Castro. Bibliografia.	18
1938 / 1939	30-03-1939	Vergílio Correia	História da Arte	24	A arte dos árabes peninsulares (continuação). Aula prática no Museu Machado de Castro. Estampas.	18
1938 / 1939	25-04-1939	Vergílio Correia	História da Arte	25	Origens da arte românica. A seguir: exemplificação fotográfica da matéria no Museu Machado de Castro (aula prática).	18
1938 / 1939	02-05-1939	Vergílio Correia	História da Arte	26	Arte românica. Definição de arte românica. A seguir aula prática de exemplificação do Românico no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	09-05-1939	Vergílio Correia	História da Arte	28	As escolas românicas. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro: exemplificação fotográfica das	18

					escolas do românico.	
1938 / 1939	18-05-1939	Vergílio Correia	História da Arte	30	O românico português. Introdução, causas do desenvolvimento. Influências estrangeiras. A seguir: aula prática sobre o românico, no Museu Machado de Castro.	18
1938 / 1939	30-05-1939	Vergílio Correia	História da Arte	33	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre a escultura românica.	18
1939 / 1940	25-10-1939	Vergílio Correia	História da Arte	1	Apresentação do programa. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: âmbito da história da arte.	18
1939 / 1940	31-10-1939	Vergílio Correia	História da Arte	2	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre arquitectura romana.	18
1939 / 1940	07-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	3	Introdução do renascimento em Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte romana.	18
1939 / 1940	14-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	4	Aula prática: arte romana. Artes decorativas e industriais (aula prática dada no Museu Machado de Castro).	18
1939 / 1940	17-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	5	Princípios do renascimento. Andréa Sansovino e a sua acção no país. Os artistas italianos do renascimento em relação com Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro, acerca da arte romana (cont.).	18
1939 / 1940	21-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	6	A arte manuelina e as suas relações com o renascimento artístico. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte romana da decadência.	18
1939 / 1940	23-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	7	Aula prática no Museu Machado de Castro. Assunto: Documentos de arte muçulmana existentes no Museu. A arte muçulmana peninsular.	18
1939 / 1940	28-11-1939	Vergílio Correia	História da Arte	9	O primeiro renascimento em Belém. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca do primeiro românico.	18
1939 / 1940	12-12-1939	Vergílio Correia	História da Arte	11	Primeiras obras do renascimento em Portugal (continuação). A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre escultura românica (igreja de São João de Almedina).	18
1939 / 1940	23-01-1940	Vergílio Correia	História da Arte	12	Divulgação do Renascimento. A obra dos artistas nacionais depois da arte dos estrangeiros. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro acerca da escultura românica.	18
1939 / 1940	30-01-1940	Vergílio Correia	História da Arte	14	O classicismo arquitectónico em Portugal. Exemplos do motivo de Salladio, da ordem colossal e das construções em estilo jesuítico. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro, sobre ourivesaria românica.	18
1939 / 1940	22-02-1940	Vergílio Correia	História da Arte	21	O escultor Hodart. Lição no Museu Machado de Castro perante a obra do mestre francês.	18
1939 / 1940	27-02-1940	Vergílio Correia	História da Arte	22	A pintura do renascimento em Portugal. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro versando o assunto: Escultura gótica.	18
1939 / 1940	12-03-1940	Vergílio Correia	História da Arte	23	Aula prática no Museu Machado de Castro: artes industriais no período gótico.	18
1939 / 1940	02-04-1940	Vergílio Correia	História da Arte	25	A pintura do renascimento em Portugal (conclusão). A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: artes industriais no período manuelino.	18
1939 / 1940	09-04-1940	Vergílio Correia	História da Arte	27	A ourivesaria na segunda metade do século XVI. Regimentos do ofício.	18

					Influência oriental. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro. Imaginária gótica.	
1939 / 1940	12-04-1940	Vergílio Correia	História da Arte	29	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre imaginária quatrocentista.	18
1939 / 1940	16-04-1940	Vergílio Correia	História da Arte	30	Monografia dos monumentos do renascimento: a sepultura de D. Luís de Silveira em Góis. A seguir: A imaginária manuelina - aula prática no Museu Machado de Castro.	18
1939 / 1940	23-04-1940	Vergílio Correia	História da Arte	31	A sepultura de D. Luís Silveira (continuação). A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro sobre premissas do renascimento.	18
1939 / 1940	07-05-1940	Vergílio Correia	História da Arte	33	O mosteiro de S. Marcos. Os túmulos da capela-mor. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre os escultores no renascimento.	18
1940 / 1941	20-05-1941	Vergílio Correia	Epigrafia	9	Lição Prática na colecção do Museu Machado de Castro. Epígrafes votivas e honoríficas de <i>Conimbriga</i> e <i>Aeminium</i> .	19
1941 / 1942	16-03-1942	Vergílio Correia	Epigrafia	3	Conhecimento da colecção epigráfica do Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	30-04-1942	Vergílio Correia	Epigrafia	10	No Museu Machado de Castro, sobre epígrafes dedicatórias.	19
1941 / 1942	04-12-1941	Vergílio Correia	Arqueologia	8	Exemplificação das culturas paleolíticas. Lição prática no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	29-01-1942	Vergílio Correia	Arqueologia	15	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre o Neolítico.	19
1941 / 1942	03-02-1942	Vergílio Correia	Arqueologia	16	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre o Neolítico: a cerâmica.	19
1940 / 1941	24-10-1940	Vergílio Correia	História da Arte	1	Apresentação. Assunto do curso. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: âmbito da História de Arte.	19
1940 / 1941	25-10-1940	Vergílio Correia	História da Arte	2	Bibliografia: História da Arte. A arte quaternária; noções gerais. A seguir lição de aplicação no Museu Machado de Castro sobre o mesmo assunto.	19
1940 / 1941	07-11-1940	Vergílio Correia	História da Arte	4	A Arte romana em Portugal. A seguir, exemplificação da matéria no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	21-11-1940	Vergílio Correia	História da Arte	5	Arte visigótica. A seguir aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	28-11-1940	Vergílio Correia	História da Arte	6	Artes moçárabe e neogoda. A seguir, aula prática no Museu Machado de Castro sobre arte visigótica.	19
1940 / 1941	05-12-1940	Vergílio Correia	História da Arte	8	A primeira arte românica. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre o mesmo assunto.	19
1940 / 1941	06-12-1940	Vergílio Correia	História da Arte	9	O estudo da arte românica. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre Românico Antigo de Coimbra.	19
1940 / 1941	12-12-1940	Vergílio Correia	História da Arte	10	Composição da igreja românica. A seguir lição prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	16-01-1941	Vergílio Correia	História da Arte	11	Escolar do românico em França. Introdução do Românico na Península Ibérica. A seguir, exemplificação do assunto no Museu Machado de Castro.	19

1940 / 1941	30-01-1941	Vergílio Correia	História da Arte	12	Aula Prática no Museu Machado de Castro. Exemplos do românico peninsular.	19
1940 / 1941	21-01-1941	Vergílio Correia	História da Arte	16	Arte românica. Diversos ramos da arte românica. Construções e mobiliário. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro: exemplificação do assunto.	19
1940 / 1941	28-02-1941	Vergílio Correia	História da Arte	17	A escultura românica em Espanha e Portugal. Plástica. Decorações. Origem dos elementos decorativos. A seguir aula prática sobre a Escultura românica de Coimbra no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	13-03-1941	Vergílio Correia	História da Arte	19	A arte gótica. Arquitetura gótica. A seguir aula prática no Museu Machado de Castro sobre o mesmo assunto.	19
1940 / 1941	03-04-1941	Vergílio Correia	História da Arte	23	A Batalha (continuação). A seguir exame da alçada e planta do monumento no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	04-04-1941	Vergílio Correia	História da Arte	24	A Batalha. Esculturas. A seguir exemplificação no assunto no Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	25-04-1941	Vergílio Correia	História da Arte	26	A escultura gótica da Batalha. Iconografia medieval. A seguir, exemplificação na galeria medieval do Museu Machado de Castro.	19
1940 / 1941	15-05-1941	Vergílio Correia	História da Arte	27	Pintura do século XV. Os primitivos portugueses. A seguir aula prática sobre o mesmo assunto no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	22-10-1941	Vergílio Correia	História da Arte	1	Apresentação. Na aula prática, que se segue à teórica, visita ao Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	12-11-1941	Vergílio Correia	História da Arte	4	Decorações visigóticas do Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	14-11-1941	Vergílio Correia	História da Arte	5	Aula prática no Museu Machado de Castro sobre artes industriais da época visigótica.	19
1941 / 1942	21-11-1941	Vergílio Correia	História da Arte	8	Exemplificações da arte moçárabe no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	26-11-1941	Vergílio Correia	História da Arte	10	Lição prática no Museu Machado de Castro. Exemplificação da arte moçárabe e muçulmana.	19
1941 / 1942	28-11-1941	Vergílio Correia	História da Arte	12	No Museu Machado de Castro. Exemplificação do pré-românico peninsular.	19
1941 / 1942	05-12-1941	Vergílio Correia	História da Arte	13	Estrutura e decoração do proto-românico. Lição no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	17-12-1941	Vergílio Correia	História da Arte	16	Exemplos do românico inicial de Coimbra. Lição no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	19-12-1941	Vergílio Correia	História da Arte	18	Lição no Museu Machado de Castro. Apresentação de fotografias de edifícios românicos franceses.	19
1941 / 1942	21-01-1942	Vergílio Correia	História da Arte	23	Exemplificação sobre o românico no Museu Machado de Castro.	19
1941 / 1942	27-02-1942	Vergílio Correia	História da Arte	36	Exposição de elementos da arquitectura ogival no Museu Machado de Castro.	19

1941 / 1942	13-03-1942	Vergílio Correia	História da Arte	40	Visita ao Museu Machado de Castro. Imaginária gótica.	19
1941 / 1942	29-04-1942	Vergílio Correia	História da Arte	48	Aula no Museu Machado de Castro. As tábuas quatrocentistas do Museu.	19
1941 / 1942	24-03-1942	Joseph Maria Piel	Epigrafia	6	Aula prática: leitura e interpretação de algumas inscrições existentes no Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	20-11-1942	Vergílio Correia	História da Arte	13	Visita às subestruturas romanas do antigo Paço episcopal.	20
1942 / 1943	24-11-1942	Vergílio Correia	História da Arte	15	Arte luso-romana. Visita às secções romanas do Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	24-11-1942	Vergílio Correia	História da Arte	17	Visita às secções de arte visigótica no Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	08-12-1942	Vergílio Correia	História da Arte	19	Exemplificação da lição sobre o arco ultrapassado no Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	09-02-1943	Vergílio Correia	História da Arte	31	O românico da igreja de São João de Almedina.	20
1942 / 1943	16-02-1943	Vergílio Correia	História da Arte	37	Exemplificação da lição sobre a escultura românica no Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	19-02-1943	Vergílio Correia	História da Arte	39	Visita à secção de Ourivesaria do Museu Machado de Castro. Lição sobre ourivesaria românica.	20
1942 / 1943	30-03-1943	Vergílio Correia	História da Arte	50	Visita à galeria de escultura gótica do Museu Machado de Castro.	20
1942 / 1943	13-04-1943	Vergílio Correia	História da Arte	52	Aula no Museu Machado de Castro. Exemplificação da lição sobre pintura primitiva.	20
1942 / 1943	14-05-1943	Vergílio Correia	História da Arte	55	Exemplificação da pintura manuelina no Museu Machado de Castro.	20
1943 / 1944	23-03-1944	Joseph Maria Piel	Epigrafia	7	Estudo prático de inscrições no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	04-12-1943	Vergílio Correia	Arqueologia	7	Instrumentos do quaternário inferior (visita à colecção pré-histórica do Museu Machado de Castro).	21
1943 / 1944	15-01-1944	Vergílio Correia	Arqueologia	10	Aula prática no Museu Machado de Castro. Estudo das colecções pré-históricas.	21
1943 / 1944	05-02-1944	Vergílio Correia	Arqueologia	15	No Museu Machado de Castro. Evolução do talho de sílex entre o paleolítico e o neolítico.	21
1943 / 1944	12-02-1944	Vergílio Correia	Arqueologia	19	O espólio de castelo de Pavia (lição no Museu Machado de Castro).	21
1943 / 1944	04-03-1944	Vergílio Correia	Arqueologia	23	Visita às subestruturas arqueológicas no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	11-03-1944	Vergílio Correia	Arqueologia	26	Instrumentos metálicos primitivos. Lição no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	26-10-1943	Vergílio Correia	História da Arte	2	Museu Machado de Castro. Visita inicial.	21
1943 / 1944	29-10-1943	Vergílio Correia	História da Arte	4	No Museu Machado de Castro. Conteúdo do museu, suas secções, sua instalação, sua utilização no curso de Estética e História da Arte.	21
1943 / 1944	05-11-1943	Vergílio Correia	História da Arte	6	Arte pré-histórica - Lição no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	09-11-1943	Vergílio Correia	História da Arte	8	Visita às galerias romanas do Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	12-11-1943	Vergílio Correia	História da Arte	10	Visita à secção romana do Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	23-11-1943	Vergílio Correia	História da Arte	13	Artes menores, mosaicos e decorações romanas. Lição prática no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	30-11-1943	Vergílio Correia	História da Arte	15	Artes industriais dos romanos (lugares e cerâmica).	21

					Lição no Museu Machado de Castro.	
1943 / 1944	03-12-1943	Vergílio Correia	História da Arte	17	Lição no Museu Machado de Castro: monumentos cristãos primitivos.	21
1943 / 1944	04-12-1943	Vergílio Correia	História da Arte	19	Arte Visigótica. Lição prática no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	14-12-1943	Vergílio Correia	História da Arte	21	Exemplares de escultura do tipo moçárabe. Lição no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	15-12-1943	Vergílio Correia	História da Arte	23	Exemplos de arquitectura gótica. Lição no Museu Machado de Castro.	21
1943 / 1944	01-02-1944	Vergílio Correia	História da Arte	29	A igreja românica de São João de Almedina.	21
1943 / 1944	15-02-1944	Vergílio Correia	História da Arte	34	Escultura românica da igreja de São João de Almedina (aula no Museu Machado de Castro).	21
1943 / 1944	21-03-1944	Vergílio Correia	História da Arte	43	Visita à secção de Ourivesaria do Museu Machado de Castro. Arte Românica.	21
1945 / 1946	14-03-1946	Araão de Lacerda	Arqueologia	20	Visita de estudo ao Museu Machado de Castro, às suas colecções de Arqueologia pré-históricas.	22
1945 / 1946	04-04-1946	Araão de Lacerda	Estética e História da Arte	25	Estudo da Sé velha: igreja e claustro. Análise das obras românicas e ogivais. Estudo no Museu Machado de Castro de algumas obras medievais.	22
1946 / 1947	14-03-1947	Araão de Lacerda	Estética e História da Arte	-	Visita à Sé velha e às salas do Museu Machado de Castro, onde se encontram restos da arquitectura medieval e a imaginária do século XIV (colecções de mestre Pero).	22
1950 / 1951	05-04-1951	Joseph Maria Piel	Epigrafia	-	Sessão de estudo no Museu Machado de Castro.	26
1951 / 1952	23-04-1952	Avelino Jesus da Costa	Epigrafia	-	Visita ao Museu Machado de Castro.	27
1952 / 1953	07-03-1953	Bairrão Oleiro	História da Antiguidade Clássica	-	Visita à secção romana do Museu Machado de Castro.	28
1952 / 1953	13-03-1953	Torquato de Sousa Soares	História Geral da Civilização	-	Aula prática no Museu Machado de Castro (fotografias de ruínas arqueológicas).	28
1952 / 1953	20-01-1953	Bairrão Oleiro	História da Arte	-	Introdução ao estudo do românico em Portugal. O pré-românico na Península Ibérica: a) visigótico; moçárabe; asturiense. Estudo de algumas peças visigóticas no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	21-04-1953	Bairrão Oleiro	História da Arte	-	A escultura nos séculos XIII e XIV. Exame de algumas peças da colecção do Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	01-05-1953	Joseph Maria Piel	Epigrafia	-	Trabalhos práticos no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	04-03-1953	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Visita explicada à exposição de fotografia aérea de estações arqueológicas na Grã-Bretanha, no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	22-04-1953	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Lição prática de classificação de materiais no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	29-04-1953	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Lição prática de classificação e inventariação de materiais (lucernas romanas) no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	06-05-1953	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Lição prática de classificação de materiais cerâmicos da época romana no Museu Machado de Castro.	29
1952 / 1953	13-05-1953	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Lição prática de classificação de materiais romanos (<i>terra sigillata</i>) no Museu Machado de Castro.	29
1953 / 1954	20-03-1954	Bairrão Oleiro	História da Antiguidade Clássica	-	Visita de estudo à secção romana do Museu Machado de Castro.	30

1953 / 1954	05-02-1954	Bairrão Oleiro	História da Arte	-	Visita de estudo à Sé velha e ao Museu Machado de Castro.	30
1954 / 1955	03-03-1955	Bairrão Oleiro	História da Antiguidade Clássica	-	Visita explicada à secção romana do Museu Machado de Castro.	30
1954 / 1955	23-04-1955	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Lição prática. Apreciação das provas de frequência. Preparação para uma visita ao Museu Machado de Castro. Diapositivos (a cores).	30
1955 / 1956	03-12-1955	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	31
1955 / 1956	10-12-1955	Luís Reis Santos	História da arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro (ourivesaria, pintura, cerâmica, etc.).	31
1956 / 1957	06-12-1956	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secção de Escultura	33
1956 / 1957	13-12-1956	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secções de Ourivesaria e de Pintura.	33
1956 / 1957	28-03-1957	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática no Museu Machado de Castro com projecções. Nuno Gonçalves e os painéis de S. Vicente de Fora.	33
1956 / 1957	04-04-1957	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática no Museu Machado de Castro. Projecção de painéis dos mais notáveis pintores portugueses dos séculos XV e XVI e comentários.	33
1956 / 1957	26-01-1957	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Sessão de projecções no Museu Machado de Castro.	33
1956 / 1957	09-03-1957	Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Sessão de projecções no Museu Machado de Castro. Visita ao criptopórtico de <i>Aeminium</i> .	33
1957 / 1958	27-02-1958	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática, visita à exposição itinerante de algumas obras de pintura e desenho do Museu Nacional de Arte Contemporânea, promovida pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes e realizada no Museu Machado de Castro.	33
1957 / 1958	20-03-1958	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	33
1957 / 1958	22-03-1958	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Questionário acerca das obras de arte expostas no Museu Machado de Castro.	33
1958 / 1959	14-02-1959	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Galerias Romanas. Secção de escultura.	34
1958 / 1959	21-02-1959	Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	34
1959 / 1960	12-01-1960	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	35
1959 / 1960	19-01-1960	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Segunda visita ao Museu Machado de Castro.	35
1959 / 1960	26-01-1960	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Discussão acerca da forma e conteúdo na obra de arte.	35

					Considerações a propósito do Museu Machado de Castro e de Urbanismo.	
1959 / 1960	29-03-1960	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secção de Cerâmica.	35
1959 / 1960	21-01-1960	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	36
1959 / 1960	28-01-1960	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secções de pintura, escultura, arte flamenga, etc.	36
1959 / 1960	31-03-1960	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secções de tecidos e de cerâmica.	36
1960 / 1961	16-12-1960	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Primeira visita ao Museu Machado de Castro.	37
1960 / 1961	12-01-1961	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Segunda visita ao Museu Machado de Castro.	37
1960 / 1961	27-04-1961	Luís Reis Santos	História da Arte	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	37
1960 / 1961	10-01-1961	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro.	38
1960 / 1961	25-04-1961	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	-	Aula prática. Visita ao Museu Machado de Castro. Secção de azulejos.	38
1962 / 1963	22-11-1962	Luís Reis Santos	História da Arte	8.ª lição/5.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	41
1962 / 1963	29-11-1962	Luís Reis Santos	História da Arte	11.ª lição/4.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	41
1961 / 1962	25-04-1962	Luís Reis Santos	História da Arte	47.ª lição/12.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	41
1962 / 1963	14-02-1963	Luís Reis Santos	História da Arte	32.ª lição/9.ª prática	Visita à exposição de cerâmica inglesa no Museu Machado de Castro.	41
1962 / 1963	15-02-1963	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	22.ª lição/6.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	41
1963 / 1964	18-04-1964	Jorge Alarcão	Arqueologia	-	Visita às galerias romanas do Museu Machado de Castro.	42
1963 / 1964	14-02-1964	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	20.ª lição/5.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	42
1963 / 1964	01-05-1964	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	40.ª lição/10.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	42
1963 / 1964	09-04-1964	Luís Reis Santos	História da arte	35.ª lição/9.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	43
1963 / 1964	30-04-1964	Luís Reis Santos	História da arte	42.ª lição/11.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	43
1964 / 1965	03-12-1964	Luís Reis Santos	História da Arte	8.ª lição/3.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	44
1964 / 1965	14-01-1965	Luís Reis Santos	História da arte	17.ª lição/6.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro. Secção de Escultura.	44
1964 / 1965	21-01-1965	Luís Reis Santos	História da Arte	19.ª lição/7.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro. Secção de Pintura.	44

1964 / 1965	18-02-1965	Luís Reis Santos	História da arte	31.ª lição/11.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro (sala flamenga).	44
1964 / 1965	20-11-1965	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	3.ª lição/1.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro e às exposições que nele estão patentes	44
1964 / 1965	02-04-1965	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	43.ª Lição/14.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro (secção de pintura antiga).	44
1965 / 1966	09-12-1965	Luís Reis Santos	História da Arte	15.ª lição/5.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	46
1965 / 1966	27-01-1966	Luís Reis Santos	História da Arte	25.ª lição/7.ª prática	Visita às galerias romanas do Museu Machado de Castro.	46
1965 / 1966	24-03-1966	Luís Reis Santos	História da Arte	44.ª lição/12.ª prática	Visita a uma tipografia. Visita à exposição do livro no Museu Machado de Castro.	46
1965 / 1966	04-02-1966	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	23.ª lição/6.ª prática	Visita ao Museu Machado de Castro.	47
1966 / 1967	10-03-1967	M. Bairrão Oleiro	Arqueologia	-	Visita às galerias romanas do Museu Machado de Castro (criptopórtico de <i>Aeminium</i>).	48
1966 / 1967	11-11-1966	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	3.ª lição/1.ª prática	Visita ao Museu Nacional Machado de Castro.	48
1966 / 1967	18-11-1966	Luís Reis Santos	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	5.ª lição/2.ª prática	Visita ao Museu Nacional Machado de Castro.	48
1966 / 1967	17-11-1966	Luís Reis Santos	História da Arte	5.ª lição/2.ª prática	Visita ao Museu Nacional Machado de Castro.	49
1966 / 1967	09-02-1967	Luís Reis Santos	História da Arte	25.ª lição/8.ª prática	Visita ao Museu Nacional Machado de Castro.	49

Fontes: AUC, Livro de sumários da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1916-1967), caixas n.ºs 3, 4, 8 a 10, 12 a 22, 26 a 38, 41 a 49.

QUADRO 9

Aulas da FLUC leccionadas no MMC (1916-1967):
relação docente/cadeira

Docente	Cadeira	N.º de Aulas	Anos lectivos
Araão de Lacerda	Arqueologia	1	1945/46
	Estética e História da Arte	2	1945/46 1946/47
Avelino Jesus da Costa	Epigrafia	1	1951/52
Bairrão Oleiro	Arqueologia	8	1952/53 1956/57 1966/67
	História da Antiguidade Clássica	3	1952/53 1953/54 1954/55
	História da Arte	3	1952/53 1953/54
Joaquim de Vasconcelos	Arqueologia e História da Arte	7	1915/16 1916/17
Jorge Alarcão	Arqueologia	1	1963/64
Joseph Maria Piel	Epigrafia	4	1941/42 1943/44 1950/51 1952/53
Luís Reis Santos	Estética e História da Arte	9	1956/57 1957/58 1958/59
	História da Arte	24	1954/55 1955/56 de 1959/60 a 1966/67
	História da Arte Portuguesa e Ultramarina	14	de 1959/60 a 1966/67
Torquato de Sousa Soares	História Geral da Civilização	1	1952 / 1953
Vergílio Correia	Arqueologia	32	de 1931/32 a 1943/44
	Epigrafia	3	1940/41 1941/42
	História da Arte	198	1921/22 1922/23 1926/27 de 1928/29 a 1943/1944
Total		311	

Fontes: AUC, Livro de sumários da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1916-1967), caixas n.ºs 3, 4, 8 a 10, 12 a 22, 26 a 38, 41 a 49.

QUADRO 10

Actividades realizadas no MMC (1913-1965)

Data	Acontecimento	Observações
1913, Outubro, 11	Abertura oficial do Museu Machado de Castro	
1921, Julho, 31	Homenagem a António Augusto Gonçalves	
1923, Julho, 10	Abertura oficial do Museu de Arte Sacra na igreja de São João de Almedina	
1931, Junho, 19	Inauguração da sala de Coimbra Antiga	No âmbito do 2.º centenário do nascimento de Joaquim Machado de Castro
1935, Novembro, 19	Inauguração, no Museu de Arte Sacra, do busto em bronze de D. Manuel Correia de Bastos Pina	Esculpido por Costa Mota Sobrinho
1936, Julho, 9	Inauguração das galerias romana e românica	
1936, Agosto, 4	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC, intitulada "Coimbra românica"	Local: galeria românica
1939, Agosto, 24	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1940, Julho, 6/Dezembro, 8	Exposição de Ourivesaria Portuguesa dos Séculos XII a XVII	No âmbito das comemorações do duplo centenário (1940)
1940, Agosto, 20	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1941, Julho, 23	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1941, Agosto, 3/Setembro, 9	V Missão Estética de Férias	
1942, Julho, 27	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1942, Agosto, 6	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1943, Abril, 18	Conferência de Vergílio Correia, intitulada "Coimbra pré-histórica e romana".	Organização da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra
1943, Julho, 22	Conferência de Vergílio Correia no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1944, Julho, 3	Conferência de António Nogueira Gonçalves no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1944, Agosto, 10	Conferência de Araújo de Lacerda no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1945, Agosto, 17	Conferência de Araújo de Lacerda no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1946, Março, 17	Homenagem a António Augusto Gonçalves	Organização do IC
1946, Julho, 26	Conferência de Araújo de Lacerda no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1946, Agosto, 15	Conferência de Araújo de Lacerda no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1947, Julho, 25	Conferência de Araújo de Lacerda no âmbito do Curso de Férias da FLUC	
1949, Fevereiro, 12/Maio, 13	Exposição Evocativa de António Augusto Gonçalves	No âmbito da comemoração do centenário do nascimento de António Augusto Gonçalves
1949, Abril, 22/Maio, 19	Exposição de Escultura Medieval	No âmbito do XVI Congresso Internacional de História da Arte
1951, Junho, 11	Conferência de João Couto, intitulada "Os museus de ontem e de hoje. A transformação do Museu Nacional de Arte Antiga"	
1952, Julho, 10	Exposição de fotografias regionais	
1952, Julho, 10/Julho, 31	Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Motivos da Rainha Santa	N.º de visitantes: 7 722
1952, Julho, 15	Conferência de Luís Reis Santos sobre pintura dos séculos XV e XVI	
1952, Julho, 16	Conferência de Luís Reis Santos sobre pintura dos séculos XV e XVI	
1952, Julho, 17	Conferência de Luís Reis Santos sobre pintura dos séculos XV e XVI	
1952, Julho, 24	Conferência de Luís Reis Santos sobre pintura dos séculos XV e XVI	
1953, Janeiro, 2	Conferência de Georges Marlier, intitulada " <i>Jan van Hemessen</i> e o monogramista de Brunswick"	
1953, Fevereiro, 28/Março, 22	Exposição de fotografias áreas e estações arqueológicas da Grã-Bretanha	N.º de visitantes: 1 618
1953, Março, 21	Conferência de Jean Vallery Radot sobre a gravura francesa (das origens ao final do século XIX)	
1953, Agosto, 7	Conferência de Bairrão Oleiro no âmbito do Curso de Férias da FLUC	

1954, Fevereiro, 18	Exposição de livros de arte "Phaidon"	Organização da Casa de Inglaterra
1954, Março, 8	Inauguração da sala de arte flamenga do século XVI	
1954, Março, 25	Sessão cinematográfica com os documentários: "Os mosaicos de Ravena"; "Tesouros de arte medieval"; "Leonardo"; "Miguel Ângelo"	Organizado pelo Instituto Italiano de Cultura.
1954, Abril, 8	Conferência de Gertrud Richert sobre a Pinacoteca de Munique	
1954, Novembro, 3	Conferência de Robert Rei sobre a arte francesa.	Assistência: 97 pessoas
1955, Março, 26	Exposição de aguarelas inglesas	Organização da Casa de Inglaterra
1955, Abril, 22	Conferência de André Godart sobre temáticas relativas à história da arte	
1956, Março, 9	Exposição de trabalhos em escultura de Isabel Leonor Ribeiro	
1957, Fevereiro, 15/Fevereiro, 25	Exposição de aguarela e cerâmica	
1957, Março, 27	Conferência de Bairrão Oleiro, intitulada "As duas primeiras idades da humanidade"	Organização do Centro Universitário da Mocidade Portuguesa Assistência: 12 pessoas
1957, Outubro, 6	Exposição de obras de arte e livros legados por Alfredo Kennedy Falcão	Assistência no dia da inauguração: 48 pessoas
1958, Fevereiro, 26/Março, 12	Exposição itinerante do Museu Nacional de Arte Contemporânea	N.º de visitantes: 2 189
1958, Março, 7	Sessão de cinema, intitulada "A evolução da Arte"	Organização: Clube de Cinema de Coimbra Local: igreja de São João de Almedina Assistência: 451 pessoas
1958, Março, 17	Conferência de Mário Dionísio sobre o conflito e unidade da arte contemporânea	Assistência: 134 pessoas
1958, Março, 20	Sessão de cinema, intitulada "A evolução da Arte"	Organização: Clube de Cinema de Coimbra Local: igreja de São João de Almedina Assistência: 362 pessoas
1958, Março, 27	Sessão de cinema, intitulada "A evolução da Arte"	Organização: Clube de Cinema de Coimbra Local: igreja de São João de Almedina Assistência: 287 pessoas
1958, Abril, 17	Sessão de cinema, intitulada "A evolução da Arte"	Organização: Clube de Cinema de Coimbra Local: igreja de São João de Almedina Assistência: 346 pessoas
1958, Abril, 22	Conferência de Luís Reis Santos	Assistência: 161 pessoas
1958, Abril, 24	Conferência de Macedo Mendes, intitulada "A arte gótica"	Assistência: 182 pessoas
1958, Abril, 27	Conferência de Luís Reis Santos	Assistência: 94 pessoas
1958, Maio, 1	Conferência sobre Leonardo da Vinci	Assistência: 160 pessoas
1958, Maio, 4	Conferência sobre temas da história da arte	Assistência: 166 pessoas
1958, Maio, 5	Sessão de cinema, intitulada "Rubens"	Assistência: 206 pessoas
1958, Maio, 6	Sessão de cinema, intitulada "Rubens"	Assistência: 30 pessoas [reposição]
1958, Maio, 8	Conferência de José Júlio Andrade dos Santos intitulada "Neoclassicismo, romantismo e realismo", com projecção de cinema	Assistência: 216 pessoas
1958, Maio, 9	Conferência de José Júlio Andrade dos Santos	Assistência: 324 pessoas
1958, Maio, 12	Conferência de José Augusto França sobre arte moderna	Assistência: 150 pessoas
1958, Maio, 13	Conferência de José Augusto França sobre arte moderna	Assistência: 188 pessoas
1958, Julho, 3/Julho, 7	I Colóquio Internacional de História da Arte	Temática principal: "Conceito de Barroco" Patrocinado pela CMC
1958, Julho, 10	Exposição de Arte Barroca	
1959, Fevereiro, 8/Fevereiro, 18	Exposição de Pintura de Arte Moderna de Artistas Nacionais e Estrangeiros	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 1 420
1959, Março, 16/Março, 31	Exposição sobre tapeçaria francesa de Jean Lucart	N.º de visitantes: 268
1959, Abril, 10/Abril, 30	Exposição de Arte do Esquimó Canadiano	Organização do SNI; embaixada do Canadá; CAP da AAC
1959, Abril, 2/Abril, 16	Exposição de pintura americana	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 563 visitantes
1959, Maio, 23/Maio, 29 de Maio	II Colóquio Internacional de História da Arte	Temática principal: "Conceito de Renascimento" Patrocinado pela CMC
1959, Maio, 23/Outubro	Exposição sobre o século XVI em Portugal (pintura, escultura, ourivesaria e tecidos)	
1959, Dezembro, 12	Curso Livre de Belas Artes	Organização do CAP da AAC
1959, Dezembro, 8	II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo	Organização do CAP da AAC
1959, Dezembro, 14	II Salão de Arte Moderna	Organização do CAP da AAC
1960, Janeiro, 20/Janeiro, 28	Exposição do pintor <i>Feliks Topolski</i>	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 562
1960, Março, 5/Março, 20	Exposição do pintor Tomaz de Melo (Tom)	Organização do CAP da AAC

		N.º de visitantes:1 083
1960, Março, 19/Março, 27	Exposição “O miserere de Georges Renault”	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 798
1960, Junho, 14/Junho, 24	II Exposição extra-escolar dos alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto	Patrocinada pela FCG N.º de visitantes:1 925
1960, Julho, 18	Exposição de peças pertencentes à Rainha Santa e ao Convento de Santa Clara	Sala: oratório privativo do bispo
1960, Novembro, 16	Exposição de pintura dos alunos do CAP da AAC (ano lectivo de 1959-1960)	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes:727
1960, Dezembro, 3	Exposição de Valdemar costa	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes:727
1961, Janeiro, 31	Conferência de Magdaleine Hours, intitulada “Les Secrets des chefs d’oeuvre au laboratoire du Musée du Louvre”	Assistência: 81 pessoas
1961, Fevereiro, 18	Exposição do pintor Alves Martins	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 523
1961, Março, 11/Março, 18	Exposição do artista americano Narotzky	Organização do CAP da AAC N.º de visitantes: 444
1961, Abril, 28	Exposição de pintura de Wendy Paramore	Organização do CAP da AAC/FCG N.º de visitantes: 553
1961, Maio, 4	Exposição da Queima das Fitas	Organização do CAP da AAC/FCG N.º de visitantes:549
1961, Junho, 4	Exposição de reproduções de obras de arte e pintura italiana	Organização da embaixada de Itália N.º de visitantes: 1 057
1961, Dezembro, 7	III Exposição extra-escolar dos alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto	Patrocinada pela FCG
1962, Março, 14	Exposição de pintura de Valdemar da Costa	Patrocinada pela FCG
1962, Abril, 7	Exposição de Dominguez Alvarez	Organização do CAP da AAC
1962, Novembro, 4	Exposição de gravuras inglesas da Casa de Inglaterra	Organização da Casa de Inglaterra
1963, Fevereiro, 13	Exposição de Cerâmica Inglesa Moderna (1913-1950)	Organização da Casa de Inglaterra
1963, Maio, 30/Junho, 10	Exposição Histórico-bibliográfica	Organização das II jornadas de Ciências Farmacêuticas
1963, Abril, 30	Exposição de Ferraz	
1963, Outubro, 11	Exposição documental sobre a história do Museu	
1963, Outubro, 16/Outubro, 19	IV Reunião dos conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais	
1963, Outubro, 9/Outubro, 22	Exposição de Arte Portuguesa e Ultramarina	No âmbito do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.
1963, Novembro,16/Novembro, 23	Exposição de Mário Silva	
1963, Dezembro,15/Dezembro, 20	Exposição de Isabel Pons	Organização da embaixada do Brasil
1963, 25 de Dezembro/1964, Janeiro, 6	Exposição "O Natal das coleções do Museu Machado de Castro"	
1964, Fevereiro, 19	Início do atelier infantil do Museu Machado de Castro	Patrocinado pela FCG
1964, Março, 5	Exposição de livros alemães	Organização da embaixada da República Federal Alemã
1964, Maio, 7/Maio 17	Exposição de Pintura Moderna Americana	Instituto de Alta Cultura
1964, Maio, 8/Maio, 24	Exposição “A Arte em Coimbra no Reinado de D. João III”	
1964, Maio, 23	Exposição dos trabalhos dos alunos do CAP da AAC	Organização do CAP da AAC
1964, Julho, 6	Exposição do Centro de Educação Artística Infantil do Museu Machado de Castro	Local: Stand Pedro e Irmãos I.ª
1964, Julho, 8	Espectáculo teatral de quatro autos vicentinos pelo Teatro Experimental do Porto	Local: pátio principal do MMC Patrocinado: FCG Integrado no IX Centenário da Reconquista Cristã da Cidade de Coimbra
1964, Julho, 8	Exposição de objectos ligados à vida da Rainha Santa Isabel	
1964, Outubro, 24	Conferência de Redig de Campos, intitulada “Miguel Ângelo Pintor”	
1964, Novembro, 14	Semana Cultural da Bélgica	Organização da embaixada da Bélgica
1965, Fevereiro, 9	Conferência da professora Valentine Fougère	
1965, Fevereiro, 10	Exposição “O Brasil na Caricatura Portuguesa”	
1965, Maio	Exposição de arte Nativa	Organização da Comissão Cultural da Queima das Fitas
1965, Setembro, 22	Concerto do Coral de Estudantes da FLUC	
1965, Dezembro, 3	Exposição Antoniana	

Fontes: AMNMC, Diário. Ofertas e Compras. Registo entradas de Objectos. Livro 1.º 1924-1935; Diário do Museu (1934-1943); (1943-1958); (1959-1963); Correspondência Expedida (1930-1965); Correspondência Recebida (1913-1965); *Diário de Coimbra* (1930-1935); *Gazeta de Coimbra* (1911-1950); *O Despertar* (1918-1965).

QUADRO 11

Projecto adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra (orçamentos)

	Designação	Datas	Preços correntes	Preços constantes (Índice 100=1915)
Orçamento inicial	Projecto de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte sacra	30 de Março de 1915	8 590\$00	8 590\$00
Orçamentos suplementares	Trabalhos a mais e alteração de preços	28 de Fevereiro de 1917	1 510\$00	1 122\$30
	Conclusão das obras/gradeamento	24 de Maio de 1921	7 804\$00	1 415\$81
	Aplicação de ladrilhos	25 de Novembro de 1921 (6 de Julho de 1918)	880\$20	159\$69
	Novo gradeamento	3 de Junho de 1924	24 028\$00	1 975\$83
			Total (orçamentos supl.)	4 673\$63
			Percentagem do acrécimo	54,41%

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0335; PT DGEMN:DSARH-010/079-0336; PT DGEMN:DSARH-010/079-0337.

QUADRO 12

Visitas às obras no MMC pelo arquitecto-director Baltasar de Castro (1934-1948)

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
1934	18		27	8	23		16	2 (MA)	8 (HGS); 27			6; 20	10
1935		13; 26	2; 21	29		19	27	18; 24 (HGS, CA)	21(CA)	8 (HGS); 12; 17	1;22	8; 17; 21 (HGS, CA, RP)	18
1936	02(HGS); 05 (AS); 27	02; 06; 12; 25 (SA, RA)	05 (RA); 23 (HGS, SV); 26 (HGS); 28	19 (RA)	9	11 (HGS); 20		29	14; 16 (HGS, CA, LB); 23	1		2	20
1937	21	3	22; 31(HGS)	18	11; 27	29	29		2	9	19	30 (LB,RA)	13
1938	10 (HGS); 15; 28	9 (RA)	7 (RA); 11; 26; 29 (HGS)	22	5 (AF); 31	11(HGS, MA); 17	4 (AF); 19; 31 (HGS)	4; 10; 16 (AF); 27; 30 (AF, HGS)	6 (AF)		1	6 (HGS, MC, SV)	24
1939	24 (AF)				17 (AF)								2
1940			30 (AF, HR)		13 (HR); 25 (HR, AF, FA,DP)			7 (HGS, HR, AF, MC)	13 (HR)	8	7 (HR)	24 (HR)	8
1941	27					4					14 (HR)		3
1942		21										16 (HR)	2
1943	8 (HR); 22 (HR)	2 (HR); 19 (HR, HGS)	12 (HR)	6; 20; 30	7	15; 25; 30	6 (MB); 15; 20	6; 11 (HGS, MB); 19 (MB)	17	20	4; 19; 26	17 (HGS); 21	25
1944	5 (JA); 28		3; 10; 28	4 (HGS, DM); 6	5 (AB, HGS, MC)	15	20	14	1	10; 19 (AL)			14
1945		8	9	21	12; 24	5	7 (HGS)	2; 4; 10; 18	4	7; 31	28		15
1946	16	9			7 (DM)	5 (LAL)	29	19 (HGS)	5 (LAL)	22		4	9
1947					31		19	25				7 (RS)	4
1948			7 (PL,FU,LAL)	5; 20	5			24	15	30 (HGS)	18	10; 23 (RS, DM, PD)	10
													177

Acompanhantes: MA – Marques de Abreu (fotógrafo); HGS – Henrique Gomes da Silva, (Director Geral da DGEMN); CA – Costa Alemão (DGEMN); RP – Reis Pereira; AS – António Saavedra; RA – Rogério de Azevedo (arquitecto-chefe da 1.ª secção); SA – sr. Ameal (arquitecto); SV – Sérgio Vieira (Comandante da PSP); LB – Luís Benavente (arquitecto DGEMN); AF – Álvaro da Fonseca (arquitecto-chefe da 4.ª secção/a partir de 1940, secção de melhoramentos urbanos); MC – Mota Coelho (Director EPC); HR – Humberto Reis (arquitecto-chefe da 4.ª secção); FR – Ferrand de Almeida (presidente da CMC); DP – Duarte Pacheco (MOPC); MB – Mário Barbosa (arquitecto-chefe da 4.ª secção); JA – Joaquim Areal (arquitecto DGEMN); DM – Diogo de Macedo (escultor, Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea); AB – Álvaro Barbosa (arquitecto); AL – Araújo de Lacerda (Historiador de Arte e professor da FLUC); LAL – Luís Amoroso Lopes (arquitecto-chefe da 4.ª secção); RS – Reynaldo dos Santos (historiador e crítico de Arte); PL – Pires de Lima (Ministro da Educação); FU – Frederico Ulrich (MOP); PD – Pereira Dias (Professor de Ciências da UC). **Fonte:** AMNMC, Diário do Museu (1934-1943); (1943-1958).

QUADRO 13

Dotações da DGEMN direccionadas para o MMC (1930-1950)

Data da aprovação das obras	Preços Correntes	Preços constantes (Índice 100=1940)
25-01-1934	18 000\$00	18 296\$25
14-11-1935	25 000\$00	25 366\$21
18-02-1937	30 000\$00	28 898\$28
09-10-1937	50 000\$00	48 163\$80
02-11-1937	11 849\$00	11 413\$86
29-11-1938	6 740\$00	6 661\$85
09-07-1940	50 000\$00	50 000\$00
20-07-1940	45 000\$00	45 000\$00
17-09-1940	50 000\$00	50 000\$00
19-09-1940	5 000\$00	5 000\$00
20-09-1940	50 000\$00	50 000\$00
28-12-1942	50 000\$00	38 593\$07
17-06-1943	50 000\$00	34 904\$74
10-08-1943	50 000\$00	34 904\$74
28-12-1943	20 000\$00	13 961\$90
01-07-1944	50 000\$00	34 108\$74
24-10-1944	50 000\$00	34 108\$74
30-04-1945	50 000\$00	31 798\$24
31-07-1945	50 000\$00	31 798\$24
17-09-1945	50 000\$00	31 798\$24
17-11-1945	50 000\$00	31 798\$24
22-05-1946	140 841\$00	80 551\$10
08-10-1946	89 002\$76	50 903\$29
12-10-1946	49 156\$24	28 113\$90
20-08-1947	128 626\$18	71 758\$13
11-10-1947	49 033\$90	27 355\$09
05-12-1947	37 832\$40	21 364\$30
19-05-1948	190 115\$40	107 359\$89
23-06-1948	45 598\$00	25 749\$60
27-10-1948	152 181\$45	85 938\$24
17-11-1948	101 536\$00	57 338\$30
17-11-1948	48 822\$75	27 570\$65
17-11-1948	109 562\$00	61 870\$65
17-11-1948	27 592\$00	15 581\$45
15-12-1948	94 600\$00	53 421\$48
22-12-1948	58 999\$50	33 317\$55
08-02-1949	48 556\$00	26 158\$93
08-02-1949	210 445\$00	113 374\$59
08-06-1949	240 999\$00	129 835\$17
31-05-1950	95 593\$50	52 730\$91
Total		1 726 868\$35

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0339; PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0345; PT DGEMN:DSID-001/006-0520; PT DGEMN:DSID-001/006-0531.

QUADRO 14

Dotações do Fundo de Desemprego aplicadas às obras no MMC (1930-1950)

Portaria	Preços correntes	Preços constantes
		(índice 100=1940)
08-05-1933	30 000\$00	30 757\$54
07-04-1934	10 000\$00	10 164\$58
19-11-1934	5 000\$00	5 082\$29
27-01-1936	10 000\$00	9 943\$10
17-02-1936	30 000\$00	29 829\$29
07-12-1936	15 000\$00	14 914\$64
07-04-1937	30 000\$00	28 898\$28
26-01-1938	50 000\$00	49 420\$24
17-08-1940	95 000\$00	95 000\$00
08-08-1944	40 000\$00	27 286\$99
27-07-1945	90 000\$00	57 236\$83
04-10-1946	139 500\$00	79 784\$15
23-05-1947	40 000\$00	22 315\$25
07-11-1947	40 000\$00	22 315\$25
04-06-1948	60 000\$00	33 882\$54
30-07-1948	64 000\$00	36 141\$38
04-12-1948	287 500\$00	162 353\$85
21-04-1949	200 000\$00	107 747\$48
	Total	823 073\$68

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0339; PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0345; PT DGEMN:DSID-001/006-0520; PT DGEMN:DSID-001/006-0531; *Boletim do Comissariado do Desemprego* (1934-1939).

QUADRO 15

Percentagem dos valores do Fundo de Desemprego aplicados às obras no MMC em relação ao total das verbas atribuídas a intervenções em monumentos pelo Comissariado de Emprego (1930-1950)

Ano	Fundo de Desemprego (MMC)	Fundo de Desemprego (intervenções em monumentos)	MMC/Monumentos %
1933	30 000\$00	---	---
1934	15 000\$00	---	---
1936	55 000\$00	1 001 300\$00	5,49
1937	30 000\$00	1 635 600\$00	1,83
1938	50 000\$00	1 365 500\$00	3,66
1940	95 000\$00	1 664 000\$00	5,71
1944	40 000\$00	3 996 400\$00	1,00
1945	90 000\$00	4 395 900\$00	2,05
1946	139 500\$00	4 802 500\$00	2,90
1947	80 000\$00	3 712 400\$00	2,15
1948	411 500\$00	3 441 600\$00	11,96
1949	200 000\$00	2 375 600\$00	8,42

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0339; PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0345; PT DGEMN:DSID-001/006-0520; PT DGEMN:DSID-001/006-0531; *Boletim do Comissariado do Desemprego* (1934-1939); Maria João Baptista Neto, *Memória propaganda e poder...*, quadro 3.3., p. 164.

QUADRO 16

Percentagem do dispêndio em obras no MMC em relação ao montante gasto pela DGEMN na rubrica “Conservação” (1930-1950)

Ano	Dispêndio MMC	Rúbrica <i>Conservação</i> nos dispêndios da DGEMN (<i>Conta Geral do Estado</i>)	MMC/“<i>Conservação</i>” %
1934	18 000\$00	---	---
1935	25 000\$00	---	---
1937	91 849\$00	8 429 350\$45	1,09
1938	6 740\$00	10 731 106\$06	0,06
1940	200 000\$00	13 021 643\$53	1,54
1942	50 000\$00	13 646 049\$64	0,37
1943	120 000\$00	17 359 751\$86	0,69
1944	100 000\$00	21 548 375\$73	0,46
1945	200 000\$00	20 796 009\$65	0,93
1946	279 000\$00	24 972 580\$86	1,12
1947	215 492\$48	28 283 166\$73	0,76
1948	829 007\$10	37 864 523\$59	2,19
1949	500 000\$00	32 854 852\$40	1,52
1950	95 593\$50	34 252 149\$30	0,28

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0339; PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0345; PT DGEMN:DSID-001/006-0520; PT DGEMN:DSID-001/006-0531; Maria João Baptista Neto, *Memória propaganda e poder...*, quadro 3.2., p. 162 a 163.

QUADRO 17

Relação das empreitadas realizadas no MMC (1930-1950)

Obras (designação)	Forma de adjudicação	Concorrentes a concurso	Adjudicatário	Data da aprovação da proposta	Valor do contrato	Prazo da obra
Desobstrução das galerias romanas	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	25-01-1934	18 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de conclusão das salas	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	14-11-1935	25 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de beneficiação e limpeza	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	18-02-1937	30 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Aires Ferreira	Manuel de Jesus Cardoso	09-10-1937	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de reparação e limpeza	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Manoel Ferreira Morango	Manuel de Jesus Cardoso	02-11-1937	11 849\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	29-11-1938	6 740\$41	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	09-07-1940	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	20-07-1940	45 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Domingues Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	17-09-1940	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Domingues Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	19-09-1940	5 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Domingues Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	20-09-1940	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	28-12-1942	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-06-1943	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	10-08-1943	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	28-12-1943	20 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	01-07-1944	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	24-10-1944	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	30-04-1945	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	31-07-1945	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-09-1945	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-11-1945	50 000\$00	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	22-05-1946	140 841\$00	Sem indicação

Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	08-10-1946	89 002\$76	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	12-10-1946	49 156\$24	Sem indicação
Trabalhos de restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Bernardo Teles	Manuel de Jesus Cardoso	20-08-1947	128 626\$18	Até dia 31 de Dezembro
Reconstrução dos telhados da Ala Nascente	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	11-10-1947	49033\$90	Até dia 31 de Dezembro
Trabalhos de restauro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	05-12-1947	37832\$40	Até dia 31 de Dezembro
Obras de conservação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	19-05-1948	190 115\$40	60 dias
Diversos trabalhos	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	23-06-1948	45 598\$00	40 dias
Obras a realizar em parte do interior da ala Sul	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; Bernardo Teles; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	27-10-1948	152 181\$45	50 dias
Obras imprevistas	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-11-1948	101 536\$00	30 dias
Trabalhos para beneficiação e restauro do pátio principal	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-11-1948	48 822\$75	Até dia 31 de Dezembro
Trabalhos de acabamento do interior da ala Sul	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-11-1948	109 562\$00	Até dia 31 de Dezembro
Trabalhos para arranjo do pátio da entrada	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	17-11-1948	27 592\$00	Até dia 31 de Dezembro
Instalação eléctrica dos dois pavimentos da ala Sul	Concurso limitado	Instaladora de Coimbra; Silarte - Coimbra; Fonseca Seabra Id.ª Coimbra; Justo Meneses – Lisboa	Instaladora de Coimbra	15-12-1948	94 600\$00	Sem indicação
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	22-12-1948	58 999\$50	Até dia 31 de Dezembro
Beneficiação e restauro do pátio principal	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	08-02-1949	48 556\$00	50 dias
Acabamento das obras da ala Sul	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	08-02-1949	210 445\$00	50 dias
Obras de reparação das alas e pátio	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Bernardo Teles; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	08-06-1949	240 999\$00	60 dias
Obras de reparação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso, Manuel José Adriano, Bernardo Teles, Humberto Teles Gonçalves, Saul de Oliveira Esteves, Joaquim da Silva Ramalho	Manuel de Jesus Cardoso	31-05-1950	95 593\$50	90 dias

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0338; PT DGEMN:DSARH-010/079-0339; PT DGEMN:DSARH-010/079-0340; PT DGEMN:DSARH-010/079-0341; PT DGEMN:DSARH-010/079-0344; PT DGEMN:DSARH-010/079-0345; PT DGEMN:DSARH-010/079-0362; PT DGEMN:DSID-001/006-0520; PT DGEMN:DSID-001/006-0520.

QUADRO 18

Zona de protecção do MMC (1930-1965)

Data	Proponente	Prédio	Assunto	Autorização	Nota
13-09-1935	Comunicação de Vergílio Correia	Companhia Industrial de Portugal e Colónias, situado em frente da entrada principal do MMC	Infracção ao art.º 26.º do decreto n.º 20 985 de 7 de Março de 1932	Indeferido	A obra foi embargada a 20 de Setembro de 1935.
17-12-1937	Adelino Fernandes (proprietário)	n.º 20 do Largo Dr. José Rodrigues	Modificação da fachada do prédio	Deferido	Condição: enviar novo estudo para as portas de madeira.
03-03-1941	Maximino José Morais Correia (proprietário)	n.º 13 do Largo Dr. José Rodrigues	Modificação da fachada do prédio	Deferido	Foi mandado suspender a 26 de Fevereiro de 1941 por não ter autorização da DGENM. Após a aprovação, foram impostas as seguintes condições: a) manter a cor das paredes do prédio; b) retirar o beirado de ferro que cobria uma das portas.
15-06-1944	Delmira da Luz de Almeida Pacheco (proprietária)	n.º 17 da Rua de São Salvador	Construção de uma retrete e de uma chaminé	Deferido	Condição: a chaminé seja simples e encimada por cobertura discreta.
20-08-1956	Câmara Municipal de Coimbra	n.º 126 da Couraça dos Apóstolos	Expropriação	Deferido	Despacho do Ministro das Obras Públicas de 12/09/1956: "Concordo. Transmita-se. É oportuno o estudo de restauro da Igreja de S. Salvador, incluindo o necessário para o seu conveniente desafogo. Em presença da estimativa se definirá o plano de execução."
07-08-1956	José Honorato da Cruz (proprietário)	n.º 9 do Beco das Condeixas	Obras	Deferido	Condições: "1 - a altura do prédio não ultrapasse o rés-do-chão, 1.º e 2.º andares; 2 - a cobertura seja executada com telha patinada; 3 - o projecto da construção seja submetido a prévia aprovação da DGENM." (arquitecto Luís Amoroso Lopes).
26-09-1958	Alberto Raul Freire	n.ºs 9 a 11 da Rua de São	Obras	Deferido	Condição: utilização de telha tipo "nacional dupla".

	(proprietário)	Salvador			
30-06-1960	Alberto Raul Freire (proprietário)	n.ºs 9 a 11 da Rua de São Salvador	Alteração do projecto de obras	Deferido	-----
03-05-1962	Paulo Pires Albano (pretendente)	Beco das Condeixeiras	Possível aquisição de uma casa e conseqüente reconstrução	Deferido	Condição: reconstrução em moldes arquitectónicos que se integrem no ambiente local.

Fonte: DGEMN, MMC; pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0549; PT DGEMN:DSID-001/006-0531; PT DGEMN:DSID-001/006-0533.

QUADRO 19

Obras de beneficiação e ampliação do MMC: estudo inicial e revisões subsequentes (1954-1960)

	Estudo das circulações. Plano geral (19-11-1954)	Beneficiação e ampliação. Projecto (28-12-1955)	Alteração da fachada sobre a rua do Arco do Bispo (10-04-1957)	Esquema geral de circulação (15-01-1960)
Recepção do visitante	<p>Átrio de recepção localizado no rés-do-chão do bloco Norte.</p> <p>Na entrada de acesso aplicar-se-á o portal de São Tomás.</p>	Sem referência à aplicação do portal de São Tomás.	---	<p>Mudança do átrio de recepção ao visitante para a sala das sapatas da igreja românica de São João de Almedina.</p> <p>Projecta-se o rasgamento da parede disposta a Norte de modo a obter uma visualização directa do sobre o claustro.</p> <p>Lançamento de uma escadaria com acesso à igreja de São João de Almedina</p>
Comunicação vertical no interior	<p>No rés-do-chão do bloco Sul (ao fundo da sala dos séculos XVII e XVIII): construção de uma escada que encaminha o visitante ao 1.º andar, até à sala “Conjuntos”.</p> <p>No primeiro andar do bloco Norte (junto à galeria “História de Coimbra”): construção de uma escadaria de ligação ao átrio de recepção do rés-do-chão.</p> <p>Acesso às galerias romanas: escada disposta no átrio de recepção.</p>	<i>Idem.</i>	---	<p>No espaço contíguo ao segundo pátio (rés-do-chão da vertente Noroeste): construção de uma escada com ligação ao piso superior do criptopórtico.</p> <p>No mesmo quadrante, a ligação do piso superior ao piso inferior do criptopórtico efectua-se através de uma escada descoberta nas escavações de 1958.</p> <p>No canto Sudoeste do rés-do-chão: construção de uma escadaria com acesso ao 1.º andar. Integração, no percurso do visitante, de uma escada descoberta em 1957 que dá acesso ao 2.º andar do criptopórtico.</p>
Pavimento do primeiro andar do bloco Norte	<p>Elevação do pavimento do 1.º andar do bloco Norte de modo a nivelá-lo com o dos restantes quadrantes.</p> <p>Construção do pavimento em betão armado.</p>	Anulação desta premissa (despacho do ministro de 22 de Março de 1955).	---	---

Adaptação da igreja de São João de Almedina	Adaptação do templo segundo as suas características originais, para dar lugar à secção de arte sacra e paramentos.	Alteração da fachada do templo e da sua lateral (despacho do ministro de 22 de Março de 1955).	Rebaixamento do beiral do telhado da igreja de São João de Almedina de modo a equilibrar a sua altura com a do anexo construído no lado Nascente (despacho do ministro de 13 de Janeiro de 1957). Alteração do projecto da fachada lateral da igreja de São João de Almedina.	---
Anexo dos serviços administrativos e sala de exposições temporárias	Construção do anexo de dois pisos (térreo e 1.º andar) com acesso pela rua do Arco do Bispo, embora a sua divisão não se encontre devidamente pormenorizada.	Construção do anexo em três pisos. Rés-do-chão: sala do pessoal; arrecadação; laboratório; oficina; depósito. 1.º andar: átrio; vestuário; sala de exposições temporárias. 2.º andar: sanitários; secretaria; arquivo; gabinetes (director e conservadores); sala de espera; biblioteca.	---	---
Sanitários	Dispostos no rés-do-chão e 1.º andar junto ao segundo pátio.	<i>Idem.</i>	---	---
Criptopórtico	Acesso através de uma escadaria disposta no átrio de recepção. Desentulhamento e adaptação a espaço expositivo, com arrecadações, casa forte, etc. Iluminação através de luz artificial.	Aumentar o ritmo dos trabalhos nas galerias sem por em causa as obras do museu (despacho do ministro de 22 de Março de 1955).	---	Dois acessos interiores distintos: 1.º A partir de uma escada disposta na sala contígua ao segundo pátio (vertente Noroeste). 2.º A partir da integração de uma escada descoberta em 1957, dando acesso ao 1.º andar das galerias. Ligação entre os dois pisos: a partir de uma escada descoberta nas escavações de 1958.
Valorização do “arco árabe”	Projecção de um pequeno pátio circunscrito (por gradeamento de ferro e taludes de verdura).	---	---	---

Arruamentos circundantes e acesso à Sé Nova	Desafogar a igreja de São Salvador Colmatar o desnível acentuado entre os antigos largos da Feira e de São João através de um relvado em talude, com rampas colocadas junto à Sé Nova e no eixo da rua Borges Carneiro	Rebaixamento da rua do Arco do Bispo de modo a reduzir o desnível entre a referida artéria e o pátio de entrada para o museu (despacho do ministro de 22 de Março de 1955).	---	---
Pátio de entrada	Acesso a partir da descida de sete degraus.	Simplificação do acesso com a projectada descida da rasante do arruamento. Alteração da fachada da igreja de São João de Almedina (ambos os itens presentes no despacho do ministro de 22 de Março de 1955).	---	---
Fachada Nascente	---	Construção do anexo de três pisos com a introdução, na frontaria, do portal de Santo Agostinho.	Alterações do projecto da fachada lateral da igreja de São João de Almedina.	---
Fachada Norte	---	Aumento da altura da fachada devido à obra nova na vertente Nordeste. Realização de sondagens de modo a verificar a existência de elementos do período romano.	---	---
Fachada Sul	---	Realização de sondagens de modo a verificar a existência de elementos do período romano. Apresentação de estudos de possíveis configurações da fachada, depois de efectuadas as devidas sondagens.	---	---
Fachada Poente	---	Programação de expropriações e respectivas demolições, embora não se encontrem devidamente discriminadas.	---	---

Fontes: DGEMN, MMC, pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0375/0, caderno “Estudo das circulações. Plano geral”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 19 de Novembro de 1954; pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0343; despacho do ministro das obras públicas, assinado: E. Arantes e Oliveira, 22 de Março de 1955; pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0370, caderno “Beneficiação e ampliação. Projecto”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 28 de Dezembro de 1955; pasta PT DGEMN:DSID-001/006-0531, despacho do ministro das obras públicas, assinado: E. Arantes e Oliveira, 13 de Janeiro de 1957; pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0369, caderno “Alteração da fachada sobre a rua do arco do Bispo”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 16 de Abril de 1957; pasta PT DGEMN:DSARH-010/079-0347, caderno “Esquema geral de circulação”, assinado: o arquitecto de 2.ª classe Luís Amoroso Lopes, 15 de Janeiro de 1960.

QUADRO 20

Elementos descobertos nas proximidades do MMC durante a campanha de obras (1956-1957)

Data	Achado	Local	Trabalhador	Morada	Gratificação
03-11-1956	Moeda em cobre de 40 reis	Escavações em frente ao museu			
08-11-1956	Moeda em cobre do reinado de D. João V (1714)	Escavações em frente do museu	Ernesto Vilhena	Semide	1\$00
15-11-1956	Moeda de cobre (representação de um castelo e de um leão)	Em frente ao museu, junto ao portal de Santo Agostinho	Reinaldo Rodrigues	Cioga do Campo	1\$50
15-11-1956	Moeda em prata do reinado de D. Maria I		Alves Almeida Pimenta Manso	Fala	5\$00
22-11-1956	Moeda de prata (representação da coroa portuguesa e de uma cruz)	Largo da Feira	Raul de Jesus Mendes	Palácios Confusos	5\$00
23-11-1956	Moeda em cobre (representação da coroa portuguesa e as siglas PB)				1\$50
04-12-1956	Moeda romana (representação feminina)	Em frente ao museu, junto à faculdade de letras	Manuel Mendes Sangalhos	S. Silvestre	2\$50
11-12-1956	Moeda de cobre		António Melo	São Martinho do Bispo	2\$50
14-12-1956	Cristo coroado em bronze	Escavações em frente ao museu, junto ao portal de Santo Agostinho	Juvenal Rodrigues (encarregado das obras)	Ermesinde (Porto)	20\$00
14-12-1956	Pedra marcada com as siglas “FIVII”	Escavações em frente ao museu, junto ao Portal de Santo Agostinho	Manuel Domingos de Oliveira	São Martinho do Bispo	3\$00
14-12-1956	Duas moedas	Em frente ao museu, junto da torre de São João de Almedina			
15-12-1956	Moeda de cobre do reinado de D. Maria II (1853)	Escavações em frente ao museu	Manuel Melo	São Martinho do Bispo	
15-12-1956	Moeda de cobre (representação do escudo nacional)	Escavações em frente ao museu	Manuel Melo	São Martinho do Bispo	
15-12-1956	Moeda de cobre de pequenas dimensões (provavelmente romana)	Escavações em frente ao museu	Manuel Melo	São Martinho do Bispo	

10-01-1957	Três moedas	Escavações em frente ao museu	Manuel Mendes Sangalhos	São Silvestre	10\$00
12-01-1957	Cruz em metal	Escavações em frente ao museu			5\$00
10-04-1957	Peça metálica com uma estrela gravada	Em frente ao museu	Álvaro de Almeida Pimenta	Fala	10\$00

Fonte: AMNMC, Diário do Museu (1943-1958).

QUADRO 21

Relação das empreitadas realizadas no MMC (1951-1965)

Obras a realizar	Forma de adjudicação	Concorrentes a concurso	Adjudicatário	Data da aprovação da proposta	Valor do Contrato	Prazo da Obra
Trabalhos a executar no Museu Machado de Castro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Manuel Adriano; Bernardo Teles; João dos Santos Vazão	Manuel de Jesus Cardoso	11-12-1951	35 000\$00	10 dias
Obras de reparação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Serafim António Pontes; Odilom Martins Garcia; Manuel Ferreira	Manuel de Jesus Cardoso	11-06-1952	89 100\$00	90 dias
Acabamentos a realizar no rés-do-chão e 1.º andar da ala Nascente	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; João Santos Vazão; Anselmo Costa	Manuel de Jesus Cardoso	21-12-1954	30 000\$00	Até dia 31 de Dezembro
Obras de restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; Manuel José Adriano; António Ferreira Júnior	Manuel de Jesus Cardoso	14-09-1955	95 500\$00	Até dia 31 de Dezembro
Beneficiação e ampliação (1.ª fase)	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Afonso; Lourenço, Simões & Reis; Anselmo Costa; Organização Geral de Empreitadas Orgel, Ld.ª; António Veiga	Manuel de Jesus Cardoso	03-03-1956	790 027\$00	Até dia 31 de Dezembro
Instalação eléctrica	Concurso limitado	Mário de Fonseca; João Jacinto Tomé; Antão Marques, Ld.ª	Mário da Fonseca	13-05-1957	47 294\$00	30 dias
Alteração da fachada sobre a rua do Arco do Bispo/Rebaixamento do telhado da igreja de São João de Almedina	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; Anselmo Costa; António Ferreira Júnior	Manuel de Jesus Cardoso	05-06-1957	97 730\$00	90 dias
Pintura de paredes do novo edifício da direcção	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Ferreira Júnior; João dos Santos Vazão	Manuel de Jesus Cardoso	10-08-1957	16 500\$00	30 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso, António Ferreira Júnior; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	31-10-1957	39 000\$00	30 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Ferreira Júnior; Saul de Oliveira Esteves; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	05-03-1958	49 000\$00	50 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António	Manuel de Jesus Cardoso	12-03-1958	50 476\$00	50 dias

		Ferreira Júnior; Saul de Oliveira Esteves; Manuel José Adriano				
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Manuel José Adriano; João dos Santos Vazão; Saul de Oliveira Esteves	Manuel de Jesus Cardoso	16-07-1958	87 500\$00	50 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Ferreira Júnior; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	05-11-1958	38 000\$00	50 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; João dos Santos Vazão; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	03-12-1958	75 024\$00	15 dias
Obras de reparação e beneficiação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; António Ferreira Júnior; João dos Santos Vazão; Anselmo Costa	Manuel de Jesus Cardoso	17-12-1958	30 000\$00	Até dia 31 de Dezembro
Obras de escavação e restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; João dos Santos Vazão; Manuel José Adriano	Manuel de Jesus Cardoso	13-08-1960	47 000\$00	50 dias
Obras de reparação e adaptação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Cândido Patuleia	Manuel de Jesus Cardoso	29-08-1960	442 380\$00	365 dias
Obras de reparação e adaptação	Ajuste particular		Manuel de Jesus Cardoso	25-08-1961	61 120\$00	60 dias
Obras de conservação e restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; Anselmo Costa	Manuel de Jesus Cardoso	02-05-1962	39 800\$00	30 dias
Obras de acabamentos	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Anselmo Costa; Saul de Oliveira Esteves; Manuel Domingues Chaves	Manuel de Jesus Cardoso	26-09-1962	105 600\$00	60 dias
Galerias romanas. Obras de restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Anselmo Costa; Saul de Oliveira esteves	Manuel de Jesus Cardoso	05-06-1963	25 000\$00	30 dias
Obras de restauro e conservação	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Anselmo Costa; Saul de Oliveira esteves	Manuel de Jesus Cardoso	19-06-1963	65 800\$00	Até dia 31 de Dezembro
Igreja de Almedina. Instalação eléctrica	Concurso limitado	Empresa de construções Eléctricas, Ld.ª; João Jacinto Tomé; Auxiliar de Alimentação Portuguesa, Ld.ª; Mário da Fonseca	Empresa de Construções Eléctricas, Ld.ª	24-06-1964	49 000\$00	30 dias
Obras de reparação e restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Anselmo Costa; Saul de Oliveira Esteves; Manuel Domingues Chaves	Manuel de Jesus Cardoso	22-07-1964	70 900\$00	60 dias
Galerias romanas. Obras de restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Saul de Oliveira Esteves; Anselmo Costa; Camilo de Amorim	Manuel de Jesus Cardoso	11-11-1964	29 100\$00	60 dias

Obras de reparação e restauro	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Camilo de Amorim; Cândido Patuleia; Saul de Oliveira Esteves; Manuel Chaves Domingues	Manuel de Jesus Cardoso	13-10-1965	58 500\$00	60 dias
Reparação de paredes, reboco e guarnecimento	Concurso limitado	Manuel de Jesus Cardoso; Anselmo Costa; Manuel Domingues Chaves	Manuel de Jesus Cardoso	21-12-1965	2 560\$00	Até dia 31 de Dezembro

Fontes: DGEMN, MMC, pastas: PT DGEMN:DSARH-010/079-0201; PT DGEMN:DSARH-010/079-0202; PT DGEMN:DSARH-010/079-0342; PT DGEMN:DSARH-010/079-0343; PT DGEMN:DSARH-010/079-0346; PT DGEMN:DSARH-010/079-0347; PT DGEMN:DSARH-010/079-0355; PT DGEMN:DSARH-010/079-0360; PT DGEMN:DSARH-010/079-0363; PT DGEMN:DSARH-010/079-0364; PT DGEMN:DSARH-010/079-0365; PT DGEMN:DSARH-010/079-0366; PT DGEMN:DSARH-010/079-0367; PT DGEMN:DSARH-010/079-0368; PT DGEMN:DSARH-010/079-0369; PT DGEMN:DSARH-010/079-0370; PT DGEMN:DSARH-010/079-0371; PT DGEMN:DSARH-010/079-0372; PT DGEMN:DSARH-010/079-0373; PT DGEMN:DSARH-010/079-0375/01; PT DGEMN:DSARH-010/079-0375/02; PT DGEMN:DSARH-010/079-0376/01; PT DGEMN:DSARH-010/079-0377; PT DGEMN:DSARH-010/079-0378; PT DGEMN:DSID-001/006-003-0629/15; PT DGEMN:DSID-001/006-0521; PT DGEMN:DSID-001/006-0522; PT DGEMN:DSID-001/006-0523; PT DGEMN:DSID-001/006-0524; PT DGEMN:DSID-001/006-0531.

Índice do volume II

Documentos Escritos

Documento 1

1882, Maio, 10 – *Hino da Escola Livre das Artes do Desenho (letra de Adelino Veiga)*..... 5

Documento 2

1895, Setembro, 1 – *Considerações de António Augusto Gonçalves sobre as teorias de restauro arquitectónico do francês Viollet-le-Duc e a sua consequente aplicação no país, em especial na igreja de Santa Cruz de Coimbra* 6

Documento 3

1910, Dezembro, 30 – *Carta aberta ao governo da I República sobre os museus de Coimbra, assinada por membros do Instituto de Coimbra, da Escola Livre das Artes do Desenho e da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra*..... 8

Documento 4

1913, Maio, 20 – *Ofício do engenheiro Paulo Barros, Director das Obras Públicas de Coimbra, dirigido ao director das Obras Públicas e Minas, requerendo uma dotação suplementar para fazer face aos custos de adaptação do paço episcopal de Coimbra a espaço museológico* 11

Documento 5

1913, Outubro, 14 – *Joaquim Martins Teixeira de Carvalho enaltece a abertura do Museu Machado de Castro através de um artigo publicado no jornal “A Província”* 15

Documento 6

1914, Março, 14 – *Os estudantes católicos convocam a população católica da cidade de Coimbra para uma manifestação de protesto nos espaços da Sé Nova, a realizar no dia seguinte, contra a desafecção ao culto da igreja de São João de Almedina e a consequente transformação em espaço museológico*..... 17

Documento 7

1914, Março, 14 – *Panfleto anónimo, que circulou pela cidade, incitando o “povo liberal” a marcar presença na acção de protesto convocada pelos estudantes católicos, com o objectivo explícito de a boicotar* 19

Documento 8

1914, Março, 15 – *Ofício do director do Museu Machado de Castro, enviado ao ministro da Instrução Pública, justificando a necessidade de transferir o Tesouro da Sé para a igreja de São João de Almedina*..... 20

Documento 9

1914, Março, 22 – *Reacção de Manuel Gonçalves Cerejeira aos acontecimentos ocorridos no claustro da Sé Nova do dia 15 de Março de 1914*..... 22

Documento 10

1914, Março, 29 – *O estudante católico António de Oliveira Salazar, sob pseudónimo de Alves da Silva, dirige-se ao ministro da Justiça esgrimindo argumentos jurídicos contra a desamortização da igreja de São João de Almedina* 24

Documento 11

1914, Maio, 17 – *O estudante católico António de Oliveira Salazar, sob pseudónimo de Alves da Silva, responde às críticas proferidas por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, no âmbito do polémico processo de desamortização da igreja de São João de Almedina* 28

Documento 12

1914, Dezembro, 12 – *Auto da entrega da igreja de São João de Almedina ao Museu Machado de Castro* 31

Documento 13

1915, Maio, 7 - *Parecer do Conselho Superior de Obras Públicas e Minas sobre o plano de obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra* 32

Documento 14

1915, Junho, 20 – *António Augusto Gonçalves enaltece o papel do ministro Manuel Monteiro no âmbito da desamortização da igreja de São João de Almedina e na consequente adaptação a Museu de Arte Sacra* 34

Documento 15

1916, Fevereiro, 20 – *António Augusto Gonçalves fala sobre a visível decadência da Escola Livre das Artes do Desenho* 35

Documento 16

1916, Maio, 14 – *António Augusto Gonçalves reporta-se à exposição de trabalhos artísticos dos alunos da Escola Livre das Artes do Desenho, salientando igualmente a decadência progressiva da própria instituição* 36

Documento 17

1916, Outubro, 21 – *António Augusto Gonçalves crítica as opções tomadas pela repartição de Obras Públicas de Coimbra, no âmbito da adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra, comparando-as às campanhas de restauro dos monumentos conimbricenses dos finais da centúria de Oitocentos, lideradas pelo engenheiro Franco Frazão* 37

Documento 18

1917, Julho, 28 – *António Augusto Gonçalves critica o rumo das obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra* 39

Documento 19

1920, Abril, 30 – *Carta de Afonso Lopes Vieira ao director do “Diário de Notícias” Augusto de Castro, pedindo publicidade sobre a paragem das obras de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra* 40

Documento 20

1924, Janeiro, 5 – *António Augusto Gonçalves critica o comportamento da imprensa conimbricense durante o longo processo de adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra* 41

Documento 21

1924, Dezembro, 26 – *António Augusto Gonçalves discorre sobre a visível degradação da capela do tesoureiro, incluída na antiga igreja de São Domingos* 42

Documento 22

1925, Janeiro, 2 – *António Augusto Gonçalves enaltece a doação, à cidade de Coimbra, da capela do tesoureiro por parte da empresa Minerva, Limitada, proprietária da antiga igreja de São Domingos* 44

Documento 23

1926, Abril, 16 – *António Augusto Gonçalves relata as vicissitudes da salvaguarda dos portais do convento de Santa Ana* 46

Documento 24

1933, Setembro, 5 – *Carta de Vergílio Correia ao “Diário de Coimbra” onde reafirma a competência e eficácia da Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte*..... 48

Documento 25

1933, Setembro, 9 – *Representação entregue ao Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar pedindo a criação, em Coimbra, de uma Direcção dos Monumentos Nacionais do Centro*..... 50

Documento 26

1934, Abril, 14 – *Carta aberta de Rasteiro Fontes, dirigida a Vergílio Correia, solicitando a não colocação do pórtico de São Tomás na rua de São Salvador* 52

Documento 27

1934, Abril, 28 – *Resposta de Vergílio Correia à carta aberta de Rasteiro Fontes, onde justifica a opção pelo adossamento do portal de São Tomás à fachada Norte do Museu Machado de Castro, voltada para a rua de São Salvador* 54

Documento 28

1935, Maio, 7 – *Vergílio Correia disserta sobre as directrizes museológicas implementadas e a implementar no Museu Machado de Castro*..... 56

Documento 29

1935, Maio, 27 – *Vergílio Correia descreve o processo de desmontagem do portal do colégio São Tomás e o adossamento do mesmo na fachada Norte do Museu Machado de Castro* 60

Documento 30

1937, Maio, 3 – *Vergílio Correia relata a transferência do Instituto de Coimbra da casa anexa ao Museu Machado de Castro para as instalações do colégio de São Bento* 63

Documento 31

1938, Março, 14 – *Vergílio Correia descreve as obras em curso no pátio exterior de acesso ao Museu Machado de Castro* 65

Documento 32

1938, Agosto, 29 – *Vergílio Correia defende a supressão do arco do bispo que liga o antigo paço episcopal aos espaços anexos à Sé Nova de Coimbra*..... 67

Documento 33

1939, Maio, 22 – *Vergílio Correia descreve sumariamente as obras realizadas no Museu Machado de Castro entre 1933 e 1938, lançando ainda as previsões para os anos seguintes*..... 69

Documento 34

1941, Novembro, 29 – *Abel Urbano, antigo membro do Conselho de Arte e de Arqueologia, solicita ao director do Museu Machado de Castro a retirada da estátua alusiva à ourivesaria, colocada no nicho do pórtico de Santa Ana (adossado à igreja de São João de Almedina), defendendo a substituição pela escultura das santas mães do século XVI*..... 71

Documento 35

1941, Dezembro – *O conservador-ajudante António Nogueira Gonçalves defende a manutenção da escultura da ourivesaria, disposta no nicho do portal de Santa Ana, que se encontra adossado à fachada principal da igreja de São João de Almedina*..... 73

Documento 36

1943, Agosto, 2 – *Vergílio Correia invoca a complexidade na aplicação de procedimentos de salvaguarda à capela do tesoureiro, uma vez que o referido monumento nacional se encontra na posse de privados* 75

Documento 37

1947, Novembro, 22 – *João Jardim de Vilhena questiona a ausência de um director no Museu Machado de Castro* 77

Documento 38

1947, Dezembro, 22 – *António Nogueira Gonçalves anuncia a publicação do volume dedicado à cidade de Coimbra do “Inventário Artístico de Portugal”* 79

Documento 39

1951, Junho, 19 – *Discurso da tomada de posse de Luís Reis Santos como director do Museu Machado de Castro* 81

Documento 40

1952, Outubro, 11 – *Memória descritiva do “Programa gráfico de remodelação” do Museu Machado de Castro* 84

Documento 41

1954, Novembro, 19 – *Memória descritiva do estudo das circulações do Museu Machado de Castro*.... 86

Documento 42

1960, Janeiro, 15 – *Memória descritiva do “Esquema geral de circulação” a implementar no Museu Machado de Castro* 89

Documento 43

1966, Outubro, 20 – *Entrevista do “Diário de Coimbra” ao director Luís Reis Santos, onde são revelados os pormenores da passagem da capela do tesoureiro para o segundo pátio do Museu Nacional de Machado de Castro* 91

Fontes Icononímicas

Imagem 1	
A Lição de Salazar (cartaz)	95
Imagem 2	
Comemorações centenárias de 1940 na imprensa conimbricense	96
Imagens 3 a 6	
Exposição Histórica do Mundo Português (1940)	97
Imagens 7 a 10	
Exposição Henriquina (1960)	99
Imagens 11 a 16	
António Augusto Gonçalves	101
Imagens 17 e 18	
Escola Livre das Artes do Desenho	104
Imagens 19 e 20	
António Augusto Gonçalves, o professor	105
Imagens 21 e 22	
Restauro da Sé Velha	106
Imagens 23 e 24	
Restauro da igreja de São Tiago	107
Imagens 25 a 30	
Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra	108
Imagens 31 e 32	
D. Manuel Correia de Bastos Pina	111
Imagem 33	
Vergílio Correia	112
Imagens 34 e 35	
Vergílio Correia e as ruínas de Conímbriga	113
Imagem 36	
Conservador-ajudante António Nogueira Gonçalves	114
Imagem 37	
Luís Reis Santos	115
Imagem 38	
V Missão Estética de Férias	116

Imagens 39 a 44	
Atelier infantil realizado no MMC (a partir de 1964).....	117
Imagem 45	
Inauguração de uma exposição temporária de arte contemporânea, organizada pelo CAP da AAC.....	120
Imagem 46	
Exposição documental sobre a história do MMC.....	121
Imagens 47 a 50	
IV Reunião dos conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais (16 a 19 de Outubro de 1963).....	122
Imagem 51	
Sessão cinematográfica na igreja de São João de Almedina	124
Imagens 52 a 55	
MNMC na actualidade	125
Imagens 56 a 63	
Projecto de beneficiação e ampliação do MNMC (autoria do arquitecto Gonçalo Byrne).....	127
Imagens 64 e 65	
Criptopórtico do <i>forum da civitas aeminiensis</i>	131
Imagens 66 e 67	
Planta dos pisos do criptoportico.....	132
Imagens 68 a 70	
Reconstituição do forum de <i>Aeminium</i>	134
Imagem 71	
Possível porta medieva do paço episcopal, disposta no quadrante Norte	136
Imagens 72 e 73	
Claustro da antiga igreja de São João de Almedina (montado <i>in situ</i>)	137
Imagem 74	
Sala das sapatas da igreja românica de São João de Almedina	138
Imagens 75 e 76	
Arco ultrapassado undecentista pertencente ao antigo paço episcopal	139
Imagem 77	
Fragmento do texto mudéjar pertencente ao antigo paço episcopal	140
Imagem 78	
Cunhal disposto na entrada Nascente do paço episcopal.....	141
Imagens 79 e 80	
Entrada de acesso ao pátio principal do MMC	142

Imagens 81 e 82	
Pátio Principal	143
Imagens 83 e 84	
Registos icononímicos da cidade de Coimbra nos séculos XVI e XVII.....	144
Imagem 85	
Canto Nordeste do pátio principal do MMC	145
Imagens 86 e 87	
Reformas patrocinadas pelo bispo-reitor D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho	146
Imagens 88 e 89	
Registo topográfico da cidade de Coimbra (1894)	147
Imagens 90 e 91	
Arco do Bispo.....	149
Imagens 92 a 94	
A alta de Coimbra e o largo de São João.....	151
Imagens 95 a 98	
Paço episcopal de Coimbra nos finais do século XIX.....	154
Imagens 99 a 101	
Elementos construtivos resultantes da reforma do paço episcopal dos finais do século XIX	156
Imagens 102 e 103	
Salão nobre do paço episcopal	158
Imagem 104	
Republicanos ilustres da cidade de Coimbra (inícios do século XX).....	159
Imagens 105 e 106	
Arquitecto Augusto de Carvalho da Silva Pinto.....	160
Imagens 107 e 108	
Plantas do bloco Sul do paço episcopal, finais do século XVIII	161
Imagem 109	
Pormenor das janelas pertencentes ao andar intermédio do bloco Sul	163
Imagens 110 e 111	
Tetos mudéjares, provenientes da Sé Velha, aplicados nas salas de exposição do MMC	164
Imagens 112 e 113	
Pátio principal do MMC na década de 1920	165
Imagens 114 e 115	
Plantas do 1.º andar do paço episcopal elaboradas, em Maio de 1913, por alunos da UC	167
Imagem 116	
Convite da inauguração oficial do MMC	169

Imagens 117 e 118	
Planta do MMC em 1916, com a marcação das salas de exposição	170
Imagem 119	
Sala I (galeria romana)	172
Imagem 120	
Sala II (galeria medieval)	173
Imagens 121 e 122	
Sala III (galeria da renascença)	174
Imagem 123	
Vestíbulo Sudoeste (1.º andar do bloco Sul)	175
Imagem 124	
Sala IV (1.º andar do bloco Sul)	176
Imagem 125	
Sala VI (faiança).....	177
Imagens 126 e 127	
Sala X (escultura em madeira)	178
Imagem 128	
Sala XI (mobiliário e escultura em madeira).....	179
Imagem 129	
Capela privada do bispo	180
Imagem 130	
Sala de pintura.....	181
Imagem 131	
Sala XVIII (Rês-do-chão, bloco Norte).....	182
Imagem 132	
Iluminação da sala de pintura a partir de luz zenital.....	183
Imagem 133	
Coches do bispo D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho resguardados na antiga cocheira do paço episcopal.....	184
Imagem 134	
Pátio de entrada do MMC.....	185
Imagem 135	
<i>Belezas de Portugal. Coimbra</i> , Ulysseia Filmes, 1931	186
Imagens 136 e 137	
Complexo arquitectónico do antigo colégio de Jesus	187

Imagens 138 e 139	
Divisão dos espaços internos do colégio de Jesus por volta de 1773	189
Imagem 140	
Museu de Arte Sacra da Sé da Coimbra	191
Imagens 141 a 143	
Acessos ao antigo Museu de Arte Sacra da Sé de Coimbra	192
Imagem 144	
Planta da Sé Nova com os espaços do antigo Museu de Arte Sacra.....	193
Imagens 145 e 146	
Sala das vitrines (na actualidade)	194
Imagem 147	
Sala da Palmeira (na actualidade).....	195
Imagem 148	
Sala Sul (na actualidade)	196
Imagem 149	
Sala Poente (na actualidade).....	197
Imagem 150	
Pórtico de Santa Ana disposto no local original (inícios do século XX).....	198
Imagem 151	
Escultura das Santas Mães exposta na galeria de escultura em pedra do MNMC.....	199
Imagens 152 e 153	
Aplicação do portal de Santa Ana na fachada principal da antiga igreja de São João de Almedina	200
Imagem 154	
Interior do antigo Museu de Arte Sacra/igreja de São João de Almedina	201
Imagens 155 a 158	
Espólio exumado durante as obras de reconversão da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra.....	202
Imagens 159 a 164	
Processo de desentulhamento do criptopórtico (1930-1960).....	204
Imagens 165 e 166	
Exumação do canto Sudoeste do antigo claustro da igreja de São João de Almedina (ano de 1934).....	207
Imagens 167 e 168	
Vestígios da igreja medievla de São João de Almedina	208
Imagens 169 a 172	
Organização do espaço expositivo após as obras realizadas nas salas correspondentes ao rés-do-chão do lado Norte e do lado Nascente	209

Imagens 173 e 174	
Alterações dos espaços situados no rés-do-chão do quadrante Nascente e Norte do MMC.....	211
Imagens 175 e 176	
Frontais de altar da igreja de São João de Almedina exumados em Setembro de 1938	213
Imagem 177	
Fragmento escultórico de São João Baptista (?), exumado no adro de acesso ao MMC.....	214
Imagens 178 a 186	
Exumação de sepulturas no pátio principal do MMC (1936).....	215
Imagem 187	
Janela manuelina (pormenor)	218
Imagem 188	
Pórtico de entrada do MMC durante a intervenção de 1938	219
Imagens 189 a 202	
Fases do processo de desobstrução do arco ultrapassado e consequente recuo do canto Sudeste do edifício (1938-1939).....	220
Imagem 203	
Escultura “Camões salvando os Lusíadas” de Fernandes de Sá.....	227
Imagens 204 e 205	
Lajeamento do pátio de entrada (1938-1939).....	228
Imagens 206 a 209	
Aspecto geral do pátio de entrada do MMC após as obras de beneficiação (1939)	229
Imagens 210 e 211	
Aplicação do portal de Santo Agostinho na cabeceira da igreja de São João de Almedina	231
Imagem 212	
Rua da Sofia e colégio de São Domingos nos finais do século XIX	232
Imagem 213	
Portal de São Tomás, disposto na fachada Nascente do colégio dos dominicanos.....	233
Imagem 214	
Fachadas Sul e Poente da residência do conde do Ameal, projectadas por Silva Pinto.....	234
Imagens 215 e 216	
Fachada Nascente do colégio de São Tomás nos finais do século XIX	235
Imagem 217	
Estado de conservação precário do portal de São Tomás.....	236
Imagens 218 e 219	
Largo de São Salvador durante a montagem do portal de São Tomás (1935-1936).....	237

Imagem 220	
Pórtico de São Tomás montado na parede Norte do MMC	238
Imagens 221 a 223	
Processo de montagem do portal de São Tomás na parede Norte do MMC (ano de 1935)	239
Imagem 224	
Alçado da fachada Norte do MMC após a aplicação do Portal de São Tomás	241
Imagem 225	
Pormenor do alteamento do telhado no canto Nordeste, após o acrescento de um novo andar	242
Imagens 226 e 228	
Obras no quadrante Nordeste do MMC (1935-1937)	243
Imagens 229 a 236	
Processo de obras no bloco Norte do MMC (final da década de 1930)	245
Imagens 237 a 248	
Obras no pátio interior Norte do MMC (a partir de 1938)	249
Imagem 249	
Construção dos novos espaços no pátio Nordeste	255
Imagens 250 a 252	
Aspectos do discurso expositivo do MMC durante a vigência de Vergílio Correia	256
Imagem 253	
Porta de acesso às salas do Instituto de Coimbra, nas proximidades do arco do bispo	258
Imagens 254 a 258	
Um museu envolto num estaleiro de obras: a implementação de uma nova cidade universitária	259
Imagens 259 a 261	
Lado Nascente do MMC sujeito a demolição, no âmbito das obras da cidade universitária	262
Imagens 262 a 266	
Fachada Sul do MMC no período anterior à campanha de obras iniciada em 1944	264
Imagens 267 e 268	
Início das obras no canto Sudoeste do MMC, ano de 1944	267
Imagens 269 a 276	
Obras na fachada Sul e Poente do MMC, realizadas a partir de 1944	269
Imagens 277 e 278	
Projectos da reforma pombalina para a fachada Sul do paço episcopal	274
Imagem 279	
Perspectiva dos trabalhos na fachada Norte do Paço das Escolas do ponto de vista do pátio de entrada do MMC	276

Imagem 280	
Obras nas salas do quadrante Sudoeste do MMC.....	277
Imagens 281 a 284	
Obras de beneficiação das salas de pintura para acolhimento da Exposição de Ourivesaria (1940)	278
Imagem 285	
Obras no rés-do-chão do quadrante Noroeste.....	280
Imagem 286	
Estudo do ajardinamento do pátio principal do MMC (1936).....	281
Imagem 287	
Novo jardim do pátio principal (1940)	282
Imagem 288	
Planta do andar superior do MMC com a marcação dos tectos (ano de 1935).....	283
Imagens 289 a 292	
Registo fotográfico dos tectos antigos do MMC (1942-1945)	284
Imagens 293 a 296	
Obras efectuadas no bloco Sul do MMC (1948-1949).....	286
Imagens 297 a 299	
Obras de manutenção do pátio de entrada (1948-1949)	288
Imagens 300 a 304	
Projecto de alteração das fachadas do pátio principal (1948).....	290
Imagens 305 a 317	
Obras no pátio principal (1948-1949)	295
Imagens 318 e 319	
Distribuição do espaço expositivo a partir dos finais de 1948.....	302
Imagens 320 a 329	
Montagem da exposição temporária de escultura medieval (inícios de 1949)	304
Imagens 330 a 339	
Rés-do-chão do bloco Sul: montagem da exposição permanente (inícios de 1949).....	309
Imagem 340	
Monumentos nacionais na exposição “15 Anos de Obras Públicas 1932-1947”.....	314
Imagem 341	
Orçamento enviado à DGEMN pelo empreiteiro Manuel de Jesus Cardoso	315
Imagem 342	
Escultura de Salazar com as insígnias doutorais, presente na Exposição Internacional de Paris (1937)..	316
Imagens 343 e 344	
Projecto de circulação do MMC, elaborado no ano de 1948.....	317

Imagens 345 e 346	
“Programa Gráfico de Remodelação” do MMC (1952)	319
Imagens 347 e 348	
“Estudo das circulações” de 19 de Novembro de 1954	321
Imagens 349 a 351	
“Esquema Geral de Circulação” de 15 de Janeiro de 1960	323
Imagem 352	
Comunicação entre o rés-do-chão e o 1.º andar do bloco Sul a partir de uma escadaria	326
Imagens 353 a 356	
Concepções expositivas do MMC entre as décadas de 1950 e 1960	327
Imagens 357 a 359	
Projecto de beneficiação e ampliação de 28 de Dezembro de 1955	329
Imagens 360 e 361	
Projecto de “Beneficiação e ampliação”. Fachada Norte	332
Imagens 362 a 364	
Obras de intervenção na fachada Norte (1956-1957)	334
Imagens 365 a 367	
Alçados A, B e C apensos ao projecto “Beneficiação e ampliação” de 28 de Dezembro de 1955	336
Imagens 368 e 369	
Desenhos da fachada Poente, datados de 3 de Novembro de 1971	339
Imagem 370	
Fachada Poente, meados da década de 1970	341
Imagens 371 a 373	
Arranjo do pátio do arco undecentista (1956-1960)	342
Imagens 374 a 377	
Alteração da fachada da igreja de São João de Almedina	344
Imagens 378 a 381	
Obras de intervenção na fachada lateral da igreja de São João de Almedina (1956-1957)	346
Imagens 382 e 383	
Desenhos da fachada Nascente incluídos no projecto de “Beneficiação e ampliação” de 28 de Dezembro de 1955	348
Imagens 384 a 389	
Construção do anexo (1956-1957)	350
Imagem 390	
Planta do piso superior do criptopórtico (1954)	353

Imagens 391 e 392	
Plantas do MMC dos finais da década de 1940. Pormenor do acesso às galerias romanas.....	354
Imagem 393	
Esquema gráfico do criptopórtico (1955/1956).....	356
Imagem 394	
Busto atribuído a Lúvia.....	357
Imagens 395 e 396	
Retratos de imperadores exumados no criptopórtico.....	358
Imagens 397 e 398	
Retrato de Agripina Maior (1958).....	359
Imagens 399 e 400	
Trabalhos de escavação no pátio principal, sobre o criptopórtico (1958).....	360
Imagens 401 a 404	
Reconstrução das abóbadas da galeria Nascente do criptopórtico (1958-1962).....	361
Imagem 405	
O MMC e o antigo criptopórtico do <i>forum</i> de <i>Aeminium</i> . Pormenor das ligações entre os diferentes patamares.....	363
Imagens 406 a 409	
Capela do tesoureiro na actualidade.....	364
Imagem 410	
Pormenor da abóbada da capela de Jesus.....	366
Imagem 411	
Retábulo da capela do tesoureiro num período anterior à retirada das quatro estátuas.....	367
Imagem 412	
Retábulo da capela do tesoureiro só com a presença da escultura de São Tiago.....	368
Imagens 413 a 415	
Estado de conservação do retábulo nos inícios da década de 1940.....	369
Imagens 416 e 417	
Abertura da rua João de Ruão, paralela à artéria da Sofia (inícios da década de 1940).....	371
Imagens 418 a 420	
Danos na abóbada da capela do tesoureiro e a consequente colocação da estrutura de para impedir o seu desmoronamento (inícios da década de 1940).....	372
Imagens 421 e 422	
Planta e corte (AB) da parte existente da antiga igreja de S. Domingos (1940).....	374
Imagem 423	
Cabeceira da antiga igreja de São Domingos, com aberturas efectuadas nos finais do século XIX.....	376

Imagens 424 e 425	
Capela do topo Norte do transepto da igreja de São Domingos	377
Imagem 426	
Planta da “Localização da capela do tesoureiro na inacabada igreja de São Domingos” (3 de Fevereiro de 1968).....	378
Imagem 427	
Vestígios da capela do topo Norte do transepto, após o rasgo na parede para passagem dos autocarros .	379
Imagem 428	
Interior da antiga igreja de São Domingos (1968).....	380
Imagens 429 e 430	
Lateral Sul da antiga igreja de São Domingos (1963).....	381
Imagens 431 a 433	
Plano de reconstrução da capela do tesoureiro no MMC (Setembro de 1965).....	382
Imagens 434 a 439	
Obras de implementação da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MNMC (1967-1968).....	385
Imagens 440 e 441	
Utilização do retábulo da Assunção da Virgem da capela do tesoureiro enquanto escaparate do acervo de escultura do século XVI.....	388
Imagens 442 a 445	
Brasão dos duques de Aveiro e a estrela de São Domingos	389
Imagem 446	
Pormenor do elemento escultórico do entablamento (2003)	391
Imagem 447	
Integração da capela do tesoureiro no 2.º pátio do MNMC (resultado final)	392
Imagens 448 e 449	
O que restou da antiga igreja do convento de São Domingos	393
Imagens 450 e 451	
Capela do tesoureiro integrada na galeria de escultura da renascença do MNMC (actualidade)	394

Quadros

Quadro 1	
Quadro-síntese da legislação respeitante ao panorama museológico português (1910-1965).....	397
Quadro 2	
Reuniões de conservadores de museus, palácios e monumentos nacionais (1960-1965).....	403
Quadro 3	
Funcionários do MMC (1911-1965).....	404
Quadro 4	
Cronologia de António Augusto Gonçalves (1848-1932).....	406
Quadro 5	
Cronologia de Vergílio Correia (1888-1944).....	409
Quadro 6	
Cronologia de Luís Reis Santos (1898-1967).....	414
Quadro 7	
Número de visitantes do MMC (1928-1967).....	418
Quadro 8	
Aulas da FLUC leccionadas no MMC (1916-1967).....	419
Quadro 9	
Aulas da FLUC leccionadas no MMC (1916-1967): relação docente/cadeira.....	437
Quadro 10	
Actividades realizadas no MMC (1913-1965).....	438
Quadro 11	
Projecto adaptação da igreja de São João de Almedina a Museu de Arte Sacra (orçamentos).....	441
Quadro 12	
Visitas às obras no MMC pelo arquitecto-director Baltasar de Castro (1934-1948).....	442
Quadro 13	
Dotações da DGEMN direccionadas para o MMC (1930-1950).....	443
Quadro 14	
Dotações do Fundo de Desemprego aplicadas às obras no MMC (1930-1950).....	444
Quadro 15	
Percentagem dos valores do Fundo de Desemprego aplicados às obras no MMC em relação ao total das verbas atribuídas a intervenções em monumentos pelo Comissariado de Emprego (1930-1950).....	445

Quadro 16

Percentagem do dispêndio em obras no MMC em relação ao montante gasto pela DGEMN na rubrica “Conservação” (1930-1950)..... 446

Quadro 17

Relação das empreitadas realizadas no MMC (1930-1950)..... 447

Quadro 18

Zona de protecção do MMC (1930-1965)..... 449

Quadro 19

Obras de beneficiação e ampliação do MMC: estudo inicial e revisões subsequentes (1954-1960)..... 451

Quadro 20

Elementos descobertos nas proximidades do MMC durante a campanha de obras (1956-1957)..... 454

Quadro 21

Relação das empreitadas realizadas no MMC (1951-1965)..... 456